

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Adolescentes no momento de saída do abrigo: um olhar para os sentidos construídos.”

Ana Laura Moraes Martinez

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Soares da Silva

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2006

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Capa: “O moleque” de Di Cavalcanti - óleo sobre cartão - 49 x 36,5 cm. (1932)

FICHA CATALOGRÁFICA

Martinez, Ana Laura Moraes

Adolescentes no momento de saída do abrigo: um olhar sobre os sentidos construídos. Ribeirão Preto, 2006.
240 p. : il. ; 30 cm.

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientadora: Silva, Ana Paula Soares

1. Adolescência 2. Abrigos 3. Desenvolvimento Humano

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Laura Moraes Martinez

Adolescentes no momento de saída do abrigo: um olhar sobre os sentidos construídos.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte
das exigências para a obtenção do título de Mestre em
Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr.

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr.

Instituição _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de rever o percurso trilhado. Relembrar e reviver todas as emoções e sentimentos que compartilhei com as várias pessoas que me acompanharam nesta trajetória. Rever encontros e desencontros, conversas de corredor que fazem a gente pensar e se modificar. Momentos de descontração e contração. Enfim, momentos que formam esta grande valsa que é a vida. E como não existem valsas sem parceiros...

Agradeço primeiramente a minha querida orientadora Ana Paula por estes longos e importantes anos de convivência. Mais do que fazer pesquisa, ela me ensinou muito sobre o valor do ser humano, o valor de um abraço e de uma boa conversa. Com ela, também aprendi a levar a vida com um pouco mais de leveza e serenidade, sem tanta cobrança e rigidez.

Aos adolescentes participantes desta pesquisa que me mostraram o tamanho e a intensidade da força que temos dentro de nós. Ensinarão-me que é possível crescer, florescer, sonhar e criar, mesmo diante das adversidades e dos sofrimentos da vida.

Aos meus pais Sueli e Gilberto que sempre acreditaram em mim e me dedicaram tanto amor e cuidado. Ao Wagner, atual companheiro da minha mãe, por cuidar dela com tanta dedicação.

Ao Rodrigo, meu companheiro de todas as horas que com enorme paciência e bom humor, acompanhou-me durante todo este tempo, principalmente nos momentos finais, encorajando-me nas horas de desânimo e cansaço.

À Leandra, minha terapeuta, que acompanhou minhas lágrimas e alegrias durante todo o “nascimento” da pesquisa. Com ela aprendi que a confusão e a dor podem ser um importante combustível para o crescimento.

À “grande mãe” Clotilde. Dedico a ela meus sentimentos de imensa admiração pela sua força, disposição e carinho com todos nós.

Aos queridos cindedianos, que sempre me apoiaram nos momentos de dificuldades, sejam elas concretas (problemas com a impressora, etc.) ou existenciais. Agradeço particularmente aos meus amigos Alda, Carol, Fernanda, Lilian, Regina, Ronie, Solange, que, mesmo à distância, sempre estiveram por perto.

A Profa. Dra. Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira e a Profa. Dra. Marisa Japur, banca do meu exame de Qualificação, agradeço pelas valiosas contribuições que me permitiram avançar no trabalho.

À minha amiga e companheira de mestrado Mariana com a qual tive o prazer de estreitar laços ao longo destes dois anos de convivência. Obrigada pelos longos papos e pelos muitos momentos de riso que tivemos juntas (e por aquele Carnaval maravilhoso).

Às minhas adoráveis amigas Taciana, Carol, Ariane e Taís. Obrigada por me acolherem com tanto carinho em suas casas e em suas vidas.

Aos funcionários e colaboradoras das secretarias de pós-graduação do Departamento de Psicologia e Educação e da FFCLRP, pelas orientações e lembretes acerca dos deveres institucionais.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelos investimentos disponibilizados a esta pesquisa.

RESUMO

MARTINEZ, Ana Laura Moraes. **Adolescentes no momento de saída do abrigo: um olhar sobre os sentidos construídos.** 2006. 240 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP.

A adolescência é freqüentemente compreendida particularmente na Psicologia do Desenvolvimento como uma fase da vida marcada por características mais ou menos universais. Partindo da perspectiva sócio-histórica, propõe-se aqui considerar a existência de múltiplas adolescências, vivenciadas por sujeitos singulares. Buscando compreender estas múltiplas adolescências, o presente estudo buscou investigar uma adolescência bastante esquecida pela literatura científica – a adolescência vivenciada no momento da saída do abrigo. Compreendendo que estes adolescentes são significados pelos protagonistas envolvidos (o próprio adolescente, família, equipe técnica, educadoras, leis, etc.) de forma bastante diferente de um adolescente “padrão” da classe média /alta, o presente estudo teve como objetivo dar visibilidade aos sentidos produzidos pelo adolescente no momento de saída do abrigo, entendendo que este momento traz para o adolescente uma série de mudanças com as quais ele tem negociar. Partindo do referencial sócio-histórico e da perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, foram realizadas entrevistas abertas com dois adolescentes, antes e após a saída do abrigo, totalizando quatro entrevistas, bem como a produção de material narrativo feita por um dos adolescentes. Além disso, foram realizadas visitas ao abrigo, registradas em notas de campo e uma entrevista com a assistente social. Como metodologia de análise foram delimitados, no contato com o material, cinco temas de maior recorrência: 1) Abrigo; 2) Saída do abrigo; 3) Família biológica; 4) Adoção; 5) Perspectivas de futuro. A partir desta delimitação, buscou-se investigar quais as zonas de sentidos que os adolescentes produziam sobre cada um destes temas. Como apontamento final observou-se que cada um dos adolescentes se descrevia e era descrito pelo abrigo de formas bastante distintas (adolescente modelo e adolescente deprimido). Estas diferentes descrições, mais que valorizar a subjetividade de cada um, implicavam em práticas discriminatórias e promotoras de desigualdades, inclusive no momento da saída do abrigo, facilitando a saída para um e dificultando para outro – algo que fere o entendimento do adolescente como sujeito de direitos (Estatuto da Criança e do Adolescente). Além disso, observou-se uma ausência de políticas voltadas para o momento da saída do abrigo, o que transforma esta transição em uma vivência bastante solitária para os adolescentes. Na falta de uma rede de apoio extensa que auxilie o adolescente nesta transição, cada um acaba por utilizar seus próprios recursos, ficando bastante dependente do abrigo. A partir destas considerações, acredita-se que este estudo possa contribuir não só para compreender a adolescência como múltipla e dotada de possibilidades (e não só de limitações), mas também para enriquecer as discussões sobre as ações e discursos que têm regido os abrigos bem como suas prática e cotidiano na atenção a estes jovens que lá permaneceram durante tantos anos.

Palavras-chave: Adolescência. Abrigos. Construção de sentidos.

SUMMARY

MARTINEZ, Ana Laura Moraes. **When adolescences leave the shelter: An over view on the constructed senses**, 2006. 240 p. Thesis (Master's) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP.

The adolescence is regularly influenced in the Psychology of Development as a period of life noted by features that is in some way universal. From a starting sociological point of view, it is recommended to take into consideration the existence of multiple adolescences, living by a singular subject. In a search to understand these multiples adolescences, this research is in order to investigate a kind of adolescence very absent-minded in the scientific literature-the experience of life took placed when you leave the shelter-. Taking into consideration that these adolescences are known by the subjects involved – the adolescence her/himself- the family, the technical team, the educator, the rules, etc- in a very different way of a regular A/B class adolescence, this research has been motivated to show all the fillings living by the adolescence at the moment of leaving the shelter, taking into consideration that at this moment the adolescence realizes the chain of changes that he/she has to deal with. From a social-historic and theoretical-methodologist point of view from the Net of Symbols, there were made interviews with two adolescences before/after living the shelter- four in total- as well as a narrative material made by one of them. Further more there were inspections to the shelter noted in camp register and an interview with a social assistance. As the methodology of research has been set with the material, five points have been highlighted: 1) The shelter, 2) The leaving of the shelter, 3) The biological family, 4) The adoption, 5) Future perspectives. From these motives has been a rescue about what sensor zone the adolescences made known. Finally has been observed that each one of them have been described the shelter and her/himself on a very different manner. – a regular adolescent, and a depressed one- This differences beyond prizing the one's individuality, promoted prejudiced practices, inclusively at the moment of living the shelter- for the benefit of ones, and against others- not in resolution with the Constitution of the Adolescences. Has been noted as well lacks of initiatives focused at the moment of the leaving of the shelter, what became a very loneliness adjust to the individual. Because of a weak supporting team in this transition, each one finds its own way to help oneself, and became very linked to the shelter.

From these statements it is believed that this research can not only facilitate to comprehend the adolescence as a multiple and full of possibilities being -and not only of limitations- but also to enrich the debate about the actions and the wrangle that have been mastered the shelters the practices and the day-by-day living of these youths, who have been living there for so many years.

Keywords: Adolescence. Shelter. Construction of the senses.

SUMÁRIO

I.	APRESENTAÇÃO	15
II.	INTRODUÇÃO.....	21
	1. Adolescência ou adolescências?	21
	2. Recorrendo a uma visão sociológica de juventude.....	30
	3. Uma breve incursão sobre a identidade na adolescência	38
	4. A adolescência em situação de (des)abrigo.....	43
III.	OBJETIVOS	57
IV.	METODOLOGIA.....	59
	1. Situando o referencial teórico-metodológico da pesquisa	59
	2. Condições de produção do <i>corpus</i> da pesquisa.....	66
	3. Metodologia de análise	82
V.	RESULTADOS	85
	1. O adolescente Carlos.....	85
	2. O adolescente Vitório.....	110
VI.	DISCUSSÃO	135
	1. Revendo o percurso trilhado.....	135
	2. O processo de saída do abrigo.....	137
	3. Família biológica	146
	4. Adoção.....	151
VII.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
VIII.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	159

IX. ANEXOS165

ANEXO 1 – Carta de apresentação do projeto à instituição

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Informado à Instituição

ANEXO 3 – Termo de Consentimento Livre e Informado ao Adolescente

ANEXO 4 - Descrição das pessoas citadas pelos adolescentes (quadro 3)

ANEXO 5 – Cronograma de atividades na instituição

ANEXO 6 – Primeira entrevista com Carlos

ANEXO 7 – Primeira entrevista com Vitório

ANEXO 8 – Material narrativo produzido por Carlos

ANEXO 9 – Letras das músicas gravadas por Carlos

ANEXO 10 – Carta de agradecimento aos adolescentes

ANEXO 11 – Carta de agradecimento à instituição

ANEXO 12 – Relatório entregue à instituição

ANEXO 13 – Termo de Consentimento Livre e Informado à assistente social

ANEXO 14 – Roteiro semi-estruturado para conversa com a assistente social

ANEXO 15 – Segunda entrevista com Vitório

ANEXO 16 – Segunda entrevista com Carlos.

APRESENTAÇÃO

O presente estudo se construiu ao longo destes anos como uma tentativa de aproximações tanto do conceito de adolescência, como da adolescência vivida em instituições de cuidado (abrigos). Entrando em contato com os abrigos, sua complexidade e dinâmica muitas vezes perversas, por meio de estágios realizados desde o quarto ano de graduação (particularmente clínicos), intrigavam-me as relações que ali se estabeleciam, constituindo / subjetivando seus protagonistas (adolescentes, crianças, educadores, monitores, equipe técnica, etc.).

Excluído: .

Compreendendo o abrigo como *lugar de proteção* (ECA, Lei Federal 8069/90), questionava-me sobre qual o espaço ocupado pelas crianças e adolescentes neste contexto. Além das inúmeras problemáticas enfrentadas no cotidiano da instituição (número muito grande de crianças, profissionais reduzidos e pouco preparados, demora no desabrigamento, falta de trabalhos sistemáticos com as famílias biológicas, etc.), interessei-me por compreender uma temática pouco estudada, já que grande parte dos estudos em abrigos se concentra no período da infância.

Assim, foquei meu olhar nos adolescentes que viveram em abrigos durante muitos anos e que, ao completarem a maioridade, tinha que deixar a instituição. Com o foco na questão do desabrigamento dos adolescentes, incomodava-me o fato de, muitas vezes, este difícil processo não contar com qualquer preparo ou atenção por parte da equipe técnica. Além disso, a escassez de literatura específica sobre os adolescentes abrigados convidava-me a compreender este difícil momento de transição – seja pela própria adolescência vivenciada, com suas negociações e mudanças, seja pela saída do abrigo após muitos anos de permanência neste, reconfigurando todo o universo concreto e simbólico deste adolescente.

E foi assim, posta nesta questão intrigante e desafiadora, que trilhei na presente pesquisa que, acredito, modificou muito mais a mim do que a qualquer um que dela possa vir

a se beneficiar. A partir da impossibilidade de uma pesquisa neutra, já que se trata de uma relação humana – a de pesquisador / pesquisado – mergulhei no universo dos adolescentes (muito maior do que eu preconcebia até então) com suas músicas, escolhas, dificuldades, sonhos e desejos, *baladas*, gírias e modos peculiares de estarem no mundo. Enriquecendo-me nestes contatos, muitas vezes difíceis e desafiadores, partilhei com eles expectativas e pude ouvir que a adolescência, longe de ser um vácuo entre a infância e a vida adulta, tem forma, *status* e lugar, apesar de, muitas vezes, ser concebida na negatividade e na marginalidade.

Dialogando com o referencial histórico-cultural, com o qual tive contato desde o início da minha graduação, posso dizer que grande parte do meu amadurecimento teórico / metodológico foi fruto dos muitos anos em que tive o privilégio de estar no CINDEDI (Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil). Partindo desta trajetória acadêmica, situada na perspectiva histórico-cultural e da RedSig que compreendem os processos desenvolvimentais nas e partir das relações, meu interesse foi, ao longo destes dois anos e meio de trabalho, a busca pela compreensão dos processos de negociação de sentidos. Objetivando conhecer as particularidades e singularidades dos adolescentes no momento de saída do abrigo, a pergunta que me guiava era – quais sentidos os adolescentes constroem neste momento crítico de suas vidas? Tendo como recorte temporal o momento da saída do abrigo, que sentidos irão surgir na fala dos adolescentes? E que sentidos o abrigo constrói sobre a saída dos adolescentes?

Estas questões iniciais e uma série de outras que foram surgindo ao longo do processo de pesquisa foram me configurando uma compreensão teórica sobre a adolescência bem distinta daquela que pretende fazer uma descrição *a priori* desta fase da vida. Compreendendo que a adolescência se constrói em relação direta com o contexto social e cultural na qual se insere, pretendi, então, falar não da adolescência em geral (algo que acredito ser inviável), mas da adolescência vivida na interface temporal – da permanência à saída do abrigo. Nesta

perspectiva relacional, o convite para se falar em adolescências (algo que tem sido proposto por alguns autores da atualidade) é de onde parte o meu trabalho. Adolescências múltiplas, assim como são múltiplas as possibilidades de ser humano, as possibilidades de um texto e os olhares para uma obra de arte.

Diante desta perspectiva, o rigor científico pauta-se não na possibilidade de generalizações, mas na narrativa do percurso trilhado, para que outros, cientistas ou não, possam acompanhar este processo de construção tipicamente humano, guiando-se pelas coordenadas do pesquisador / participante, podendo compartilhar dos mesmos caminhos deste.

Sendo assim, apresentarei, na introdução, um primeiro capítulo abordando as principais conceituações sobre a adolescência e os modos de entendimento acerca deste momento da vida, em seus aspectos individuais, sociais e culturais. Em seguida, tratarei de algumas temáticas freqüentemente associadas à adolescência e que servem, muitas vezes, como marcos para diferenciar a adolescência da vida adulta – autonomia / dependência e construção da identidade.

Tratando destes dois processos, entendendo-os enquanto construções relacionais, trarei alguns autores que abordam a questão da identidade e da autonomia como formas de entrada no mundo adulto. No terceiro capítulo, apresentarei uma discussão sobre a importância e o papel das instituições na formação da identidade e nas negociações de sentidos do eu, particularmente, as instituições que se propõe a serem de cuidado – dentre elas, o abrigo.

No quarto capítulo, apresentarei o cenário dos abrigos, tanto em seus aspectos legais como em sua realidade cotidiana. Apontarei a complexidade desta temática na tentativa de amarrar as discussões sobre a adolescência e a aquisição de autonomia (tão necessária neste momento da saída). Num segundo momento, perseguirei alguns questionamentos que nortearam minha análise: qual o papel que o abrigo exerce na mediação entre o adolescente e

a sociedade no momento da saída? E como se posiciona diante da construção de sua autonomia / dependência? Em que lugar o adolescente é posicionado dentro da instituição (lugar de *saber* e, portanto, de agente de sua própria história ou lugar do *vazio* e da incapacidade de auto-agenciamento sobre si e sobre sua própria vida)?

No que se refere à metodologia, será apresentado, num primeiro capítulo, o referencial teórico-metodológico do qual eu parto para realizar esta pesquisa, aprofundando em alguns conceitos fundamentais para estudos que se interessam pela produção de sentidos. Na segunda seção, serão apresentadas as condições de produção do *corpus* da pesquisa, narrando detalhadamente os passos seguidos pela pesquisadora para se aproximar de seu universo pesquisado. Neste momento, serão trazidos dados concretos sobre a instituição, seu histórico no tempo e no espaço, bem como algumas diretrizes legais que regem o seu funcionamento cotidiano. Além disso, serão apresentados os dois adolescentes que pude acompanhar em seus processos de desabrigoamento – suas histórias, seus *jeitos*, medos e perspectivas para o futuro. Será apresentada, por meio de recortes de diários de campo, a *visão* que a equipe do abrigo tem de cada um deles; *visão* esta com que cada um deles negocia. Por fim, será apresentada a proposta de análise do *corpus*, construída neste ir e vir do pesquisador, debruçado sobre seu material.

No momento da análise, um capítulo será destinado à uma abordagem descritiva do adolescente Carlos e, um outro capítulo, para o adolescente Vitório. Em seguida, será apresentada uma discussão dos dados buscando-se uma integração / sistematização de alguns apontamentos gerais, possibilitados pelo material empírico. Por fim, no momento das considerações finais, pretende-se contribuir para as discussões atuais acerca da adolescência, particularmente, compreendida enquanto momento no qual o sujeito é agente ativo e protagonista engajado em sua trajetória de vida. Pretende-se também nessa oportunidade, discutir as possibilidades outras que, no cotidiano do abrigo, possam dar voz a este

adolescente, posicionando-os como agentes ativos nas práticas e ações do abrigo e como figuras mais autônomas em sua própria história. Assim, este trabalho tem a pretensão de produzir algum conhecimento no âmbito da adolescência e, principalmente, no que se refere ao abrigo enquanto este ainda é e se constitui como um lugar para os adolescentes, contrariando seus aspectos legais de *provisoriedade* e *excepcionalidade*.

INTRODUÇÃO

*Tão estranho crescer, adolescer
com alma antiga, carregar as coisas
que não se deixam carregar.*

(Carlos Drummond de Andrade)

1. Adolescência ou adolescências?

A temática da adolescência vem ganhando cada vez mais espaço em reflexões e discussões, seja no campo científico, principalmente a partir do século XX, seja no senso comum, através de bombardeios de notícias em jornais, revistas e na mídia em geral. Nos discursos do senso comum a adolescência vem cunhada, normalmente, de um colorido problemático. Ou seja, grande parte das discussões sobre a adolescência dizem respeito ao vandalismo, uso de drogas, questões ligadas à sexualidade, delinquência, conflitos familiares, comportamentos desviantes e outras condutas que representam “perigo social e individual” (para o adolescente ou para a sociedade?). Partindo de uma adolescência que é única e marcada por características mais ou menos imutáveis e independentes do contexto sócio-histórico, esta visão estigmatizada sobre os adolescentes acaba por demarcá-la como perigosa e sofrida, tanto para o sujeito que a vivencia como para os que estão a sua volta.

Muitas teorias, compreendendo a adolescência a partir da negatividade e do “vácuo” – momento em que não se é mais criança e tampouco adulto; momento propício à “loucuras” e excessos de todo tipo – partem, então, para estudar a psicopatologia da adolescência, buscando descrever *a priori*, em termos individuais e sociais, mudanças que o adolescente vivenciará. Não é de se espantar, então, que muitas das ações sociais visando à adolescência, durante décadas, tiveram um caráter corretivo, repressivo e punitivo. É somente na era dos direitos, concretizada às crianças e adolescentes pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, Lei Federal 8069/1990), que o adolescente passa a ser pensado como sujeito em condição peculiar de desenvolvimento e, portanto, com direito a políticas especiais que dêem

conta de sua fase desenvolvimental, suas peculiaridades e, principalmente, suas potencialidades sociais e culturais. Assim, muitas das ações sociais que hoje visam os adolescentes trabalham com noções de engajamento social, autonomia e auto-agenciamento, compreendendo esta fase da vida como um momento propício para o (des) envolvimento e identificação com os pares e grupos de pertencimento, exteriores ao ambiente familiar.

A visão da adolescência associada à necessidade de controle e coerção, seja através da educação formal ou de condutas punitivas e cerceadoras da liberdade, existe na história da humanidade desde a Era Clássica (Muss, 1996). Entendendo a educação como uma forma de exercitar o controle autônomo sobre corpo e mente dos adolescentes, filósofos como Platão e Aristóteles foram importantes pensadores do desenvolvimento das habilidades cognitivas, sociais e comportamentais nesta etapa da vida. Propunham que o aprendizado e a educação deveriam se dar pelo *controle* do corpo e da mente do jovem. Aristóteles, por exemplo, dividia o desenvolvimento humano em três períodos ou fases: (1) de zero a sete estaria a infância; (2) de sete a quatorze, a puberdade; (3) de quatorze a vinte e um, o jovem adulto. Explicava as características da juventude, assim como da infância e da idade adulta, como *escolhas voluntárias e individuais* (Muss, 1996, p. 5). A educação do jovem era proposta basicamente através do ensino da matemática, astronomia, geometria e teorias da música.

De acordo com Muss (idem), com o fortalecimento do cristianismo e os impactos das idéias teológicas, o pensamento de Aristóteles foi perdendo força, embora ainda tenha uma importante influência no pensamento científico em todas as áreas do conhecimento.

Sob a influência da igreja, na Idade Média, o homem passa a ser visto à imagem e semelhança de Deus e ganha força uma concepção dualista da natureza humana, constituída pela alma (imortal) e pelo corpo (material, mortal e sujeito aos pecados da carne). Dotado de uma essência prioritariamente má, o homem deveria manter o controle, através da disciplina e das práticas de oração e penitência. É nesta época do pensamento humano que surgem as

teorias de Locke, Rosseau e Darwin como forma de contraposição a esta visão dogmática do homem trazida pela idéias teológicas. Com base nas idéias naturalistas, surgem as contribuições de G. Stanley Hall (1844-1924), considerado o primeiro psicólogo a tratar da psicologia da adolescência no âmbito da ciência.

Para alguns autores (Clarke-Stewart & Friedman, 1987; Muss, 1996), Hall apoiava-se na idéia de evolução biológica de Darwin, denominando o conjunto de suas proposições como *teoria psicológica da recapitulação*. Acreditava que cada indivíduo, durante o seu desenvolvimento, passaria por estágios que corresponderiam a um determinado período da história da humanidade e das experiências históricas do *homo sapiens*. Ou seja, haveria uma correspondência entre o desenvolvimento individual e o desenvolvimento da civilização, passando pelo momento de extrema selvageria (infância e adolescência) para sociedades mais civilizadas, que caracterizariam a maturidade do adulto.

O autor argumentava que o desenvolvimento se dava através de mudanças físicas, sendo estes, fatores biológicos determinados geneticamente, com pouca influência do ambiente. Alvo de críticas de sociólogos e antropólogos, Hall dizia ainda que pais e educadores deveriam tolerar os comportamentos de crianças e jovens uma vez que faziam parte seu desenvolvimento natural. Dividindo as fases do desenvolvimento humano em quatro, concebia a fase da adolescência entre os doze e dezoito anos. Descreveu esta fase como um período de *tempestade e stress*, caracterizada por sofrimento, idealismo, comportamentos oscilantes e intempestivos, revolucionários e de revolta com os mais velhos, além de uma intensa aproximação com os seus iguais (caracterização bastante utilizada na atualidade). O adolescente rumando à maturidade corresponderia à civilização rumo à modernidade. Hall propunha que o desenvolvimento humano deveria ser considerado como um processo contínuo e indefinido.

É interessante notar como as influências destes pensadores trouxeram para o entendimento da infância e da adolescência, até momentos bastante recentes, seja a concepção

de que as crianças e jovens são humanos não acabados (ou ainda *adultos em miniatura*), seja a de que a adolescência representa um momento de transição, ficando, portanto, num certo espaço de indefinição conceitual posicionado entre a criança e o adulto.

Neste sentido, Becker (2003), fazendo uma análise crítica das teorias desenvolvimentais e psicológicas que tratam da adolescência, afirma que a visão do “adolescente problema” acompanhou toda a evolução da civilização ocidental. Segundo ele, é possível encontrar registros de quatro mil anos atrás apontando para esta visão. Neste sistema ideológico dominante, o adolescente é um ser em conflitos e só é considerado “maduro” quando bem adaptado à estrutura da sociedade, tornando-se mais uma “engrenagem da máquina” produtiva (Becker, 2003, p. 9)

Estes entendimentos, entretanto, dialogam com visões diversas e até mesmo antagônicas acerca do desenvolvimento humano e, conseqüentemente, da adolescência, construídos principalmente na Psicologia do Desenvolvimento. Autores conhecidos pela corrente das teorias psicogenéticas – Piaget (1993), Vygotsky (1984) e Wallon (1979) – trazem importantes e revolucionárias contribuições para se compreender o desenvolvimento humano de uma perspectiva mais relacional e menos essencial, idéias que são fundantes nas teorias desenvolvimentais mais modernas.

Contribuindo para se repensar a compreensão do desenvolvimento humano como algo estanque, as teorias psicogenéticas vão chamar a atenção para a historicidade e para a contextualização dos processos desenvolvimentais. Apesar de não trazerem referências diretas sobre a adolescência, contribuem para questionar a visão da criança como adulto em miniatura ou adulto não acabado e propõem um olhar revolucionário para as etapas desenvolvimentais. O olhar pioneiro para a criança, por parte de Piaget, foi reconhecido até mesmo por Vygotsky (seu contemporâneo), que faz uma leitura crítica da obra piagetiana e das fundamentações para a compreensão dos processos de desenvolvimento humano:

Enquanto a psicologia tradicional costumava caracterizar negativamente o pensamento infantil enumerando as suas lacunas e deficiências, Piaget procurou revelar a originalidade qualitativa desse pensamento, mostrando seu aspecto positivo. Antes o interesse se concentrava no que a criança não tem, o que lhe falta em comparação com o adulto, e determinavam-se as peculiaridades do pensamento infantil pela incapacidade da criança para produzir pensamento abstrato, formar conceito, estabelecer vínculos entre os juízos, tirar conclusões, etc., etc. Nas novas investigações colocou-se no centro da atenção aquilo que a criança tem, o que há no seu pensamento como peculiaridades e propriedades distintivas. (Vygotsky, 2000, p.21).

Wallon também critica a idéia de que a criança é uma “obra em construção”. Em seu texto *“A criança e o adulto”* o autor coloca de maneira bastante interessante que este tipo de julgamento origina-se exatamente do egocentrismo do adulto que acredita que toda a evolução mental tem por meta atingir as maneiras de sentir e pensar do adulto, colocando a criança enquanto uma “aberração” e o adolescente como um “adulto amputado do estágio mais recente do seu desenvolvimento” (Werebe & Nadel-Brulfert, 1986). Propõe, ao contrário, que o bebê é um ser social dependente do seu meio e que desenvolve, por esta razão, capacidades precoces não apenas como receptor capaz de decifrar as mensagens que recebe, mas, principalmente, como emissor suscetível de ser significado pelas mensagens que emite (sons, gestos, balbucios, etc.). Posiciona-o como ativo e participante na relação.

Wallon (1995), centralizando sua teoria no desenvolvimento das emoções e da criatividade, aponta que o desenvolvimento da sexualidade vivenciado intensamente na adolescência é central para a construção de identidade pessoal neste momento da vida. Propõe que, ao invés de isolá-la do conjunto da pessoa, é necessário fazer o movimento inverso, ou seja, recuperar sua real dimensão para o desenvolvimento, dentro de uma visão mais integrada do sujeito (apud Pinto, 1997).

Outro autor de destaque que se interessou pela adolescência numa perspectiva fortemente psicogenética, social e antropológica (Pinto, 1997) foi Erikson (1987). No campo da Psicologia do Desenvolvimento constitui uma referência fundamental para se estudar esta fase da vida, deixando importantes contribuições para a compreensão da adolescência como um momento de

crise, particularmente através de sua obra *Identidade: Juventude e Crise* (1987).

Apresenta o conceito de *crise* não como um evento emocionalmente traumático ou conturbado, mas, principalmente, como uma oportunidade para mudanças e ressignificações na vida. Sua teoria avança no sentido de incluir os aspectos sociais e culturais para se compreender o desenvolvimento humano. Afirma que os processos individuais e históricos são inseparáveis e mutuamente dependentes, impossíveis de serem entendidos isoladamente. Utiliza a expressão “epigênese” para explicar que o desenvolvimento humano se dá de um modo contínuo, embora seja marcado por momentos críticos ao longo do ciclo vital. Assim, coloca que o desenvolvimento ocorre através de progressões e regressões ao longo de todo o ciclo de vida e que são nos momentos marcados pelas crises que se torna possível a emergência de novas atitudes e reconfigurações desenvolvimentais.

Modifica e expande o modelo freudiano dos estágios psicosexuais (Freud, 1905) e dá ênfase aos contextos sociais de desenvolvimento. Sua teoria se concentra, particularmente, no conceito de aquisição de um ego-identidade, algo que ocorrerá muito intensamente no período da adolescência. Embora as pessoas difiram de cultura para cultura, ele propõe que o “padrão” desenvolvimental independe da cultura onde se constroem as identidades. Um ponto bastante importante na teoria de Erickson diz respeito ao papel que as interações ocupam nos processos desenvolvimentais, uma vez que estes se dão sempre em processos interativos e relacionais. Desta forma, Erickson avança no sentido de compreender o desenvolvimento não como um processo isolado e *a priori*, mas como algo construído no bojo das relações humanas.

Comentando a teoria de Erickson, Pinto (1997) coloca que, as “oito idades do homem” propostas por ele (confiança básica, autonomia, iniciativa, produtividade, identidade pessoal, intimidade, generatividade e integridade do eu) são prodígios que dependem, em grande parte, do ambiente e da presença de pessoas que tenham conseguido elaborar bem suas próprias “idades”. Pinto coloca ainda que à adolescência, nesta perspectiva:

(...)cabe a difícil tarefa de encontrar um núcleo de permanência, de estabilidade em si mesmo: a identidade. Ameaçada de dispersão pela fragmentação do eu nos múltiplos papéis que lhe são impostos nas sociedades complexas, a desesperada busca de si mesmo pelos jovens pode produzir manifestações inquietantes. (Pinto, 1997, p. 48).

Autores mais contemporâneos e associados à vertente psicanalítica também trouxeram suas visões e contribuições acerca da adolescência, pautadas mais numa noção desenvolvimental etarista.

Assim, alguns nomes de referência nacional e internacional são bastante citados nesta perspectiva: Aberastury & Knobel (1988), Levisky (1998) e Calligaris (2000).

Aberastury e Knobel (1988), psicanalistas argentinos, são conhecidos no campo da psicanálise pelo conceito de *Crise Normal da Adolescência*, afirmando que o jovem deve passar por *lutos* (perdas) de seus aspectos infantis para atingir a maturidade - (1) *luto* pelo corpo infantil perdido, uma vez que o corpo se transforma em conseqüência da puberdade; (2) *luto* pelo papel e identidade infantis, já que deve deixar determinados privilégios e condições da infância; (3) *luto* pelos pais da infância, apesar de se tentar reter os pais infantis dentro de si por algum tempo e (4) *luto* pela bissexualidade infantil, sendo esta bissexualidade um conceito introduzido por Freud (1905) onde este entende que, no início da vida, a criança tem potenciais sexuais tanto femininos como masculinos.

Levisky, outro importante autor que tenta integrar conceitos psicanalíticos, em seu livro *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (Levisky, 1998) faz uma tentativa de compreender o adolescente do ponto de vista das negociações entre ele e o seu meio. Afirma que as mudanças na adolescência são muitas e consideráveis, mas que as comunidades também se modificam em conseqüência desta transformação do jovem. Assim, ele diz:

Ela (a sociedade) assimila novos padrões de comportamento e de posicionamentos pleiteados pela juventude, de tal sorte que, progressivamente, ocorrem uma acomodação e integração entre o jovem e a sociedade, possibilitando transformações, que caracterizam a evolução. (Levisky, 1998, p.58).

Por fim, Calligaris (2000) trabalha a idéia de que em nossa cultura há uma intensa idealização da adolescência como um tempo particularmente feliz da vida ao qual todos desejariam retornar, ao mesmo tempo em que, concretamente, o adolescente vive a frustração de uma moratória imposta por uma passagem cuja duração é misteriosa. Ele cita que o adolescente:

Inicialmente é alguém: (1) que teve tempo de assimilar os valores mais banais e compartilhados na comunidade (por exemplo, destaque pelo sucesso financeiro/social e amoroso/sexual); (2) cujo corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhe são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo e (3) para quem, neste exato momento, a comunidade impõe uma moratória. (Calligaris, 2000, p.15)

E mais adiante continua:

Uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada da maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência. Esse fenômeno é novo, quase especificamente contemporâneo. É com a modernidade tardia que essa moratória se instaura, se prolonga e se torna enfim mais uma idade de vida. (Calligaris, 2000, p.16).

Encarando a adolescência como uma construção social, ele ainda assim enfatiza que esta “moratória” impõe ao adolescente uma série de implicações subjetivas e psicológicas, normalmente acarretando sofrimentos e frustrações.

Visualizando esta multiplicidade de entendimentos acerca da adolescência, algumas questões merecem ser levantadas: O fenômeno da adolescência pode ser universalizado? Será que um jovem da classe média de São Paulo e outro, da periferia, vivenciam suas adolescências da mesma forma?

Diversos autores que se situam na Psicologia do Desenvolvimento tenderam a compreender a adolescência de uma perspectiva generalista, etarista e mais ou menos universalizada. De outro lado, perspectivas mais recentes sobre a adolescência apontam para o fato de que não se deve desconsiderar as condições materiais e históricas nas quais ela se

funda e se constrói, ou seja, não dá para falar de uma única adolescência enquanto categoria geral.

Apontando para este fato, Palácios (1995) chama a atenção para a diversidade cultural do fenômeno da adolescência e para a variabilidade de sua ocorrência. Para ele, a adolescência é compreendida como:

(...) não necessariamente universal e que não adota necessariamente em todas as culturas, o padrão de características adotadas na nossa, na qual, além disso, deu origem a uma importante variação histórica, que, ao logo do nosso século, foi configurando a adolescência que conhecemos. (Palácios, 1995, p. 265).

Esta dificuldade teórica em se demarcar e conceituar a adolescência não é, de forma alguma, uma falha científica. Ao contrário, aponta para a pluralidade e riqueza de formas de construção humana e da multiplicidade de significados possíveis neste universo polissêmico e aberto. A abrangência e amplitude do fenômeno da adolescência é descrita por Silva e Hutz (2002) da seguinte maneira:

(...) a adolescência é um período de fronteiras nem sempre demarcadas com o rigor que se espera. Ela existe em uma tênue rede de experiências e processos que varia de pessoa para pessoa, cada qual constituindo o seu processo de formação nas interações com os contextos de desenvolvimentos disponíveis. (Silva e Hutz, 2002, p.155)

Trazendo para a discussão a importância dos contextos de desenvolvimento disponíveis para a construção de cada adolescência, em seus cenários particulares, as autoras apontam para uma questão fundamental quando se pretende pensar quais adolescências estão sendo possibilitadas aos meninos e meninas do Brasil, nos mais diversos contextos de produção subjetiva.

Se a adolescência é uma *moratória* ou preparação para a vida adulta, é válido questionar-nos também: Como estão sendo preparados nossos jovens? Se a autonomia se relaciona à capacidade autônoma de trânsito pelos diversos cenários sociais possíveis e disponíveis aos jovens (trabalho, escola, família, rede de amigos, projetos sociais, etc.) como tem sido esta preparação? Ela tem ocorrido de maneira a situar o jovem como agente ativo na

construção de sua trajetória ou parte de ações pautadas na superioridade adulta para prescrever aos jovens (teoricamente inferiores) o que é melhor ou pior para eles?

Estas questões, fundamentais para o meu trabalho que pretende compreender a adolescência vivenciada em situação de (des)abrigamento, serão um norte para se pensar como a adolescência dos abrigos tem sido compreendida pelos seus diversos interlocutores (adolescente, equipe técnica do abrigo, coordenação, colegas do abrigo, etc.), ou ainda, que lugares têm sido disponibilizados a eles em sua produção de sentidos. Para tanto, acredito ser necessária uma breve discussão sobre o entendimento do jovem enquanto ator social (visão estimulada particularmente pela Sociologia), com potencial de ação e reação, assim como um aprofundamento nas questões ligadas à construção da identidade na adolescência.

2. Recorrendo a uma visão sociológica de juventude.

A partir de contribuições para se pensar a questão da juventude (categoria sociológica que descreve os aspectos sociais deste momento da vida), a Sociologia e a Antropologia inauguram, nas ciências humanas, a visão do empoderamento juvenil e sua participação ativa enquanto sujeitos sociais. Assim, enquanto a adolescência (termo comumente utilizado na Psicologia) se refere aos aspectos desenvolvimentais deste momento da vida, o termo juventude aponta para a atividade/positividade do jovem na construção de sua realidade.

Conforme coloca Santos (2005), nas últimas décadas, começa a existir, nas Ciências Sociais e mesmo na Psicologia, um certo consenso de que a adolescência não pode ser definida somente em termos cronológicos, mas sim como um complexo processo psicossocial. Movimento destacado pela Sociologia, que aponta para a interdependência dos fatores sociais e culturais na construção do jovem, abre-se, a partir daí, uma perspectiva para se pensar a juventude não como uma fase de transição, mas como um momento de força e características próprias, particularmente no que se refere ao jovem enquanto ator social, político e engajado.

Entretanto, é válido ressaltar que este entendimento da juventude enquanto força política, social e cultural é algo bastante recente na história. Segundo Abramo & Branco (2005), até 1960 a visibilidade da juventude ficava restrita no Brasil aos jovens escolarizados da classe média (movimentos estudantis, contracultura e engajamento em partidos esquerdistas). Já no fim do século passado, o foco da preocupação passa a ser a questão da infância e adolescência em risco, através da mobilização da defesa e dos direitos destes segmentos – algo que polarizou os debates e relegou à adolescência um lugar quase indistinto da infância. Assim, o entendimento da juventude para além do risco e para além dos setores da classe média é bastante recente e emerge com força de uns dez anos para cá (Abramo & Branco, 2005).

Sintetizando o entendimento sociológico sobre a juventude, elas dizem que não é repetitivo dizer que o conteúdo, a duração e a significação desta fase da vida são culturais e históricos. Nascida na sociedade moderna ocidental, particularmente no século XX, é significada como um tempo de preparação, ou ainda, uma segunda socialização, rumo à complexidade das tarefas produtivas e à sofisticação das relações sociais.

Fazendo uma crítica à noção de moratória, para Bourdieu (1982), há diversos modos de inserção desta categoria etária no social que escapam da noção de juventude como fase de preparação para a vida adulta. O conceito social da juventude, conforme coloca o autor, acaba por não se sustentar, tornando-se “apenas uma palavra” já que se reduz a uma condição de classe bastante restrita – jovens das classes mais altas. Na mesma direção, Sposito & Carrano (2003) afirmam que a sociologia correu o risco de tornar a categoria juventude uma mera categoria simbólica, descolada de seu contexto social e histórico, transformando-a, no limite, como mero signo.

Esta preocupação conceitual acerca da juventude aponta, então, não somente para as relações de classe que perpassam e permeiam a construção da categoria juvenil, mas para a

singularidade da condição do ser jovem, em suas vertentes concretas, simbólicas, sociais e culturais, ou seja, como é ser jovem em cada contexto social disponível.

Abramo & Branco (2005) dizem deste novo modo de entendimento da juventude apontando que:

Se há tempos atrás todos começavam seus textos a respeito do tema da juventude citando Bordieu, alertando para o fato de que a juventude podia esconder uma situação de classe, hoje o alerta inicial é o de que precisamos falar de juventudes, no plural, e não juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e as desigualdades que atravessam esta condição.(...)Agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida.(Abramo & Branco, 2005, p.44)

Assim, apontando para a capacidade ativa dos jovens e para sua importância social no mundo, os sociólogos e antropólogos foram importantes pioneiros na problematização desta etapa da vida como uma fase estanque e negativizada.

Dentro da Sociologia, inaugurando a Sociologia da Juventude, Forachi (1965) é um marco importante para se pensar as questões da juventude nessa perspectiva, já que estava interessada em estudar a polissemia do termo juventude, o conceito de geração, os processos de transição para a vida adulta, os movimentos juvenis no mundo contemporâneo, além de outras temáticas ligadas à juventude, dando destaque à amplitude que o termo conserva.

De acordo com Forachi (1965):

A juventude é caracterizada a partir de um registro tríplice: o reconhecimento de que se trata de uma fase da vida, a constatação de sua existência como força social renovadora e a percepção de que vai muito além de uma etapa cronológica, para constituir um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal. (Forachi , 1965, p.302)

Apontando, então, não somente para a juventude como uma fase da vida, mas como momento de força social renovadora e transformadora, a autora chama a atenção para a juventude enquanto força transformadora de si e de seu entorno social.

Esta força social renovadora não é algo essencial ao sujeito juvenil como característica individual e pessoal e independente do contexto sócio-histórico, como diriam as teorias

desenvolvimentais mais generalistas – como “uma força que já está aí.” Ao contrário, apontando para uma juventude que é construída sempre no social, a autora diz que a mobilização dos recursos e das potencialidades que o jovem possui irá depender diretamente das alternativas abertas a eles, seja por sua inserção social, seja pelas posições que ocupam ou pelos caminhos oferecidos / negados para suas trajetórias.

Diante desta premissa, é importante repensarmos que tipo de inserção social o jovem vem tendo em nossa cultura ou ainda, que posições têm sido disponibilizadas a eles, seja na família, na escola, na mídia e nos projetos sociais? Estes lugares poderiam servir como importantes disparadores desta força dinamizadora do jovem, mas muitas vezes acabam por posicioná-los como sujeitos alienantes e alienados de sua própria história de vida.

Abrindo caminho para se pensar múltiplas juventudes - tantas quantas forem as possibilidades de significação e apreensão do universo social, cultural e simbólico e pela inserção que ele (jovem) faz nestes domínios, Forachi traz para o social a responsabilidade pelos seus jovens, seja no âmbito mais estrito das famílias, das escolas, do poder local dos bairros, seja pelas políticas públicas mais amplas que enriquecem ou amputam a capacidade de reflexão e engajamento juvenil.

Apontando para a capacidade que o jovem tem de ser força dinamizadora da vida social, uma vez que vivencia a flexibilidade que lhe permite experimentar novas alternativas e adaptar-se com certa facilidade às mudanças, a autora aponta também para a ambivalência de sentidos que esta força propulsora da juventude pode gerar. Assim, ela diz:

Entretanto, as mesmas características que fazem o jovem ser percebido como forjador do futuro podem aparecer com cores negativas; há sempre o “outro lado”, outra maneira de avaliar, a partir da qual suas qualidades são julgadas de forma ambivalente: o jovem é sério, mas imaturo; é audacioso, mas inexperiente; impulsivo, mas indeciso. Isso faz com que suas manifestações com freqüência sejam vistas somente como manifestações de espíritos rebeldes, avessos à ordem e propícios a promover distúrbios e atitudes inseqüentes. (Forachi, 1965, p.20).

Esta ambivalência em relação a força juvenil pode, inclusive, ser um dos motivos pelos quais o jovem acaba muitas vezes se tornando um ator social incômodo e que deve, preferencialmente, continuar na marginalidade e na invisibilidade social.

Apontando para uma visão mais otimista e positiva acerca da juventude, a autora diz que a inexperiência, antes um elemento de inferiorização, pode se transformar em superioridade, na medida em que se levar em conta a capacidade de inovação que essa inexperiência comporta, sendo este *traço* importante num mundo de constantes transformações. Ou seja, segundo ela, a superioridade adulta é apenas relativa porque, em suas próprias palavras:

Afinal, a experiência que não possibilita a improvisação e o escape deliberado diante da rotina, que não supre com recursos originais a ausência de habilidade e conhecimento prévio, é de fato falsamente superior e pode ser vista como frustrada (e frustrante), além de inútil, num mundo que tem a mudança como elemento constitutivo (Forachi, 1965, p.24)

Apesar disso, ainda é muito comum ouvirmos, particularmente no senso comum, descrições do jovem como alguém excessivo, displicente e subversivo. Este discurso, construído a partir de uma cultura adultocêntrica, configura-nos o campo de tensões que se estabelece na relação entre jovens e adultos. Tais conflitos perpassam e são encontrados em todos os dispositivos sociais, particularmente aqueles que se propõem serem “espaços de socialização / domesticação” (família, escola, órgãos públicos, etc.)

Tratando especificamente deste campo de tensões entre jovens e adultos, Forachi diz que o momento de transição para a vida adulta é bastante tenso, uma vez que adulto e jovem são categorias sociais distintas, mas, vinculadas por um elo de continuidade e interesses comuns. Assim ela diz que um dos motivos desta “tensão” encontra-se no fato de que, enquanto o adulto torna efetivas suas realizações, o jovem vive estas realizações enquanto virtualidade, configurando, portanto, papéis opostos, complementares e articulados e, principalmente, marcado por um campo de tensões (Forachi, 1965, p.56).

Contrastando os estilos de vida peculiares aos jovens e aos adultos, a autora diz que enquanto a característica juvenil se liga à capacidade de vivenciar e dar origem ao novo, a condição social do adulto é marcada pela independência econômica e emocional, pela legitimação da atividade sexual (manifesta em casamento) e pelo direito de estabelecer família.

Nesta diferenciação / aproximação entre jovens e adultos, a autora cita Bettelheim (1962) que diz que a condição do jovem não se distingue das demais a não ser por sua capacidade singular de, ao longo da existência humana, recriar insatisfações vitais nunca definitivamente aplacadas. Trata-se, assim, de expressão da virtude que mantém vivas as capacidades de resistência, disputa e renovação (Forachi, 1965, p.303).

Chamando-nos a refletir sobre a *pseudo* superioridade adulta, construída em nossa cultura ocidental adultocêntrica, a autora aponta para características chamadas *juvenis* como capacidade de improvisação e originalidade, destacando como estas características são importantes para o sujeito da modernidade. Este olhar pautado na positividade da juventude pode e deve embasar outras formas de entendimento e tratamento dado a eles, respeitando-se suas peculiaridades, estimulando suas capacidades criativas e, instrumentalizando-os através de seus próprios recursos para a entrada na vida adulta.

Schlegel e Barry (1991, p.8), outros autores da Sociologia da Juventude, definem esta etapa da vida como um *momento social* localizado entre a infância e a vida adulta. Entretanto, eles afirmam que a juventude não é simplesmente um período transitório ou marginal, mas um momento crucial da vida, marcado por intensos processos de renegociações sociais que continuam ao longo de toda a vida. Dizem ainda que este entendimento da juventude é análogo ao feito por Ruth Benedict. Segundo Schelgel e Barry, a autora diz que a juventude é prioritariamente um período marcado por *descontinuidades culturais*, uma vez que este é um

momento de intensas reorganizações rumo à aprendizagem de novos papéis sociais, demarcados pela entrada no mercado de trabalho, casamento, novas relações no trabalho, etc.

Somando-se à estas contribuições da Sociologia da Juventude que apontam para o papel transformador e positivo do jovem, é necessário apontar para um fenômeno bastante recente e que tem sido um importante eixo de subjetivação em nossa sociedade pós-moderna e que perpassa e constitui todas as faixas etárias (crianças, jovens e, sobretudo, os adultos).

Assim, se antes (e ainda em alguns discursos atuais que tratam da juventude marginalizada) o jovem era a marca do perigo social, da marginalidade e dos excessos, atualmente, através do apelo do marketing e da nova cultura do consumo alienado e alienante, parece estar havendo uma inversão neste campo simbólico e ideológico. A partir da rapidez do desenvolvimento tecnológico, vivenciamos atualmente uma descaracterização de tudo o que é velho, ou seja, um desejo pela perpetuação do novo e do belo – valores estes representados, sobretudo, na e pela juventude. Da negatividade para desejo de consumo, a juventude hoje passa a ser perseguida ferozmente como forma de ideário de felicidade, bem estar e status social. Este duplo movimento – invisibilidade social / política e enaltecimento da juventude – é tratado por Castro e Correa (2005) que dizem:

Parece contraditório que uma cultura que enalteça a juventude, que celebre estilos de ser e valores relacionados aos jovens, seja excludente em relação a eles. A inclusão planejada de personagens jovens na televisão, nas revistas, nos jornais e na publicidade, por exemplo, não assegura que os jovens estejam sendo reconhecidos no que trazem de singular à vida social atuando ativamente na construção de si mesmos e do coletivo. O enaltecimento da juventude choca-se com as condições estruturais que atingem preferencialmente os jovens, tais como a falta de oportunidades (desemprego, ociosidade), a vitimização pela miséria, por guerras, por mortes violentas, e a moratória social em relação aos processos em que estão inseridos. (Castro e Correa, 2005, p. 15).

Este apontamento feito pelas autoras é importante para situar, numa discussão sobre a identidade política e social dos jovens, qual é o papel / lugar destinado a eles. Ocupando uma invisibilidade social, suas vozes são caladas e se calam tanto no cenário social como no âmbito das escolhas individuais. Respondendo a este silenciamento é muito comum ouvirmos

que os jovens de hoje são alienados da vida social e que não se interessam por nada a seu redor, mas é preciso compreender melhor esta “alienação forçada”.

Fazendo uma retrospectiva histórica da condição política juvenil, Castro e Correa (2005) dizem que os jovens foram confinados, ao longo do último século, no âmbito das instituições em geral (escola, família, trabalho), sendo colocados distantes da “vida real”. Assim, foram alijados do exercício da participação nos destinos da sociedade, como também da cultura. Afirmando sua desconfiança em relação à sociedade, reafirmam sua posição de marginalidade em relação à construção do coletivo.

Este confinamento apontado pelas autoras e vivenciado na atualidade, principalmente pelos jovens de classes mais abastadas, marcadas pelo medo da violência que assola nossa sociedade, parece ser algo vivenciado também por jovens de classes populares, embora não no mesmo nível. Uma vez que os jovens pobres se deparam com a “vida real” desde que nascem (a violência das favelas, o tráfico de drogas, a bandidagem, etc.), encontram-se duplamente imersos nesta invisibilidade social – seja pela sua condição juvenil, seja pela pobreza que os distancia ainda mais do cenário da participação coletiva.

Discutindo esta “alienação juvenil”, Ribeiro (2004) diz que atualmente a juventude se encontra em alta, enquanto a política, em baixa (Ribeiro, 2004, p.19). Segundo ele, a política é vista aos olhos da grande maioria das pessoas, principalmente dos jovens, como algo que não leva a lugar algum, como pouco fecunda. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que, a partir da onda mundial de democratização, os regimes eleitos não têm conseguido atender às necessidades sociais, algo que repercute na imagem popular da política e dos políticos. Ou seja, vivemos numa época de falta de lideranças, de esperanças e de “grandes causas pelas quais lutar” (ao contrário do que ocorreu na Ditadura).

Já a juventude, segundo ele, tem sido alvo direto da publicidade e do consumo, que ganham disparados da política. Vendida como fonte e forma de desejo, detentoras de boa

saúde e altamente sexualizadas, a juventude vira marca a ser consumida. Assim, ele coloca que:

(...)a juventude atualmente constitui um certo ideal social, que talvez jamais termine. A idéia de liberdade pessoal, em nossa sociedade, está cada vez mais marcada por valores que associamos à mocidade. O corpo bem cuidado, a saúde, a liberdade até mesmo de desfazer relacionamentos, a possibilidade de sucessivos recomeços afetivos e profissionais: tudo isso tem a ver com uma conversão do humano em jovem. (Ribeiro, 2004, p.27)

As discussões sobre a juventude enquanto força social devem, assim, passar necessariamente por uma discussão a respeito de como vem se construindo a identidade pessoal e social dos jovens. Um jovem que se constrói como alguém autônomo e capaz de vislumbrar e criar possibilidades concretas e simbólicas para si, para sua própria vida, certamente terá um impacto social maior do que aquele que se posiciona como dependente, simbólica e concretamente, dos aparelhos sociais.

Mas, como construir uma noção de si como alguém autônomo e capaz de fazer escolhas quando o jovem é visto, prioritariamente, como alguém irresponsável e inexperiente perante os adultos?

Diante de todos estes aspectos apontados acima podemos nos perguntar: Como estão sendo constituídas as identidades juvenis em nosso momento atual? Com que discursos estes jovens tem dialogado? Que lugares sociais têm sido (des)ocupados por eles? E quais as concretudes que marcam e constituem esta identidade juvenil?

Para tentar responder a esta complexa questão, será necessária uma breve incursão sobre como vem sendo tratado o tema da identidade na atualidade.

3. Uma breve incursão sobre a identidade na adolescência

Conforme apontado brevemente acima, a construção da identidade do adolescente da atualidade se articula a cenários bastante diversos dos disponíveis aos adolescentes de séculos

atrás. Construindo-se numa sociedade pós-moderna, o adolescente de hoje se vê diante de uma série de embates e contradições que antes não faziam parte de sua realidade cotidiana.

Diante destes novos modelos identitários, cabe repensarmos como que vozes estes adolescentes têm dialogado para construírem suas identidades. Assumindo aqui que a identidade é, conforme aponta Ciampa (1987), uma “metamorfose” que se constrói nas e a partir das condições históricas, sociais e materiais dadas, incluindo-se a condição do próprio sujeito, ou seja, é concreta, torna-se necessário compreender que condições históricas, sociais e materiais estão disponíveis na atualidade. Conforme define o autor:

A identidade é concreta; é o movimento de concretização de si, que se dá, necessariamente, porque é o desenvolvimento do concreto e, contingencialmente, porque é a síntese de múltiplas e distintas determinações. O homem, como ser temporal, é ser no mundo, é formação material. (Ciampa, 1987, p.199)

Apontando ainda para o fato de que a identidade é sempre construída a partir das histórias que os outros contam sobre nós e que nós contamos sobre nós para os outros, abre-se a perspectiva de se pensar sobre a importância destes *vários outros* na construção da identidade do adolescente.

Ora, quem são estes outros com os quais o adolescente de hoje interage? São, conforme coloca Giddens (1991), outros sempre “distantes e ausentes”, particularmente pelo processo de modernização acelerada que vivenciamos hoje. Falando sobre estas relações espacial e temporalmente distantes, ele diz que:

(...)o advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face (...) isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. (Giddens, 1991, p.27)

Correa e Castro (2005), falando também sobre os espaços de socialização do adolescente, comentam que, apesar da existência do *nós* (relações sociais) na adolescência ser algo extremamente importante para a construção de uma identidade singular e coletiva, já que é no social que o sujeito se constrói, esta apreensão do “nós” encontra-se extremamente

enfraquecida na atualidade. Assim, elas dizem que o “nós”, que configura redes de apoio e de ancoramento a estes jovens, encontram-se atualmente condicionados à temporalidade em que os encontros se dão, uma vez que o coletivo encontra-se bastante precário. Sem perspectiva de continuidade (o emprego acabou, a escola acabou, o futuro não nos pertence) o *nós* fica restrito unicamente ao momento presente – idéia que corrobora os apontamentos de Giddens.

Os espaços de socialização *mais regulares* destinados à esta faixa etária, normalmente, circunscrevem-se à escola e à família (Setton, 2005, p.337). Assim, é muito comum ouvirmos dos jovens que a escola é o lugar de fazer e encontrar amigos e que a família é a única referência com os quais sentem que podem contar concretamente.

Em relação ao importante papel socializador da escola, não no sentido de domesticação dos sujeitos, mas lugar de possibilidades para a construção de noções de cidadania e empoderamento juvenil, este último parece muitas vezes ser renegado pela escola, preocupada muito mais com o conteúdo escolar e com suas funções curriculares, marcadas pela ordem e pela governabilidade (Castro e Correa, 2005, p.20).

Configurando-se como dispositivo educativo no sentido clássico da palavra, a escola responsabiliza-se por “ensinar” matérias que não prendem mais a atenção dos jovens, por estarem muito distantes de sua realidade cotidiana, e vivencia hoje sua falência enquanto instituição socializadora e criadora de possibilidades a esta população, particularmente em relação às classes menos favorecidas. Culpabilizam as famílias (outro espaço socializador tradicional) pelo não cumprimento de sua função educativa, o que gera uma espécie de círculo vicioso de culpabilidade, onde a responsabilidade pelo “desvio” e pela “má conduta” acaba sempre recaindo no próprio sujeito, no caso, o adolescente.

Em relação ao espaço privado da família, esta é bastante apontada pelos próprios jovens como um “lugar de proteção e de acolhimento”, particularmente oferecido pela figura materna. Em pesquisa coordenada por Castro *et al.* (2005), que entrevistou 1.300 jovens da

região metropolitana do Rio de Janeiro, as autoras apontam que, na ausência de um público como fonte de suporte para a vida social, o jovem ressent-se da ausência do Estado. Assim, diante de um Estado que “não tem feito muita coisa”, a família desponta como uma importante fonte de suporte e apoio. Um dos entrevistados resume estes aspectos da seguinte forma: “Não faço a mínima idéia de com quem ele (jovem) pode contar hoje em dia além da família”.

Gonçalves (2005), discutindo estes dados, diz que, no espaço que o público não ocupa, o privado ganha força e importância como fator de agregação social. A família, particularmente a mãe (já que muitas famílias são monoparentais), é figura central para a construção da subjetividade do jovem – lugar vital para se ampliar as chances de realizar seus sonhos e projetos de vida. O autor destaca ainda que este discurso fortemente pautado no privado contribui para explicações individuais e voluntaristas acerca das condutas dos jovens. Utilizando como recursos explicativos para a entrada na criminalidade ou nas drogas, por exemplo, os jovens dizem que “entra por que quer” ou “tem a cabeça fraca”, desresponsabilizam o Estado pela criminalidade, pobreza e corrupção. Este discurso é encontrado entre os jovens, em suas famílias, bem como na mídia em geral, que culpabilizam o próprio jovem pela sua trajetória “mal sucedida”.

Buscando referências para a construção de sua identidade particularmente em seus pares, já que as instituições sociais vivenciam sua falência, tal como apontado acima, La Mendola (2005), situa a importância do grupo de iguais na construção de si do adolescente.

Então ele diz:

(...)no momento da adolescência, assumem grande importância os círculos sociais dos pares, que por vezes algum observador apressado chama de “bandos”, esquecendo que todo sistema simbólico se funda e se reafirma em relações diretas, face a face, na microritualidade da vida quotidiana: é nesse contexto que cada um constrói sua própria imagem e sua própria reputação; dinâmica ainda mais importante em uma sociedade constituída a partir do capital social e de relações, a partir do estilo. No entanto, ninguém chamaria de “bando” os amigos do grupo de tênis ou os participantes de um salão, embora a dinâmica não seja muito distinta (La Mendola, 2005, p. 86)

Apontando para este movimento duplo de identificações / diferenciações na construção da identidade, Debortoli (2002) coloca que esta construção no adolescente é sempre contraditoriamente algo individual e coletivo, já que este precisa do grupo e de referências do adulto. Ao mesmo tempo, precisa diferenciar-se, rumando à sua própria identidade – movimento este marcado por conflitos.

E são nestes ricos encontros com os pares e na ausência do Estado e de políticas públicas que dêem conta de compreender e posicionar estes jovens como figuras ativas na modificação de sua realidade e de seu entorno, que muitos movimentos são gestados pelos próprios jovens, em suas ruas, bairros ou comunidades. São os grupos de RAP, de rock, de funk, de capoeira, de grafiteiros, de pichadores, etc.

Utilizando-se de seus próprios recursos para se construírem, o fato é que a juventude, particularmente as de camadas populares, constitui uma população esquecida pelo poder público.

Diante destas inúmeras dificuldades na construção de sua identidade e, diante da pluralidade e da riqueza de possibilidades do ser adolescente, passarei a dar uma ênfase maior ao objetivo específico do presente trabalho que é dar voz aos adolescentes que vivenciam o momento da saída do abrigo após completarem a maioridade (período que em, legalmente, não podem permanecer mais na instituição).

Compreende-se que este é um momento bastante crítico para o adolescente onde este, além de negociar com os inúmeros sentidos macro-sociais expostos acima, tem que dar conta de se lançar na sociedade após longos anos de permanência na instituição. Assim, diante da necessidade da saída do abrigo, o adolescente irá passar por um processo de intensas ressignificações sobre si, sobre sua vida e seu futuro, uma vez que as mudanças são palpáveis e concretas – saída do abrigo, busca por um local para morar, efetivação ou demissão do trabalho, afastamento das referências do abrigo, etc.

Compreendendo que este é um momento onde o adolescente deverá se construir como alguém mais autônomo e independente para dar conta das mudanças que irá vivenciar, acredita-se que o abrigo, enquanto contexto de referência, deve desempenhar uma função importante neste momento de transição, oferecendo ao jovem pontes e intercâmbios em redes sociais mais extensas.

Antes de entrarmos nas funções desempenhadas (ou não) pelo abrigo diante da saída do adolescente, faz-se necessário um último capítulo introdutório para apresentar aspectos legais que pautam o abrigo como uma medida de proteção à infância e adolescência dita “vulnerável”, bem como uma retrospectiva histórica que constitui, desde o período da nossa colonização, a adolescência “abandonada” no Brasil.

4. A adolescência em situação de (des)abrigamento

Conforme mencionado anteriormente, existem diferentes concepções e formas de se pensar e tratar a adolescência, formas estas que se complementam ou se distanciam.

Quanto à infância e à adolescência assistidas por instituições de “cuidado”, que é a população que nos interessa aqui, esta merece um capítulo à parte, pela peculiaridade com que sempre foi tratada.

Marcílio (1998), fazendo uma retrospectiva sobre as formas de tratamento destinadas à crianças e aos jovens “abandonados”, aponta para três fases que se justapõem na história: (1) fase caritativa, abrange o Período Colonial até meados do século XIX; (2) fase filantrópica, presente até 1960; (3) fase do Estado do Bem-Estar Social ou Estado-Protetor, já nas últimas décadas do século XIX até a atualidade .

Inaugurando a primeira fase no Brasil Colonial, cujas marcas eram as ações “caridosas”, os jesuítas, com o intuito de “educar” os filhos dos índios, tinham o costume de “recolher” crianças indígenas e órfãos nas chamadas “Casas de Muchachos” para ensinar-lhes

os princípios morais da educação portuguesa. Tinham como principal meta “educar” os filhos dos nativos segundo os preceitos da igreja, para depois devolvê-los ao convívio familiar.

Assim, conforme colocam Couto e Melo (1998), esta foi a primeira medida de afastamento da criança de seu convívio sócio-familiar praticada no Brasil. Com o grande aumento populacional no Brasil colonizado e conseqüente aumento do número de filhos “ilegítimos” (filhos de senhores com índias, filhos de relações ilegítimas, etc.) foi importado da Europa o sistema conhecido por “Roda dos Expostos”. Esta “instituição” era administrada por membros da igreja católica que recolhiam as crianças colocadas na roda ou entregues na Casa de Misericórdia. Sendo a Roda um dispositivo giratório com uma entrada para a rua e outra para a casa, não era possível saber quem havia deixado a criança lá. Acredita-se que esta disposição estimulou ainda mais a entrega de crianças “enjeitadas”. As crianças, assim que chegavam, eram tratadas por amas de leite que recebiam por isso. Quanto aos seus destinos, as meninas normalmente eram preparadas para o trabalho doméstico ou para os “dotes”, caso conseguissem um casamento, enquanto os meninos iam para as Casas de Aprendizes ou Arsenais da Marinha, devendo aprender algum tipo de trabalho.

Com o fim da escravidão e, conseqüentemente, o aumento da população pobre perambulando pelas cidades, algumas mudanças legais e de mentalidade foram inauguradas na atenção à infância “abandonada”. Além disso, conforme colocam Couto e Melo (1998), a introdução das idéias higienistas no Brasil trouxe conseqüências diretas ao atendimento à infância desvalida – estava inaugurada a fase filantrópica.

Pautando suas ações nos conhecimentos científicos advindos da Medicina, Criminologia e Sociologia, os filantropos da época entendiam que era necessário isolar a infância e juventude “problemática” em instituições totais geridas por metodologias bem definidas para que se pudesse “prevenir, regenerar e corrigir os seus possíveis defeitos”, para

então devolvê-los ao convívio social (Marcílio, 1998, p. 206). De acordo com esta autora, no caso de crianças pobres:

Sendo as famílias destas crianças consideradas incapacitadas, despreparadas (ou inexistentes) para bem criá-las, os estabelecimentos de internamento seriam ideais para tirar as crianças dos perigos da rua, (...). Retirada da família e da sociedade, nas instituições totais a criança encontraria a educação, a formação, a disciplina e a vigilância que a preparariam para a vida em sociedade (...) Com a maioridade, a criança sairia desse microcosmo estruturado e profilático e seria devolvida 'apta' para viver em sociedade (...) (Marcílio, 1998, p.207).

Conforme aponta Bazon (2002), apesar de haver a defesa da família como solução para todos os males, apostava-se na prevenção e na reeducação através de ações pautadas na reclusão em grandes instituições, implicando sempre na separação dos jovens de suas famílias.

Em 1927 é elaborado o Primeiro Código de Menores (Melo Matos), firmando legalmente a entrada do Estado nesta atenção à infância e juventude e legitimando a doutrina da situação irregular. O domínio das velhas instituições assistenciais vai gradativamente passando para a esfera pública estatal, responsáveis também pela “assistência e proteção” aos jovens de até 18 anos, identificados como abandonados e delinquentes.

Na década de 40 instala-se o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), que se caracterizou pela intervenção mais ativa do Estado no controle da população carente. Conforme define Mendez & Costa (1994), o SAM era caracterizado por uma orientação correcional repressiva, cujo funcionamento era equivalente ao sistema penitenciário para o menor de idade. Seu sistema de atendimento era constituído de internatos para adolescentes infratores e escolas de aprendizagem para carentes e abandonados. Em 1964, o SAM é extinto pelas ações do governo militar instituindo-se a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor), concretizando, conforme coloca Marcílio (1998), a supremacia do Estado na atenção e assistência à criança pobre e desviante.

Estas ações voltadas à infância e adolescência e firmadas historicamente com uma concepção normalizadora, seja pelas instituições filantrópicas seja, posteriormente, sob a égide das políticas estatais, carregaram, de forma mais ou menos hegemônicas, ações pautadas na regra da institucionalização e na necessidade da reclusão das crianças pobres e desviantes. Pautaram-se no que Mendez & Costa (1994) denomina do binômio proteção / controle, referendadas na uma categoria de infância abandonada-delinquente.

Em 1979, é elaborado o novo Código de Menores que cria a categoria de “menor em situação irregular” incluindo aqui tanto os “carentes” como os “autores de infração”. Neste momento, o Estado ainda era juridicamente apto a intervir nas famílias brasileiras.

A partir dos anos 70, no Brasil, começam a surgir movimentos de redirecionamento da política de atenção à criança e ao adolescente inspirados em transformações paradigmáticas ocorridas internacionalmente a partir da Declaração dos Direitos da Criança 1959. Na nova Constituição Federal aprovada em 1988, os movimentos de defesa dos direitos da criança conseguiram aprovar o artigo 227 que estabelece que crianças e adolescentes são sujeitos prioritários de direito. E em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil,1990) é promulgado e apresenta uma série de propostas de atendimento às diferentes demandas e problemáticas das crianças e adolescentes em situação de abandono, risco pessoal e social, contemplando as medidas de proteção e também as medidas sócio-educativas.

O ECA representou em termos legais uma ruptura com a doutrina da situação irregular que, muito mais que uma prática, demarcou formas de se pensar a infância e adolescência negligenciadas dos seus direitos. A legislação não se destina agora apenas às crianças que precisam ser, de certa forma, “protegidas - controladas”, mas sim a todas as crianças e adolescentes. Enquanto um instrumental legal, o ECA vem propor que todas as crianças e adolescentes sejam considerados sujeitos de direitos em condição peculiar de desenvolvimento.

Com o foco nas medidas de proteção à crianças e jovens em situação de “abandono”, o ECA propõe novas definições na forma de se tratar esta problemática. Se antes a prática de institucionalizar crianças e jovens era feita no sentido de “reeducação” para o convívio em sociedade, com o ECA, o foco passa a ser a preservação dos direitos da criança e do adolescente bem como a preservação dos seus vínculos familiares. Assim, em relação à prática de abrigamento de crianças e adolescentes, de acordo com o ECA, esta seria uma medida de proteção (Capítulo II, Artigo 101) aplicada apenas após esgotadas as medidas que visam o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários (Artigo 100). Além disso, a medida de abrigamento deve ser *provisória e excepcional* e utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta ou retorno à família biológica, não implicando privação de liberdade (Artigo 101, Parágrafo Único).

Na prática cotidiana, entretanto, observa-se que a escolha pela colocação em abrigos acaba sendo uma das principais, quando não a única forma de atuação frente à problemática familiar reproduzindo, assim, modos tradicionais de institucionalizar esta população. Tal fato tem como uma das inúmeras conseqüências a descontinuidade, ou até mesmo rompimento dos vínculos familiares. Fica, assim, configurada a multiplicidade de discursos, de sentidos e de práticas: a preservação dos vínculos familiares, princípio defendido no ECA, às vezes, não é garantida; por sua vez, o abrigo, diferentemente do seu caráter *provisório e excepcional*, acaba sendo uma medida a que se recorre com freqüência tornando possível que crianças e jovens, por diversos fatores, permaneçam longos períodos institucionalizadas.

Estas multiplicidades de discursos e práticas que coexistem, muitas vezes de forma tensa e contraditória na realidade dos abrigos, ocorre, conforme coloca Di Loretto (1983), porque estas instituições ainda são fortemente marcadas por discursos históricos regidos pela visão correcional com vistas à reeducação de seus abrigados. Vislumbrando estas discrepâncias, Bazon (2002) explicita:

(...)que a promulgação do Estatuto não foi suficiente para apaziguar a tensão entre os fatos e a nova norma, uma vez que, segundo Sêda, as autoridades e linhas de frente cultivaram e/ou foram cultivados em meio a hábitos propensos a desservir os mais vulneráveis, revelando regras e padrões de atuação profissional no mínimo inadequadas e, no limite, violentas (Bazon, 2002, p.10).

Avaliando os modos de viabilizar o ECA, Huning & Guareschi (2002) discutem que este, apesar de promover um deslocamento da situação de irregularidade da criança ou adolescente para outras instâncias da sociedade, sejam elas a família ou a escola, acaba tendo como alvo de intervenção a própria criança ou adolescente, desconsiderando novamente a responsabilidade destas outras instâncias apontadas. Este apontamento feito pelas autoras pode ser exemplificado em situações nas quais o Conselho Tutelar, órgão responsável pela aplicação das medidas previstas pelo Estatuto dentre outras atribuições (ECA, Cap. II, Art. 136), deixa de orientar suas ações por encaminhamentos que passam pela via da reestruturação econômica e social de uma determinada família e passa a ter como ação prioritária a retirada da criança ou do jovem do seu contexto familiar, colocando-os em abrigos.

Atualmente, apesar de ainda haver poucos estudos sistemáticos e algumas tentativas isoladas que apresentam a situação concreta desta população (número de crianças e adolescentes abrigados, sexo, cor, idade, Estados com o maior número de abrigados, etc.), a temática da infância e juventude “desassistida” vem ganhando destaque, particularmente, após o ECA.

Em uma pesquisa nacional realizada em 2003 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Cabral, 2003) constatou-se que cerca de 80.000 crianças e adolescentes brasileiros viviam em situação de abrigamento, sendo que os profissionais dos abrigos vêm encontrando sérias dificuldades para promover a reintegração familiar dos abrigados, em especial, por dificuldades econômicas da família de origem. Enquanto 18,9% das crianças e adolescentes estão abrigados por causa do abandono, ausência ou perda do vínculo familiar, 24,2% dos

abrigados não retornam à família devido à pobreza. Os demais se encontram nos abrigos por sofrerem violência doméstica (11,7%); pela dependência química dos pais (11,4%); por vivência na rua (7%); por orfandade (5,2%). Em relação ao tempo de abrigamento, os dados revelam que as crianças permanecem no abrigo por muito tempo, algumas até mais de dez anos, apesar de possuírem família.

Em outra pesquisa realizada por Weber e Gagno (1995), em um abrigo de Curitiba, foram ouvidas crianças que não possuíam vínculo familiar há pelo menos um ano. Destes entrevistados, a grande maioria estava abrigada há mais de 3 anos e alguns chegavam a 15 anos de institucionalização – algo que, infelizmente é bastante comum nas histórias de vida desta população.

Bernal (2004), a partir de um estudo extensivo dos prontuários de crianças e jovens que passaram pelo sistema do Serviço Social de Menores de São Paulo entre 1938 e 1960, aponta que a questão da longa permanência desta população em instituições era bastante freqüente. Apesar de alguns jovens saírem da instituição antes dos 16 anos ou após os 21, a situação que predominava era a saída do jovem aos 18 anos, quando se oficializava o desligamento deste com a instituição. Neste momento, deixava de ser interno para ser egresso (Bernal, 2004, p. 161). A autora coloca que se a criança não sabia do seu destino quando entrava na instituição, no momento da saída a dificuldade era ainda maior. Aponta ainda que a data da “desinternação” do jovem nem sempre correspondia à data da sua saída. Em muitos casos o jovem fugia da instituição, mas o prontuário só era finalizado quando ele completasse 18 anos, mesmo que estivesse fugido há muitos anos e tivesse perdido contato com a instituição.

Assim, o que parecia importar, segundo ela, era o ritual burocrático e o cumprimento da tutela do Estado e não a situação real do jovem. Apontando para o despreparo do Código de Menores ao lidar com a questão do desligamento, coloca que este apenas indicava que as

instituições deveriam cumprir algumas metas “educacionais”. Finalizando, a autora discute que a saída da instituição era feita de um modo improvisado e despreparado (da mesma forma como era feita a entrada na instituição), embora fosse um momento crítico na vida destes jovens já que iriam passar por dificuldades com “a questão da moradia, do trabalho, do convívio familiar e a questão emocional” (Bernal, 2004, p.164).

Em mapeamento iniciado em 2002 (e finalizado recentemente) através de parcerias entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente da PUC-SP (NAC/PUC-SP), Associação dos Psicólogos e Assistentes Sociais do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (AASPTJ-SP), Secretaria Municipal da Assistência Social, Fundação Orsa (iniciativa privada) e Prefeitura Municipal de São Paulo, foi realizado um amplo estudo sobre a situação dos abrigos na cidade de São Paulo.

Contextualizando a problemática dos abrigos, o estudo aponta que após a promulgação do ECA houve, na cidade de São Paulo, um aumento significativo do número de abrigos, particularmente por causa da necessidade de reordenamento na capacidade dos abrigos, que antes se encontrava organizada nos moldes dos grandes complexos da FEBEM-SP. Assim, forma sendo criadas unidades menores visando atender pequenos grupos de crianças e adolescentes (conforme preconiza o ECA).

Estas mudanças foram, então, fruto da necessidade de *municipalização* e *personalização* do atendimento desta população. Diante do aumento do interesse da sociedade civil por esta problemática, o estudo mostrou também que houve um aumento dos abrigos após 1990 que não são conveniados com o Poder Público e que são mantidos por meio de doações feitas por pessoas da comunidade, comerciantes locais, instituições religiosas e ONGs.

Diante do progressivo desmonte das grandes unidades, o estudo aponta para a heterogeneidade no atendimento dos abrigos, particularmente os conveniados com o Estado e

os que não possuem nenhum tipo de convênio. Somente os de convênio municipal apresentam uma certa homogeneização quanto à forma de atendimento de acordo com o ECA – personalização no atendimento (grupos pequenos), ênfase no processo de reintegração à família biológica, não separação de irmãos, abrigamentos curtos, etc. Já os abrigos não conveniados, por não contarem com qualquer ação do Poder Público (supervisões, acompanhamentos), estruturam-se nos moldes das antigas instituições filantrópicas, ficando à margem do reordenamento proposto.

Os pesquisadores apontam que existem atualmente 4.847 crianças e adolescentes vivendo em abrigos na cidade de São Paulo, num total de 181 abrigos, sendo que 48 deles são conveniados com o Estado (26%), 42 conveniados com o Município (23%) e 91 abrigos sem qualquer convênio – particulares (49%). A faixa etária de maior concentração da população abrigada está entre os 6 e os 16 anos, sendo que 61% encontra-se na faixa etária de 0 a 11 anos e 38%, na faixa etária de 12 a 18 anos. Quanto à família biológica desta população, o estudo mostra que os dados são escassos e, muitas vezes, desconhecidos (não se sabe onde nasceram, qual a idade, grau de escolaridade, estado civil e situação no trabalho, além do paradeiro na grande maioria dos prontuários pesquisados). Diante do desconhecimento / negligência quanto ao trabalho com a família biológica, a possibilidade de retorno vai ficando cada vez mais distante e o abrigamento cada vez mais longo.

Neste sentido, os profissionais apontam para a dificuldade de preservação dos vínculos familiares (item priorizado pelo ECA na medida de abrigamento), já que muitos abrigos não tem profissionais especializados para o trabalho com as famílias. Além disso, apontaram como os dois principais motivos para a não reinserção problemas na família (apontando para termos pejorativos como “família desestruturada”, “mãe desequilibrada”) e ausência de família (pais mortos ou de paradeiro desconhecido).

Apontando para uma visão enviesada da problemática dos abrigos (que na verdade é consequência da enorme ausência de políticas públicas na área da saúde, educação e trabalho), os funcionários apontam como “soluções” o aumento do valor dos convênios, contratação de novos funcionários, regulamentação dos direitos trabalhistas e aumento dos donativos (visão assistencialista do abrigo). Como medidas de política pública, somente um abrigo apontou para a necessidade de uma política dirigida às famílias para que se possa atender à demanda antes que a criança ou o adolescente seja abrigado.

Observou-se que 67% dos abrigados possuem família, enquanto 33% não possui família ou seu paradeiro não é conhecido, ou seja, a possibilidade de reinserção familiar é descartada. Há também dificuldades para o cumprimento do princípio da *integração em família substituta*, tendo em vista que a maioria dos que estão disponíveis legalmente para adoção tem entre 8 e 19 anos de idade e permanecem nos abrigos no aguardo de possíveis adotantes (que são quase inexistentes, já que os casais adotantes procuram, na maioria das vezes, criança pequenas). Somente 10 % da população abrigada está disponível para adoção, ou seja, foi legalmente destituída do pátrio poder.

Outro dado preocupante diz respeito à escolaridade da população jovem. Da população entre 15 e 18 anos, somente 20% cursam o ensino médio, 52% o ensino fundamental (5ª a 8ª série) e 11% cursam o ensino de 1ª a 4ª série, ou seja, no total somente 5 % da população abrigada cursa atualmente o ensino médio. Esses dados apontam para a dificuldade de desligamento da instituição, particularmente pela falta de preparo profissional.

Diante destas inúmeras dificuldades (ausência da família biológica, impossibilidade de adoção, etc.), o tempo médio de permanência nos abrigos, segundo o estudo, está entre 2 a 4 anos, dado que aponta para o fato de que a *provisoriedade* do abrigamento não vem ocorrendo. Configurando concretamente estas dificuldades, destaca-se que 65% da população

estudada não tem perspectiva de desabrigamento, particularmente entre a população dos abrigos Estaduais e particulares.

Diante desta realidade (bastante perversa), observa-se que as mudanças rumo à implementação e entendimento do ECA ainda estão longe de serem uma realidade compartilhada entre os vários atores que compõem o cenário dos abrigamentos (funcionários, equipe técnica, conselhos tutelares, educadores, etc.) Mesmo com a promulgação do ECA representar um marco legal no que se refere aos Direitos da Infância e Adolescência, a questão da longa permanência das crianças e jovens em instituições parece persistir como um resquício de práticas historicamente constituídas. A realidade, mais uma vez, mostra que a situação dos abrigos no Brasil é bem diferente daquela preconizada pela ECA: o abrigo acaba sendo a casa de muitas crianças e jovens até que estes atinjam a maioridade.

Segundo Pereira (2003), a morosidade do processo legal, a falta de comunicação adequada entre o abrigo, a Justiça e as famílias, assim como o baixo número de profissionais especializados nesta área dificultam os processos de retorno das crianças às famílias ou, em último caso, de destituição de pátrio poder e, conseqüentemente, de adoção. O autor destaca ainda a fragmentação das ações, das políticas públicas e o abandono da rede de atendimento como fatores que contribuem para o prolongamento da permanência da criança no abrigo. Nesse contexto, constata-se um fenômeno que Pereira denominou *de violência institucional* e que contribui para a construção de uma categoria de crianças e adolescentes institucionalizados: *a da criança esquecida*.

Diante desta realidade perversa, marcada por longos anos de permanência na instituição, o jovem, ao completar a maioridade se depara com a necessidade de sair da instituição, muitas vezes sem qualquer preparo ou rede de apoio que lhe dê suporte neste momento de transição. Se a questão da adolescência associa-se a um sujeito que vai, pouco a pouco, construindo-se como alguém mais autônomo e independente, para poder fazer esta

transição (seja da família, seja da instituição) para espaços sociais mais amplos (trabalho, construção de sua própria família, etc.), o abrigo certamente tem deixado muitas falhas neste papel que coloca o jovem como centro de atenção. Pensado como espaço de acolhimento para crianças, os jovens acabam ocupando no abrigo um (não) lugar – lugar do excesso, daquilo que não era para ter ocorrido, já que o ECA apregoa que o abrigamento deveria ser *provisório* e *excepcional*. Uma vez tendo permanecido no abrigo até a maioridade, o jovem deveria, pelo menos em tese, contar com uma ampla rede de apoio social que o auxiliasse a construir sua vida fora da instituição.

Diante da realidade apontada pelos estudos sobre abrigos, particularmente no que diz respeito à dificuldade em se cumprir o princípio da *provisoriedade*, algo que afeta diretamente a população adolescente, ficam os seguintes questionamentos: Como o adolescente tem sido visto dentro da instituição? Tem ocorrido uma preparação sistemática para o seu desligamento? E de que modo ele tem se construído nas relações estabelecidas no abrigo? Será que estas relações têm possibilitado aos jovens se construírem como seres mais autônomos e independentes? Ou será que se perpetua a visão de que o adolescente é incapaz e irresponsável, agravada pela própria condição em que ele se encontra na instituição? Será que a instituição tem incorporado discussões mais recentes sobre a juventude, podendo auxiliar seus jovens neste momento de transição rumo à saída do abrigo? Ou será que tem dialogado com discursos pautados na negatização e repreensão da “juventude transviada”?

Acredita-se que este é um ponto nodal do trabalho e que nos permitirá discutir e repensar quais as alternativas discursivas que estes jovens estão tendo para se construir neste momento. E ainda, que possibilidades de construção mais autônoma a instituição tem possibilitado a eles que precisam, mais do que ninguém neste momento, fortalecer sua noção de autonomia e independência.

Salientando a importância de se rever os modos pelos quais a lei tem sido incorporada pelas práticas no abrigo e ainda, como o adolescente é visto e (não) pensado tanto em termos legais quanto no cotidiano da instituição, o presente trabalho consiste numa tentativa de integrar tanto as discussões mais atuais sobre o adolescente como sujeito ativo em sua trajetória, compreendido enquanto participante do social, pretende-se enriquecer as discussões sobre qual tem sido o espaço ocupado por estes jovens – duplamente invisíveis – que permanecem em instituições até a maioridade.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo investigar quais as *zonas de sentidos* produzidas pelos adolescentes no momento da saída do abrigo. Compreendendo a necessidade da saída como um momento de intensas ressignificações na vida destes adolescentes, busca-se ainda, compreender como estes adolescentes significam e enfrentam a saída do abrigo, após longos anos de permanência neste. Assim, objetiva-se avançar no entendimento tanto das particularidades / singularidades que marcam estes adolescentes bem como este momento difícil de suas vidas.

METODOLOGIA

*Também no ato de conhecer
eu sinto apenas a vontade de testemunhar,
a vontade de ser do meu querer;
e se há inocência no meu conhecimento,
isso acontece por que há nele vontade para a procriação.
(F. Nietzsche)*

1. Situando o referencial teórico-metodológico da pesquisa

Compreende-se aqui que o fazer pesquisa é o ato de construir sentidos sobre o mundo (já que são múltiplas as possibilidades de sentido e de testemunho, conforme coloca Nietzsche). Partindo desta concepção de pesquisa, o presente estudo adere ao referencial sócio-histórico e busca produzir sentidos sobre o *corpus* através de um extensivo movimento de ir e vir sobre o material coletado. Neste movimento de *mergulho* diante da riqueza das possibilidades do humano, compreende-se que não há uma verdade implícita ao sujeito ou ao material a ser desvendado, mas, ao contrário, que há tantas possibilidades de interpretação quantas forem as possibilidades de ser no mundo.

Além disso, compreende-se que os processos sociais, históricos e culturais são fundantes e fundamentais na construção de sentidos produzidos pelo homem uma vez que estes impregnam e perpassam todas as formas de produção humana (seja na concretude dos espaços institucionais, nos discursos socialmente veiculados e nos significados produzidos relacionamente). Ou seja, as descrições sobre um determinado fenômeno variam de cultura a cultura, de sociedade a sociedade, embora existam alguns discursos que são mais ou menos hegemônicos e dominantes.

Este entendimento sobre o fazer pesquisa, vale destacar, é algo bastante recente na história do pensamento científico que recebeu e ainda recebe fortes influências do pensamento positivista (Aristóteles, Descartes). Neste movimento positivista dominante, a ciência é

compreendida como um movimento de especulação em busca de uma verdade absoluta, que deverá ser desvendada pelo pesquisador, através de um rígido controle de variáveis.

Inaugurando a perspectiva sócio-histórica e dando ênfase aos processos relacionais e discursivos do sujeito na constituição desenvolvimental, a perspectiva sócio-histórica teve, na Psicologia do Desenvolvimento, autores pioneiros tais como Vygotsky, Piaget e Wallon – autores conhecidos pelas suas teorias psicogenéticas. Concebendo que o desenvolvimento humano se dá nas e a partir das relações sociais, ou seja, o interno é consequência do externo, estes pensadores propõem que os estudos sobre o desenvolvimento humano enfatizem não o sujeito encapsulado, mas dêem luz às relações nas quais este sujeito se constrói. Além disso, partindo da visão de que o desenvolvimento humano se dá ao longo de toda a vida (já que nos relacionamos do nascimento à morte) torna-se possível investigar processos desenvolvimentais em todas as fases da vida (infância, adolescência, vida adulta e velhice). Referindo-se à importância dos vários *outros* na constituição do sujeito, Vygotsky diz em seu *Manuscrito de 1929*:

Através dos outros construímo-nos (...) A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este é o processo de constituição da personalidade. Daí está claro, porque necessariamente tudo o que é interno nas funções superiores ter sido externo: isto é, ter sido para os outros aquilo que agora é para si. (Vygotsky, 2000, p.24)

Desta maneira, o enfoque metodológico deixa de ser o sujeito individual, ampliando-se o foco investigativo para os contextos de relação do sujeito, os significados que o perpassam e o constituem, as negociações discursivas estabelecidas em suas relações, os posicionamentos ocupados pelos parceiros relacionais, o macro-contexto social, político, cultural e histórico, o espaço concreto em que se dão as relações, ou seja, tudo constitui o sujeito e negocia com ele, nesta nova perspectiva.

Autores contemporâneos situados no referencial sócio-histórico e interessados neste sujeito *estendido* e não mais encapsulado em si mesmo, irão falar da importância de se

compreender o si mesmo (ou self, como preferem alguns autores) como um si mesmo em constante diálogo com os vários outros, conforme coloca Vygotsky. Bruner (1997), um importante autor desta perspectiva dialógica do si mesmo, indaga:

Não é o si mesmo um relacionamento transacional entre um locutor e um Outro, de fato um Outro Generalizado? Não é ele um meio de estruturar a nossa consciência, nossa posição, nossa identidade, nosso comprometimento uns com os outros? O si mesmo, nesta acepção, se torna dependente de um diálogo, projetado tanto para o receptor do nosso discurso como para propósitos intrapsíquicos.” (Bruner, 1997, p.90)

Diante da tarefa investigativa que se propõe ao pesquisador nesta perspectiva, inúmeras tentativas vêm sendo feitas no sentido de fundamentar um modelo teórico-metodológico que dê conta, minimamente, de auxiliar o pesquisador a construir sentidos diante da complexidade.

Dentro desta proposta teórica e metodológica, e partindo do referencial sócio-histórico, a Rede de Significações desenvolvida por Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva & Carvalho (2004) vem se mostrando uma ferramenta de pensamento importante para cientistas que propõem a compreensão do desenvolvimento humano por uma via mais processual.

Diante dos inúmeros desafios e propostas feitas pelo referencial, uma das buscas têm sido a de construir algumas bases que dêem conta das mudanças contínuas de significações, ações, sentimentos e pensamentos que ocorrem no dia-a-dia das pessoas, sem desconsiderar tanto as persistências quanto às dificuldades nestas transformações. Além disso, buscam vislumbrar, num movimento de figura e fundo, o global e o local, destacando as novidades e repetições no processo de constituição do humano (Rossetti-Ferreira e cols., 2004, p.31).

Em termos metodológicos, a RedSig (nome com a qual é frequentemente citada) é uma forma instrumentalizar o olhar do pesquisador diante da situação a ser investigada, auxiliando-o na busca por compreender como os vários componentes da situação investigada circunscrevem possibilidades ao sujeito em construção (seja ao pesquisador, seja ao participante da pesquisa). Sintetizando, o objetivo da coleta e análise dos dados passa a ser:

(...)apreender vários dos elementos presentes em determinadas situações interativas, buscando analisar os vários significados e sentidos que se destacam na situação, para as várias pessoas participantes do processo, acompanhando ainda seus movimentos de transformação e procurando interpretar os processos pelos quais as significações emergem. (Rossetti-Ferreira e cols, 2004, p.31)

Para atingir tarefa tão complexa, as autoras falam que o primeiro momento exige uma *vivência* do pesquisador na situação a ser investigada. Esta *vivência*, chamada pelas autoras de *mergulho do pesquisador*, é importante para que este possa tentar apreender os vários elementos envolvidos na interação, o que lhe propicia uma visão mais ampla da situação e um delineamento maior dos significados construídos na situação. Neste momento, é importante que o pesquisador mantenha um diário de campo para registrar tudo o que aconteceu na situação vivenciada (frases, conversas, disposição dos móveis, disposição dos cômodos, impressões, sentimentos que lhe ocorreram no momento, etc.), sempre tendo em mente o seu objeto de estudo.

Após este *mergulho* o pesquisador terá maior instrumental para reformular e sistematizar o modo como será feita a coleta – embora esta já tenha se iniciado no momento em que o pesquisador escreve seu esboço de projeto ou pensa em sua pesquisa nascente. Assim, prevê-se uma reformulação contínua do objeto e modo de coleta, já que o pesquisador está constantemente produzindo sentidos sobre a situação investigada (forma investigativa certamente considerada heresia entre os positivistas radicais!)

Após este momento de revisão do modo de coleta, é necessária uma sistematização do modo de coleta, onde o pesquisador escolhe os modos mais adequados para se investigar a situação - seja através de entrevistas, gravações em vídeo, registros em diário de campo, análise de documentos, etc. É importante destacar aqui que, para a RedSig, a multiplicidade de ferramentas utilizadas pelo pesquisador não invalida sua pesquisa, ao contrário, torna-a mais rica de possibilidade para se apreender a complexidade da situação investigada. A partir

daí é possível se construir um bando de dados o mais rico possível – momento que irá culminar na fase de análise dos dados.

Como se busca apreender a processualidade na produção de sentidos e significados da situação, exige-se do pesquisador um minucioso e longo trabalho de ir e vir no *corpus*, além de um contínuo diálogo com a teoria, buscando-se apreender tanto os processos de mudança como os de permanência. Como a atenção do pesquisador é impossibilitada de dar conta de toda a complexidade do material coletado, postula-se que se trabalhe num movimento de figura e fundo com o material, onde alguns sentidos irão saltar aos olhos, enquanto outros ficarão de pano de fundo, nem por isso menos importantes. Abre-se, assim, a perspectiva de múltiplas possibilidades de interpretação.

Já se defendendo dos críticos que apontam para o relativismo absoluto desta perspectiva, a RedSig coloca que o próprio material guia o olhar do pesquisador para interpretações possível e circunscreve possibilidades de entendimento. Ou seja, apesar das possibilidades interpretativas serem várias, elas não são ilimitadas e dependem da concretude que o material permite e delimita em termos de análise. Caso contrário, o material empírico seria relegado a uma mera ficção, fruto unicamente da subjetividade do pesquisador.

De outra maneira, o que se propõe é que as interpretações do material deverão ser co-construídas, numa relação dialética e intensa entre a subjetividade do pesquisador e a situação concretamente investigada, com suas limitações e possibilidades. Neste sentido, a perspectiva da RedSig prioriza a dupla relacional – pesquisador / pesquisado ou ainda pesquisador / objeto de pesquisa e não somente um ou outro. Neste sentido, as autoras dizem que:

O relato científico é, então, construído na relação pesquisador-pesquisado, numa dinâmica segmentação e combinação de fragmentos de percepções presentes, experiências passadas e perspectivas futuras, permeadas por formações discursivas ideológicas, com possibilidades e delimitações do discurso científico vigente (...) (Rossetti-Ferreira e cols., 2004, p.33)

Diante da importância da subjetividade do pesquisador na construção do *corpus* é de extrema importância, nesta perspectiva, que o pesquisador possa descrever detalhadamente as

condições de produção deste *corpus* para que o leitor / participante possa acompanhar e refazer os passos trilhados pelo pesquisador, chegando, assim, às mesmas possibilidades interpretativas. Pois, o que valida o trabalho científico aqui não é a obtenção de uma verdade única, mas a visibilidade e o embasamento científico dados a uma determinada interpretação possível. Por fim, é a relação do pesquisador com o seu material que irá guiar o último nesta difícil, porém, fascinante tarefa do conhecimento.

A escolha por se trabalhar com este referencial (com o qual venho tendo contato desde a graduação) guiou-se, particularmente, pela coerência explicativa e instrumental que este apresenta diante dos processos desenvolvimentais e, principalmente, pelo foco da perspectiva que é o estudo de situações de crises e transformações intensas. Neste intuito, a perspectiva propõe uma apreensão de velhos e novos comportamentos e sentimentos que podem revelar a emergência de novos significados. Busca ainda identificar sinais de transição e mudança ligadas a elementos de circunscrição e resistência (p.32).

Vivenciando o que se acredita ser um momento de intensas mudanças, concretas e simbólicas (basta pensar que o os adolescentes entrevistador permaneceram, em média, dez anos na instituição), acredita-se que estes adolescente passaram por intensos processos de resignificação sobre si e sobre suas vidas. Assim, diante da proposta do presente trabalho que é de estudar os sentidos que são construídos pelos adolescentes no momento de transição da saída do abrigo, acreditou-se que este referencial pudesse dar conta de instrumentalizar uma análise mais minuciosa e criteriosa dos sentidos que emergiam e que se reeditavam nas narrativas dos participantes no momento da saída do abrigo.

Diante da proposta de se apreender os *sentidos* produzidos pelos participantes no momento das interações, acredita-se ser necessária uma breve exposição sobre o que se compreende por *sentidos* nesta perspectiva.

Apesar de algumas divergências teóricas entre os estudiosos da RedSig – alguns apontam o sentido como uma apreensão mais corpórea e sensível de estar no mundo; outros compreendem o sentido como algo próximo da significação, ou seja, uma apreensão do sujeito nas e a partir de trocas lingüísticas, acredita-se num meio termo entre estas duas visões.

Conforme aponta Rey (2004), o sentido deve ser compreendido como uma categoria psicológica complexa em que corpo e cultura se integram numa dimensão diferente: a dimensão do sentido. E mais adiante coloca:

O sentido, em meu ponto de vista, representa uma integração emocional-simbólica dentro da qual um desses momentos evoca o outro, sem que um seja a causa do outro, ou um epifenômeno do outro.(...) O sentido é uma síntese subjetiva de dimensões culturais e sociais, históricas e atuais, que estão implicadas nas diversas opções do sujeito em cada momento concreto da vida. (Rey, 2004, p.61)

Assim, Rey aponta para a impossibilidade de se separar o que é corpo sensível do que é cultura e linguagem, já que estas duas dimensões encontram-se tão emaranhadas e imbrincadas entre si, que a separação entre elas seria mera especulação filosófica. Diz que, na sua visão, o sentido é resultado de um complexo processo de subjetivação interligado a um contexto concreto e imerso no sistema de sentidos subjetivos que caracterizam a vida atual do sujeito, ou seja, o corpo (em seu sentido concreto) nunca está separado da trama de sentidos associada a existência do sujeito concreto, dentro de um espaço culturalmente definido. Ou seja, os sentidos que eu vou construir sobre mim estão ancorados tanto na minha corporeidade (espaço concretamente ocupado por mim no mundo), na emocionalidade que me constitui, bem como na trama de sentidos em que estou imerso – o cotidiano das minhas relações, os significados que os outros constroem sobre mim e que se reeditam a cada momento bem como os espaços simbólicos que eu ocupo (minha profissão, meu estado civil, gênero, nome, etc.).

Na tentativa de se apreender minimamente estes sentidos Rey alerta que estes não se constroem e sim acontecem. Assim, muitos sentidos extrapolam ao próprio sujeito,

capturando-os na situação vivida. Um olhar focado na construção e não no acontecimento dos sentidos poderia nos levar à falsa idéia de controle sobre estes processos; processos estes que fogem completamente do controle do pesquisador, que pode, no máximo, apreender pequenos momentos de sentido, mas nunca a totalidade destes.

Esta colocação de Rey retira do pesquisador o objetivo onipotente e heróico de apreender a totalidade dos sentidos ou a complexidade da rede e o posiciona como um espectador/participante curioso, que irá investigar com seus instrumentos, mas nunca chegar a uma verdade final. Este lugar ocupado pelo pesquisador é, muitas vezes angustiante, já que diante do *vazio de sentidos* temos a necessidade de colocar algo – um sentido, um significado, uma explicação lógica.

Enfim, é neste embate com a complexidade (do mundo, da vida, do humano, das coisas) que o pesquisador é lançado nesta amplitude de sentidos, e deverá construir um sentido deste sentido.

Para tanto, é necessário um mapeamento minucioso do universo pesquisado, apresentando o abrigo e os adolescentes numa tentativa de narrar as condições de produção desta pesquisa.

2. Condições de produção do *corpus* pesquisado

2.1 Os primeiros contatos com o universo pesquisado

A construção do *corpus* desta pesquisa foi dividida (para efeito de sistematização) em dois momentos distintos. O primeiro momento foi a busca por uma instituição que contasse com adolescentes que tinham permanecido muitos anos na instituição e estavam prestes a completar dezoito anos. Para tanto, iniciei, em *setembro de 2004*, contatos com uma instituição de Ribeirão Preto, especializada em atender adolescentes. Meu desejo, naquele

momento, não era fazer um levantamento do número de adolescentes nesta situação de desabrigo, mas, fazer um *mergulho* nesta realidade, conforme coloca a RedSig.

Este abrigo que conheci em Ribeirão Preto era especializado em atender adolescentes com vivência de rua, de ambos os sexos. Estes permaneciam ali por apenas alguns dias, tendo abrigo e comida, enquanto outros estavam lá há alguns anos (havia adolescentes que permaneceram no abrigo dos treze aos dezoito anos). Localizada num bairro residencial e periférico da cidade, tinha cartazes espalhados por todos os lados. Nestes cartazes, havia citações da Bíblia e os *Mandamentos da Casa*. Meu primeiro e único contato foi com uma jovem estagiária do curso de Serviço Social, que me contou de todos os *casos* da casa. Era um abrigo composto basicamente por jovens dos treze aos dezoito anos, com passagem por outros abrigos da cidade e da região.

Estes jovens eram descritos pela estagiária como *moradores de rua*. A estagiária, mostrando-me o espaço, vai narrando detalhadamente algumas *regras* da casa. Por haver um contingente grande de jovens com envolvimento com drogas e furtos, todos os que fugiam da casa e depois retornavam tinham como castigo a apreensão de todos os seus pertences pessoais num armário. Assim, todos os *egressos* passavam a usar roupas e pertences doados pela comunidade (cuecas, meias, camisetas, short, chinelos, etc.). Alguns deles trabalhavam fora durante o dia, enquanto outros ficavam na casa. Levando-se em conta a grande circulação dos jovens na instituição bem como a variedade enorme de situações que marcavam suas histórias, agradeço a abertura da instituição para o meu trabalho, mas opto por buscar outro lugar, já que o meu interesse era estudar narrativas de adolescentes que tinham vivido muitos anos em situação de abrigo e que agora tinham que sair da instituição, por causa da maioridade.

Em um segundo momento, participando desde o início de 2004 do GIAAA (Grupo de Investigação sobre Acolhimento Familiar, Adoção e Abrigamento), através desse grupo tomei

conhecimento de uma *instituição, localizada numa cidade próxima a Ribeirão Preto*, que contava com adolescentes em fase de completarem dezoito anos. Após alguns telefonemas, marco um primeiro contato com a coordenadora do abrigo.

Neste *primeiro contato*, encontrei-me com a coordenadora e a psicóloga da instituição, mostrando a elas uma *carta de apresentação do meu projeto* (ANEXO 1) bem como o *Termo de Consentimento Livre e Informado À Instituição* (ANEXO 2) e o *Termo de Consentimento Livre e Informado ao adolescente* (ANEXO 3). Noto que tinham uma preocupação grande em me dizer que a casa estava *meio bagunçada*, mas que não era sempre assim; justificam que algumas crianças tinham faltado da escola naquele dia. Havia duas educadoras e muitas crianças pequenas.

A coordenadora ressalta que eu poderia ficar a vontade para conversar com os meninos que só estariam na casa depois das onze da noite ou aos finais de semana, e que ela gostaria também que eu entrasse em contato com Manoel¹, um menino *muito calado*, de dezesseis anos, que havia saído recentemente de lá por escolha própria, tendo ido residir com a avó materna em um bairro periférico de Ribeirão Preto.

Seu outro irmão havia crescido também no abrigo e saído aos dezoito anos, mas, atualmente, estava envolvido com drogas e tráfico. Disponho-me a procurar Manoel para marcarmos uma conversa.

Com o endereço de *Manoel* nas mãos, vou até a casa dele, perto da hora do almoço, mas o encontro dormindo. Sua avó, uma senhora bastante disponível, insiste para que eu espere um momento e se desculpa, dizendo que ele havia trabalhado como guardador de carros a noite toda e estava cansado, mas fazia questão que eu falasse com ele. Meia hora depois entro na casa de dois cômodos. Questionando-me se o desejo de que eu falasse com ele não era mais da avó e da coordenadora do que dele próprio, coloquei a ele que tinha interesse

¹ Os nomes verdadeiros de todos os participantes desta pesquisa foram modificados, preservando-se o direito ao anonimato. O quadro 3 (ANEXO 4) explicita quem é cada uma das pessoas que aparece no texto.

em entrevistar adolescentes que já tinham morado em abrigo e ele diz que poderia conversar comigo. Pergunto a ele onde gostaria de fazer a entrevista e ele diz que havia uma igreja próxima, onde eram realizados os atendimentos da assistente social do bairro. Marcamos para o dia seguinte à tarde e foi realizada conforme o combinado. Este primeiro contato (que considerei uma entrevista piloto) posicionou-me frente a algumas dificuldades, enquanto abriu novas perspectivas para as próximas entrevistas com outros adolescentes.

Previendo a necessidade de haver um tempo de aproximação e familiarização com os adolescentes, antes da realização da entrevista, elaborei um *cronograma de visitas ao abrigo* (ANEXO 5), que deveria durar dois meses, ou seja, oito finais de semanas consecutivos, com duração de duas a três horas cada uma.

Todas as visitas foram registradas em notas de campo. O critério de escolha para os participantes foi o de que estes estivessem com idades entre dezessete e dezoito anos. Havia três adolescentes nesta faixa etária: Pedro com dezoito anos e um mês, Carlos com dezessete anos e nove meses e Vitório com dezessete anos e sete meses. Após a escolha dos participantes e apresentação do projeto de pesquisa a eles bem como do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dei início às visitas. Disseram que preferiam que eu viesse aos sábados à tarde, momento em que eles mais permaneciam no abrigo, já que aos domingos alguns iam jogar bola e outros iam para casa dos *padrinhos*.

Nas duas primeiras visitas, encontro somente Carlos no abrigo, sendo que os outros haviam saído. Vale ressaltar que, nestas duas primeiras visitas, foi a coordenadora que fez o contato com eles pedindo que não saíssem já que eu iria ao abrigo. Depois destes (des)encontros, começo a ligar aos sábados, perto da hora do almoço, perguntando se eles estariam lá e se eu poderia ir para conversarmos. Com isso, passo a encontrar todos os sábados com Vitório e Carlos.

Ao final de oito visitas ao abrigo, marco a *primeira entrevista com Carlos* (ANEXO 6) e depois a *primeira entrevista com Vitório* (ANEXO 7). Pedro, o jovem de dezoito anos, quase não ficava na instituição e não concordou em fazer a entrevista. As entrevistas foram feitas com Carlos e Vitório no próprio abrigo, em lugares escolhidos pelos adolescentes, tendo sido gravadas em fita-cassete e transcritas na íntegra. Estas entrevistas foram abertas onde a pesquisadora sugeria como tema disparador, pedindo para o adolescente contar sobre a sua vida (1ª entrevista) e como ele estava vivenciando a saída do abrigo (2ª entrevista)

Além das entrevistas, disponibilizei um gravador e fita-cassete a Carlos, que produziu um *material narrativo* muito rico (ANEXO 8) e suas *músicas de rock* preferidas (ANEXO 9). Este material também foi transcrito na íntegra.

Terminada esta primeira etapa da coleta (a segunda previa a realização de entrevistas com estes mesmos adolescentes após terem saído do abrigo), elaborei uma *Carta de agradecimento* aos adolescentes (ANEXO 10) e outra *Carta de agradecimento à instituição* (ANEXO 11), bem como um *relatório*, feito a pedido da coordenação, com alguns apontamentos parciais da pesquisa (ANEXO 12). Apontando o meu desejo de fazer novas entrevistas com os adolescentes após terem saído do abrigo, mantenho-me em contato com a instituição para saber quando cada um deles sairia do abrigo.

Vale ressaltar que finalizo esta primeira etapa em dezembro de 2004 e que Carlos e Vitório fariam dezoito anos, respectivamente, em janeiro e março de 2005.

Avaliando ser necessário para o meu trabalho conhecer mais a fundo a vida e os dados dos prontuários dos adolescentes (já que em suas narrativas não havia muitas referências à datas bem como aos seus familiares – Onde moravam? Onde estavam seus irmãos? Havia mais algum parente na cidade?), realizei uma *conversa com a assistente social do abrigo*, em maio de 2005, para me aproximar destes dados. Elaborei um *Termo de Consentimento Livre e Informado à assistente social* (ANEXO 13) bem como um *roteiro semi-estruturado* com as

questões que gostaria de conversar com ela (ANEXO 14). Esta conversa foi transcrita como notas de campo, não tendo sido gravada. Esta opção pela não gravação em fita-cassete foi feita, pois, no projeto inicial não havia a previsão de entrevistas com membros da equipe técnica. Esta necessidade, conforme já apontado, foi surgindo ao longo do contato com a instituição.

Já em abril de 2005, após contato telefônico com a coordenadora, fico sabendo que Carlos ainda não havia saído do abrigo (e que não havia perspectiva de saída) e que Vitório havia saído há mais ou menos um mês e estava morando numa república com funcionários da empresa na qual trabalhava. Também me conta que Vitório havia recebido uma proposta para viajar para os Estados Unidos como estagiário da empresa. Passando-me o telefone da empresa onde estava trabalhando, entro em contato com Vitório para marcarmos uma nova entrevista.

Neste contato telefônico, Vitório diz rapidamente que estava trabalhando muito e que agora estava *um pouco* sem tempo para fazer a entrevista. Pede um telefone meu para contato e diz que, assim que estivesse mais tranqüilo, ligaria para marcarmos a entrevista. Quatro meses depois, quando já estava bastante desanimada e acreditando que ele não ligaria mais, recebo seu telefonema. Agora ele estava mais animado e falante ao telefone. Diz que gostaria de marcar a entrevista e que poderia ser num domingo à tarde, único momento do final de semana que estava sem atividades. Marcamos esta *segunda entrevista com Vitório* (ANEXO 15) na sala da minha orientadora, no campus da Universidade. Nesta entrevista, fico sabendo que Carlos ainda não havia saído do abrigo.

A notícia da saída de Carlos ocorre a partir de um telefonema em 17/04/2006 que faço à instituição, com a finalidade de se ter notícias sobre ele. Neste momento, a coordenadora me conta que Carlos sairia dali uma semana e que a instituição estava oferecendo uma festa de despedida para ele. A coordenadora me convida para participar da festa. Nesta festa,

reencontro Carlos (há um ano não o via) e o convido para fazer outra entrevista assim que estivesse morando em sua nova *casa*. Ele aceita, parecendo gostar da idéia de conversar comigo novamente. Nos despedimos e eu deixo marcado o dia em que iríamos realizar a *segunda entrevista com Carlos* (ANEXO 16).

Carlos estava saindo do abrigo para ir morar nos fundos de um salão de beleza da cidade. Quem iria *abrigá-lo* era Maciel, o cabeleireiro oficial das crianças do abrigo. Carlos me conta depois que num dia em que foi cortar o cabelo com Maciel este pergunta a ele se ainda estava no abrigo e que era necessário sair de lá uma hora ou outra. Assim, oferece os fundos do seu salão para Carlos morar. Cobraria um determinado valor dele, onde estaria incluído o *aluguel*, a comida e a roupa lavada e passada, tudo isso feito pela mulher de Maciel. Carlos conta que ficou animado com a idéia e que o pessoal do abrigo também. A assistente social faz contato com Maciel e acerta todos os detalhes. Aguardam a autorização do juiz e Carlos se muda num sábado.

A *nova casa* de Carlos era um antigo depósito de material para cabeleireiros, localizado ao fundo do salão, separado deste por um biombo. Neste *quarto* havia uma cama, uma pequena TV, o DVD e o vídeo game de Carlos. Também havia uma cômoda onde ele guarda suas roupas com algumas fotos de sua mãe. Num canto do *quarto* havia uma cadeira de lavar cabelos antiga e a bicicleta de Carlos. Noto que todo o barulho do salão ia para o seu quarto. Além disso, ele me conta que sua TV não estava funcionando porque não tinha antena e que não agüentava mais assistir aos mesmos DVDs. No dia em que fui entrevistar Carlos pela segunda vez (01/05/2006) tenho a oportunidade de conhecer Maciel e sua família (esposa e três filhos, um menino de 18, uma menina de 15 e um menino de 7 anos). Pareciam muito receptivos e preocupados com o bem-estar de Carlos. A esposa de Maciel diz que se preocupava muito com ele pois percebia que ele não sabia cuidar das próprias coisas. Usava roupas rasgadas e chegou sem escova de dentes. Conta também que estava sendo uma

adaptação para todos já que Carlos ia todos os dias fazer as refeições em sua casa (ao lado do salão) e que ainda estavam se conhecendo. Maciel conta que um dos motivos pelos quais decidiu ajudar Carlos foi o fato de ter vivido exatamente a mesma história que ele. Ele e seus oito irmãos ficaram num internado para crianças e, quando completou dezoito anos, um cabeleireiro da cidade ofereceu os *fundos* de sua casa para ele morar. Foi aí que começou a fazer cursos de cabelo, conheceu sua esposa e se casou. Por isso, sentia que precisava retribuir o que havia recebido. Parecia ter um carinho por Carlos e, a todo instante em que eu permaneci lá, Maciel ficava tentando dar conselhos para Carlos, dizendo que iam levá-lo à igreja e afastá-lo das más companhias. E foi neste clima que realizamos a Segunda entrevista, que foi feita no seu quarto. Esta entrevista foi gravada e transcrita na íntegra, além de revisada.

Desta forma, foram realizadas ao todo cinco entrevistas com os adolescentes, sendo uma piloto, conforme descrito no quadro a seguir:

Quadro 1 – Descrição das entrevistas realizadas

<i>Nome do participante</i>	<i>Entrevistas realizadas</i>	<i>Data das entrevistas</i>	<i>Local das entrevistas</i>	<i>Tempo de Duração</i>
Manoel	Uma (entrevista piloto)	30/09/2004	Sala de uma Igreja do bairro onde estava morando.	Uma hora
Carlos	Duas (além do material que ele próprio gravou)	27/11/2004 (1ª entrevista)	Abrigo	Uma hora e meia
		01/05/2006 (2ª entrevista)	Sua <i>casa</i>	Duas horas
Vitório	Duas	17/12/2004 (1ª Entrevista)	Abrigo	Duas horas
		21/08/2005 (2ª Entrevista)	Sala da orientadora (USP)	Duas horas

No quadro a seguir, foram sistematizados os dados referentes à data de saída de cada um dos adolescentes, bem como as datas de aniversário de dezoito anos e as datas de cada uma das entrevistas realizadas com eles.

Quadro 2- Datas de aniversário, saída do abrigo e realização das entrevistas

	<i>Carlos</i>	<i>Vitório</i>
<i>Aniversário de 18 anos</i>	14/01/2005	13/04/2005
<i>Saída do abrigo</i>	20/04/2006	10/06/2005
<i>Primeira Entrevista</i>	27/11/2004	17/12/2004
<i>Segunda Entrevista</i>	01/05/2006	21/08/2005

2.2 O abrigo

Inaugurado em 1991, numa cidade da região de Ribeirão Preto, a criação do *Lar* (nome designado à instituição) foi iniciativa de uma família *tradicional* da cidade que queria abrigar as crianças *rejeitadas* pelos pais. Inicialmente localizado no centro, em uma casa alugada pela família, que era responsável pela administração, o abrigo, nesta época, contava com poucas crianças (quatro, sendo que um deles foi participante desta pesquisa). A instituição foi mantida desde seus primórdios por doações e verbas conseguidas através de festas e eventos, ou seja, não recebe ajuda financeira do Município ou do Estado e, portanto, não é fiscalizada por nenhum órgão público, sendo classificado como um abrigo *privado*. Quando inaugurado, não havia uma equipe técnica que oferecesse atendimento personalizado às crianças e muitas das histórias daqueles que passaram ou permaneceram nele até a atualidade se perderam, já que não havia uma prática sistemática de registros em prontuários e

tampouco ações pautadas pelo conhecimento do Estatuto, promulgado em 1990 (um ano antes da abertura do abrigo).

A finalidade principal era oferecer cuidados básicos a estas crianças. Estas ações, pautadas em grande parte na fase *caritativa* ou *filantrópica* (Marcílio, 1994), foram se modificando ao longo dos anos e a instituição tentou se adequar às condições preconizadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Aos poucos, foi se constituindo uma equipe técnica formada por assistente social, psicólogo e coordenadora e pelas educadoras, responsáveis pelo cuidado das crianças. Em 1995, a instituição muda do centro, instalando-se próximo à pista rodoviária. Os motivos da mudança não foram conhecidos pela pesquisadora. Além disso, foi fundado um *Lar* próximo, responsável pelo cuidado das meninas (ou seja, não é um abrigo misto), separando-se irmãos. Apesar dos dois abrigos serem próximos o contato entre as instituições é pequeno e marcado por uma série de conflitos entre as direções.

Uma outra mudança diz respeito à maior intervenção do Município no abrigo que ocorre na atualidade (de acordo com a proposta de municipalização do atendimento), seja através de contatos com a equipe do Fórum, seja através de algumas verbas que são enviadas pelo Município. Apesar disso, a grande maioria das despesas ainda continua a ser paga pela sociedade civil; algo que traz uma série de implicações para o cotidiano do abrigo como, por exemplo, a cobrança que os meninos mais velhos tem de *mostrar* às pessoas da cidade como o *investimento* que eles fizeram foi válido (algo bastante cobrado pelos diretores da instituição), posicionando-os num lugar de *dívida para com a sociedade*.

Das quatro crianças que inauguraram o abrigo somente Vitório (um dos participantes desta pesquisa) permaneceu um longo período na instituição. As outras crianças ou retornaram para a casa dos pais ou foram adotadas. No momento em que foram coletados os dados, a instituição contava com vinte e oito crianças, com idades que iam de dois meses a vinte e cinco anos.

Em relação aos adolescentes, havia, de acordo com falas da assistente social e da coordenadora, um desejo de se montar uma república para aqueles que estavam prestes a completar dezoito anos. Esta república, segundo elas, teria a função de prepará-los para a saída do abrigo já que lá eles iriam ficar responsáveis pela comida, pelas compras e pelo pagamento das contas. O projeto idealizava que esta casa ficasse perto do abrigo para que a instituição pudessem auxiliar os adolescentes nos momentos de maior necessidade. Apesar deste desejo, o projeto da república nunca foi concretizado por dois motivos. Primeiro, pela falta de dinheiro para investir em uma outra casa, além do abrigo. E segundo, porque elas julgavam que estes adolescentes que estavam no abrigo não dariam conta de morar sozinhos numa república.

Em relação à rotina da instituição, todas as crianças em idade escolar freqüentavam a escola meio período e no outro permaneciam na instituição. Já os adolescentes (todos trabalhando desde os dezesseis anos) faziam estágios em empresas da cidade, através de um projeto de inserção de jovens no mercado de trabalho, e estudavam à noite. Assim, permaneciam pouco tempo na instituição.

Quanto às educadoras, havia um número reduzido delas em proporção ao número de crianças. Elas trabalham em turnos de doze por trinta e seis (ou seja, trabalham doze horas e folgam trinta e seis), sempre em duplas. Isso significa que havia sempre, em média, sete crianças para cada educadora durante a semana e aos finais de semana, quatorze. Diante desta divisão, as educadoras salientaram inúmeras vezes preferirem os turnos da noite (quando as crianças dormiam) ou durante a semana (quando algumas iam para a escola e a casa ficava mais vazia) ao trabalho de final de semana. Além do trabalho com as crianças, as educadoras também eram responsáveis pela limpeza da casa e pela cozinha. Como funcionária extra, havia somente uma pessoa que lavava as roupas.

Aos finais de semana, a instituição sempre recebia visitas de pessoas de igrejas (das mais variadas religiões), estudantes e pessoas da sociedade em geral. Ou seja, nestes períodos a instituição sempre ficava bastante cheia e agitada. Havia grupos que iam fazer teatro, levar doces, contar histórias e brincar com as crianças. Os adolescentes, no geral, permaneciam pouco na instituição durante os finais de semana (iam para a casa de amigos ou dos padrinhos, ou ainda, fazer cursos). Somente a assistente social trabalhava de sábado, enquanto a psicóloga e a coordenadora permaneciam na instituição durante a semana.

Apesar de não haver um número elevado de visitas dos pais biológicos (algo citado pela assistente social), estas eram liberadas aos sábados das quinze horas às dezoito horas. Foram raras as vezes que pude presenciar estes momentos de *visita*.

O espaço físico da casa era bastante grande. Localizado próximo a um canavial, para se ter acesso à instituição era necessário ir por uma estrada de terra. Não havia nenhum nome ou logotipo que identificasse a instituição (algo que não é permitido conforme o Estatuto). Logo na entrada havia um quintal bem grande e um espaço coberto (como uma edícula) com cadeiras e mesas para as crianças brincarem. Ali também ficava a sala de artes e a sala da assistente social. Atravessando o quintal chegávamos na *casa* em si (que, ao contrário, não tinha o aspecto de uma casa). Logo na entrada havia uma escada que dava para um salão grande onde havia uma TV e bancos de madeira. Mais adiante havia um grande balcão que separava a *sala* da *cozinha*. Ou seja, não havia um cômodo separado para as crianças assistirem TV e outro para a cozinha. Ambos ficavam no mesmo espaço. Assim, enquanto a educadora cozinhava podia *ver* as crianças vendo TV ou brincando e vice-versa. Neste espaço havia vários murais falando sobre Deus, os mandamentos da casa, fotos das crianças que já foram e avisos às educadoras.

Numa pequena salinha anexa (com portas de vidro da onde dava para ver as crianças) ficava a sala da coordenadora. O único espaço que ficava *trancado* era a biblioteca, segundo

as educadoras, porque as crianças *rasgavam os livros*. A biblioteca, os banheiros e os *quartos* ficavam todos em um longo corredor, depois da *sala-cozinha*. Havia, ao todo, oito quartos (quatro de cada lado do corredor) com quatro camas em cada um deles. Ou seja, havia uma capacidade para trinta e duas crianças e adolescentes. Os quartos eram divididos de acordo com as faixas etárias – em dois quartos as crianças de até quatro anos; em outros, as crianças de quatro à oito; noutro, as de oito à doze e por fim, os adolescentes (de quatorze para cima). Havia em cada quarto um grande guarda-roupa que eles dividiam entre si. Como não havia chaves, era muito comum a queixa de uma criança ter *pego* algo de outra sem permissão.

Seguindo para os fundos da casa, havia um grande campo de futebol todo cercado e um grande quintal de terra. Apesar deste amplo espaço nos fundos, as crianças permaneciam mais na frente da *casa* e na *sala-cozinha* junto das educadoras.

Os horários de refeição eram fixos – café às sete e meia, almoço ao meio-dia, lanche da tarde às dezessete e jantar às dezenove. Somente aos finais de semana este horário era mais flexível. Para dormir, o horário-limite para as crianças era até as vinte e uma horas. No outro dia, tudo de novo.

O transporte das crianças e adolescentes para a escola, médicos, etc., era feito por uma van que tinha o logotipo da instituição.

2.3 Os adolescentes

Carlos - Estava com dezessete anos e nove meses quando o conheci. Mostrou-se desde o início ser um rapaz tímido, retraído e quieto. Tem uma paralisia na mão direita (ele não sabe explicar quando começou ou se nasceu assim) e por isso vive com a mão escondida atrás do corpo. Não era muito de dar risadas e sempre estava sentado sozinho pelos cantos, em silêncio e de cabeça baixa. Inicialmente, sentia-me meio constrangida e sem jeito com tantos silêncios. Aos poucos, fui compreendendo que aquela era uma forma dele se comunicar e que

seus silêncios estavam repletos de significados. Cursava na época a oitava série e dizia ter vergonha de estar atrasado na escola. Não era muito de sair aos finais de semana e, quando saía, era pra ir na casa do seu *padrinho*. Gosta muito de jogar futebol e ouvir músicas de rock. Foi para o abrigo aos seis anos junto de seus dois irmãos mais velhos, Joaquim e Paulo. Em dezembro do ano passado seu irmão mais velho (Paulo) morreu por causa de uma briga que envolvia troca de tiros. Ele acha que o motivo é tráfico de drogas. Seus pais morreram na prisão e também eram traficantes. Ele não se lembra que idade tinha quando seus pais morreram. Aos dezesseis anos, pediu para a assistente social arrumar um trabalho pra ele pois diz que não suportava ficar sem fazer nada o dia inteiro. Por isso repetiu dois anos na escola. Logo após o falecimento de seu irmão descobriu que seu outro irmão engravidou uma menina e que ele iria ser tio. Seu único parente na cidade é uma avó materna. Não pode visitá-la porque é muito parecido fisicamente com seus irmãos e teme que os traficantes pensem que é um de seus irmãos. O restante de sua família mora no Mato Grosso, embora ele não conheça nenhum deles. Diz que nunca teve uma namorada e que seu sonho era ter uma família e morar perto de seu irmão vivo. Apesar de seu jeito tímido tem um olhar vivo e brilhante. Saiu do abrigo aos dezenove anos indo morar no fundo de um salão de cabeleireiro da cidade. Estabeleci um contato muito próximo com ele, envolvendo-me em suas histórias tristes. Quando seu irmão foi baleado e morto (próximo do Natal de 2004) fiquei muito abalada com a notícia e tive grande dificuldade de trabalhar em seu material durante muito tempo.

Vitório – Estava com dezessete anos e sete meses quando o conheci. Era o mais alegre dos três adolescentes da casa. Vivia cantarolando pela casa e carregando os pequenos no colo. Seu aspecto físico (grande e alto) dava a impressão de ser mais velho do que realmente era. Chamava as funcionárias da casa de *tia* e vivia perto da assistente social, conversando e rindo. Aos finais de semana quase não ficava na casa. Ia passear nos vizinhos, na casa de sua *tia* ou na de algum amigo da escola. Gosta muito de mexer com computador.

Faz cursos de computação e inglês aos finais de semana. Foi um dos primeiros meninos a entrar na casa (estava com seis anos) e conta que fez amizade com os outros meninos rapidamente. Seus pais são vivos e separados. Cada um deles casou-se novamente e moram na mesma cidade que Vitória. Tem cinco irmãos e é o mais velho deles. Foi o único a ficar no abrigo durante tanto tempo. Uma de suas irmãs foi adotada, a outra se casou e os dois menores moram com sua mãe. Vitória conta que seus pais já tentaram se aproximar deles várias vezes, mas ele não quer mais saber deles. Diz que agora já é tarde demais pra eles se arrependem do que fizeram. Diz ainda que agora já está crescido e forte e pode tocar sua vida sozinho. Trabalha desde os dezesseis anos e conta, orgulhoso, que foi crescendo dentro da empresa. Entrou na máquina de xerox e atualmente trabalha na área de exportação, mexe com dólar e fala com os “gringos”. Ao completar dezoito anos foi morar com colegas de trabalho numa “república de trabalhadores”. Cada um é responsável por uma conta da casa. São todos mais velhos que ele e ele diz que isso é bom porque pode contar com os conselhos deles. Na época da Segunda entrevista, tinha planos de mudar de república indo morar com uns colegas seus. Estava fazendo outros cursos aos finais de semana e tinha tido um convite do chefe para fazer um estágio no exterior. Os contatos com ele eram sempre muito gostosos, já que ele é muito brincalhão e sarrista. Mostrava-se muito interessado pela minha vida na faculdade e sempre me perguntava das festas, das provas e se era muito difícil se formar.

2.4 A pesquisadora

Ana Laura – Estava na época do contato com os adolescentes com vinte e três anos. Havia me formado na graduação no final de 2003 e ingressado no mestrado em junho de 2004. Apesar de sempre ter tido muito interesse pelas questões do abrigo, achava esta uma vivência de extremo sofrimento para todos os protagonistas envolvidos (família biológica, crianças e os adolescentes). Já a questão da adolescência era algo bastante novo para mim,

uma vez que na graduação havia trabalhado com entrevistas com adultos, uma perspectiva de história de vida. Neste sentido, o aprendizado na aproximação com os adolescentes foi um desafio para mim.

Entrando em contato com o abrigo, deparei-me com situações, a meu ver, foram muito sofridas. Como sempre fui muito emotiva, em vários momentos retornei à Ribeirão Preto chorando. Os momentos mais difíceis para mim eram os de despedida. As crianças, principalmente as menores, grudavam na minha perna e ficavam falando: *Tia, me leva com você. Tia, me leva pra casa. Você não quer ser minha mãe?!* Além disso, inúmeras vezes, Carlos me solicitava para que eu o ajudasse fazendo-me perguntas para as quais eu não tinha resposta: *Você acha que eu vou rever meu irmão? Você acha que ele está vivo?*

Entrando em contato direto com a impotência que nos constitui diante de situações deste tipo, contentava-me em ficar ao lado dele, em silêncio, acreditando que este seria o único jeito de estarmos *juntos* naquele momento.

Os momentos bonitos também foram muitos. Lembro-me de uma cena que nunca mais vai se apagar da minha memória – estava chegando no abrigo numa tarde quente de Sábado (no verão escaldante de dezembro) e passo pela estrada de terra. Nesta, vinha caminhando a passos lentos uma família – pai, mãe, três filhos bem pequenos e um no colo. Cerca de meia hora depois eles chegam no abrigo. Foram visitar o filho de dois meses que estava abrigado. O pai carregava a criança desajeitadamente e o apertava contra o peito. Não dava pra falar que não tinha vínculo, que não tinha vontade de estar junto. Provavelmente faltava o dinheiro, a estrutura, a condição econômica.

Em muitos momentos também senti frio na barriga e ansiedade. Por estar entrando em contato com adolescentes do sexo masculino, preocupava-me com o modo como deveria me aproximar, as roupas que usaria, a linguagem que usaria, etc. Todos estes sentimentos e

vivências, acredito, enriqueceram meu objeto de pesquisa e contribuíram para encontros repletos de sentidos, alguns dos quais busquei mapear no contato com o *corpus*.

3. Metodologia de análise

Após um longo e extensivo trabalho de ir e vir no material empírico, foi se configurando uma forma mais sistemática de trabalho com o *corpus*.

Buscando-se apreender os sentidos construídos por/sobre Carlos e Vitória, a partir do recorte temporal do momento da saída do abrigo, a metodologia de análise serviu como um momento de sistematização na forma do olhar do pesquisador, que pode se dar de múltiplas maneiras.

Compreendendo os sentidos como construções produzidas sempre entre sujeito e seus parceiros relacionais, buscou-se, num primeiro momento, fazer um mapeamento das principais *zonas de sentidos* que apareciam no *corpus* (notas de campo, entrevistas, material narrativo), tendo como eixos norteadores:

- 1) Quais as *zonas de sentidos* que o abrigo constrói sobre Carlos/Vitório? (análise das notas de campo)
- 2) Quais as *zonas de sentido* que Carlos/Vitório constroem sobre o abrigo, suas vidas e seus futuros? (análise das entrevistas e do material narrativo).

Entende-se aqui o termo *zona* como um espaço de sentidos pouco delimitado e fluído, que perpassa e constitui outros sentidos, sendo inviável uma delimitação precisa de onde termina uma zona e começa outra.

A partir desta primeira sistematização, iniciou-se um trabalho sistemático de ir e vir no *corpus*, onde se buscou localizar estas *zonas de sentidos* e a que cada uma delas se referia (segundo momento da análise). Esta marcação foi guiada, inicialmente, por um interesse da pesquisadora que orientou o seu olhar sobre o material a partir de sentidos relacionados a três temáticas levantadas *a priori*, sendo elas: 1) Abrigo; 2) Saída do abrigo; 3) Perspectivas de

futuro. Compreendia-se, naquele momento inicial com o material, que estes três temas seriam importantes e recorrentes na fala dos participantes, pelo próprio momento de transição pelo qual estavam passando.

Ao longo do contato intenso com o material, percebeu-se também a recorrência, na fala dos adolescentes (e do abrigo), de dois outros temas que constituíam a narrativa dos participantes no momento da saída, sendo eles: 1) Família biológica; 2) Adoção.

Assim, chegou-se a cinco grandes temas, sobre os quais são construídos os sentidos:

- 1) Abrigo
- 2) Saída do abrigo
- 3) Família biológica
- 4) Adoção
- 5) Perspectivas de futuro

A partir desta primeira localização, foram demarcadas em todo o material - entrevistas (quatro, ao todo), notas de campo, entrevista com a assistente social e no material produzido por Carlos (músicas gravadas e material autobiográfico) – trechos referentes a cada um desses temas. Ou seja, buscou-se no e através do material compreender as *zonas de sentidos* produzidas por cada um dos adolescentes.

Feita esta demarcação, buscou-se compreender como cada adolescente falava e construída sentidos diferentes sobre cada um dos temas levantados, ou seja, como cada adolescente descrevia o abrigo, a família biológica, a saída do abrigo, o futuro e a experiência da adoção (análise das entrevistas). Por outro lado, utilizando-se do material produzido pelo abrigo, buscou-se investigar como o abrigo falava de cada um dos adolescentes, de suas famílias biológicas, de sua saída, de seu futuro, etc. (notas de campo, observações e entrevista com a assistente social).

Assim, iniciou-se um terceiro e último momento – o diálogo entre os sentidos produzidos pelos adolescentes e pelo abrigo. Esta etapa foi importante porque permitiu dar visibilidade ao peso que os sentidos produzidos pelo abrigo têm na vida de Carlos e Vítório (sentidos, muitas vezes, contraditórios e ambivalentes), aos modos como cada um estava vivenciando o momento da saída bem como possibilitou conhecer os lugares narrativos que cada um deles ocupava dentro da instituição – algo que será discutido mais amplamente nos capítulos finais deste trabalho.

RESULTADOS

1. O adolescente Carlos

Dia Que Não Terminou
Detonautas

Composição: Tico Santa Cruz

*Me sinto tão estranho aqui
Que não posso me mexer, irmão
No meio dessa confusão
Não consigo encontrar ninguém*

*Onde foi que você se meteu, então?
Tô tentando te encontrar
Tô tentando me entender
As coisas são assim*

[Refrão]

*Meus olhos grandes de medo
Revelam a solução, a solução
Meu coração tem segredos
Que movem a solidão, a solidão*

*Me sinto tão estranho aqui
Diferente de você, irmão
A sua forma e distorção
Não pareço com ninguém, sei lá*

*Pois eu sei que nós temos o mesmo destino então
Tô tentando me encontrar
Tô tentando me entender
Por que tá tudo assim?*

*Refrão
Quem de nós vai insistir e não
Se entregar sem resistir então
Já não há mais pronde ir
Se entregar à solidão e não*

Refrão 2x

A música “*Dia que não terminou*” gravada por Carlos ao longo das duas semanas em que ficou com um gravador traz várias *metáforas* que o marcam enquanto subjetividade bem como seu momento atual de vida. Ao escrever este belo poema, o autor Tico Santa Cruz parece querer chamar as pessoas para embarcar em questionamentos sobre a vida, a solidão e o sentimento de estar perdido – sentimentos estes conhecidos por todos aqueles que são humanos. Carlos, interlocutor presentificado e identificado com a canção é um adolescente quieto, introspectivo e de olhar triste, que quase sempre está voltado para baixo. Marcado por inúmeras perdas, sofridas ao longo de sua vida: perda dos pais, perda dos irmãos, perda do movimento de um dos braços graças a uma paralisia sofrida na infância e, atualmente, perda do abrigo, parece construir-se sob a temática da música:

*Me sinto tão estranho aqui
Que não posso me mexer, irmão
No meio dessa confusão
Não consigo encontrar ninguém*

A sensação de estranheza com a própria vida é algo que Carlos irá trazer inúmeras vezes em seu material. Além disso, os sentimentos de paralisia, confusão e solidão parecem acompanhá-lo a todo instante, seja para pensar a própria vida, seja para enfrentar o momento da saída do abrigo. Negociando com inúmeras perdas (concretas e simbólicas) e todas as reconfigurações subjetivas que elas acarretam, às vezes com a concretude e a dureza da realidade cotidiana, Carlos irá se construir neste momento de *transição da saída do abrigo* a partir de algumas *zonas de sentidos* bastante particularizadas e singulares. Através de um material rico de significados co-construído em nossas inúmeras conversas e contatos, até mesmo em nossos muitos silêncios, também repleto de significados, foi possível se apreender algumas *zonas de sentidos* interligadas que impregnam tanto as entrevistas como o material narrativo produzido por ele (fita autobiográfica e músicas de rock gravadas por ele). Estas *zonas de sentidos*, presentificadas no

aqui-agora do discurso, esboçam jogos de forças e sentidos, sendo construções negociadas entre ele e os vários interlocutores que entram em cena para a construção de sua subjetividade, neste particular momento da saída do abrigo. As *zonas de sentido* localizadas foram:

- 1) Abrigo como forma de proteção e fonte de referência
- 2) Saída do abrigo como fonte de sofrimento
- 3) Vínculo com a família biológica
- 4) Perigos na aproximação dos irmãos
- 5) Adoção e implicações para a família biológica

Chegando ao abrigo aos sete anos, Carlos conta que sua infância foi muito difícil. Seus pais eram usuários e traficantes de droga, além disso eram muito pobres. Moravam em um *barraco* na mesma cidade do abrigo. Além dele, seus dois irmãos mais velhos (na época com nove e dez anos) foram abrigados através do Conselho Tutelar. Diante desta situação extremada e difícil, Carlos situa o *orfanato* (como ele se refere ao abrigo) como lugar de proteção. Segundo Carlos, se não fosse o *orfanato* em sua vida, ele teria morrido. Em sua primeira entrevista, quando relata sobre a vida difícil que tinha na casa dos pais, diz:

[E antes de você entrar no abrigo como que era?] *Ah, antes de eu entrar no abrigo eu... morava lá com o meu pai, ca minha mãe, ca minha vó, meus irmão. Vou falar a realidade, né. Era...era uma cama só. Aí a porta era encostada. Era um quartinho de nada, né. Tinha um fogão, uma geladeira, né...mais umas coisa lá. Aí quando nós ia dormir o meu tio chamado Ricardo, ele...num sei o que ele tinha na cabeça, né...acho que ele era louco né. Ele ia cum...Aí nós ia dormir, ele...ele empurrava a porta assim com tudo, chutava a porta. A porta um dia caiu em cima de mim. O Paulo foi lá, tirou a porta de cima de mim, eu era pequeno ainda. Aí o Joaquim tava lá fritano pão...o Ricardão foi lá pegou o pão do Joaquim, comeu, saiu pra rua. Aí nós tomava...nós tomava banho no tanque, né. Aí, chegou...ele (tio) tacava nós na parede. **Se num fosse pelo...se num aparecesse esse orfanato na minha frente eu...nós três teria morrido, né porque...se num fosse o orfanato eu num...eu num taria aqui hoje, né. Aí, tem vez que nós reclama, né: “Ah, tudo dia só dá a mesma coisa”, começa a xingar as funcionária, começa...é...bater boca com elas, mais...nós sabe que nós estamos errados, né, mas só que tem que...Depois nós acaba compreendendo. Aí depois que nós sai, vê que nós vai ter que se virar na vida, sente falta delas (silêncio).** (1ª entrevista, linhas 71 a 85)*

Diante desta vida difícil, repleta de violência e pobreza, o abrigo aparece como forma de *salvação*, tanto para ele como para os irmãos. Como os sentidos sempre são múltiplos e até mesmo contraditórios, Carlos também constrói um sentido sobre o abrigo que é o abrigo como alvo de críticas. Assim, ao final deste trecho fala das brigas com as funcionárias e das reclamações em relação ao abrigo embora logo em seguida fale do seu arrependimento por pensar assim, já que o abrigo, além de tê-lo protegido de sua vida, será perdido assim que completar a maioridade. Esta relação de ambivalência – abrigo como proteção / abrigo alvo de críticas configura um jogo de tensões que irá aparecer em todo o material de Carlos.

Este posicionamento diante do abrigo parece gerar um forte sentimento de gratidão por parte dele, além de delinear uma espécie de *dependência afetiva e social*, já que a palavra das pessoas do abrigo passa a ter um peso muito grande para ele. Neste sentido, em vários trechos de seu material Carlos agradece muito a ajuda do abrigo e tudo o que recebeu deles. Este posicionamento em relação ao abrigo aparece sempre após ele narrar o sofrimento de sua vida:

*Vou falar um pouco da minha história. É...coisas pessoais minhas, né, que...que por dentro dói muito, né. Então eu acho assim, oh: por onde tudo começou é quando...eu, Paulo e Joaquim morávamos na casa da nossa vó. Aí, mais pra frente nós...nós sofria muito, sofria bastante. Nós apanhava do nosso tio que chamava Ricardão, ele já foi preso, já foi solto. Enfrentava todo mundo, andava descalço. Aí...aí a nossa vida foi muito complicada. Nós apanhava bastante. Aí o nosso pai e a nossa mãe que dava carinho, que nunca bateu em nós. Eu acho assim...é quem...nós perdeu nosso pai e nossa mãe. Aí por causa de usuário de drogas. Então, é que (suspira fundo...silêncio)...é que eu acho assim...é nós (silêncio longo). **Então eu falou assim, aí eu saí de lá vim pro orfanato...aí eu vim com oito ano pra cá...é quando eu vim, né, eu era pequeno. Aí como os pessoais daqui me tratam bem...se eles não me tratassem eu num tava forte, homem, com dezessete anos aqui no orfanato, tranquilo...em paz também. E aí eu..., infelizmente eu estou saindo daqui, né. Daqui primeiro de janeiro, mais num é assim também, né: Ele faz dezessete anos, faz dezoito anos e sai. Espera mais um pouco. Aí eu queria agradecer...queria agradecer a tia Sonia, tia Teresa e tia Joana....e todos os pessoais daí, tia Sandra, tio João. Todos os pessoais que cuidaram de mim, que quando eu saí...que quando eu saí daqui eu vou voltar, visitar todo mundo...porque o que eles fizeram comigo foi como pai e mãe. Eu tenho certeza que pra mim eles são meu pai e minha mãe.** (fita autobiográfica)*

Esta gratidão pela proteção efetiva e concreta recebida do abrigo ecoa também no discurso de diretores da instituição. Situando os adolescentes que irão completar a maioridade como *exemplos* para a sociedade, colocam que estes tem uma *dívida* com o *orfanato* pelos *investimentos* que receberam tanto do abrigo como da sociedade, apontando para uma proteção que não é garantida pela lei (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990), mas sim um *favor* que precisa ser retribuído de alguma maneira pelos adolescentes. Em nota de campo registrada no dia 22/10/2004, observou-se a seguinte fala de um dos diretores da instituição (e padrinho de Carlos):

Vocês devem se comportar muito bem depois que saírem daqui porque tem uma dívida com o orfanato. Tem que dar bons exemplos lá fora e mostrar pra sociedade que ela não investiu aqui a toa. Caso contrário, quem vai pagar o preço são os pequenos que ficaram aqui. São estes que vão ficar sem as doações que a sociedade faz em prol do bem estar do orfanato. Por que, sabe (dirigindo-se à mim), a gente não teve uma experiência muito boa com a última leva que saiu daqui. Inclusive foram os dois irmãos do Carlos. Eles decepcionaram muito a gente. Tiveram uns incidentes aí com a polícia. E aí como é que fica a imagem da gente aqui do orfanato? (registrado em nota de campo em 22/10/2004).

Associado a este discurso que cobra boa conduta para conseguir investimento da sociedade, Carlos também negocia com eventos de sua história de vida concreta, marcada pela morte de seus pais pelo tráfico e o envolvimento de seus irmãos com o mundo das drogas, pela falta de preparo para sair do abrigo, pelo seu sentimento de inferioridade em relação aos outros adolescentes, etc. Todas estas vozes (abrigo, família, experiências duras do passado, falta de uma política específica que atenda à estes jovens) vão contribuindo para que ele se descreva como alguém que *tem muita insegurança* quando se pensa fora do abrigo – algo que certamente contribuiu para que ficasse um ano a mais do que o previsto.

Sendo a instituição para ele uma forte referência para sua si e para sua vida (aquela que serve como base para suas tomadas de decisões), o abrigo e seus protagonistas vão se constituindo como uma família que apoia, protege, aconselha e aceita e/ou interdita suas ações e vontades. Um exemplo disto pôde ser visto certa vez quando ele estava com muita vontade de comprar um aparelho de som com o dinheiro do seu trabalho e o diretor da casa não

permitiu, alegando que “*ele precisava aprender desde cedo a guardar seu dinheiro porque dali um tempo estaria sozinho no mundo*” (registrado em nota de campo em 19/09/2006). Apesar de Carlos trabalhar desde os dezesseis anos e ter uma conta-salário no banco, este foi um discurso presenciado inúmeras vezes em relação a ele (certa vez, queria comprar uma bicicleta e a resposta foi a mesma).

Um outro exemplo pode ser visto numa situação onde ele estava querendo comprar um celular e o mesmo diretor disse: “*O que as pessoas lá fora vão achar se virem vocês andando de celular por aí. Com certeza vão parar de ajudar a gente e vão falar que estamos nadando em dinheiro.*” (registrado em nota de campo em 13/11/2004).

Posicionando-se e sendo posicionado como alguém *imaturado e dependente* é interessante que para ele, então, ser responsável por si mesmo é algo muito negativo, até mesmo perigoso. Vendo os irmãos como “donos do próprio nariz” diz:

Porque eles foi assim, eles nunca queriam, eles nunca aceitou a ajuda de ninguém, foi teimoso, foi....sempre queria ser dono do próprio nariz, mas só que....Eu falo assim: é....é....eles queriam ser dono do próprio nariz mas só que num é desse jeito que eu esperava, né. Você vê eles hoje tá cheio de...Paulo tá cheio de tatuagem nas costas, tá com brinco, mexendo com droga, cabelo grande (silêncio). (1ª entrevista, linhas 96 a 100)

Ou seja, ser *dono do próprio nariz* muitas vezes significa enveredar pelo mundo das drogas e da bandidagem (brincos, tatuagens, cabelo grande). Entretanto, como na constituição subjetiva sempre ecoam vozes contraditórias, opostas bem como forças de resistência, Carlos, em inúmeros momentos se configura também como aquele que critica, questiona e enfrenta as funcionárias, apontando para uma forma de resistir à esta posição dependente e pacífica:

Aí, de vez em quando nós enfrenta funcionária, nós bate nos pequenos. Eu espero que eles num sigam esses caminhos, né. Alguns falam palavrão. Porque...quando, quando eles falam palavrão é...alguns pequenininho já tão repetindo já. (silêncio) Eu espero que eles se dão bem na vida, né! (sorri). (primeira entrevista, linhas 233 a 237)

É interessante perceber, neste trecho, como Carlos muda rapidamente do pronome nós para o pronome eles no que se refere à possibilidade de seguir *esses caminhos* (o mesmo dos

irmãos), apontando hora para um posicionamento ativo de sua resistência ora para uma assujeitamento de suas ações. Falando da confrontação entre funcionárias e os pequenos, parece associar esta postura de enfrentamento à vivência de possíveis *caminhos errados* – algo que ele tem muito medo que aconteça com ele. O abrigo e o discurso produzido por seus responsáveis são assim referências de ação não só para si, mas para todos os abrigados. Novamente apontando para um movimento tensional de passividade/enfrentamento ativo desta realidade vivida, como visto no trecho acima, Carlos diz que desejaria ficar no abrigo desde que fosse sem as muitas regras que ele não gosta:

[E: Depois que fizesse dezoito anos, você preferia sair ou ficar aqui dentro?] *Eu preferia ficar porque, assim é mais seguro pra mim, eu acho. Mais eu preferia ficar sem as regras pra mim, né. Porque tem muitas regras. Tem regras que nós num gosta. Tipo assim: É, num pode ir em boate, num pode ir ...no show do rodeio, num pode, num pode ir em (nome de casa noturna). Essas coisa aí, a maioria das coisa que nós gosta num podem ir né. Deixar nós sai sozinho, assim... (1ª entrevista, linhas 223 a 227).*

Em outro momento, demonstrando sua percepção aguçada sobre as diferenças na forma de tratamento destinadas a ele e aos outros meninos dentro do abrigo, ele diz:

[Você tem contato com a sua vó ainda hoje?] *Não. Só tem se eu pedir pra Sonia, né, deixar eu ir lá, né. Mais... qualquer menino que pede pra ir visita ela deixa. Aí quando eu vou pedir é aquele problema sério, né, que ela: “Ah, Carlos, num sei que tem, seus irmão.” Aí se eu pedir...aí ela pensa muito, depois ela responde. E responde o que? Ah, ela acaba deixando, né. (1ª entrevista, linhas 187 a 192)*

Apesar destes pontos de enfrentamento, Carlos é significado pelo abrigo como alguém muito dependente e incapaz. Logo no primeiro contato com a coordenadora do abrigo, ela diz sobre Carlos:

Carlos é um adolescente que me deixa muito preocupada. Ele não sabe fazer nada sozinho. Outro dia se perdeu no centro da cidade e a gente teve que ir buscar ele. Além disso ele é muito depressivo e queixoso. Se queixa tanto de tristeza que a gente nem dá mais bola pra ele. E ele vai fazer isso com você também, viu! Ele tem dificuldades cognitivas confirmadas por testes psicológicos feito pela psicóloga da instituição e exatamente por isso a gente fica muito preocupada com ele porque sabe que não vai dar conta de sair daqui e se cuidar sozinho. É muito diferente do Vitorio, por exemplo. (registrado em nota de campo em 13/09/2004).

Esse lugar marcado pela incapacidade e, conseqüentemente, pela necessidade de dependência em relação ao abrigo, parece ir delimitando a Carlos uma posição subjetiva bastante forte e marcante – o adolescente *deprimido, quieto e com muitas dificuldades*. A instituição, posicionando-se enquanto extremamente protetora, protege-o inclusive da possibilidade de crescimento pelas crises e dificuldades da vida. Carlos responde a este posicionamento ora assumindo o lugar/papel de extrema incapacidade, ora mantendo pontos de escape, rebelando-se e assumindo uma postura mais confiante em relação a sua própria vida.

Indo em busca destes pontos de escape de Carlos e, fazendo uma releitura atenta das músicas gravadas por ele (músicas de rock e rap) é interessante notar que em várias delas a temática central diz respeito à resistência, à luta contra a desigualdade social e a força do ser humano que o move para frente diante das dificuldades da vida. Em algumas outras (embora minoria) a temática central está ligada à questões de perda de alguém, sentimentos de tristeza e melancolia. Guiando-nos pelas escolhas das músicas que Carlos faz e com as quais se identifica para se subjetivar, destacamos que suas melodias, fortes pontos de resistência, aponta-nos para um Carlos forte, lutador, questionador e extremamente sensível aos seus contextos relacionais.

Além da bela música trazida acima (*O dia que não terminou*), na música *Qual é?* gravada por Marcelo D2, Carlos aponta para o lugar daquele que sabe o que é *ficar com o bagaço da laranja*:

*Quantas vezes já cheguei no fim da festa
Quantas vezes o bagaço da laranja é o que resta
Não me dou por vencido, vejo a luz no fim do túnel
A corrente tá cerrada, como meus punhos
Vai dizer que você é um perdedor?
Daqueles que quando sua família precisa cê dá no pé?
Vai dizer que você prefere o ódio ou amor?
Então me diz, neguinho...Qual é?*

Em outra gravação do grupo Muamba (*A casa vai cair*), apontado para um movimento de luta e resistência contra a *depressão* e a posição de submissão, a música gravada por Carlos diz:

Procure achar uma solução pra sair dessa depressão

E ver no que vai dar

Não me acomodo mais na situação

Quero coisa nobre e tô sabendo que vai rolar

Um som classe A que faz o chão balançar

Configurando-se como eixo aglutinador de sentidos em relação ao abrigo como proteção/referência pode-se dizer que pelo abrigo ser um contexto subjetivador de extrema relevância em sua vida as vozes do abrigo construídas por/sobre ele parecem ter um peso muito grande para a construção da sua subjetividade. Apesar disso, em vários momentos constrói pontos de resistência a esta fala aprisionante de si, apontando para um adolescente bastante crítico, seja em relação às regras do abrigo, seja em relação ao modo como é posicionado lá dentro. É interessante destacar que estes pontos de resistência, além de aparecerem em suas falas, aparecem principalmente através da identificação com as músicas de rock e rap escolhidas por ele.

Por ter o abrigo como uma forte referência para si, entendendo-se muitas vezes como incapaz de dar conta de se cuidar sozinho, uma zona de sentidos fortemente pregnante no material de Carlos é a saída do abrigo como fonte de sofrimento.

Posicionando-se em dois momentos distintos em relação à saída: 1) falando sobre a saída, mas ainda no abrigo e 2) imaginando-se viver a saída concretamente, Carlos se posiciona de diferentes maneiras nestes dois momentos. Fantasiando sobre a saída, ele é o adolescente que reclama das “tias” e da diretora, que xinga e bate boca; Imaginando-se concretamente fora do abrigo, ele passa a ser o adolescente que se arrepende de sua *rebelia* e

se questiona por tudo o que perdeu com a saída do abrigo. Estes dois movimentos dinâmicos ficam expressos no seguinte trecho:

[E como que é pensar em sair daqui do abrigo?] *Ah, pra quem já acostumou né, é muito triste. Que nem eu falei, né: às vezes nós reclama, começa a bater boca ca diretoria. Aí quando...aí quando chega a hora de sair você...você quase começa a chorar né, porque faz bastante anos que nós...que eu tô aqui. Aí você se arrepende do que fez, né, depois... A hora que você vê, né...não, porque você já ganhou tudo...aqui nós ganha tudo na mão, de mão beijada. Aí vai...aí quando a senhora vem pedir pra fazer alguma coisa aí nós reclama, né. Aí quando chega a hora de nós sair daqui nós fala: “Ah, é bom, quero ir embora mesmo.” Num sei que tem. Aí quando chega a hora de verdade, mesmo, você se arrepende, você acha que vai...você acha que vai se dar bem na vida, né. Pode até dar né, mais...vai ter um pouco de sofrimento também (silêncio). Ai quando você sai você fica pensando nos moleque, fica pensando nas tia. Isso é o que eu acho que vai acontecer comigo, né. Quando eu sair daqui eu vou sentir falta de todo mundo. (1ª entrevista, linhas 110 a 120).*

Continuando a entrevista, Carlos diz:

[Como que você imagina que vai ser lá fora pra você?] *Bom...bom eu espero que seja do jeito que está, né (silêncio). Porque chego lá fora vou tentar se virar, né. Que eu tô sozinho. Bom, eu num tô sozinho, eu tô...mesmo assim quando eu sair daqui eu vou estar em contato com o orfanato, porque eu vou estar precisando de muita ajuda. Porque num dá pra mim morar com os meus irmão com uma situação dessas. Todos os conselho que eles me dão eu recebo, eu não jogo fora. Aí quando eu...que eu vou tentar morar sozinho, né... aí se eu num conseguir, eu vou dar uma ligada aqui pra Sonia, eu vou falar que tá muito difícil, muito complicado, aí ela vai me dar uma mão (silêncio longo).(1ª entrevista, linhas 126 a 133).*

Desejando que não ocorra qualquer mudança após a saída do abrigo, oscila entre as posições estou sozinho/não estou sozinho, buscando ancorar-se na ajuda do abrigo para enfrentar este momento – “*vou tentar morar sozinho...aí se eu não conseguir, eu vou dar uma ligada aqui...*” . Vale destacar que a coordenação do abrigo parece se utilizar deste recurso para encorajá-lo a sair dizendo a ele que se algo ruim acontecer, *eles* estarão sempre dispostos a ajudá-lo.

Este trecho ilustra as idas e vindas no discurso de Carlos, os jogos de forças com as quais ele negocia no momento da saída. Primeiro, espera que fique do jeito que está (do jeito que está - no abrigo, ou seja, que a saída não aconteça). Em seguida, aponta para um movimento de resistência e luta, dizendo que vai tentar se virar porque está sozinho.

Retificando o estar sozinho, aponta que mesmo ao sair, vai estar em contato com o abrigo, contato este que não pode perder, *já que vai precisar de muita ajuda*. Sendo assim, parece que Carlos encontra enfrentamento para a saída ancorando-se na possibilidade de poder retornar ao abrigo e contar com a ajuda da coordenadora – apontando para um movimento de tentativa de vôo, afastamentos e aproximações deste abrigo/referência. Diante disso, a postura do abrigo de colocar-se disponível a ele diante das dificuldades da saída é uma postura bastante positiva e que o auxilia neste momento de intensa transição, sofrimento e insegurança.

Ainda em relação ao movimento que Carlos constrói em relação ao abrigo, é interessante ressaltar que, num trecho já citado acima (1ª entrevista, linhas 223 a 227), quando pergunto a ele se preferia ficar ou sair do abrigo ele diz que preferia ficar, desde que fosse sem as inúmeras regras que o abrigo tem, ou seja, gostaria de permanecer no abrigo, porém gozando de maior liberdade e independência. E aí entra a contradição vivenciada por ele: dentro do abrigo tem proteção, mas não tem liberdade. Fora, ganha a liberdade, mas perde a proteção.

Em nota de campo registrada em 22/10/2004, numa das inúmeras conversas ricas que tive com ele, fala sobre a vontade que tem de fazer dezoito anos e poder comprar o que quer, da impossibilidade de voltar para a casa da avó por causa dos traficantes e do medo que tem de sair do abrigo e sentir vontade de voltar pra lá novamente:

*A tia Sonia me deu duas opções quando eu sair daqui. Que pode me arrumar alguma coisa lá em Goiás, onde está toda minha família. Eu tenho vontade de sair. **Que nem, fazer dezoito anos até que é bom. Tudo o que você vai fazer precisa ter dezoito anos.** Outro dia eu fui nas Casas Bahia e queria tirar um som só que tinha que ter dezoito anos e aí não deu. **Só que eu num quero morar sozinho, não. Acho que é meio difícil. Tem que ter muita responsabilidade.** A tia Sonia vive falando pra gente aprender a cozinhar porque a gente vai precisa disso lá fora, mas ninguém dá muita bola, não. Sabe que eu não fico me lamentando pelo meu sofrimento na vida. Eu prefiro ter uma vida difícil do que ser alguém que tem tudo na mão e que não valoriza nada do que tem. Acho que não dá pra ficar planejando muito o futuro. Que nem, por exemplo eu vou ser dentista e aí depois eu mudo de idéia e quero ser outra coisa. Então, num dá. **Agora pra Goiás eu num quero ir não. Não quero ficar sozinho lá, num ter ninguém também.** (Pergunto se não daria pra ir morar com a sua vó.) **Até daria e eu até tenho vontade, mas tenho medo de ir morar naquele bairro, no (nome do bairro),***

porque tem muita gente perdida. E tenho medo do pessoal começar a mexer comigo e eu me influenciar pelas más companhias. (Conta que numa época o pessoal de uma favela começou a ligar no abrigo e falar que as meninas do bairro queriam transar com os meninos e que queriam levar droga pra eles.) Depois de um tempo isso parou. Graças a Deus. Então, se lá fosse um bairro melhor eu até ia. E também tem uma prima minha que morar com a minha vó que é viciada. Ela bate na minha vó e vive dando trabalho. Mas eu queria mesmo arrumar uma casa num bairro melhor pra eu morar. Mais é difícil, né. Eu tô meio com medo de sair daqui e depois ficar com vontade de voltar de novo. Porque a gente acaba acostumando. É muito tempo aqui dentro. Eu acho que eu vou sentir muita vontade de voltar pra cá de novo. Eu acho que isso vai acontecer, sim. Na verdade, mesmo eu num queria sair daqui, mas tem que sair fazer o quê? (nota de campo registrada em 22/10/2004)

Ao mesmo tempo que Carlos vê na maioria a possibilidade de maior autonomia (poder fazer crediários em seu nome ou sair sem precisar pedir permissão), fica assustado com as responsabilidades que terá que assumir morando sozinho, por exemplo. Um outro temor que Carlos traz é a questão do ficar sozinho, seja numa casa alugada para ele, seja em Goiás, já que nunca teve contato com sua família que mora lá. Além disso, aparece em sua fala o temor de ir morar na casa da avó e se deixar influenciar pelas más companhias do bairro, assim como ele acha que aconteceu com os irmãos.

Diante dos impasses de Carlos em relação à saída, bem como da *falta de opções* que a coordenação do abrigo aponta para a saída dele, Carlos fica no abrigo até os dezenove anos. Vale lembrar que o ECA prevê que a medida de proteção do abrigamento só é válida até os dezoito anos e que, após este período, o adolescente deve ser desabrigado. Sendo assim, a saída encontrada pelo abrigo, após um ano de *ilegalidade* no abrigo, foi enviá-lo a uma família da cidade. O homem, cabeleireiro dos meninos do abrigo, um dia estava cortando os cabelos de Carlos e falou da possibilidade de alugar o *quarto* anexo ao salão para ele. Além disso, Carlos teria comida, roupa lavada e passada (algo que sua esposa iria fazer). Em troca, ele pagaria uma quantia em dinheiro² para ele. Contando sobre estas negociações para sua saída, ele diz já na segunda entrevista (realizada cinco dias após sua saída):

² O valor a ser pago por Carlos é de R\$ 450,00. Sua renda no trabalho é de R\$ 600,00.

[E conta pra mim como que você conheceu o Maciel? Como que surgiu essa idéia de você vir pra cá...? *Ichê, eu num lembro. (diz baixinho) Ah, a idéia de eu vim pra cá é que...teve um dia que eu vim cortar o cabelo aí, ele perguntou, né, se eu já tinha lugar pra morar. Eu falei que a (nome da coordenadora) estava arrumando um lugar ainda. Aí ele se ofereceu, né, esse lugar. Aí eu falei pra Joana, assistente social lá do lar e ela começou a espalhar a notícia. Falou pra (nome da coordenadora), falou pra (nome da diretora). Aí elas...elas gostaram da idéia, veio visitar aqui, comunicaram o juiz também e...aí deu certo, né! Tem que ter um pouco de paciência também, né, porque...aí eles deixaram eu... [E: Como assim paciência? O que que você quer dizer com isso?] Paciência porque eu estava ansioso pra sair de lá e...e elas estavam falando que o juiz tem que liberar cinqüenta por cento do meu dinheiro. Aí eu estava ansioso pra sair e cada dia que eles...cada dia que demorava eu ficava mais ansioso. Aí...chegou a hora! Aí tinha chegado a hora de mim sair, eu peguei e fui. (2ª entrevista, linhas 19 a 32)*

É interessante destacar que no começo de sua fala, quando fala *elas gostaram da idéia* a primeira questão que vem à cabeça é: E ele, gostou da idéia? Ou seja, fica confuso para o leitor qual o grau de envolvimento e participação ativa que Carlos teve na escolha do local que iria morar a partir de então. Seguindo adiante, Carlos aponta sua *ansiedade* para sair do abrigo, dando-nos a impressão de uma mistura de desejo e medo pelo desconhecido. Vale destacar aqui que, em nota de campo registrada em 13/11/2004, a assistente social fala da sua preocupação com o fato de Carlos permanecer no abrigo além do tempo preconizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (dezoito anos). Ou seja, parecia haver uma certa *pressa* por parte deles para encontrar um lugar para ele. Nesta nota, ela diz:

Eu tenho medo que esse menino (Carlos) vá ficando aqui igual aconteceu com o Moisés (um menino cego que estava com vinte e cinco anos e ainda morava no abrigo por não ter para onde ir). Eles vão ficando com medo de sair e acomodados aqui dentro. E aí isso aqui vira uma casa quando não era pra ser assim. Mais aí a gente fica num impasse: que que a gente vai fazer com o Carlos? Botar ele na rua não dá. Mandar ele pra avó menos ainda. E ir lá pra Goiás ele disse que não vai de jeito nenhum. E aí ele vai ficando aqui. (nota de campo registrada em 13/11/2004).

Esta fala da assistente aponta para um problema sério enfrentado pela equipe do abrigo que, inúmeras vezes se depara com situações de extremo impasse e de difícil resolução. Aponta também para a consciência que ela tem de que o abrigo não deveria, pelo menos em

tese, transformar-se em uma casa, ou seja, um lugar onde as crianças permaneçam a longo prazo, sem previsão e perspectiva de saída.

No momento em que já estava residindo no *quarto* (anexo ao salão), ele relata que a saída foi muito difícil, uma vez que ficou muitos anos no abrigo:

[Então, Carlos, eu queria saber um pouquinho agora Carlos. Assim...que você contasse um pouco como que foi esse...esse processo de saída do abrigo. Como que você se sentiu...arrumando as suas coisas. Conta pra mim como é que foi.] *Ah, foi assim. É. No começo foi difícil porque eu morava no lar faz onze anos...e vários moleques que já passaram por lá e...e também é... Aí chegou...chegou a hora né de sair. Fiz dezenove anos aí eles já estavam procurando um lugar pra mim. Aí o...graças a Deus apareceu o Maciel né, que deu essa casa pra mim, né. Porque...Aí foi um pouco difícil largar os moleque lá. Porque já faz onze anos e...sente saudades né. Agora aqui não tem quase ninguém pra conversar, sabe. [E do que que você sente mais saudades? Do que que você tá sentindo mais falta do abrigo?] *Ah, vontade...vontade de conversar, né, com os moleque (silêncio) (2ª entrevista, linhas 7 a 18)**

Referindo-se à saída como um momento muito difícil, diz que está sentindo muita falta dos meninos pra conversar e que no abrigo já estava acostumado com sua vida. Novamente, é interessante ressaltar que ele traz que *já estavam* procurando um lugar pra ele, apontando para uma relação de assujeitamento nesta escolha. Em sua nova vida, apesar da família que o recebeu parecer (pelo menos nos momentos em que estive lá) bastante acolhedora e preocupada com ele, o momento de adaptação e estranhamento (de ambas as partes) estava apenas se iniciando no período em que fiz esta entrevista (fazia cinco dias que ele havia saído do abrigo). Carlos fazia as refeições na casa da família (que fica ao lado do salão) e ficava vendo TV na sala com o casal, que tem três filhos (um menino de cinco, um de vinte e uma menina de quinze anos). O contato de Carlos com esta *família* que não é a dele, intensifica suas lembranças familiares:

[E que que você tá achando de morar aqui? Como que você está se sentindo?] *Ah, eu tô...tô achando legal, né. Tô me sentindo feliz. Por um lado, né. Pelo outro não.* [Mas me explica como é que é: pelo lado que você tá feliz e pelo outro que não.] *Ah, pelo lado que eu tô feliz é que...é que eu posso ter mais um pouco de liberdade do que eu tinha lá no lar, né. E...tô feliz por mim tá...achei uma família aí que me acolheu. Por isso e...pelo outro lado, é que...que nem você falou. Eu sinto muita falta da minha família também. Aí eu fico nos canto, parado, pensando. Fico desligado.*

[Você pensa muito neles?] (faz que sim com a cabeça e fica em silêncio por um longo tempo) [E você acha que estar em contato com a família do Maciel te ajuda ou te deixa mais triste...de você ficar lembrando das coisas? Por que, por exemplo, você vê que ele tem uma família, né, a mulher, os três filhos...aí você almoça lá, janta lá...Como que você se sente?] *Os dois! É que eu sinto que eles estão me ajudando bastante e eu me sinto feliz. E pelo outro lado é que eu fico olhando eles, olhando na família deles, aí...Os dois lados (silêncio)* [Oh, Carlos, e você faz algum plano pro seu futuro? Ou você pensa em ficar aqui? Como que é?] *Ah, por enquanto eu num tenho plano não. Por enquanto eu prefiro ficar aqui né. Até...bastante tempo.* [Você se sente seguro aqui?] *É (silêncio)* [E você sente que você mudou depois que saiu de lá? Assim...você tá mais triste ou mais alegre. Você está falando mais ou menos. Você sente que você mudou em alguma coisa ou não?] *Ah, eu tô falando menos. É, nos lugares que eu vou aí. Mesmo assim na casa do Maciel eu...eu pareço...pareço um múmia. Só converso com ele e cá mulher dele. Por que ali...ali é assim: eu só falo se perguntar alguma coisa pra mim. Caso contrário, não.* [Tipo: hoje você foi almoça na casa da...mãe dela, né? E aí, como é que foi?] *Falei nada! Fiquei quieto. Num sei porque, num sai!* [E o pessoal tenta se aproximar de você, conversar? Ou não.] *Não. Todo mundo fica na...só a ...só a mulher do Maciel e o Maciel que fala comigo. Eu vou nos lugares assim, eles apresentam. Mais aí depois num fala nada.* [E você acha que é por timidez? Você fica muito nervoso? Que que você acha que pode ser?] *Ah, eu acho que é timidez, né. Num sei. Porque se ninguém falar comigo eu num falo.* (2ª entrevista, linhas 87 a 125).

Neste trecho Carlos aponta novamente para um movimento de ambivalência em relação à sua vida atual: ao mesmo tempo que se sente grato pelo *acolhimento* da família, este contato intensifica a falta e a ausência da sua (algo que é muito forte para ele). Sintetizando, então, a zona de sentidos saída do abrigo como fonte de sofrimento, Carlos aponta para um movimento que aglutina estes sentidos – ainda no abrigo, almeja a liberdade e a autonomia que terá quando sair, ao mesmo tempo que sente medo das inúmeras responsabilidades que irão surgir. Já fora do abrigo, *acolhido* por uma família, aponta para sentimentos bastante contraditórios – ora de proteção, ora de revolta, já que seu desejo era estar com *sua família biológica*.

Em relação ao vínculo com a família biológica, o material construído por Carlos aponta para uma vivência de muito sofrimento e violência na época em que morava com os pais, principalmente por causa de um tio que morava com eles e que batia em Carlos e nos irmãos. Narrando sobre o envolvimento que os pais tinham com o uso e tráfico de drogas,

Carlos conta que sua mãe morreu no hospital e seu pai, na prisão, num período que ele já estava abrigado:

[E quando seus pais morreram, Carlos, porque cês num ficaram com a sua avó?] *Ah, na época que o meu pai e que a minha mãe morreu, né, eu só fui visitar minha mãe, mais, num fiquei sabendo do meu pai. Aí eu saí da escola, fui lá visitar ela. Aí ela só tava doente, né. Tava na cama com o armário cheio de remédio, doente, deitada. Aí no dia seguinte ela falece. Aí depois foi o meu pai, né. Eu num sei porque eu num fiquei com a minha vó...porque eu era pequeno, né. Aí...o conselho tutelar...conselho tutelar que me trouxe (silêncio). Aí eu vim pra cá, né.* [Mais na época que seus pais morreram você morava com eles, você e os seus irmãos?] *Não. Nós morávamos aqui ainda. Nós ficou sabendo pela Marilda. Ela que sabe tudo da nossa família, né, detalhes por detalhes. Aí ela vai e contar pra nós o que aconteceu com a família da pessoa.* [Vocês já estavam aqui, então?] *Já.* [Então o conselho tirou vocês antes dos seus pais morrerem?] *Foi. Mais eu acho que nessa época aí meu pai tava preso ainda.* [Ele chegou a ser preso então?] *Foi preso, fazia barco de madeira lá dentro da prisão, fazia aquelas caneta de time. Aí ele...chegou...chegou numa época que nós foi lá visitar eles de pequeno, né. Aí ele foi transferido pra uma outra cadeia. Eu acho que foi nessa outra cadeia que ele faleceu. (silêncio)* (1ª entrevista, linhas 169 a 186).

Construindo uma narrativa carregada de sofrimento, revolta e dramaticidade, Carlos traz seu pai e sua mãe em sua fita autobiográfica e se dirige àqueles que tem pai e mãe dizendo:

Então, eu acho assim, que quando...eu dou uma dica...quem tem pai e mãe...eu nunca tive chance de chamar meu pai de pai e minha mãe de mãe...minha. Então, eu acho assim pra quem tem mãe e pai, não desperdiça não, fio, porque senão...quando...tudo o que se tem pra falar pro seu pai e pra sua mãe fale agora, porque senão depois vai ser tarde demais. Eu nunca tive a chance de chamar...que nem eu falei, né...eu nunca tive a chance de chamar meu pai e minha mãe de mãe e pai porque eu num sei o que aconteceu comigo. Aí quando eu queria chamar, foi tarde demais porque eu perdi meu pai e minha mãe. Eu estou com uma dor aqui dentro, que eu vejo todo mundo falando: “ô, pai, mãe me dá dinheiro, me leva pra passear.” Aí eu começo a lembrar do meu pai e da minha mãe. Terrível. Então, eu acho assim, quem tem pai e mãe, fale tudo que tem pra falar agora, porque senão vai ser tarde demais. Aí quando você for querer falar, eles já tão mortos.” (fita autobiográfica, linhas 16 a 26)

Tendo sido abrigado junto dos seus dois irmãos mais velhos pelo Conselho Tutelar (na época, com nove e dez anos) os três irmãos permaneceram juntos no abrigo, até os dois mais velhos completarem a maioria. Tendo este vínculo com os irmãos como uma importante referência familiar dentro do abrigo, já que os pais haviam falecido e sua avó não tinha

condições financeiras de ficar com eles, Carlos conta que os três eram muito unidos e que ele se sentia muito *protegido* pelo irmão mais velho:

[Carlos, e os seus irmãos, como que eles eram? Me conta um pouco deles.] *Ah, meus irmão eram...quando estavam aqui dentro eles...um me batia o outro me defendia. Aí no final da contas os dois começavam brigar. Porque cada um tinha uma parte lá na (inaudível) de fora...pra varre, num varria, aí o outro ficava nervoso, começava a brigar comigo. Mais o Paulo assim nunca me bateu.* [Paulo é o mais velho?] *É. (silêncio longo)* [Como que era essa história...um te batia o outro te protegia?] *Ah porque é...eu acho que os dois gostam de mim, né. Mais só que...pelo que dá pra ver...tem um que gosta mais de mim do que o outro né. Porque eu assim, eu gosto mais do Paulo do que do Joaquim porque qualquer coisinha que falavam do Paulo, assim é...outro dia, numa época aí nós estava brincando, aí uns moleque falou: “Ah, o Paulo levou tiro na perna, né. Aí ele apareceu com um pano no...cá brincadeira besta dele, ele apareceu com...ca mão na perna, falou que levou um tiro. Aí eu comecei chorar, né. Aí depois ele...eu vi que era mentira, aí eu...Agora qualquer coisinha assim que fala do Joaquim, num sei, eu posso até fica triste mais é difícil eu chorar né (silêncio) Que nem, o meu pai e a minha mãe. Eu fiquei na frente deles lá, eles falecidos. Eu num consegui chorar, pra mim chorar eu precisei de fazer força, mais só que mesmo assim, num consegui. Sou muito difícil de chorar também.* [E porque que você acha essa preferência pelo Paulo e não pelo Joaquim? *Ah, eu gosto dos dois, né. Mais...eu acho que é porque o Paulo nunca me bateu, sempre me defendia (silêncio).* (1ª entrevista, linhas 239 a 259).

É interessante destacar que esta intensa relação afetiva com o irmão mais velho foi construída principalmente porque Carlos se sentia protegido por ele dentro do abrigo. Destacando esta forte relação com Paulo, Carlos diz que chorou quando pensou que o irmão tinha levado um tiro na perna; algo que não aconteceu nem quando seus pais morreram. Quando completam a maioridade, ambos saem do abrigo e passam a se envolver com o uso e tráfico de drogas, assim como os pais. Um deles vai morar com a avó num bairro periférico da cidade enquanto o outro consegue um emprego, mas não o mantém por muito tempo. Após um tempo, Carlos fica sabendo que ambos foram presos por porte de armas e drogas. Carlos não os reencontrou desde que saíram do abrigo já que a coordenação entendia que este contato entre ele e os irmãos deveria ser evitado, uma vez que os dois estavam envolvidos com drogas e poderiam ser más influências para Carlos. Em nota de campo registrada em 10/12/2004 ele me conta sobre a falta que sente dos irmãos e o medo que tem de a qualquer momento receber a notícia de que um deles foi morto:

(Sentamos e ele me diz que a depressão pegou ele de novo. Eu pergunto como assim...e ele me explica que de vez em quando ele fica com depressão, fica sem vontade de falar com ninguém e não quer sair pra lugar nenhum.) *“Até faltei dois dias na escola hoje e lá no trabalho fico levando fumo do meu chefe, mas ele não entende o que está acontecendo. Quando eu fico triste fico desanimado e num dá vontade de trabalha, de fazer nada. Aí ele fica me dando bronca. Eu nem ligo mais. [E porque acha que é depressão?] Ah, a tia Sonia falou pra mim que essa tristeza chama depressão e a tia (psicóloga) também. Eu acho que é mesmo, porque de vez em quando eu tô bem, mas de vez em quando ela vem de vez e aí eu fico assim.”* (Fica em silêncio olhando pra baixo.) *“Também, né, é difícil. Meus irmão na cadeia e eu sem notícia deles. Qualquer dia chega alguém aqui falando que ele tão morto...e aí eu vou ser mais sozinho ainda. É difícil, né.”* [E você tem vontade de encontrar eles de novo?] *“Ah, eu até tenho, né. Mais acho que num vai me fazer bem ir lá na cadeia, porque eu vô vê eles daquele jeito e num vou poder fazer nada pra ajudar. Num adianta, né. Eu fico pensando muito neles, mas numa adianta nada, num posso fazer nada...”* (fica um bom tempo em silêncio...e eu fico meio sem saber o que falar pra ele.) (nota de campo registrada em 10/12/2004)

Por *ironia do destino*, na última visita que realizei ao abrigo para me despedir dos adolescentes, em 20/12/2004, faltando poucos dias para o Natal, chego na casa e noto que o clima estava muito tenso. Assim que entro, uma das educadoras me pergunta se eu já sei o que aconteceu, com um olhar de pesar e sofrimento. Respondo que não e ela diz, então, para eu ir conversar com Carlos que estava sentando vendo TV. Neste momento sinto-me paralisada e emocionada ao mesmo tempo. Carlos me conta que seu irmão mais velho (Paulo) foi baleado em uma festa na cidade e faleceu. Sem me contar muitos detalhes do ocorrido e eu, sem conseguir prestar atenção mais em nada, sinto um aperto na garganta e uma profunda vontade de chorar. Neste dia não consegui ficar muito tempo no abrigo e volto para casa com uma enorme tristeza e sensação de mal estar. Diante da imprevisibilidade que rege nossas vidas humanas só consegui retomar minha pesquisa dois meses após este acontecimento e, ainda assim, com bastante dificuldade. E quando faltam as palavras para expressar nossos sentimentos, recorramos aos poetas:

*Por que este nome, ao sol? Tudo escurece
de súbito na casa. Estou sem olhos.
Aqui decerto guardam-se guardados
sem forma, sem sentido. É quarto feito
pesadamente para me intrigar.
O que nele se põe assume outra matéria*

*e nunca mais regressa ao que era antes.
 Eu mesmo, se transponho
 o umbral enigmático,
 fico outro ser, de mim desconhecido.
 Sou coisa inanimada, bicho preso
 em jaula de esquecer, que se afastou
 de movimento e fome. Esta pesada
 cobertura de sombra nega o tato,
 o olfato, o ouvido. Exalo-me. Enoiteço.
 O quarto escuro em mim habita. Sou
 o quarto escuro. Sem lucarna.
 Sem óculos. Os antigos
 Condenam-me a esta forma de castigo.
Carlos Drummond de Andrade*

Como Carlos sai do abrigo somente após um ano após completar a maioridade, fico um bom tempo sem entrar em contato com o abrigo e só retomo o contato assim que fico sabendo que Carlos iria sair do abrigo – um ano após nossa primeira entrevista. Após sua saída vou até a casa do cabeleireiro da cidade onde Carlos estava morando, onde realizamos a segunda entrevista, cinco dias após ter saído do abrigo. Nesta entrevista, ele retoma a questão do desejo de reencontrar o irmão que foi para o Goiás, jurado de morte por causa do envolvimento com drogas:

[E você falava pra mim que você tinha uma relação muito forte com os seus irmãos. Como que é pra você agora, assim...num ter mais eles...um faleceu, o outro foi pro Goiás. Você sente muita saudades...?] **Então, eu sinto muita falta, né, porque eu vejo tudo...tudo mundo com família aí. E eu fico pensando na minha. Aí eu fico pensando no meu irmão que tá lá no Goiás. Agora num sei. Fico pensando se eu vou ver o meu irmão de novo ou não. Porque eu num quero voltar pro meu irmão quando eu já tiver uns trinta e poucos anos. Eu quero...quero ver ele...se tiver jeito né. Porque agora vai ser complicado.** [E você sabe onde que ele mora lá...você tem o endereço, alguma coisa ou você num sabe nada?] **Então...é teve umas carta aí que a Sonia mandou...que a primeira carta deu certo. Aí...aí quando foi mandar a segunda carta, a carta...a Sonia colocou no correio aí elas foram e voltaram. Aí colocou o endereço certo. Aí eu num sei de nada.** [Talvez ele tenha mudado de lá então?] **É.** [Mais ele foi pra lá morando com quem, Carlos? Com algum familiar seu ou sozinho?] **Com meus parente. Minha vó mandou ele pra lá. Minha vó queria mandar eu pra lá também mas só que...Ela falou que quando eu saísse do orfanato era pra mim ir pra lá. Mas só que a Sonia num ia deixar não.** [E esses parentes seus do Goiás, quem que são, Carlos? Tio...o que que é?] **É. É tia, tio.** [Irmão do seu pai ou da sua mãe.] **Do meu pai!** [Do seu pai (silêncio) E a família da sua mãe, você conhece?] **Não (silêncio)** (2ª entrevista, linhas 60 a 84).

Apesar desta forte ligação afetiva com os irmãos e da busca constante por uma referência familiar, Carlos ressalta que, ao mesmo tempo que gostaria de se aproximar do irmão não gostaria de morar com ele por causa do seu envolvimento com as drogas:

[Se você encontrasse seu irmão hoje que que você acha que ia mudar na sua vida? Você acha que ia mudar alguma coisa ou não?] *Ah, se ele pudesse morar aqui, né, aí nós ia sair junto. Mais...primeiro ia ter que ver as coisa que aconteceu com ele. Se ele parou mesmo de usar drogas. Essas coisas aí (silêncio)* [Mas e se por exemplo ele tivesse usando droga ainda você ia querer morar com ele ou não?] *Morar não!* (2ª entrevista, linhas 383 a 390)

Buscando uma síntese para as zonas de sentidos em relação ao vínculo com a família biológica podemos dizer que um eixo aglutinador de sentidos diz respeito à forte relação afetiva que Carlos tinha com os irmãos, principalmente, o mais velho, pela proteção que este representava a ele dentro do abrigo. Em relação aos pais, Carlos aponta para o fato de que os pais nunca bateram neles, mas que tinham sérios envolvimento com drogas (causa da morte dos dois). Situando a perda dos pais como algo extremamente doloroso, chama a atenção daqueles que tem pai e mãe e que podem contar com a ajuda deles. Ressente-se do seu passado sofrido e parece buscar neste contato com o irmão que restou a única possibilidade de reviver *sua família* – voz esta extremamente forte na negociação de sentidos sobre si mesmo.

Em relação a zona de sentidos perigos na aproximação dos irmãos, Carlos traz o perigo concreto do mundo das drogas significado através das experiências vividas pelos pais e irmãos. Sendo assim, a aproximação de qualquer referência familiar representa, concreta e simbolicamente, tanto para Carlos como para o abrigo, a possibilidade de perigo – seja pelo seu próprio envolvimento com este *mundo mortal*, seja pelo fato dele ser muito parecido com seus irmãos ou simplesmente pertencer à esta família *marcada*. O perigo, assim, era de que fosse confundido com um dos irmãos e recebesse uma bala dos traficantes ou que, por uma questão de vingança, estes fizessem algo a Carlos. Em nota de campo registrada em 22/10/2004, Carlos diz sobre a conduta da coordenadora em relação a sua aproximação dos irmãos:

Os meus dois irmãos também moraram no abrigo comigo até ficaram de maior. Eu gostava quando eles estavam aqui porque os dois me protegiam. Só que eles não souberam aproveitar as chances e ajuda que tiveram. Que nem, os dois saíram daqui empregados e a tia Sonia arrumou casa e tudo, só que não sei o que eles fizeram, acho que brigaram no emprego e logo já estavam presos. Agora os dois tão preso. Não souberam aproveitar a ajuda que tiveram. E o problema é que não é a primeira vez que passam pela polícia. Agora eu acho que vai ser muito difícil eles saírem de lá. A tia Sonia não quer que eu tenha contato com eles porque ela tem medo que eu me misture e que eu me influencie pela má companhia deles, só que é meio difícil porque eles são meus irmãos, né. (Pergunto a ele porque ele acha que consegue pensar tão diferente dos irmãos). Ah, eu acho que é porque eu sei aproveitar a ajuda que me dão e em segundo lugar porque eu tenho a cabeça mais no lugar. Eles sempre foram muito revoltados, muito nervosos. Eu também sou meio nervoso, mas não tanto como eles, né. Eles são muito. E aí tão desse jeito agora. (nota de campo registrada em 10/12/2004)

Buscando afastá-lo concretamente de qualquer contato com a família, pude presenciar várias condutas da direção que apontavam para este distanciamento entre ele e os irmãos. Assim, por exemplo, Carlos não podia visitar os irmãos na prisão, não pôde ir ao enterro do irmão quando este foi baleado e morto em dezembro de 2004 e tampouco ao enterro dos pais. O medo de que Carlos *se misture* aos irmãos, deixando-se influenciar pelas *más companhias* deles é uma voz não somente do abrigo, mas do próprio Carlos. Assim, esta conduta, de certa forma embasada no perigo real e concreto que Carlos corria, também aparece em suas falas, onde traz os perigos na aproximação com os irmãos, vistos por ele como *más influências*:

Aí os meus irmãos entraram na droga. Antigamente, é...quando eu desconfiava do Paulo...apesar, nunca acreditei no Paulo, né...e nem a tia Sonia nunca acreditou nele. Que eu acho que nós já sabia que não devia acreditar nele. Nem ele acreditava em nós, né. Num sei. Mais eu nunca acreditei nele, também, pelo lado ao contrário. Ele queria ser dono do nariz, mas, no final eles acabaram se dando mal. Tá preso, foi desonesto... roubou... maltratou minha vó, maltratou minha família, doeu no meu coração também, então. Eu falo isso: "Vocês são muitos legais comigo, do orfanato. E pode confiar em mim." Que nem eu falei pra tia Sonia: "Eu num vô entrar nessa, num vô cáí nessa. Eu num sei se...é...eu tenho certeza que tudo mundo confia em mim aqui dentro e se eu...tudo o que eu falo eu cumpro. Eu vou falar então: "Eu não vô cair nas drogas, não vô!" Mas pelo menos eu vô sair daqui, eu vô tentar ajudar meus irmãos...meus irmãos. Mas aí, eu acho assim...eu vô...se eles num quiserem me ouvir, eu vô fazer que nem a tia Sonia fez: deixar eles de lado e seguir minha vida. Aí quando eles ver que eu tiver...quando eles ver que eu tô casado, com a minha mulher, com meus filhos...Que nem o Joaquim. O Joaquim tem filho, mas que que adianta? Tá preso. Ninguém gosta de ter um pai preso, bandido. Eu num tô fa...num tô falando que meus irmão são bandido, mais...mais é o que parece porque...quem tá preso é porque é bandido.

Num é...Então eu vou fazer de tudo pra que eles não me convencam para...me colocar na drogas porque eu tenho certeza que quando tudo lá fora eles vão tentar (fita autobiográfica)

Este trecho, bastante interessante e forte, aponta tanto para a intensidade da relação que Carlos mantém com os irmãos, assim como o perigo que estes e, conseqüentemente, as drogas representam em sua vida. Repete inúmeras vezes, tanto para si mesmo, como para as vozes do abrigo que ele não vai *cair no mundo das drogas* e tem certeza que, quando sair, os irmãos vão fazer de tudo para convencê-lo a *entrar*. Este certamente é um dos medos com os quais Carlos negociou no momento da saída e que o fez não querer morar com sua avó materna (que também representa o perigo das drogas e da marginalidade). Além disso, aponta para seu desejo de ajudar os irmãos a saírem das drogas. Diz que vai tentar fazer de tudo para ajudá-los mas, se eles não o escutarem, vai seguir o conselho da *tia* e seguir sua vida. Projetando-se para o futuro, imagina-se com sua família e filhos, enquanto os irmãos ainda estariam envolvidos nas drogas. É interessante notar que no final deste trecho Carlos oscila em relação ao reconhecimento acerca da *bandidagem* dos irmãos: “*Eu num tô fa...num tô falando que meus irmão são bandido, mais...mais é o que parece porque...quem tá preso é porque é bandido.*”

Buscando sintetizar a zona de sentidos perigos na aproximação com os irmãos, Carlos aponta para a forte referência que os irmãos representam em sua vida (e isto vai ficando claro em todas as suas falas), seja para tentar se diferenciar da trajetória deles (de drogas, prisões e roubos), seja para dizer o quanto suas figuras eram/são importantes como uma referência familiar, de cuidado e afeto. Assim, ele vai oscilar entre estes dois movimentos (de diferenciação e de aproximação aos irmãos). Buscando se diferenciar dos irmãos, principalmente no envolvimento com drogas e com o jeito de ser *dono do próprio nariz*, parece associar intimamente o uso de drogas com a real possibilidade de se dar mal, assim como ocorreu com seus pais e irmãos (ser preso, virar bandido, perder a confiança do pessoal

do abrigo). Em outros momentos, buscando aproximar-se dos irmãos numa posição de superioridade, principalmente como *aquele que vai ajudá-los* a sair deste mundo, Carlos posiciona-se como mais responsável e maduro que os irmãos, mesmo sendo o mais novo deles.

Finalmente, seus significados sobre a adoção como destruidora da família estão intimamente associados ao sofrimento da separação que viveu no abrigo quando tinha treze ou quatorze anos. Utiliza a metáfora de um *castelo destruído* para dizer do quanto sentiu raiva, tanto da família que adotou um de seus irmãos (na época com quinze ou dezesseis), como do abrigo que permitiu esta difícil separação:

*Nós três era...assim, né, nós nunca se separamos. Na onde um ia os dois ia atrás, né. Nós num desgrudava. Aí...nós três é...aí chegou uma época que...que a Sonia, né, que veio visitar ele, nós...veio visitar as criança, gostou dele. Aí nessa época tava jogando bola ainda com os moleque, aí eu cheguei...aí eu vi a Sonia conversando com o (irmão mais novo), né. O (irmão mais novo) tava também jogando bola com nós, aí o (irmão mais novo) parou. Aí a (coordenadora do abrigo) chegou, começou a conversar com ele. Aí eu fiquei preocupado, né, porque...aí quando eu fiquei sabendo que ele ia ser adotado...(silêncio)...aí eu tive que aceitar né...porque bastante...bastante anos juntos. Aí vai...de repente assim vai separar. Agora, a (coordenadora do abrigo) tirou ele num sei pra que, tirou a toa porque? Porque agora ele...eles estão no mundo das drogas, né. Se a (coordenadora do abrigo) num tivesse tirado eles, a (coordenadora do abrigo) tinha...o (irmão mais novo) taria...tava saindo daqui hoje, esse ano. Mais, ela estragou tudo, né. O Paulo tudo bem, fez dezoito anos. [Então, o Paulo não foi adotado. Quem foi adotado foi o outro?] É, o Joaquim foi adotado. [E qual a diferença de idade entre os dois, Carlos?] Ah, o Joaquim tem dezenove e o Paulo tem vinte. (silêncio longo). (Uma voz lá fora diz: O que foi, Mateus?) [É, porque que você diz que essa pessoa que adotou acabou estragando tudo? Você acha que se ele tivesse ficado aqui no abrigo até os dezoito isso num teria acontecido?] Ah, pode até ter acontecido, né, mas eu garanto que num teria não. Porque eu acho que...eu acho que num ia acontecer isso não! (alguém bate na porta e interrompe sua fala, mas vai embora) [E aí depois que seu irmão foi adotado, você tava com quantos anos?] Ah, eu tava com uns...quatorze, treze anos, por aí. **Depois que meus irmãos foi...é tipo um castelo: quando você constrói um castelo vai uma pessoa lá e destrói. Aí...que foi o que aconteceu, né. Nós três bastante anos junto, ela vai lá e tirou um irmão da família, separou. Que jeito que o irmão vai ficar? Vai ficar...que nem um irmão gosta de ser separado, né, mais tive que aceitar, né** (silêncio). Agora o Joaquim me faz um filho com dezenove anos. Tá lá cuidando do moleque. Pelo menos uma coisa boa, né. **Porque...assim eles largam da...para de pensar um pouco nas drogas.** (1ª entrevista, linhas 29 a 55).*

Apontando novamente para a forte relação que mantinha com os irmãos no abrigo, Carlos narra o momento em que o irmão foi adotado por um casal com a permissão da coordenação do abrigo. Vivenciando a dor pela separação do irmão (figura de referência para ele), diz que *teve que aceitar* a adoção, embora seu sentimento fosse de impotência diante da situação vivida. Vale ressaltar que o irmão adotado permaneceu menos de um ano na família adotiva e foi *devolvido* ao abrigo perto de completar dezesseis anos. Segundo a coordenação, o principal motivo da devolução foi o *mal comportamento* e a *não adaptação* dele dentro da *nova família*. Este irmão *devolvido* sai do abrigo logo após o episódio da adoção, indo morar com a avó. E é neste momento que se inicia o seu envolvimento com as drogas. Por isso Carlos diz que, se a adoção não tivesse ocorrido, o irmão estaria saindo do abrigo *hoje* e talvez não tivesse se envolvido com drogas. O outro irmão (mais velho) permanece na instituição até os dezoito anos, tendo que sair após a maioridade. Nesta época a coordenadora conta que ele tinha trabalho e casa para morar e que ela insistiu muito para que ele não voltasse a morar com a avó e não se envolver com as pessoas do bairro. Pouco tempo depois de sair do abrigo, a coordenadora fica sabendo que ele havia sido demitido do emprego e estava envolvido com roubo e drogas. Conforme Carlos conta neste trecho, seu irmão, que havia sido adotado, engravidou uma menina aos dezenove anos. É interessante destacar que ele associa todos estes acontecimentos negativos ao afastamento dele e dos irmãos e pela adoção mal sucedida.

Fica claro neste trecho como a presença dos irmãos mais velhos no abrigo era algo importante para Carlos, dando-lhe segurança e sentimento de proteção. Muitas questões parecem permear o sofrimento vivido em relação à adoção do seu irmão – a separação de um dos irmãos (*castelo destruído*), a raiva da coordenadora por ter permitido esta separação e, posteriormente, a culpabilização do abrigo pelo envolvimento do irmão com as drogas. Assim, dois significados parecem sintetizar para Carlos a zona de sentidos

adoção como destruidora da família – a *adoção mal sucedida* que trouxe a separação dos irmãos e o rompimento dos laços, levando seus dois irmãos mais velhos ao envolvimento com as drogas e a *responsabilidade que o abrigo teve nesta destruição* já que permitiu que a adoção ocorresse. É interessante destacar aqui que em nenhum momento das nossas conversas Carlos traz o desejo de ter sido adotado quando pequeno, talvez porque tenha vivenciado a adoção do irmão como algo extremamente doloroso e negativo. Buscando referências familiares concretamente *perdidas* ao longo de sua trajetória de vida, termina a segunda entrevista (último contato que tive com ele) perguntando-me se podia perguntar uma coisa:

*Ah, quero te perguntar uma coisa. [Ah] **Você acha que eu vou ver meu irmão?** [Seu irmão lá de Goiás?] **É.** [Ué, num sei. Depende de você. Depende dele. Depende de uma série de coisas, né. Por exemplo, a primeira coisa que você tinha que tentar fazer era ver o endereço dele. Talvez algum telefone que você tenha de lá. Ligar, perguntar por pessoal...] **Ah, num tenho telefone de ninguém de lá.** [Mais a Sonia não tem um telefone que ela ligava?] *Num sei. A Sonia tem o telefone da vizinha da casa da minha vó. [Daqui de (nome da cidade)?] **É. Lá do (nome do bairro)** (fim do primeiro lado da fita)... **Ah, eu acho que ele tá bem, né (referindo-se ao irmão)** [Que que você acha que ele tá fazendo lá?] **Ah, não sei né...** [Trabalhando, estudando ou não...?] *Sei lá.* [Ele tá com quantos anos agora Carlos?] **Ele é três anos mais velho que eu...** [Vinte e dois...é isso? Você tem dezenove.] **É. Vinte e dois. Daqui a pouco tá com uns quarenta aí e eu tô aqui oh!** [Ele com quarenta ou você?] **Ah....ele!** (silêncio) [Mas você acha que ele não vai te procurar, Carlos?] **Eu acho que não! Falaram que ele não pode voltar pra cá!** [Ele tá jurado de morte?] *Num sei... Num sei não...(silêncio)* **Se tivesse como eu ir pra lá mas eu....** [Você num pode ir pra lá assim, sem saber nada né? Sem saber onde que ele está morando, sem conversar com ele primeiro ou com alguém da sua família...Mas você tem vontade de ir morar lá ou não? Só visitar...?] **Não! Só visitar!** (silêncio) (2ª entrevista, linhas 336 a 369)**

E assim foram os últimos momentos do nosso último contato – uma mistura de impotência, pedido de ajuda e sensação de vazio – sentimentos estes francamente expostos na pesquisadora/participante naquela tarde de Sábado, mobilizados por este contato tão rico e ao mesmo tempo tão angustiante. E para não terminar no vazio, recorramos novamente às palavras escolhidas pelo próprio Carlos:

*Me sinto tão estranho aqui
Que não posso me mexer, irmão
No meio dessa confusão
Não consigo encontrar ninguém*
(“Dia que não terminou”, Tico Santa Cruz)

2. O adolescente Vitório

O contato com o adolescente Vitório, desde o nosso primeiro encontro, foi marcado por muita descontração. De sorriso e contato fácil, nossas conversas de sábado ao pôr do sol foram sempre muito ricas e produtivas. Muito curioso sobre minha vida na universidade, tanto em relação aos estudos quanto às “baladas”, fazia muitas perguntas do tipo: Foi difícil entrar lá? E como é morar numa república? Você gosta? Lembro-me de uma vez em que comentou que morar sozinho, ter que pagar as próprias contas e cuidar da casa devia ser muito difícil. Entendendo estas conversas como espaços de negociações e construção de si, prospectando-se para um futuro próximo que o aguardava, já que sairia do abrigo nos próximos meses, estava ensaiando seu vôo rumo à liberdade e aos desafios da vida *lá fora*.

Buscando uma sistematização da riqueza destas “conversas de quintal” bem como das duas entrevistas realizadas com ele antes e após a saída do abrigo foi possível se delinear algumas *zonas de sentidos interligadas* que impregnam seu discurso, constituindo-o neste momento da saída do abrigo:

- 1) Relação entre adoção e poder aquisitivo
- 2) Abrigo como referência
- 3) Vínculo com a família biológica
- 4) Saída do abrigo e aquisição de autonomia
- 5) Colegas de república, trabalho, escola e liberdade

Na primeira entrevista realizada com Vitório (17/12/2006), inicio nossa conversa pedindo a ele para me contar a história da sua vida. Neste momento, começa a se esboçar uma

primeira zona de sentidos construída por ele – relação entre adoção e poder aquisitivo. Esta relação adoção/dinheiro é destacada por ele em vários momentos das nossas conversas quando narra sobre o seu passado, a história de sua família e de como chegou ao abrigo, aos sete anos de idade. Esta construção pode ser visualizada no seguinte trecho:

[Bom, Vitório, tendo explicado pra você aí é... a respeito da minha pesquisa, eu queria que você contasse um pouco da sua vida pra mim. Pode começar da onde você quiser...pode ficar bem a vontade...] *Vou começar... Ah, eu era pequeno, né. Eu morava com os meu pai e minha mãe. Aí sei lá o que houve com os dois, me levaram eu...me levaram pra casa da minha tia. Aí a minha tia ia me adotar, né. Ela ia...Considera como um filho, ia me adotar . Aí ela num conseguiu...é...ter verba assim pra me sustentar junto com ela...Aí ela resolveu me trazer lá na casa....era lá na cidade....cheguei em noventa e três lá. Sete ano eu tinha! Aí eu fiquei...sete ano, pá. [E: E essa sua tia, Vitório, é aquela...é tia de sangue, é tia de conhecida...?] Não. Ela fala que é de sangue, né. Eu num sei muito bem porque meus pais deixou....É isso aí. [E: Sei! E você chegou a morar com ela quanto tempo?] Máximo, o quê?... Um ano só. Dos seis aos sete. [E: Dos seis aos sete anos e aí depois você veio pro abrigo?] Isso. Aí eles me deixou aqui porque eles num tinha verba pra me sustentar junto com eles. [E: Ela tinha filhos, essa tia? Tem?] Não, não, não. Ela não teve...ela foi ter quando eu tinha o quê? Uns dez anos. (1ª entrevista, linhas 5 a 21)*

Apontando para uma adoção que não aconteceu por causa da situação financeira da “tia” e não por falta de vínculo afetivo (“Ela...considera como um filho, ia me adotar...”), Vitório vai construindo um sentido de adoção ligado tanto à necessidade de um sentimento de filiação como de poder aquisitivo. Ou seja, para haver adoção é necessário que se tenha um vínculo que imite o da família biológica e dinheiro para cuidar da criança.

Ainda referente à esta zona de sentidos, é interessante situar que o sentido que sua “tia” dá para a não adoção é bastante diferente do construído por Vitório. Em 19/09/2004, indo ao abrigo para fazer o primeiro contato com os adolescentes e me apresentar, encontrei a “tia” de Vitório, sua filha e seu marido. Após ter conversado com os adolescentes, tivemos uma conversa onde ela se apresenta como “tia” de Vitório e me diz que ele é *seu filho de coração* e que não ficou com ele na época porque era um menino muito *difícil de lidar*. Conta-me que não conheceu os pais biológicos dele e não sabe porque eles não quiseram ficar

com os filhos (*acho que era problema de maus tratos*) e que quem trouxe Vitório para sua casa foi sua sogra, a única que conhecia a família dele. Ela diz:

Eu falo pra ele que minha casa não é a casa dele pra ele não ficar com vontade de ficar comigo, mas no fundo eu sei que ele morre de vontade de morar comigo. Acho que seria importante ele aqui ter uma casa, igual é das meninas, pra preparar eles pra saírem pro mundo, porque acho que eles saem de um mundo totalmente protegido e vão pro mundão. Aqui eles são servidos. Tem muito mais direitos que deveres. E lá fora não é assim. Eu falei pra minha sogra que a gente pode levar ele pra minha casa até ele organizar um lugar pra ficar, de preferência perto de casa, pra gente poder ajudar de vez em quando. Tipo fazer um comida, limpar a casa uma vez por semana. Estas coisas. (nota de campo registrada em 19/09/2004).

Esforçando-se para me mostrar seu *sentimento* por Vitório e seu desejo de ajudá-lo “de longe”, acaba por trazer uma fala contraditória, já que ao mesmo tempo que o leva para sua casa, reafirma a ele que lá não é seu lugar, assim como diz que vai ajudá-lo quando sair, embora ache que ele tem muitas *mordomias* no abrigo; algo que aponta para uma relação no mínimo confusa de papéis e sentimentos.

Uma vez que não importa aqui qual a versão verdadeira (da “tia”, do Vitório, etc.), mas dos sentidos com os quais Vitório negocia para se constituir neste momento, uma série de outras vozes e significados compõem a questão da adoção para ele, além das já apontadas acima. Uma delas, diz respeito à *adoção da irmã mais nova*, que ocorreu na mesma época em que ele foi para o abrigo. O trecho a seguir explicita esta identificação/diferenciação com a irmã:

[Mas você era filho único? É filho único?] Não, não. Eu tenho um monte de irmão. Tenho uma irmã que já é casada. Uma irmã que foi adotada junto comigo. Tem uma irmã...ela mora lá perto da minha tia. A mãe pegou e adotou ela. Meu....meu pai e minha mãe tinha dado ela embora. Aí o casal pegou ficou com ela e adotou. Tudo a mesma história do que a minha, mais ela conseguiu ser adotada, eu não. Eu vejo ela assim, converso. (1ª entrevista, linhas 56 a 60)

Neste trecho traz a adoção como um diferencial dele em relação à irmã. Num movimento dinâmico de identificação/diferenciação, respectivamente (“*Tudo a mesma história do que a minha, mais ela conseguiu ser adotada, eu não*”).) aponta tanto para a sua história, igual a da sua irmã, como para o seu sentimento em relação a não ter sido adotado, momento este que demarca a diferenciação entre suas histórias.

Apesar de apontar que agora seu desejo é cuidar sozinho de si, trabalhar e estudar, comenta em um trecho da entrevista que quando era pequeno gostaria de ter sido adotado e que reza todos os dias para que as crianças do abrigo sejam adotadas rápido. Isto aponta para o outro significado que compõe a questão da adoção para ele – *os pequenos do abrigo*. Chamando a atenção para o fato de que os casais adotantes buscam somente bebês, ele parece negociar com as possibilidades reais que tem hoje, já adolescente, e ele sabe que a adoção não é uma delas. Falando sobre o seu desejo de que os *pequenos do abrigo* sejam adotados ele diz, num trecho muito emocionante de sua entrevista:

[E os pequeninhos...tem um monte aqui, né?] *Nossa. tem um monte (silêncio). Eu...eu torço pra que eles sejam...vão embora logo, né. Pá num ficar aqui igual eu...depois eles saiam. Eu torço assim. Eu rezo a noite pra eles. Pra eles achar uma família no outro dia, pá. Mais...*[Você gostaria de ter sido adotado, Vitório?] *Ah, quando eu era bebê, assim...eu gostaria sim. Agora nem penso mais. Agora...sair, ficar sozinho.* [Mais como assim, quando você era bebê...? Você queria ter sido adotado pequenininho?] *É. Quando eu...quando eu era pequeno, né. Lá pro sete...oito...dez anos. Até os dez. Mais agora? Nem sonho mais (silêncio). Que os casal agora tá procurando criança pequena, né, não...Igual assim: Oh, do...dos pequenininho, não do Bruno, Joãozinho, todos esses aqui. Num pega a média. Se for o pequenininho já tem mais..., a cabeça já vai crescer já pensando que eles são pais, né (silêncio)*[Então você torce pra que eles pudessem arrumar uma família pra eles?] *É, eu torço sim...que eles arrumar, né.* [E voltar pra família biológica, ou pra família dos pais mesmo, você acha difícil?] *Eu? [É, não você. Mais eles...esses casos que ficam aqui.] Não. Acho se a família...conseguir um bom...rendimento, uma verba que dá pra sustentar, até que dá pra eles ir, né.* [E você sente que a maior parte dos casos que vem pra cá é por causa de pobreza? Ou não? Tem um monte de problema?] *Não, não, não. Pode ter mais problemas. Mais a maior parte é isso. Ou então o pai deu embora, a mãe...não conseguiu cuida. O máximo é isso.* (1ª entrevista, linhas 271 a 294)

É interessante notar que neste trecho aparece novamente a associação que Vitório faz entre a adoção e a situação financeira. Além disso, apoiando-se num dado de realidade, coloca que só se é possível *sonhar* com a adoção quando bebê, uma vez que os casais adotantes buscam crianças pequenas. Sendo adolescente, sabe que agora precisa se cuidar sozinho e não conta mais com esta possibilidade.

Estas duas zonas de sentidos relacionados à **adoção** – adoção e poder aquisitivo e adoção e idade – parecem constituir um *eixo aglutinador de sentidos* que Vitório constrói em

relação à temática da adoção. Concebendo que a adoção só pode ocorrer quando o casal adotante tem condição financeira para cuidar de uma criança e que, para ser adotado é preciso ser pequeno, Vitório vai construindo para si um eixo de sentidos sobre sua história de não adoção – não foi adotado porque a sua “tia” não tinha dinheiro enquanto sua irmã, pequena como ele, foi. Já adolescente, sabe que precisa aprender a se cuidar sozinho. Não sonha mais com a possibilidade da adoção. Somente reza para que os pequenos tenham uma trajetória diferente da que ele teve.

Diante da não adoção foi colocado no abrigo aos sete anos, sendo uma das primeiras crianças a entrar para a instituição, tendo permanecido neste por onze anos. Assim, o abrigo como referência também aparece como uma zona de sentido bastante presente na construção de si. Relacionando-se com o abrigo (entendendo este como lugar concreto, simbólico e marcado por relações quotidianas entre os vários elementos que o compõe), Vitório parece ir tecendo uma relação com o abrigo de maior distanciamento e independência. É interessante notar que nas várias vezes em que esteve no abrigo ele sempre tinha compromissos aos finais de semana, indo para lá somente para comer e dormir. Construindo redes de apoio sociais fora do abrigo (colegas do trabalho e da escola ou mesmo vizinhos do abrigo), Vitório constrói e se constrói em um abrigo/referência mais fluido e vazado pelas relações sociais de fora, inclusive, recorrendo muito pouco à ajuda das educadoras, ao contrário de outros adolescentes da casa. Durante a semana, Vitório conta que ia almoçar em *casa* uma vez por mês e que, por isso, quase não encontrava a coordenadora. Já aos finais de semana sua rotina era marcada por cursos de inglês e computação às manhãs e no período da tarde e noite por “baladas” ou encontros fora do abrigo. Para exemplificar esta relação com o abrigo e com a coordenadora, ele diz:

[E o seu relacionamento com a direção aqui...a Sonia?] *A tia Sonia...ela...ela é boa. Tem vez que tá baixa né, o relacionamento, mais tem dia que tá alto. Sossegado. Aí fica legal o relacionamento. Mais tem dia que tá ah....Que eu num vejo muito ela, né. Só vejo o que...? Quando eu venho almoçar em casa...eu venho uma vez por mês só. Ontem eu vim almoçar em casa só pra...descansar....que eu tinha ido numa festa. Cheguei tarde da noite. Aí falei: “Não, vou em casa dormir.” [Dar uma dormidinha...] Mais é bom o*

relacionamento com ela. Tem hora que xinga, mais...já faz parte. [Então você considera o orfanato uma casa pra você?] Considero...considero. [Também tanto tempo aqui, né?] Nossa! Já sei tudo mundo que passou por aqui. Iche. Todas as tia, sempre troca. [Troca muito...o pessoal...os funcionários, Vitório? Ou não?] Não. Até que num troca muito aqui...muitas pessoa vai embora, né. Vai pra outra cidade. Aí coloca outra no lugar. Muitas...desiste, né...da...(silêncio). (1ª entrevista, linhas 256 a 270).

Chamando o abrigo de *casa* relaciona-se com este nos mesmos moldes de um adolescente de sua idade, repleto de amigos e atividades novas em sua vida (descobertas, desafios, etc.) e que, por isso, quase não fica em casa. Assim, a casa-abrigo fica reservada mais para o espaço do descanso e das refeições do que para as interações sociais que, neste caso, ocorrem mais no espaço público (escola, “baladas”, trabalho, praça, etc.)

Neste trecho é muito significativa a apreensão que ele faz do abrigo enquanto um local de alta rotatividade em relação às educadoras. Ao dizer que muitas *desistem* parece apontar para uma realidade concreta do abrigo, descrita por algumas das educadoras e registradas em notas de campo. Descrevendo o trabalho no abrigo como “*bom, mas muito sacrificante*” uma das educadoras diz:

O trabalho aqui no Lar é muito bom mas exige muito da gente. Tem que gostar muito de criança porque elas ficam se dependurando toda hora em você. São muito carentes, né. Eu não sei como pai e mãe tem coragem de largar os filho aqui. E os grandão tem muita vez que é mal educado com a gente, reclama e faz birra. Acho que todos eles são muito carentes. (nota de campo registrada em 22/10/2204)

Uma outra educadora, neste mesmo dia, conta que não vê a hora de ser transferida para outro local de trabalho, porque quando prestou o concurso achou que era pra trabalhar em outra coisa:

Quando eu entrei aqui eu fui muito sincera com a coordenadora. Disse que não gosto muito de criança, não gosto dessa pegação. Então, as outras (educadoras) acabam ficando mais com eles e eu fico responsável pela parte da comida que é o que eu gosto de fazer. Mas logo logo eu vou sair daqui. (nota de campo registrada em 22/10/2204)

Este dado trazido pelas educadoras e também por Vitório aponta para uma das inúmeras problemáticas dos abrigos – a falta de formação técnica das educadoras, o número

reduzido de funcionários, intensificando o trabalho e o número de educadoras por criança, além dos baixos salários. Tudo isso contribui para que a motivação das educadoras em permanecer no abrigo seja ou movida pelo “desejo caridoso de ajudar” ou é quase inexistente, tornando o trabalho penoso e árduo.

Vitório, um dos primeiros meninos a entrar na casa, esboça uma certa familiarização em relação à esta dinâmica do abrigo – os altos e baixos no relacionamento com a coordenadora bem como a impossibilidade de fazer vínculos duradouros com as educadoras já que elas não ficam lá muito tempo. Apesar desta rotatividade, as “tias” (educadoras) são vistas por ele como pessoas legais e necessárias, embora, muitas vezes, fiquem no papel daquela que xinga e tolhe as ações dos adolescentes:

[As tias...como que você vê as “tias” aqui dentro?] *Ah, legais, ué. São legais, né. Educadoras, né. (silêncio).* [Elas são responsáveis pela...pela parte da limpeza, da rotina da casa, da educação, de tudo?] *É. É...pela limpeza, educação, tudo.* [Mas as vezes sai uns arranca rabo, assim ou não?] *Como assim?* [Ah, de algumas discussões ou é tudo tranquilo?] *Com nós e elas?* [É.] *Tem, tem muito! Todo dia. Se num tiver, num...nem tudo pode ser perfeito, né. Mais tem sim. A maioria dos dias. Manhã... tarde... noite.* [E quais são os motivos, Vitório?] *Nada. Reclamar: “Oh, você tá fazendo um negócio. Oh, aqui não é pra fazer isso.” Aí os moleque começa a reclamar, começa a xingar. Essas coisa. (pausa longa). Aí depois que sair daqui é fazer faculdade, né, arrumar uma casa, a faculdade, tirar uma carta e aí já era.* (1ª entrevista, linhas 181 a 196)

Já em relação ao fato de quase não permanecer na casa é interessante citar uma fala da coordenadora no primeiro contato que tivemos. Nesta ocasião ela optou por não avisar aos adolescentes que eu iria ao abrigo num Domingo para me apresentar e convidá-los a participar da pesquisa. Quando questiono porque eles não poderiam saber, ela diz:

Esses meninos adoram dar uma fugidinha de mim, não sei porque. De final de semana ele somem tudo. Então é capaz de se eu falar pra eles que você vem, você não vai encontrar ninguém aqui no Domingo. (nota de campo registrada em 19/09/2006)

Além disso, nesta mesma conversa ela me conta que eles só saem do abrigo com autorização por escrito da educadora; algo que eu não presenciei no caso de Vitório, embora tenha visto ocorrer com outros adolescentes. Vale ressaltar que ele tinha um contato muito

próximo com a assistente social. Em nota de campo registrada em 16/10/2004, presenciei momentos de interação entre eles na sala da assistente social. Neste dia, estava havendo uma “festinha” no abrigo e a movimentação era grande. Muitas crianças estavam na sala da assistente, que fica ao lado do quintal. As crianças mexiam nos papéis em cima da mesa e a assistente reclamava que esse pessoal tumultuava a rotina do abrigo. Vitório estava sentado na cadeira dela e ela pede que ele conserte o computador (ele fazia curso de computação). Ele fazia brincadeiras com as crianças e com ela e o clima era de muita liberdade entre eles – dados que apontam para um lugar de maior flexibilidade em relação às regras do abrigo. Em entrevista realizada com a assistente social em 28/05/2005, quando Vitório já havia saído do abrigo, ela diz num tom animado:

O Vitório é um caso que vem negar aquilo que dizem: “que todo mundo que tem este tipo de vida se dá mal.” Ele está morando numa república com o pessoal do trabalho e está adorando. São pessoas mais velhas que cuidam dele dando muito apoio. Me contou semana passada que está de viagem marcada para os Estados Unidos pela empresa. O chefe gosta muito dele e investe bastante nele. Eu fico despreocupada com ele porque ele sempre foi um menino de garra, que se agarra nas oportunidades que a vida deu pra ele, embora eu sinta que ele tem muita mágoa do passado, de ter sido o único dos irmãos que ficou tanto tempo aqui (entrevista com a assistente social, 28/05/2005)

Posicionando-o como alguém que nega as teorias desenvolvimentais sobre crianças que crescem em abrigos (terão problemas de aprendizagem, hiperatividade e uma série de outras psicopatologias), a assistente social diz que não se preocupa com ele, pois, sempre foi um *menino de garra, que se agarrava nas oportunidades que a vida deu pra ele*. Sendo assim, marca um posicionamento que Vitório tem no abrigo – aquele que deu conta de crescer por ser um menino de garra. Este sentido sobre ele não é somente algo construído pela assistente, mas por toda a equipe do abrigo (coordenadora, psicóloga, educadoras, etc.) Talvez seja interessante apontar para um questionamento em relação a estes sentidos construídos sobre ele – como alguém que era descrito como *peralta* pela “tia” ganha significados tão

diferentes no cenário do abrigo? Que negociações ele faz com os contextos para adquirir este *status*? – questões que serão trazidas novamente na discussão do material.

Um outro ponto que marca sua relação com o abrigo diz respeito à mudança deste de lugar. Pelo fato de manter uma vida social bastante intensa fora do abrigo, ele conta que sentiu muito quando a instituição se mudou do centro para perto da estrada, já que isso dificultou muito o acesso à escola, à casa dos seus amigos e às “baladas” que ele fazia. Neste sentido, ele diz:

Aqui é muito longe. Mais antes lá era bom. Ia pra escola de pé. A escola era do lado. Ia de pé. Ia na casa dos amigos....Aqui é muito afastado. Antigamente era bom! Saia...! [E: E aí você veio pra cá...e você estudava, né...tanto lá como aqui?] *Aonde?* [E: Lá no outro abrigo, lá no centro?] *Estudava...estudava. Estudava na mesma escola até eu vim pra cá. Aí nós começou ir...ir de van pra escola. Aí era cruel, né. Nós acostumado a ir de pé. Todo mundo estranha. Aí nós falou, mais mudou lá pra (localização do abrigo), pá.* [E: Que que você sente mais que mudou...teve mais alguma coisa ou não?] *Teve...Ah, nós...(inaudível) saia pra casa noturna, essas festa. Agora num pode mais porque...é longe, depende de carona. Mais....quando não dependia...quando eu morava no centro era facinho, né, nós ia de pé (silêncio) Mais é bom. Um lado é bom. Aqui é sossegado.* (1ª entrevista, linhas 95 a 107).

O abrigo longe da cidade dificulta o acesso ao “agito da cidade” posicionando-o num certo lugar de exclusão e distanciamento ou ainda, num lugar marcado pelo peso da palavra orfanato e tudo o que ela representa socialmente. É interessante notar que Vitório diz do seu incômodo em andar na van do abrigo, já que nela estava escrito o nome do lar, reconhecido por toda a cidade. Assim, pedia para que o motorista parasse longe da escola, evitando com que as outras pessoas o associassem ao abrigo. Esta “marca” do abrigo fica expressa na seguinte passagem:

Mais igual... os colega...eles...eles conversa assim com nós de boa, quando eles sabem que nós somos daqui. Quando eles num sabem eles...conversa, né. Mais nós fala que nós somos daqui, eles muda assim...num dia só muda o comportamento. Mais...conversa assim com nós, sossegado... [E: Como assim, muda, Vitório?] *Ah, assim: Igual quanto nós joga no(nome da escola), né. Ninguém sabia que nós era daqui.* [E: (nome) que que é, uma escola?] *É uma escola. Aí nós começou falar que nós era daqui. Aí os pessoal mudou assim um pouco. Aí depois nós...nós conseguiu conquistar os colega, pá.* [E: Mais mudou assim de tratar meio frio, assim...de dar uma distanciada?] *É. Dar uma distanciada. Aí depois nós foi conversando, tipo...tô até hoje com os cara. É...é normal, né, os cara. Aí...eu...nós nem parava a van lá perto da escola, pá. Mais agora nós para sossegado.* (1ª entrevista, linhas 318 a 330)

Os sentidos que Vitório vai construindo em relação ao abrigo (e este em relação a ele) apontam, então, para um *eixo aglutinador de sentidos* marcado pela sua maior autonomia e liberdade em relação às regras do abrigo. Compreendendo este como uma casa, em seu sentido mais privado (lugar de proteção onde fazemos nossas refeições, dormimos e descansamos das tarefas diárias), Vitório mostra-se muito mais voltado para o exterior, não que não haja um vínculo com o abrigo. Entretanto, as redes sociais com as quais interage são, em grande parte, externas ao abrigo, principalmente no contexto do trabalho e dos cursos que faz. Esta rede social extensa construída extra abrigo, o auxilia, inclusive, no processo da saída da instituição.

Também em relação à zona de sentidos referente ao vínculo com a família biológica Vitório aponta para um sentimento de *exclusão* e *abandono*, embora estes sentidos não fiquem explícitos no material - por isso chamo este vínculo de silencioso. Apesar de falar pouco sobre sua família nas entrevistas e nas conversas comigo, acrescentando que sabia muito pouco de sua história passada e dos motivos que levaram seus pais a “*darem*” os filhos, nos momentos em que traz a família, sua fala parece vir carregada de revolta e desprezo pelo que eles fizeram. No trecho seguinte ele diz sobre seus pais, mobilizado pela minha pergunta:

[Ah, mais a sua mãe então tá viva?] **Tá, tá viva. Meu pai e a minha mãe. Mais eu num converso muito com eles!** [Sei!] *Eles já tentou me procurar aqui! Tá, eu recebi...mais...não...Falou pra mim perdoar eles. Falei não, vou pensar. Até hoje eu num (inaudível). Queria me levar pra casa deles. Eu nem quis ir. Eu falei: “Não, vou viver minha vida sozinho. Até hoje tô so...sozinho aqui. Agora que eles vem aparecer? Quando eu tô forte, firme...trabalhando.”* [Mais o que que aconteceu na época, Vitório, você lembra?] *Eu num lembro muito bem que eles num me contou até hoje a história. Até hoje eles num me conta. Eu pergunto assim, eu procuro saber, mais... ninguém conta... Falavam que eles bebia demais...essas coisa...mais eu nem...Eu vou atrás, mais nem...nem muito....no assunto. Mais ninguém conta a verdade!* [Você imagina que é por causa de bebida...era por causa?] **É. Eles falam que eles largou...nem acredito muito...** [E...e atualmente têm...têm dois dos seus irmãos morando com eles então?] *Têm dois pequeno. Caçula.(pausa) Não, eles são separado meus pais.* [Ah tá! Esse que tá com a sua mãe é uma outra pessoa então?] *Isso. Meu pai mora na mesma rua que a minha mãe. Mais ele mora embaixo assim...lá na casa lá embaixo na rua que desce. E ela mora na casa lá em cima. Ela tem um marido e ele tem uma mulher lá.* [Entendi. E com seu pai...ele também já veio te procurar?] **Já, já. Eu nem ligo, né. Nem dou muita bola pra eles (silêncio longo).** (1ª entrevista, linhas 68 a 89)

Posicionando os pais como figuras que não são dignas de crédito, Vitório aponta também para um movimento ambíguo em relação ao seu passado: *Eu vou atrás, mas nem...nem muito...no assunto. Mais ninguém conta a verdade.* Ao mesmo tempo que esboça o interesse por saber do seu passado recua sobre ele, num movimento de idas e vindas. Além disso, os pais significados por ele como aqueles que devem cuidar das crianças, agora parecem não ter mais sentido em sua vida, uma vez que já está *forte, firme, trabalhando.*

A história narrada por Vitório e marcada por “desconhecimentos”, aparece também em relação ao seu prontuário, aos quais tenho acesso na conversa com a assistente social. Ela conta que, no início do funcionamento do *orfanato* não havia uma equipe técnica que cuidava do cadastro das crianças que entravam para a instituição. Sendo assim, muitos acontecimentos se perderam ao longo do tempo, uma vez que não havia uma prática sistemática de registros. Ao olhar a pasta de Vitório, percebo que havia somente algumas páginas sobre seu histórico, embora com informações importantes sobre seu passado e que ele não havia trazido nas entrevistas. Lendo o prontuário de Vitório junto da assistente, encontramos pareceres de psicólogos da cidade, dizendo que seu pai tinha transtornos mentais gerados pela bebida e sua mãe era muito agressiva e, por isso, não tinha como ficar com os filhos. Uma conhecida dos pais de Vitório fica com a guarda provisória dele, levando-o para a casa de sua nora (aquela que ele chama de “tia” que não o adotou). Após um ano de permanência na casa desta “tia”, ela alega que o menino *dava muito trabalho e era muito peralta* e que por isso não poderia ficar com ele. Leva-o para o abrigo aos sete anos (momento em que o abrigo estava inaugurando). Na mesma época uma irmã dois anos mais nova que ele é adotada por um casal. Há ainda neste prontuário relatos sobre tentativas de aproximação da mãe e sobre sua *recusa em aceitá-la, já que tinha muito mágoa dela.* A assistente social conta que o pai também tentou se aproximar algumas vezes de Vitório e que dizia à equipe já ter se curado do alcoolismo. Na entrevista realizada em , ela diz:

O pai dele tentou se reaproximar e veio no abrigo várias vezes atrás dele pedindo para que ele fosse morar com o pai, mas Vitório tem muita mágoa do que aconteceu com ele. Mesmo porque ele foi o único filho que ficou tanto tempo no abrigo. Então não queria nem papo com o pai. Acho que ele não conseguia entender que o pai estava doente e que por isso não dava pra ficar com ele naquela época. (entrevista com a assistente social)

Ao término da entrevista com a assistente social, tenho a impressão de que a trama familiar de Vitório é bastante complexa, permeada por intensos sentimentos de abandono, raiva e mágoa, agravada por uma série de desencontros e ausência de profissionais qualificados que pudessem intermediar estes conflitos familiares, trabalhando para encontrar soluções alternativas para o abrigamento ou, em última instância, torná-lo o mais breve possível.

Chamo, então, o vínculo de Vitório com a família biológica de vínculo silencioso porque, apesar de num primeiro momento ele parecer não existir, à medida que mergulhamos nesta colcha de retalhos que é a sua história, percebemos que existe um vínculo marcado por sentimentos de abandono, mágoa mas, principalmente, pela necessidade de ser independente de qualquer apoio familiar, seja ele da família biológica ou da família de sua “tia”. Posicionado pela equipe do abrigo como um adolescente independente e forte, Vitório parece também buscar esta independência, que será concretizada concretamente com a saída do abrigo.

Sistematizando as zonas de sentido vínculo com a família biológica, Vitório aponta para um sentido de que a família biológica tem a função de cuidar, educar e ajudar as crianças a crescerem, perdendo um pouco da sua função depois que os filhos estão “criados”. Sendo assim, aponta para a falta que sentiu dos pais quando era pequeno e que agora que está *forte* não vê mais sentido nesta aproximação. Da mesma forma, reza, então, para que os pequenos possam encontrar uma “família” pra eles. Como eixo *aglutinador de sentidos* sobre a família biológica podemos dizer que Vitório busca utilizar-se de seus recursos (autonomia, força de

vontade e coragem), mantendo um distanciamento de qualquer vínculo com a família biológica, uma vez que agora não precisa mais deles.

Já em relação à zona de sentidos saída do abrigo, Vitório vai se construindo e construindo sentidos bastante dinâmicos e contraditórios em relação a este abrigo que ele está prestes a “perder”: 1) tolhendo sua liberdade e autonomia, o abrigo é significado por ele como um lugar do qual ele quer sair rápido 2) propiciando a ele a locomoção (van) ou as “tias” que o acordam, ou seja, algumas “facilidades” que a vida adulta não oferece, o abrigo é visto por ele como um lugar que protege e dá segurança, do qual ele não quer sair. Nestes momentos, parece que sair do abrigo é algo muito temido. Estes dois movimentos podem ser visualizados respectivamente nos seguintes trechos:

[E: E tem muitas discussões entre vocês e as educadoras?] *Nada. Só reclamar: “Oh, você tá fazendo um negócio. Oh, aqui não é pra fazer isso.” Aí os moleque começa a reclamar, começa a xingar. Essas coisa. (pausa longa). Aí depois que sair daqui é fazer faculdade, né, arrumar uma casa, a faculdade, tirar uma carta e aí já era.* (1ª entrevista, linhas 194 a 196)

Ah, ah. Lá fora é diferente. [E: Como que você imagina que vai se lá fora, Vitório?] *Assim, o modo de dizer lá fora é diferente porque...quando você sair daqui num vai ter comida, essas coisa, van pra levar onde quiser. Tem que ir...levar de pé, num é. Se quiser ir de pé, vai. Roupa, você quiser, compra. Apesar que agora, quando nós quer, já começa a trabalhar, a tia fala pra nós mesmo comprar nossa roupa.* (1ª entrevista, linhas 365 a 370).

Assim, no primeiro trecho traz o abrigo e suas proibições como fatores limitantes para o seu crescimento e liberdade. Já no segundo, vislumbrando-se fora do abrigo passa a significar este “lugar” como sinônimo de proteção e de facilidades para sua vida. Posicionado ora como negativa, ora como positiva, a saída, então, é marcada por movimentos ambivalentes e contraditórios – de desejo e de receio, de vontade e de medo do que vai encontrar *lá fora*. Apesar de saber que pode contar com o apoio da “tia” neste momento de saída, seus planos se concentram particularmente em conseguir dinheiro e poder morar sozinho quando sair do abrigo:

E sair daqui como é que vai ser?] *Ah...sei...aí tem que ver. Eu vou procurar... pensar um mês antes de mim completar dezoito anos.* [Que vai ser em...Janeiro? Março?] *Março. Eu vou pensar em março ainda. Aí...eu fico abril, completo. Aí eu falo pra tia me dá mais uns...um mês mais ou menos pra ficar aqui. Até arrumar uma casa pra mim. Aí eu vou pra lá...* [Você tá pensando em arrumar uma casa, então, pra você?] *É, melhor, né? Você e uma família. Sozinho...* [Com a sua tia você não pensa em morar?] *Ah, até que eu penso sim. Um ano, dois ano no máximo. Até eu conseguir uma grana legal pra...subir. Aí depois que eu conseguir uma grana legal, já...Eu pego e falo: Óh, comprei...Eu compro uma casa e...talvez até do lado dela, perto dela, né!?* *Que ela me falou isso. Falou: Vitória, vê se você consegue arrumar uma casa aqui perto. Vou ver. Que...que ela falou assim que quer...quando eu saí daqui ela quer ser uma família de apoio. Tipo uma família de apoio. [E é importante mesmo, né?] Família de apoio!?* *(sorri com ar de ironia).* [Que que você riu?] *Num sei. É estranho, né? [Porque que é estranho?] Ficar dando apoio. Toda hora. É bom porque ela falou que ajuda bastante”* (1ª entrevista, linhas 145 a 166)

É interessante notar neste trecho que, apesar de sua convicção em sair do abrigo, diz que vai pedir para a “tia” Sonia deixá-lo ficar mais um mês ou dois até ele poder arrumar uma casa pra ele. Além disso, a possibilidade de contar com uma *família de apoio* é algo que soa estranho à ele, talvez porque sinta que até hoje não pôde contar com o apoio de uma família. Sendo assim, porque iria querer isso agora que já está “crescido”?

Já fora do abrigo, fala sobre sua adaptação apontando para o fato de que achou muito estranho acordar sem o barulho das crianças. Apontando tanto para um movimento de sentir falta deste barulho e de bem-estar por poder acordar sossegado, ele diz:

[E você sente que você se adaptou bem...nesses cinco meses aí que você saiu?] *Ah, adaptei desde o começo...* [É?] *Só no começo que você não ouve mais aqueles barulho de criança na orelha, tudo. Aí...aí você não ouve. Aí você estranha. Fala: “Nossa, acordei sossegado hoje.* (2ª entrevista, linhas 122 a 126)

Ainda referente à segunda entrevista, Vitória aponta várias vezes que não teve dificuldade em se adaptar à nova vida e que sua maior preocupação diz respeito às contas e à administração do seu dinheiro. Narrando sobre o momento da saída do abrigo ele diz que foi *sossegado* sair do abrigo e se despedir do pessoal:

[Como que foram assim, os primeiros dias. Vamos pensar: o primeiro dia, o segundo dia. Ou então, a véspera...assim...de ter que arrumar a mala pra sair do abrigo, sabe? Porque você passou um...tempo grande lá, né? E aí assim, eu imagino que deva, alguma coisa deve ter acontecido aí dentro de você. Você pegou a mala, teve que fazer a mala, depois despedir do pessoal.

Depois você foi pra república, primeiro dia que você chegou lá...como que foi assim, esses momentos?] *Ah, foi normal. Sossegado. Arrumei tranquilamente a mala...tipo indo viajar. Aí eu peguei fui. Despedi, falei tchau. Fui. Quando eu cheguei lá num tinha ninguém na república. Os cara tava tudo viajando. [Você saiu em que dia da semana?] Foi num sábado. [Sábado?] Sábado. Sábado. Aí eu...sossegado. Cheguei lá, deixei as coisas lá e...e fui dar uma volta (sorri). Mais foi sossegado, o primeiro e segundo dia (silêncio). Aí domingo eu arrumei minhas coisas lá e...Aí na segunda eu fui trabalhar. (silêncio). [E a despedida?] Sossegado. Eu despedi sossegado. Falei tchau na boa. E fui (sorri). [O pessoal chorou lá?] Não. Já sabia também que eu ia. Não chorou não. (silêncio) [Teve algum momento nestes cinco meses que você achou mais difícil ou algumas coisas, por exemplo, que você achava que ia ter dificuldade e teve facilidade?] Não. Momentos difíceis num teve não. [E fáceis? Tipo assim: “Ah, isso aqui eu vou tirar de letra?”] Ah, fácil é só fazer a soma do mês das conta, né. Que não tem muito né. Procuro num fazer contas, nada. Se for comprar uma coisa, pagar à vista, que é melhor, né. Faço...que eu posso, gastar no mês eu faço. Que que eu posso poupar. Fico fazendo contas. Administrando...as conta. Pra num gastar mais do que pode. (silêncio) (2ª entrevista, linhas 301 a 329).*

É interessante notar que a preocupação com as contas parece ser aqui um *eixo aglutinador* central para a questão da saída do abrigo, já que Vitório aponta várias vezes que precisa administrar bem suas contas e não gastar mais do que pode. Tanto é que, logo no início da entrevista, narra com detalhes a divisão de contas da república e qual conta é responsabilidade dele. Além disso, faz planos para o futuro com o seu dinheiro: guardar para comprar uma casa e poder pagar sua faculdade. Em relação às contas, ele conta no seguinte trecho:

[E como que é assim pagar contas? Como que vocês dividem?] *Ah! Pagar conta...o aluguel é seiscentos e cinqüenta reais. [Ah, ah.] Aí tem um lá que o quarto...é por quarto também né você paga. O quarto de um lá é pequeno, então ele só paga o IPTU pra nós e...os impostos. Aí...aí fica...divide em quatro. Aí o quarto do outro que tem banheiro, ele paga mais, né. [Sei...] Então ele paga duzentos e pouco. O outro, cento e sessenta. O outro também. E eu pago cem reais. Aí a energia eu tenho que pagar todo mês...e a água. A água eu dou pro Jair que paga os imposto pra nós, ele paga. A energia eu pego e divido por quatro também. E...recolho o dinheiro e vou lá pagar. [Tá. Então você é responsável por esta conta.] Isso. Pela energia. O...o aluguel é um... [E telefone, tem?] Não. Só eu...coloquei, né, uma linha lá, mais só pra mim entrar na Internet só. Não tem nem aparelho. Só pra entrar na Internet. (2ª entrevista, linhas 53 a 68)*

Sintetizando estes sentidos referentes à saída do abrigo Vitório aponta para uma saída que, aparentemente, foi muito *sossegada*. Enquanto estava no abrigo, a saída era vivenciada

com certa ambigüidade representando tanto a aquisição de maior liberdade como a perda de algumas “regalias”. Vivenciada já concretamente após sua saída, Vitório aponta muito mais para os elementos concretos da vida cotidiana – cuidar do próprio dinheiro, cozinhar, limpar a casa, pagar contas, etc. – apontando para uma não dificuldade em relação à estas tarefas. Podendo exercer concretamente maior liberdade e autonomia, ainda mantêm um vínculo com a coordenadora pela telefone (liga pra ela uma vez por semana), embora reafirme que não sente saudades de lá:

[Você continua indo então, de vez em quando?] *De vez em quando eu apareço (diz bocejando)* [Normalmente é de final de semana?] *É, normalmente. Semana eu trabalho. Num dá. (silêncio longo).* [E como que...como que é voltar lá, Vitório.? Porque você morou lá um tempo, né. Bate saudades?] *Não muito não, né.* [Vontade de voltar? Ou vontade de não voltar?] *Ah. Num dá vontade de voltar e num dá vontade de voltar. Tá no meio. Tudo igual. [Como assim?] Ah. Num sei, meu. Voltar lá...num dá né porque eu fiquei muito tempo lá. Mais também ficar...tanto faz...tudo igual...quase igual, né! (silêncio). Aqui fora pode sair, sossegado né. Lá na república cada um tem sua chave. Chega a hora que quiser. Ninguém pergunta. Só pelo menos avisa, né. Tô indo em tal lugar. (silêncio longo)* (2ª entrevista, linhas 223 a 236)

Contando com a ajuda da “tia” após a saída do abrigo para atividades como lavar roupa, por exemplo, Vitório conta que mantêm contato com ela principalmente aos finais de semana, indo passar os sábados e às vezes os domingos na casa dela. Já em relação à família biológica, Vitório diz que não teve qualquer contato com eles:

[Depois que você saiu do abrigo você teve contato com a sua família ou alguém da sua família, ou não?] *Não, não. Só com os meus tios.* [Que tios? Aqueles que estavam lá às vezes no abrigo, ou não?] *É. Só com eles, né. Às vezes eu vô na casa deles (silêncio).* [É aqueles que iam te ajudar a montar uma casa, perto da casa deles...?] *É.* [É? (silêncio) E eles estão te ajudando com alguma coisa ou não?] *Estão, sempre rola. A minha tia lava roupa pra mim. Tudo. Passa. Sempre me ajudando (silêncio).* [Às vezes você vai passar o final de semana na casa dela ou não?] *Vou, vou. Às vezes eu vou. Semana passada eu fui...* [Aí você passa o sábado e domingo lá ou não? Só o domingo?] *Passo mais o....tem vez que eu passo o sábado e o domingo quando não tem inglês eu já vou...da computação eu já vou pra lá. Mais aí quando tem inglês eu num vou. (silêncio)* (2ª entrevista, linhas 353 a 369)

Assim, esta saída aparentemente tranqüila que Vitório narra foi possibilitada, em grande parte, pela existência de uma rede de apoio tanto do trabalho como dos colegas de

república – algo que aponta para a última zona de sentidos construída por ele – colegas de república, trabalho e liberdade. Apontando no trecho acima para a questão da liberdade conquistada fora do abrigo (*Lá na república cada um tem sua chave. Chega a hora que quiser. Ninguém pergunta. Só pelo menos avisa, né: “Tô indo em tal lugar”.*), esboça, também, qual o *lugar* ocupado por ele diante dos colegas de república.

Aprofundando nos aspectos da relação entre Vitório e os colegas de república, ele aponta para a relação de cuidado que os rapazes tem para com ele, algo que pode ter sido um facilitador neste momento de transição da saída do abrigo.

Vitório apóia-se nestes *colegas de trabalho* que o convidam para montar uma *república de trabalhadores*. Sendo todos mais velhos que ele, parecem constituir para ele importantes figuras de identificação e uma rede de apoio neste momento da saída, onde busca a liberdade, apesar de vivenciar também o medo e o anseio pelo novo que o aguarda. Tratando desta importante rede de apoio dos colegas de trabalho, ele diz:

[E quando eles ficam, assim, algum deles, que que vocês....? Vocês fazem alguma coisa? Saem...?] *Ah, nós sai à noite pra comer alguma pizza....alguma coisa... Em alguma festa (silêncio)* [E qual que é o relacionamento entre vocês. Porque vocês trabalham juntos. Mas morar juntos como é que é?] *Maneiro. É legal. Sempre um ajudando o outro também. Sempre dando toque...ajudando, assim. Um monte de coisa (silêncio).* [Ajudando em que sentido?] *Ajudando, assim...no serviço, né. Dando uns toque. Ou na escola também, né. Tem um lá que ele é professor de geografia. O outro é engenheiro, então ele manja bem de matemática...ele ajuda ali de vez em quando. Tem...um lá que já fez faculdade.... Eles vão...ajudando.* [Então são...são amigos assim. Podem ser considerados amigos?] *É* [Te dá conselho, troca idéia...ou não...assim...de coisas mais pessoais da sua vida?] *Não...quando nós está na sala assistindo TV lá. Aí fica batendo papo, trocando idéia...conversando.* (2ª entrevista, linhas 105 a 121)

As posições que Vitório assume para os colegas de república parece se constituir de dois movimentos dinâmicos e complementares – ora é visto como o *mais novo da casa* e que, portanto, precisa de conselhos; ora é posicionado como alguém *adulto* que precisa arcar com as responsabilidades desta etapa da vida, como por exemplo, em relação à responsabilidade pelo acordar e não chegar atrasado no trabalho.

Estes dois movimentos se alternam e podem ser visualizados, respectivamente, nos trechos a seguir:

[Porque você é o mais novo, né? Você tem dezoito...aí depois tem o....quais que são as idades deles?] *Bom, eu acho que um lá tem vinte e três, o outro também né, acabou de se formar lá. Tem um lá de trinta e cinco e o outro de trinta e nove.* [Você é o mais novo então?] *É. (silêncio muito longo)* [Como que é ser o mais novo lá na casa?] *Ah, ser o mais novo...sossegado. De boa. Quando eles saem eles falam: “Num apronta”, essas coisa. Num aprontar na casa. Eu: “Tá bom” (risos)* [Que que eles querem dizer com não aprontar será?] *Ah, num fazer bagunça, num deixar o som alto, né. Essas coisa. (silêncio)* [Então eles ficam meio na função de pai assim... “Juízo hein menino. Num sei o que...”] (linhas 388 a 399)

[Eu me lembro que naquele dia que a gente conversou você falou de...que você tinha medo de não conseguir acordar, lembra?] *Ah, ah.* [Como que é assim...você se adaptou em relação a isso?] *Adaptei.* [Não perde a hora? Por que lá as tia às vezes chamava...?] *Ah, perder a hora eu perco, né. Assim...mais ou menos. Tem dia que eu perco, tem dia que não. Aí quando eu....eles vê....ah, os cara também eles chama. Às vezes eu pego carona com eles, né. Só de sexta-feira que tem que pegar...pegar o ônibus. Porque eles vão embora, né, então...Mais...tem dia que eu atraso. Nossa. Aí tem...tem que sair correndo, pegar o moto táxi (sorri). Mais...estou...se Deus quiser eu vou me adaptar! (sorri). Estou indo bem, né. Ponho o celular pra despertar um pouquinho mais cedo. (silêncio). Mais é estranho! [É estranho?] *Ah, um pouco só, né.* [Que que você acha mais estranho?] *Mais estranho?* [Disso tudo...que você fala que é um pouco estranho?] *Ah, acordar meio cedo também. Você tem que acordar bastante cedo porque se...Lá não. Lá o tio esperava, né. A van esperava. Ali não. Os cara já vai. Deu a hora, vai. Tá no ponto ou não...o ônibus, né.* [Ah, eles te largam se você não acordar?] *É (sorri). Eles chama. Se não acordar, eles...Eles falam: “Você vai comigo?” Aí eu falo: “Vou” Aí eu durmo de novo, aí...(sorri). Que não pode atrasar, né!?* (silêncio). (2ª entrevista, linhas 128 a 150)*

Assim, a conquista da liberdade, que antes era vislumbrada dentro do abrigo, exige dele mais responsabilidades do que as que tinha lá dentro como, por exemplo, pagar as próprias contas, administrar o dinheiro, preocupar-se com a comida e com o transporte. Neste último aspecto é interessante notar como Vitório ressignifica a função da van, que antes era vivenciada como uma “marca negativa” do abrigo (precisava parar longe da escola porque esta tinha a “marca” do abrigo). Após sua saída, tendo que enfrentar as dificuldades cotidianas, a van que o esperava quando estava atrasado, ao contrário dos colegas de casa, passa a ter um valor positivo.

Além de se ancorar nos sentidos que os colegas de república constróem sobre ele e nos seus próprios recursos individuais, Vitório ancora-se também para a construção de si como autônomo, nas relações que constrói no trabalho.

Utilizando-se de seus recursos como extroversão e adaptabilidade, além da sua força de vontade, intensificada pelos incentivos que recebe em suas relações quotidianas, Vitório conta de sua escalada no trabalho, aos dezesseis anos, quando disse à coordenadora que queria trabalhar:

[E você começou a trabalhar com...com quantos anos, Vitório?] *Eu? Com dezesseis. [Lá na...] (nome da empresa) [Você tá lá até hoje?] Tô...tô pela (nome do projeto social). Até os...dezoito ano, ano que vem que eu faço em abril. Aí eu saio. Aí a empresa vê se eu tô bem. Se eu tiver bem ela me contrata. Se num tiver, num contrata.[E aí, você acha que vai rolar?] Num sei. Se...se tiver numa época boa, ela contrata. **Eu acho que sim...acho que eu consigo ficar lá. Que eu comecei num departamento....jogado. Depois, agora eu tô em outro. Comecei na xerox. Comecei tirano xerox, xerox pra tudo mundo. As folha, nossa. Cortava as mãos com o papel. Aí o cara me passou pra expedição...comecei trabalhar pra fazer nota fiscal. Aí me passaram pra exportação. Mexer com negócio de...carregamento de navio, essas coisa, exportação. Lá dentro. Mandava peça pros Estados Unidos, essas coisa. Aí me colocaram em compras, agora. Tô lá em compras. Até hoje em compras.** [Cresceu bastante lá dentro, né?] *Cresci. Agora só tô comprando (sorri)...só gastando. Mais aí agora eu compro pro serviço de usina, moenda, essas coisa. Comprar lá do pessoal dos Estados Unidos. Mais ou menos, né, que eu num sei fala muito, é mais...arranha.* (1ª entrevista, linhas 110 a 129).*

Num tom de autoconfiança e segurança de suas próprias potencialidades, Vitório valoriza bastante o seu crescimento profissional e me conta que faz vários cursos de informática e inglês para se aprimorar cada vez mais. Contando desta bonita escalada na empresa, fala que “eles” foram mudando ele de cargo de acordo com o seu rendimento e empenho. Assim chegou às compras, uma área que requer concretamente atitudes de maior responsabilidade e comprometimento. Esta aposta no trabalho e nos estudos como formas de adquirir autonomia e independência ecoa também em suas relações, particularmente no abrigo e no trabalho. No abrigo, como já foi dito, acaba por conquistar uma posição diferenciada dos outros jovens, de maiores regalias e flexibilidade quanto às regras. No trabalho, aponta para sua relação com o chefe que, segundo ele, gosta muito dele e que por isso quer investir na sua

formação profissional, chegando a lhe fazer uma proposta de estágio nos Estados Unidos. Fala das ajudas que vai ter quando sair, num tom de muita segurança:

Tem muita gente querendo me ajudar. Até meu gerente lá da área...pergunta pra mim o que que eu vou fazer quando eu sair daqui. Pergunta um monte de coisa pra mim. Fala que se eu precisar de alguma coisa é pra procurar ele. Então...é isso. (1ª entrevista, linhas 381 a 383).

Mesmo diante da possibilidade de não ser efetivado ao completar dezoito anos, já que o projeto social do qual faz parte assegura o estágio somente até a maioridade, ressalta novamente esta ampla rede de apoio que possui e que, por isso, não precisa ficar preocupado:

[E quando vocês são efetivados na empresa o salário aumenta também, né?] *É, aumenta. Passa a ser o salário de um comprador....que nem se eu for...Passa a se o salário de um comprador lá da (nome da empresa). [Que eu imagino seja melhor do que o que você ganha agora?] É. Bem melhor (sorri). Com certeza.... Aí dava pra fazer um monte de coisa. [Tomara que você fique, né, Vitória.] Eu tô lutando pra isso, né. Batalhando forte! [Ah, ah.] Mais se eu num ficar também eu...eu tenho o tio Antônio aí que chamou eu pra ir pra lá...pra (nome de outra empresa), né, que é empresa dele. Também é concorrente da (nome da empresa onde trabalha) [Vai trabalhar na concorrente (risos)?] (sorri) Tem o Jorge. Tem o Tavares, da (nome de outra empresa), também. Que é concorrente da (empresa onde trabalha). Faz tudo que a (nome da empresa) faz. Então...eu...eu tenho que buscar quem que me ajudar também....quando eu sair daqui! Que como eu não posso trabalhar porque eu sou de menor. Quanto tiver lá com os dezoito ano, se eu num ficar na (nome da empresa onde trabalha). Eu pretendo ir pra lá, né, (inaudível). É aqui na pista também. Mais se eu ficar na (nome da empresa) é...é beleza. [Já tá acostumado, conhece as pessoas...] Já. Conheço o sistema, tudo. (1ª entrevista, linhas 220 a 239).*

Após sua saída concreta do abrigo e a entrada na maioridade, Vitória conta que, além de ter conquistado maior autonomia no trabalho (poder participar de reuniões, por exemplo) aumentaram também as responsabilidades e as “brincas”, já que agora não é mais estagiário e sim um funcionário da empresa:

[E em relação ao trabalho? Porque assim...quando você morava lá no abrigo, que você estava com menos de dezoito anos, você era estagiário lá, né, na empresa. Depois você foi efetivado e saiu do abrigo, foi pra uma república...Você sentiu alguma mudança...no trabalho?] *Não...(silêncio) [Assim....de aumentar responsabilidade...de cobrança maior...mesmo sua, num sei?] Ah, aumentou um pouquinho, né! Porque...mais responsabilidade, começar a participar das reuniões. Que antes não podia. Agora eu posso.(silêncio). Levar uns fuminho de vez em quando, uns elogio...(sorri). Mais...o tempo vai se adaptando. Mais... [Em relação à saída do abrigo, você não sentiu mudança no trabalho?] Não, não. [De*

alguma coisa ter afetado?] *Não. Afetou quase nada também. Os pessoal continua a mesma coisa que eu tava lá no abrigo. Tudo sempre me dando uma ajuda, força...* [Que que você tá fazendo lá agora, Vitório.] *Eu tô na área de compras. Suprimentos, né, que fala. Comprando serviço de usinagem, essas coisa. Pra usina mesmo. (silêncio)* [Então você fica no computador...fazendo as compras...] *É. Fico o dia inteiro (sorri)* (2ª entrevista, linhas 153 a 171)

Aponta ainda neste trecho que a relação de ajuda e apoio que tem do pessoal do trabalho continua a mesma, após a saída do abrigo. É interessante situar que Vitório, neste trecho, aponta para o fato de ter uma função de extrema responsabilidade dentro da empresa (área de compras), algo que certamente ele conquistou através de seus próprios recursos e da confiança das pessoas da empresa, conquistada nestes anos de trabalho. Em relação à proposta de ir para os EUA fazer um estágio, conta com certo pesar que não tem mais certeza se vai dar certo, já que seu chefe pediu demissão:

[Não tinha um plano de você ir viajar o ano que vem?] *Tinha. É. Talvez a prova é agora em novembro.* [E como que é essa história?] *É que o meu chefe, né, agora ex, né...ele saiu da (nome da empresa) agora, né. Num tá mais. Saiu essa semana. Aí fiquei meio assim: Será que eu vou agora, será que não, num sei. Aí ele falou pra mim: “Oh, quero que você aprende inglês. Você vai fazer um estágio lá nos Estados Unidos. Aí se você se adaptar bem, você fica. Senão você volta em um mês.” Falei: “Tá bom. Agora tô fazendo inglês. Estudando aí pra prova. Aí ele falou que vai ter uma prova pra ver se eu tô bem ou não. Se tiver, eu vou. Se num tiver, vai na próxima. “Vai estudando”, ele falou. Falei: “Beleza.” Mais agora ele saiu da (nome da empresa).* [E esse outro chefe aí?] *Qual? [Ué, que entrou no lugar dele.] Num entrou ainda. Vai entrar. É, ele saiu essa semana (silêncio). Aí eu fiquei meio...será que eu vou, será que não. (silêncio).* (2ª entrevista, linhas 274 a 284)

Também em relação à escola esta maior liberdade é vivida de modo a configurá-lo num outro posicionamento quanto à sua postura como estudante. Se antes a cobrança para estudar vinha do abrigo, agora quem tem que se haver com isso é ele. Este novo posicionamento fica expresso no seguinte trecho:

[Você sentiu alguma mudança na escola depois que você saiu do abrigo...e foi lá pra república?] *Não. Na escola não.* [Não, não sentiu?] *Não (silêncio). Ah, você quer aprontar mais...que num vai chamar os pai nada. Faz uma baguncinha, tudo. Mais...Normal. Vai no...reunião da escola. Mais isso aí é normal.* [Como assim? Não entendi...depois que sai do abrigo quer bagunçar mais?] *Não. (sorri). Não é bagunçar mais. Assim...é mais...um monte de gente, né. Mais sossegado. Não tem a pressão: “Vai pra escola! Vai pra escola...!”* [Você fala da pressão das tias lá dentro?] *Ah é né. Fala*

pra nós ir pra escola. Mais eu vou! Até hoje num faltei nenhum dia. Que eu já estou acostumado. Mais...sossegado. Tem que...começar a ir na reunião da escola, de pais e mestres.... [Ah, é você mesmo que vai?] *É. Mais eu num fui em nenhuma não.* [Ah, ah.] *Aí depois eu vou lá, pego meu boletim e já...(silêncio).* [Tá. Então você acha que uma...uma mudança que teve foi essa...diminuição da pressão que é, que as tias faziam e que agora num tem mais. Que é meio você por você.] *É...é (silêncio longo).* (2ª entrevista, linhas 180 a 199)

Ainda em relação aos estudos e aos planos para o futuro, Vitório traz várias vezes em sua narrativa, tanto na Primeira como na Segunda entrevista, seu desejo por cursar uma faculdade e abrir um negócio próprio. É interessante destacar que, em nossas conversas no abrigo, ele sempre teve muita curiosidade em saber como era fazer uma faculdade, se era muito puxado, como eram as festas, as provas, etc. Assim, sua meta futura é guardar dinheiro para poder pagar seu curso. Na primeira entrevista, ele me conta sobre seus planos futuros no seguinte trecho:

[Você tá em que série agora, Vitório?] *Eu fui pro segundo. Ano que vem, terceiro e depois entra na conta da faculdade!* [Que que você quer fazer?] *Ciências da Computação.* [É, você já me falou...] *Fazer ciência da computação. Bem loco! Quem sabe depois abrir um próprio negócio.* [Então você faz bastante planos?] *Faço.* (1ª entrevista, linhas 135 a 144)

Já na nossa Segunda entrevista, ele diz que está em dúvida entre Ciências da Computação, Engenharia Automobilística ou Direito, embora esta última opção seja mais difícil porque tem o exame da OAB. Neste sentido, ele diz:

Quais seus planos pro futuro? Que que você têm planejado em fazer? Você sente por exemplo que depois que você saiu do abrigo você começou a pensar mais no futuro?] *Não...eu já tô pensando faz tempo. Pensando...pensei em fazer faculdade. Se formar e só. E depois achar a área né, que eu se formei pra trabalhar.* [E que área seria essa?] *Ah, eu tô em dúvida em duas, três (silêncio). Dúvida em Ciências da Computação ou Engenharia Automobilística ou de último caso, advogado, uma coisa assim.* [Direito?] *Direito. Mais é último caso. Mais os primeiro é Ciências da Computação e Engenharia Automobilística.* [E porque essas três área...ser de mais interesse assim?] *Ah, que eu mais gosto, né. Ciências da Computação é que eu gosto de computador. Engenharia é que eu gosto de fazer conta, conta e conta. E Direito é, num sei, é um (inaudível) que veio na cabeça aí.* [É porque Direito é uma coisa que cê num tinha falado antes, né, pra mim. É uma coisa nova então?] *É. Veio na cabeça. (silêncio). É difícil... passar na AOB essas coisa aí...tem que estudar. (silêncio)* [As outras também tem, né?] *É, mais não muito né. Só um pouquinho.* [Que mais de plano para o futuro? O ano que vem você tá no terceiro? Aí depois você falou da faculdade. E viagem....pela empresa?] *Aí eu tenho que tirar carta. Tô tirando carta, tudo. Aí depois começar a sair pela empresa.* (2ª entrevista, linhas 250 a 273)

A partir destes dois trechos fica claro que Vitório, mesmo dentro do abrigo já vinha fazendo planos em relação à faculdade e ao seu crescimento no trabalho, não sendo uma questão pensada somente após a saída do abrigo – algo que certamente contribuiu para este momento de transição.

Estes dados referentes à zona de sentidos colegas de república, trabalho, escola e liberdade apontam, então, para as negociações que Vitório vem fazendo em relação à conquista de sua maior autonomia e liberdade, vislumbradas não como “coisas” a serem adquiridas após a saída do abrigo, mas como algo conquistado dia-a-dia em suas relações quotidianas, seja no trabalho, na casa ou na escola. Apontando tanto para as facilidades que conquistou após a saída do abrigo (ter as próprias chaves, não ter a pressão das “tias” para estudar, etc.), traz também as dificuldades encontradas no quotidiano com as quais tem de negociar quotidianamente – as “brincas” no trabalho, a incerteza sobre a viagem prometida pelo chefe, os conselhos dos colegas de república, etc.

Guiados pelos sentidos construídos por Vitório acerca das zonas de sentidos localizadas em suas falas, podemos dizer, buscando sintetizar estas tramas de sentidos, que os sentidos que Vitório constrói em relação à adoção estão particularmente ligados à situação financeira da família adotante. Além disso, apontando para um dado de realidade, traz que a adoção só é possível para crianças pequenas (assim como ocorreu com sua irmã), e que por isso não sonha mais com esta possibilidade.

Tendo o abrigo como uma referência desde os sete anos de idade (período em que ingressa na instituição), Vitório constrói-se em relação a este e é construído por seus parceiros relacionais como um adolescente independente, autônomo e de garra. Além disso, sua relação com o abrigo em seus aspectos concretos (estrutura da instituição) configura-se nos moldes de uma “casa” onde se tem proteção, comida, local para descanso e repouso. Sendo assim, seus parceiros relacionais são em grande parte de fora do abrigo (colegas de trabalho, escola,

vizinhos, etc.). Nem com os outros adolescentes da “casa” Vitório mantêm um contato tão próximo como tem com estes outros parceiros. Além disso, o abrigo é constituído por ele ora como lugar de proteção, ora como lugar que tolhe sua liberdade de ir e vir.

Já em relação à sua família biológica, aponta que não sabe porque os pais o deixaram no abrigo e que agora, já crescido, não quer mais nenhum contato com eles. Suas falas vêm carregadas de sentimentos de mágoa por ter sido o único dos cinco irmãos a ter ficado no abrigo. Significando a família biológica como aquela que educa e ajuda os filhos a crescerem, diz que agora que já está grande não vê mais motivo para se aproximar da família.

Buscando ancorar-se em redes de apoio construídas, particularmente, no trabalho, sua saída do abrigo é significada como a possibilidade de maior autonomia, embora também signifique a perda de algumas facilidades (transporte, comida, roupa, etc.). Apontando que tem muito apoio do “pessoal do trabalho” sai do abrigo para ir morar numa “república de trabalhadores”, todos mais velhos que ele.

Assim, os colegas de república, o trabalho e a escola representam para Vitório neste momento da saída a possibilidade de um maior ancoramento social. Tendo sido efetivado no trabalho e continuando seus cursos de computação e inglês, Vitório aponta que com a saída do abrigo as responsabilidades aumentaram nestes três contextos – república, trabalho e escola. Significado pelos colegas de república ora como adulto (responsável por acordar sozinho) ora como o mais novo da casa (ouvindo conselhos e sendo apoiado) Vitório encontra possibilidades contextuais de se construir como alguém que está conquistando sua liberdade, mesmo após ter ficado tantos anos sob a “proteção” do abrigo. Este novo status, conquistado de forma gradual e negociada, aponta para a trajetória de um adolescente cheio de garra, força de vontade e que, certamente, tem algo de vitorioso.

DISCUSSÃO

1. Revendo o percurso trilhado

Diante do trabalho de análise do *corpus* que constituiu esta pesquisa, alguns apontamentos finais são importantes no sentido de resgatar o que Carlos e Vitória nos contam sobre este difícil momento de suas vidas, bem como oferecer subsídios nas discussões sobre abrigos, de forma que estes possam se tornar mais adequados ao Estatuto da Criança e do Adolescente que representa, em termos legais, um avanço nos Direitos da Infância e Adolescência.

Se, a princípio, a questão central do trabalho era dar destaque ao momento da saída do adolescente da instituição, lançando alguma luz às dificuldades, impasses e negociações que este fazia ao deixar o abrigo, o próprio material de pesquisa foi nos apontando para outros caminhos e possibilidades de reflexão.

Como esperávamos, a entrevista proposta para os adolescentes, no momento de saída do abrigo, produziu um contexto de revisão e emergência de sentidos sobre o lugar do abrigo em suas vidas, sobre o significado da própria saída e, conseqüentemente, sobre as perspectivas de futuro, seja imediato ou longínquo. Contudo, duas outras temáticas foram se mostrando bastante presentes: a família biológica e a adoção. O material produzido pelos adolescentes foi nos apontando caminhos de sentidos interligados a esta saída. Ao dialogarmos com as entrevistas, foi ficando evidente que uma outra questão permeava seus relatos: *Por que fiquei aqui tanto tempo e por que tenho que sair agora?* Essa reflexão, feita na interlocução com a pesquisadora, parece ter remetido o discurso dos adolescentes aos motivos de sua longa permanência no abrigo. Por um lado, esse motivo é explicado na busca de sentidos sobre as condições de abrigamento e, conseqüentemente, sobre o papel da família biológica (*Por que minha família me deixou aqui?*) na construção dos destinos e da

subjetividade destes adolescentes. Por outro, na impossibilidade de terem ficado com suas famílias biológicas, recorrem à temática da adoção (*Por que não fui adotado?*), alternativa que hegemonicamente é utilizada para a colocação de crianças em contextos familiares e para a retirada do abrigo. Ou seja, perguntar ao adolescente sobre como vivenciam a saída do abrigo significou necessariamente perguntar sobre suas famílias biológicas e sobre as alternativas que eles teriam para não terem permanecido na instituição por tantos anos (adoção, colocação em família substituta, etc.). Daí, sentidos sobre essas temáticas aparecerem com intensidade, chamando-nos para uma necessária consideração desses aspectos e, principalmente, para as problemáticas e lacunas que antecedem o problema da saída. Assumimos assim que a saída desses adolescentes, após longos anos de permanência na instituição, só ocorreu porque uma série de outras medidas deixou de acontecer neste processo (retorno à família biológica, colocação em família substituta, adoção, etc.).

Dessa forma, primeiramente será abordada a questão da saída do abrigo apontando para as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes, na ausência de uma política específica de preparação para o desligamento e de uma rede social continente fora do abrigo. Em relação aos problemas que antecedem a saída do abrigo (e que o causam), será tratado o (não)lugar ocupado pela família biológica dentro da instituição, levando ao não cumprimento da ação de retorno à família, ao qual toda criança tem direito assegurado por lei. Vale ressaltar que esta seria a primeira medida a ser adotada para que a criança não permanecesse institucionalizada, vindo a se transformar no adolescente, foco desse estudo. Em seguida, será apontado o desejo da adoção na busca por reconstituição da *família perdida*, discutindo-se o lugar da adoção no cenário institucional e cultural.

2. O processo da saída do abrigo

De acordo com o material analisado, é possível destacar a ausência completa de uma prática sistemática e efetiva que vise a preparação dos adolescentes para o momento da saída do abrigo. Conforme pôde ser observado no abrigo investigado, ações visando a preparação dos adolescentes para o desligamento da instituição eram praticamente nulas.

A dificuldade da instituição na implementação de práticas para se pensar / preparar para o desligamento fica expressa, por exemplo, no projeto da *república* para os adolescentes que, além de não ter sido colocado em prática, vinha carregado, no discurso de seus idealizadores, de um sentido punitivo e moralizante. Ou seja, a república, na fala das educadoras e equipe técnica, serviria mais para os adolescentes valorizarem o que o abrigo lhes oferece do que para prepará-los efetivamente para uma maior autonomia e independência. Sendo significados como irresponsáveis, a república lhes mostraria “como a vida *lá fora* é difícil e como *elas* não dão valor para o que recebem *aqui dentro*” (abrigo).

Este discurso (bastante violento) apareceu não só entre as educadoras, mas entre os membros da coordenação do abrigo que entendiam a saída dos adolescentes como o momento onde “a sociedade veria se tinha valido a pena investir ou não na instituição”. Por ser uma instituição privada e mantida principalmente com recursos da sociedade civil (doações), era cobrada uma postura *correta e digna* dos adolescentes quando estivessem *lá fora*. Esta cobrança era feita, inclusive, em tom de ameaça.

Implícita a este discurso moralizante em relação aos adolescentes parece haver uma rede de forças discursivas e culturais bastante fortes e pregnantes em nossa sociedade no que diz respeito à adolescência pobre e às instituições de cuidado.

Posicionando a instituição como algo extremamente bom para os adolescentes e, desconsiderando todo o sofrimento por se permanecer tanto tempo institucionalizado, configura-se uma inversão na relação adolescente–instituição e um retrocesso no

entendimento do adolescente enquanto sujeito de direitos. Entendendo que a instituição faz um *favor* aos adolescentes, este passa a ser visto não como alguém que está ali para ser efetivamente protegido, mas para ser culpabilizado e controlado, configurando o que Garcia-Mendez chama de binômio *proteção/controle* (Garcia-Mendez, 1994).

Este discurso, que culpabiliza o adolescente pela sua situação e o coloca numa posição de dívida pelo que recebeu, é uma herança direta da Doutrina da Situação Irregular.

Marcílio (1998), fazendo uma crítica a esta visão, cita os objetivos da instituição de controle:

Retirada da família e da sociedade, nas instituições totais a criança encontraria a educação, a formação, a disciplina e a vigilância que a prepararia para a vida em sociedade, para bem construir sua família, dentro do amor e do preparo para o trabalho (...) Com a maioridade, a criança sairia desse microcosmo estruturado e profilático e seria devolvida apta para viver em sociedade (...). (Marcílio, 1998, p. 207)

Herança da fase *caritativa / filantrópica* (Marcílio, 1998), este posicionamento da instituição também é fruto da ausência do poder público na área. Ausentando-se no financiamento e na elaboração de propostas para o abrigo / desabrigo e, por vezes, na fiscalização de instituições particulares (como a estudada aqui), as ações dos abrigos ficam totalmente particularizadas, fragmentadas e dependentes, unicamente, do bom senso individual. Por outro lado, as instituições ficam dependentes de recursos esporádicos, mantendo a dinâmica do atendimento no âmbito da caridade.

Esse fato é agravado pela fragmentação e isolamento entre *órgãos*. Amorim (2002) e Vargas (2000) ressaltam que, diante das fragmentações observadas no âmbito do Judiciário e do Poder Público, os profissionais tendem a trabalhar de forma isolada e descolada das discussões mais atuais sobre direitos. Também Santos (2002) discute as dificuldades de acesso à complexidade dos fenômenos, nesse contexto, em função da dispersão e fragmentação das ações e do pouco intercâmbio e articulação entre os órgãos representativos da Justiça na comunidade.

Assim, vivenciamos atualmente o que Pereira & Costa (2004) chama de *ciclo recursivo do abandono*, ou seja, instituições, populações e pessoas abandonadas e desassistidas, repetindo o abandono, em seus discursos e ações quotidianas.

Vê-se, então, que apesar da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente ter sido um avanço em termos legais, muito se precisa discutir e avançar em termos de práticas e ações que compreendam, efetivamente, a criança e o adolescente como sujeitos de direitos especiais. Se por um lado temos, no nível dos discursos, um avanço no plano dos direitos, por outro, assistimos ainda a ações e práticas que são bastante violentas.

No plano das ações, o entendimento da criança e do adolescente *pobre* como ser inferior que precisa ser *protegido / controlado* dá mostras de ser ainda muito presente e cristalizado na realidade das instituições, assim como na instituição investigada. Apesar deste abrigo ter sido inaugurado sob a égide do ECA (Doutrina da Proteção Integral), contém discursos e práticas do período anterior, não tendo conseguido avançar em algumas discussões sobre Direitos da Infância e Adolescência.

Diante deste abandono e ausência de uma proposta sistemática que pudesse auxiliar os adolescentes neste difícil momento de transição, as ações referentes à saída são pontuais, bastante pessoais e personalizadas, dependendo da relação e das negociações que cada adolescente estabelece com a equipe e consigo mesmo.

Carlos e Vitória negociam sentidos sobre a saída de diferentes formas, seja por suas singularidades, seja pelas mediações bastante diferenciadas feitas pelo abrigo. Enquanto Carlos realmente sente que a vida *lá fora* iria ser muito difícil, sentindo-se inseguro para sair e vendo no abrigo uma referência de proteção e segurança, Vitória parece se agarrar nos laços sociais construídos fora do abrigo (particularmente no trabalho), laços que facilitaram sua saída. Além disso, enquanto Carlos aponta muito mais para as perdas que vai ter ao sair do abrigo (perda da segurança, da ajuda das *tias* e da companhia dos outros adolescentes),

Vitório, contando com uma rede de apoio extra-abrigo, faz reflexões sobre a saída que apontam mais para os ganhos que irá ter – mais liberdade, não vai ter hora pra voltar, poderá fazer o que quiser, etc.

Entretanto, como os sentidos produzidos são polissêmicos, múltiplos e contraditórios, também há momentos em que Carlos aponta para a maior liberdade que terá fora do abrigo e Vitório, para as dificuldades que terá, por exemplo, para *acordar* (já que no abrigo quem os acorda são as *tias*).

Em relação aos sentidos de si, enquanto Vitório (*o adolescente modelo*) era significado pela equipe como alguém capaz, autônomo e esperto, Carlos (*o adolescente deprimido*) era significado pela equipe como aquele que tem “problemas mentais e cognitivos, chantagista e manipulador”. Estes distintos posicionamentos (e até mesmo preferências entre um e outro) foram visualizados quando a equipe dizia que Carlos não estava preparado para sair do abrigo e para se cuidar sozinho porque tinha problemas cognitivos e um certo atraso mental. Já Vitório era descrito como alguém esperto e comunicativo e que, quanto a ele, a instituição não se preocupava porque sabia que ele ia dar conta de se cuidar.

Estes diferentes posicionamentos ocupados e possibilitados por cada um deles dentro da instituição permearam todo o processo de saída, amenizando-o para Vitório e dificultando-o para Carlos.

Os discursos produzidos pela equipe sobre Carlos e Vitório pareciam ser reafirmados, mais do que isso, encarnados e (in)corporados por eles em vários momentos. Assim, Carlos também se sentia deprimido e doente, pedindo ajuda várias vezes para a equipe que entendia este apelo como *charme*. Ou seja, além de carregar este *estigma* na instituição, seu sofrimento real (que pude sentir em muitos momentos) não era considerado e tampouco compreendido. Nos momentos em que estive na instituição, Carlos não contava com qualquer ajuda terapêutica porque, segundo a coordenação, ele não queria. Para mim, em muitos momentos

solicitou auxílio, dizendo que se sentia muito triste, configurando um campo de muitas tensões e contradições entre o discurso dele e o da equipe. As situações de escape e resistência que pude perceber em Carlos ocorreram na escolha das letras das músicas e em alguns momentos das entrevistas, onde fazia pequenas reclamações sobre o abrigo.

Já Vitório negociava com estes sentidos positivos de si, encontrando neles força para formar laços que o auxiliassem no desligamento. Corroborava o discurso que o abrigo tinha sobre ele através de atitudes e ações que eram sempre de autonomia e responsabilidade. Dá mostras de se sentir mais amparado e protegido. Algo que Carlos não pôde vivenciar.

Desta forma, as ações visando a saída ficavam bastante particularizadas e dependiam, basicamente, das preferências da equipe por um ou outro, o que culminava em ações pensadas somente no nível individual e marcadas por concepções cristalizadas sobre o adolescente – este é esperto, aquele não dá conta de se cuidar sozinho, etc.

Se por um lado esta particularidade nas ações pode parecer afinada ao Estatuto da Criança e do Adolescente que prevê a singularização das ações (Art. 92, III), por outro, quando olhadas na sua qualidade, configuram-se em ações produtoras de desigualdade. Há que se pensar em estratégias que respeitem as diferenças individuais na articulação com necessidades coletivas dos adolescentes, entre elas, a de terem os seus direitos igualmente respeitados.

Um outro dificultador que os adolescentes encontram na saída diz respeito ao fechamento da instituição para redes de apoio extra-abrigo. Seja por se localizar num lugar bastante afastado do centro da cidade, seja por ter uma característica de instituição fechada, a relação dos adolescentes com pessoas de fora do abrigo se restringiam aos amigos da escola e aos colegas de trabalho, ou ainda, às visitas de voluntários feitas aos finais de semana. Fazendo uma opção por se manter afastada, a instituição encontra-se distante do centro da

cidade, o que faz com que os adolescentes dependam da van para se locomoverem, dificultando suas relações com pessoas de fora do abrigo.

As relações de apadrinhamento, apesar de existirem, não se configuram como redes de apoio efetivas a estes adolescentes no momento da saída, constituindo-se através de ajudas pontuais (arrumar roupas, ajudar a comprar algo, aconselhar, etc.) Seria bastante diferente se houvesse, entre a sociedade civil e o abrigo, uma articulada rede de apoio montada para receber os adolescentes que saíssem da instituição, preparando-os para a independência e autonomia, auxiliando-os nas questões concretas e práticas da vida e servindo como um referencial de fora do abrigo. A madrinha de Vitorio, por exemplo, era a *tia* que não quis adotá-lo quando era pequeno porque *ele era muito peralta*. Já o padrinho de Carlos era um dos diretores do abrigo, ou seja, mantinha uma relação bastante contraditória e confusa com ele – ora é o diretor que dá bronca, ora é o padrinho que dá conselhos.

Este isolamento da instituição torna-se preocupante se considerarmos a importância que os outros sociais tem na vida do adolescente para a construção de sua identidade (Mendola, 2005). Uma vez que a rede de relações sociais destes adolescentes fica restrita aos amigos da escola, do trabalho e às pessoas do abrigo, as possibilidades de relação com seus pares fica bastante limitada, principalmente, porque, no abrigo, há o predomínio de crianças pequenas (além da questão do isolamento físico)

Diante da ausência desta rede social continente de fora do abrigo, o que ocorre é que, apesar de já estarem fora do abrigo, os adolescentes freqüentemente recorrem à ajuda da coordenadora e da equipe técnica, mantendo ainda um vínculo de dependência com a instituição. Esta aproximação ao abrigo após a saída foi muito presente na fala de ambos os adolescentes. Na busca por segurança e apoio diante das dificuldades encontradas, eles apontavam para o fato de saber que poderiam voltar ao abrigo quando quisessem e que, se

precisassem, sabiam que podiam contar com a ajuda das *tias*. Carlos chega a dizer que iria tentar sair, mas, se estivesse com muita dificuldade iria pedir pra *tia* deixá-lo voltar.

Vale ressaltar que a busca pelo abrigo após a saída não é *em si mesma* negativa, já que aponta para uma relação de confiança e segurança construída entre adolescente e instituição. O que torna a situação mais complexa é a ausência de uma rede de apoio *além* do abrigo, o que centraliza toda a responsabilidade na instituição e não a *expande* para outras figuras sociais.

Frente à infinidade de lacunas e ausências que marca o momento da saída do abrigo, observou-se que os adolescentes tinham que buscar recursos pessoais e próprios para enfrentar este desafio. Vivenciando uma batalha muito solitária ambos, Carlos e Vitório, apontam para as dificuldades deste momento – o desejo de não pensar sobre a saída; a tristeza por ter que deixar a instituição após tantos anos de permanência nesta; a falta de um lugar para ir, etc.

Assim, enquanto Vitório dá conta de tecer uma rede de apoio (embora frágil) particularmente em seu ambiente de trabalho (conta que o chefe gosta muito dele e que conseguiu conquistar a confiança das pessoas), Carlos conta com vários fatores que dificultam a sua saída – o envolvimento dos irmãos com o tráfico, a ausência de qualquer rede de apoio que o auxilie nesta transição, a morte de ambos os pais, a falta de uma referência familiar, etc.

Além de todas estas dificuldades, Carlos ainda tem que negociar com o lugar que ocupa no abrigo – o lugar do adolescente frágil e indefeso, daquele que precisa ser protegido. Configurando-se como espaço de proteção, o abrigo o protege de seu passado, de seus irmãos, de seus pais, de sua avó, do mundo do tráfico e de sua história, o que dificulta ainda mais seu desligamento do abrigo (visto por ele como espaço de proteção, embora, algumas vezes, compreendido também como espaço que tolhe a liberdade).

Levando-se em conta a singularidade de cada um no enfrentamento da saída e lugares em que são colocados na instituição, pode-se dizer que Vitório, negociando com sentidos de si mais autônomo e independente, consegue mobilizar, inclusive através da ajuda do abrigo, uma rede de apoio para sair do abrigo – vai morar em uma república com colegas de trabalho. Mesmo com estas *facilidades*, Vitório também aponta para as dificuldades de adaptação frente a sua nova vida. Já Carlos sai do abrigo através de um acordo entre a coordenação e o cabeleireiro do abrigo, com o qual vai morar, ou seja, participa muito pouco desta decisão que diz respeito à sua própria vida, uma vez que é colocado no lugar daquele que é *incapaz* de decidir sozinho.

Incapaz de exercitar seu poder de autonomia e diferenciação em relação aos adultos responsáveis por ele, os adolescentes abrigados vivenciam na pele o *estigma* da tutela. Retomando o que coloca Debortoli (2002) sobre a necessidade de diferenciação do adolescente diante de suas referências adultas, pode-se dizer que o espaço para diferenciação destes adolescentes é bastante restrito. Sendo o comportamento questionador uma das formas de diferenciação do adolescente, o espaço para questionar regras, rotinas e normas da instituição é quase inexistente para estes adolescentes. Inseridos na máquina institucional, que os captura e contém, as possibilidades de negociação sobre o cotidiano não são, sequer, aventadas. Assim, têm que comer, dormir e acordar nos horários pré-estabelecidos pela Instituição, restando pouco espaço para a emergência da singularidade, das vontades e desejos próprios.

Explicitando suas singularidades em comportamentos lidos pela instituição como *rebeldia* e *má educação*, muitas vezes o que resta de singular ao adolescente é seu pequeno espaço no armário, sua cama e seus pertences pessoais. Neste sentido, uma das queixas trazidas pelos adolescentes era a falta de privacidade no abrigo, já que os pequenos mexiam nas suas coisas e pegavam seus pertences.

Assim, não podemos deixar de apontar para a força e o poder de resistência que estes jovens possuem. Retomando as discussões sobre a Sociologia da Juventude e o empoderamento juvenil, acredito que foi através da capacidade de improvisação e adaptação próprias da juventude que Carlos e Vitório conseguiram encontrar pontos de fuga e resistência para enfrentar este difícil momento. Questionando muitas vezes a instituição, seja através das brigas diretas com as educadoras e coordenação (Vitório), seja através das músicas de rock e rap gravadas por Carlos, ambos apontam para um espaço juvenil libertador que constrói e inova, mesmo diante do controle normatizador da instituição.

São jovens fortes e experientes na arte da improvisação e na busca por recursos próprios já que, diferente de vários jovens da classe média que se constroem *numa família*, razoavelmente padronizada e estilizada de acordo com os moldes burgueses, os adolescentes do abrigo vivenciam na pele a provisoriedade dos seus vínculos – alta rotatividade das educadoras, rotatividade das crianças pequenas, laços frágeis entre os adolescentes do abrigo, ausência de qualquer referência familiar, etc.

Neste sentido, saem na frente no enfrentamento de situações de imprevisibilidade e improvisação que, conforme coloca Melucci (1998), são marcas singulares da sociedade contemporânea. Conforme coloca o autor, os sujeitos da atualidade:

(...)rodeiam sem uma meta precisa, por lugares não conectados, estações singulares de suas biografias, cujas conexões podem ser eventualmente identificadas como resultado de uma reflexão *ex post*, e não com base em um projeto. A memória de longo prazo, que atravessa o tempo pessoal de vida, assim como a projeção no futuro não imediato, tende a permanecer, aqui, universo mudo. O tempo fragmenta-se em episódios, cada qual com seu próprio sistema temporal de referência. Adquire força, neste contexto, a tendência à experimentação (Melucci, 1998, p. 36).

Tal como esta descrição feita por Melucci acerca do sujeito da atualidade, os adolescentes do abrigo transitam por espaços e projetos futuros pouco delimitados e ancorados mais no aqui agora. Para exemplificar esta apreensão temporal mais imediata, Vitório me conta, em uma de nossas conversas, que vai começar a pensar na saída um mês

antes de completar dezoito anos, apontando para uma reflexão *ex post*, tal como coloca o autor.

Se por um lado, vivenciam na pele a *provisoriedade* dos vínculos, por outro também vivenciam com igual intensidade a *permanência* no abrigo. Esta duplicidade aponta para a maior problemática a ser enfrentada por estes adolescentes – vivenciam a permanência de tantos anos num abrigo que foi pensado para ser provisório. Buscando referências e laços mais duradouros (como por exemplo o vínculo com a assistente social que era bastante forte para ambos) Carlos e Vitório vivenciam intensamente a *exceção à regra*, ou seja, são aqueles *que ficaram*. Ocupando um lugar marginal na instituição (que é idealizada para abrigar crianças, de forma passageira) é possível se afirmar que eles ocupam um não-lugar ou o lugar daquele que *não era para estar ali*. Isso gera na instituição uma certa pressão e pressa para o momento da saída como se pudessem sentir que aqueles adolescentes *estão no lugar errado*. Assim, a saída é feita às pressas e pouco pensada, como foi no caso de Carlos.

Apesar de todas estas dificuldades e ambigüidades enfrentadas e encarnadas pelos adolescentes, a saída da instituição é vivenciada como uma vitória para ambos. Mesmo carregado o peso de terem sido moradores do abrigo da cidade, eles dão conta de sair e (re)descobrir, no âmbito da realidade extra-muros, suas potencialidades e capacidades.

Esta nova proposta, a de compreender estes adolescentes como sujeitos ativos e atuantes em suas trajetórias, auxilia-nos a compreendê-los não como pessoas incapazes e amputadas em termos desenvolvimentais, mas como sujeitos vitoriosos e que deram conta, apesar das adversidades, de trilhar um caminho repleto de conquistas.

3. A família biológica

Este tópico merece atenção especial não somente porque a família tem ocupado lugar marginal nas ações e discursos, seja do abrigo, seja do poder público, mas porque, apesar de

toda esta invisibilidade, ela (a família biológica) ocupa lugar central na fala dos participantes. Mesmo após tantos anos sem contato direto com suas famílias, observa-se que elas constituem, para estes jovens, importantes referências de sentidos para si e para suas vidas e, portanto, estão bastante presentes e visíveis em suas falas.

Conforme apontado acima, o estudo referente à saída dos adolescentes do abrigo só existe porque uma série de falhas e lacunas aconteceram, culminando na longa permanência destes jovens na instituição.

O ECA (1990) diz que, diante da ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente, a medida de proteção referente ao abrigamento em entidade deve ser uma das últimas medidas a ser aplicada, havendo, antes dela, um esforço no sentido de oferecer apoio e auxílio à família (Art.101). Diante da necessidade do abrigamento, o ECA prevê ainda que este seja uma medida *provisória e excepcional* (Art. 101, Parágrafo Único).

Vimos, por meio de vários estudos que vêm sendo feitos na atualidade (IPEA, 2003; Weber & Gagno, 1995; Bernal, 2004), que, ao contrário do que prevê o ECA, os abrigamentos têm sido bastante longos e uma das primeiras medidas adotadas em caso de violação dos direitos.

Além desta incongruência entre a prática e a lei no que se refere ao abrigamento, a família biológica, que também deveria ser alvo de medidas protetivas, acaba sendo culpabilizada pela violência que ela mesma sofre. Este dado, amplamente apontado pela literatura, pôde ser visto também no material coletado.

Começando pela ausência/incompletude de prontuários e do histórico da criança e de suas famílias nos primórdios da instituição, observou-se que o lugar ocupado pela família biológica na instituição era o do descaso e, na maioria das vezes, do desconhecimento. Muitas histórias se perderam ao longo deste tempo – quem eram os pais das crianças, qual o paradeiro deles, porque elas foram abrigadas, etc.

Mesmo com o avanço na organização dos registros das histórias das crianças e adolescentes dentro da instituição, o lugar ocupado pela família biológica, seja no cotidiano da instituição (nas visitas, por exemplo), seja nas ações voltadas para a reintegração familiar, é o da culpabilidade. Para ilustrar este dado, um dos profissionais ressaltou certa vez que era muito difícil o trabalho com as famílias porque, normalmente, elas eram muito *desestruturadas* e não aderiam a qualquer tipo de ajuda que a instituição queria oferecer. Conta ainda que sempre tiveram *muitos problemas* com os pais das crianças tendo, muitas vezes, que impedir as visitas para não causar tumulto na instituição. Além disso, resalta que era complicado, às vezes, uma criança receber visita e as outras não e que, por isso, acabaram restringindo os horários de visita (elas ocorriam somente aos sábados).

Ou seja, o trabalho com as famílias biológicas é praticamente inexistente na instituição, em grande parte porque esta é vista como culpada pelo fato da criança ter sido abrigada. Em nenhum momento, ao longo da minha permanência na instituição, ouvi dos profissionais que faltava dinheiro, emprego, creche e escola para que os pais pudessem evitar deixar seus filhos na instituição. Ao contrário, era comum ouvir que tal pai era *alcoólatra*, tal mãe *tinha problemas mentais* e tal família era *desestruturada*.

Em pesquisa realizada por Pereira & Costa (2004), as autoras entrevistaram mães-sociais perguntando-lhes o que achavam das famílias biológicas e constataram que:

(...) quando tratam da “desestruturação familiar”, os participantes, sobretudo as mães-sociais, realizam um movimento de deslocamento da compreensão para a responsabilização e, em última instância, para a culpabilização da família de origem e principalmente da mãe. Nesse movimento, constroem um verdadeiro “quadro da incompetência” e da “imoralidade” dessas famílias, caracterizadas como preguiçosas, atrasadas, acomodadas e desinteressadas. (Pereira & Costa, 2004, p.9)

Ainda em relação ao lugar ocupado pela família biológica, em extenso relatório coordenado pelo núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente - *Por uma política de abrigos: em defesa das crianças e dos adolescentes na cidade de São Paulo*, mostrou-se que os dados sobre as famílias biológicas são escassos e, muitas vezes,

desconhecidos (não se sabe onde nasceram, qual a idade, grau de escolaridade, estado civil e situação no trabalho, além do paradeiro, na grande maioria dos prontuários pesquisados). Diante do desconhecimento/negligência quanto ao trabalho com a família biológica, a possibilidade de retorno vai ficando cada vez mais distante e o abrigo cada vez mais longo. Os profissionais entrevistados neste estudo apontaram para a dificuldade de preservação dos vínculos familiares (item priorizado pelo ECA na medida de abrigo), já que muitos abrigos não têm profissionais especializados para o trabalho com as famílias. Além disso, apontaram como os dois principais motivos para a não reinserção – problemas na família (apontando para termos pejorativos como *família desestruturada*, *mãe desequilibrada*) e ausência de família (pais mortos ou de paradeiro desconhecido).

De acordo com Jodelet (1999), essa tendência à culpabilização com foco no indivíduo (ou na família) serve, ainda, a fins bastante individuais e que “pode ser difícil adotar uma posição contrária por temor de nos encontrarmos em uma situação incômoda” (p.56).

No âmbito dos adolescentes em nossa pesquisa, resgatando o discurso dos profissionais sobre a família de Carlos, este era de que eles eram perigosos e que por isso Carlos devia se manter afastado deles (algo que efetivamente ocorreu). Já em relação à família de Vitório, o prontuário apontava que a mãe tinha problemas mentais e o pai era alcoólatra. Um outro dado interessante sobre Vitório é que ele foi o único dos irmãos a permanecer na instituição. Todos os outros ou ficaram com a mãe ou com alguma *tia*. Isso aponta para a falta de trabalho sistemático de reintegração de Vitório em seu contexto familiar; algo que talvez fosse possível já que seus irmãos nunca foram para o abrigo.

Este (não)lugar ocupado pela família de Carlos e Vitório no discurso e na prática do abrigo não corresponde ao lugar ocupado em seus discursos e na vida dos dois adolescentes.

Apesar de o abrigo evitar que Carlos tivesse contato com sua família, esta foi muito presente e marcante em suas falas. Em vários momentos ele dizia que sentia muita falta da sua

família, dos seus irmãos, do seu passado e que seu maior desejo era reencontrar o irmão para que pudessem reconstruir a família. Mantinha uma foto da mãe consigo o tempo todo e falava da sua família com muito sofrimento e saudade.

Vitório também se refere a sua família em vários momentos de nossas conversas (ora com raiva, ora com saudade, ora com revolta) e, mesmo dizendo que não queria mais contato com eles, dialogava com sua família o tempo todo em suas falas (por isso chamo este vínculo de silencioso) – algo que o abrigo, em muitos momentos, não pôde ouvir e tampouco atuar na tentativa de uma re-aproximação.

Retomando o que coloca Gonçalves (2005) acerca da importância da família (particularmente da mãe) na construção da subjetividade do adolescente, é válido destacar que há sérias incongruências acerca da importância que o abrigo e o adolescente dão em relação a família biológica. Ancorando-se na identificação com as figuras de referência familiares o adolescente, conforme coloca Gonçalves, sente-se amparado e protegido. Carlos, por outro lado, destaca em vários momentos o sentimento de solidão que sente por ter perdido as referências familiares de seus pais e irmãos e Vitório, mesmo nas entrelinhas, aponta que todos os seus irmãos continuam com seus pais e ele foi o único a ficar no abrigo.

Concluindo, diante de todas estas *marcas* que a família biológica carrega, seja no discurso dos protagonistas envolvidos, seja no macro-contexto histórico, que trouxe como herança direta a culpabilização das famílias pobres pelos seus filhos *abandonados*, mesmo assim, ela continua muito presente no discurso dos adolescentes, que se vinculam a elas, trazendo-as a todo momento neste espaço de negociação de sentidos sobre si e sobre suas vidas.

Assim, o trabalho de reintegração familiar é pequeno. As crianças vão permanecendo no abrigo por tempo indeterminado. É interessante destacar que, no abrigo investigado, havia

um rapaz de vinte e cinco anos com problemas de visão que não tinha qualquer vínculo fora do abrigo e, portanto, nenhuma previsão de saída.

Diante desta impossibilidade de retorno à família, um tema bastante presente na fala dos adolescentes foi a questão da adoção (medida prevista pelo ECA quando há perda do pátrio poder e impossibilidade de retorno à família biológica).

4. Adoção

Falar sobre adoção é, em primeiro lugar, remeter ao seu entendimento em nossa cultura. Quando Vitório fala que só os pequenos têm chance de serem adotados ele está dialogando com um dado de realidade bastante concreto e presente: a adoção é uma medida predominantemente buscada para crianças pequenas, particularmente meninas e brancas (Weber & Gagno, 1995). Ou seja, os casais adotantes têm buscado, na grande maioria das vezes, bebês brancos. Por outro lado, a população disponível nos abrigos para adoção é, em sua grande maioria, parda ou negra e, sobretudo, de idade mais avançada (NAC-PUC/SP, 2004).

Vitório, ao longo de vários momentos das entrevistas, dialoga com este dado e diz saber que agora que *é mais velho* precisa aprender a se cuidar sozinho, mas que reza todos os dias para que os *pequenos do abrigo* possam ser adotados. Fala também do desejo que tinha de ser adotado quando pequeno.

Corroborando este dado vivencial trazido por Vitório (existe um perfil *idealizado* de criança a ser adotada), o amplo levantamento realizado pelo NAC-PUC/SP, em parceria com várias instituições, aponta que a maior parte da população que continua abrigada é de crianças mais velhas e adolescentes (entre 8 e 19 anos) e que têm pouquíssima chance de ser adotada.

Diante da impossibilidade de retorno à família, é dever do abrigo promover a integração em *família substituta*. Interagindo com a Justiça e demais elementos do sistema de

garantia de direitos, o abrigo deve, portanto, assumir um papel ativo nesta função. Weber e Kossobudzki (1996), todavia, em pesquisa realizada no Estado do Paraná, constataram que, em virtude da desarticulação e da falta de comunicação entre Justiça e abrigos, crianças e adolescentes podem permanecer anos institucionalizados sem definição quanto à situação jurídica, o que inviabiliza o encaminhamento para a adoção nos casos em que a medida seria necessária. Esta falta de comunicação vai desde a demora pela destituição do pátrio poder em situações onde o retorno à família biológica é inviável até a completa indefinição jurídica e legal do caso.

Estes dados, assim como as falas de Vitorio, apontam para um percurso perverso trilhado por grande parte das crianças e adolescentes abrigados: a institucionalização.

A predominância do desejo pela adoção, particularmente de crianças pequenas, provoca o não questionamento dessa prática assim como dificulta outras medidas de integração familiar como a guarda e a tutela que favorecem, por exemplo, a colocação em família extensa (tios, avós e parentes em geral). A rigidez das ações – retorno à família biológica ou adoção – acaba por segregar grande parte das crianças e jovens que não se enquadram em nenhuma das duas opções. Há que se pensar em formas alternativas de integração familiar / comunitária para estas crianças e adolescentes inadotáveis que acabam se tornando *Filhos do abrigo*, parodiando o título do livro de Roberto da Silva (1997) .

Carlos, por outro lado, levanta uma outra problemática bastante séria e presente na realidade dos abrigos no que se refere à prática da adoção: a separação de irmãos. Apesar do ECA, em seu artigo 92 Parágrafo V, apontar para o não desmembramento no grupo de irmãos, esta não é uma prática que necessariamente acontece, seja no cotidiano das instituições, seja no momento da adoção (fragmentando famílias inteiras)

Carlos conta com muito pesar que seu irmão mais velho (com quem tinha mais afinidade) foi adotado certa vez porque *o casal foi lá e gostou dele*. Conta que foi como um

castelo destruído porque seus irmãos eram os únicos e mais importantes vínculos que ele tinha e, de repente, *alguém vai lá e arranca isso*. Esta adoção não foi bem sucedida, ou seja, o casal devolveu o irmão de Carlos por problemas de *comportamento*. Assim, em suas falas, Carlos associa a adoção mal sucedida com a entrada do irmão para o mundo das drogas e diz que se o *peçoal do abrigo* não tivesse permitido esta adoção o irmão não teria se envolvido com o tráfico.

Ainda, vale ressaltar que a prática da separação de irmãos ainda é bastante presente em função da organização dos abrigos por idade ou por sexo. No caso investigado, por ser apenas destinado a meninos, necessariamente, separa irmãos de sexo oposto quando abrigados, trazendo sofrimento para todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas estas questões levantadas, torna-se importante fazer alguns apontamentos finais.

Infelizmente, todas as dificuldades e inadequações apontadas no abrigo em que foi realizado o presente estudo não é uma realidade somente local (específica a este abrigo). Ao contrário, ele representa a grande maioria das instituições de *cuidado* no nosso país, porque é uma realidade local e ao mesmo tempo sócio-histórica.

Assim, características como alto número de crianças por educadoras, o que impede o contato personalizado e o atendimento em pequenos grupos (ECA, Art. 94, Parágrafo III); períodos longos de permanência na instituição (ECA, Art.101, Parágrafo Único); separação entre irmãos, seja no âmbito da instituição (através da prática de separar meninos e meninas), seja na adoção (ECA, Art. 92, Parágrafo V); ausência de políticas de reintegração familiar (ECA, Art. 92, Parágrafo I); ausência de políticas de participação ativa na sociedade local e preparação para o desligamento dos adolescentes (ECA, Art. 92, Parágrafo XVII e XVIII), dentre outras inadequações, devem ser vistas de dois prismas, simultaneamente.

Por um lado, há uma forte herança histórica, que caracterizou o atendimento às crianças e adolescentes pobres no país (*institucionalizar para proteger/corriger*), cristalizando, no cotidiano das instituições, práticas antigas e coercitivas. Por outro lado existem discussões e avanços no entendimento dos direitos da infância e adolescência, promovido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Neste ínterim, crianças e adolescentes continuam a percorrer (tal como descreveu Roberto da Silva em *Filhos de Governo*) o ciclo *perverso da instituição*. Após a entrada, sua saída vai ficando cada mais dificultada, demorada e burocrática, uma vez que, conforme vimos, uma série de medidas *protetivas* deixam de ser cumpridas pelo caminho da institucionalização.

Estes *buracos* encontram-se nos mais variados âmbitos de atuação: no Estado, quando deixa de exercer seu papel mantenedor através de políticas públicas básicas como escola, saúde, saneamento básico, emprego, etc.; nos Conselhos Tutelares e órgãos municipais fiscalizadores, quando deixam de pensar em diretrizes e normas locais que possam gerir seu trabalho de fiscalização e atuação junto aos abrigos; e, finalmente, nos abrigos, que, muitas vezes, permanecem completamente alheios a estas discussões mais recentes sobre direitos da infância e adolescência, constituindo práticas desligadas do todo.

Além disso, resgatando todo o debate realizado a respeito da adolescência, particularmente aquela vivenciada nos abrigos, destaca-se que o lugar ocupado por esta população é o da ambigüidade (provisoriamente / permanência). Sendo a instituição programada para receber provisoriamente crianças e adolescentes em situação de risco, não há uma instituição pensada para os adolescentes que lá permanecem. Questões como a construção de suas identidades, bem como noções de autonomia e independência não são pensadas no cotidiano institucional. Os espaços de singularização do sujeito (crianças e adolescentes) são quase nulos – quartos com grande número de camas, ausência de espaços para pertences pessoais e dependência extrema da instituição (necessidade de autorização para sair, por exemplo).

Estas situações se contrapõem a qualquer movimentação do sujeito em direção à uma diferenciação e singularização em relação ao ambiente. Apesar desta força massificadora da instituição, o potencial de resistência do adolescente se apresenta, seja na sua forma de vestir, seja na sua opção pelas músicas, comportamentos que são lidos pela instituição como de *rebeldia*. Além disso, a falta de preparação para o desligamento o torna uma empreitada solitária e bastante penosa.

Assim, novamente, é importante ressaltar que todos os dados explicitados aqui não tiveram, em nenhum momento, o propósito de *demonizar* o abrigo em questão, mas,

apontando suas dificuldades, propusemo-nos a entendê-las como cristalizações de práticas locais/históricas que muitas vezes não são pensadas por serem entendidas como *naturalizadas*.

Convivem, então, simultaneamente o *velho* e o *novo*, os *avanços* e *retrocessos*, movimento que caracteriza todo processo histórico, cultural e humano.

Acreditamos, assim, que este trabalho possa contribuir promovendo campos de discussão e reflexão, tanto no espaço científico/acadêmico, como nos espaços coletivos (abrigos, escolas, etc.), num movimento de ações conjuntas para se pensar formas de garantir os direitos destes jovens que saem do abrigo após tantos anos. E mais, que possa contribuir para se pensar formas de impedir que mais e mais crianças cresçam e se constituam nos abrigos, encontrando as mesmas dificuldades pelas quais passaram Carlos e Vítório – os dois adolescentes guerreiros que tive o prazer de conhecer ao longo desta jornada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- ABRAMO, H. W. & BRANCO, P.P.M. (org.). **Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- AMORIM, E. P. M. **O processo de mediação com famílias em conflito judicial: negociando desacordos e construindo possibilidades**. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2002.
- ANDRADE, C. D. de. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Nova Cultural, 1981.
- BAZON, M. **Psicoeducação - Teoria e prática para a intervenção junto a crianças e adolescentes em situação de risco psicossocial**. Ribeirão Preto: Holos, 2002.
- BECKER, D. **O que é adolescência?** São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BERNAL, E.M.B. **Arquivos do Abandono: experiências de crianças e adolescentes internados em instituições do Serviço Social de Menores de São Paulo (1938 – 1960)**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BETTELHEIM, B. The problem of generations. In.: **Journal of the American Academy of Arts and Sciences**, pp.145-167, 1962.
- BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BRUNER, J. **Atos de Significação**. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

- CABRAL, C. (2003). **Pesquisa Reordenamento de Abrigos**. Disponível em: www.portaldovoluntario.org.br/biblioteca/Pesquisa_Reordenamento_de_Abrigos.pdf.
- CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CASTRO, L. R. de et al. (coord.). **Mostrando a real: um retrato da juventude pobre no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Faperj/Nau, 2005.
- CASTRO, L. R. de & CORREA, J. (org.) **Juventude contemporânea – perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Faperj/Nau, 2005.
- CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e a história da Severina – um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CLARKE-STEWART, A. e FRIEDMAN, S. The Child before the science of child psychology. In.: **Child Development: Infancy through Adolescence**. Ed. Wiley, pp.4-29, 1987.
- COUTO, I.A.P. & MELO, V.G. Reconstruindo a história do atendimento à infância no Brasil. In.: BAZÍLIO, E.A.R.P. & NORONHA, P.A. **Infância tutelada e educação: história, política e legislação**. Rio de Janeiro: Ravel, p. 21-37. 1998.
- DEBORTOLI, J. A. O. Adolescência(s) – Identidade e formação humana. In.: CARVALHO, A.; SALLES, F. & GUIMARÃES, M. (org.). **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG, pp. 31-47, 2002.
- DI LORETTO, O. Uma terapia para a criança injustiçada. In.: **Psicologia Atual**, VI (33), pp.46-49, 1983.
- ECA – **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei n ° 8.069 de 13 de julho de 1990.
- ERICKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

- FORACHI, M.M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In.: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, pp. 70-134, 1905.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991
- GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. In.: **Tempo Social – revista de sociologia da USP**, 17. 207-219, nov., 2005
- HALL, G. S. **Adolescence**. (Vol. 1-2). New York: Appleton, 1916.
- HUNING, S.M. & GUARESCHI, N.M.F. Tecnologias de Governo: Constituindo a Situação de Risco Social de Crianças e Adolescentes. In.: **Currículo sem Fronteiras**, v.2, n.2, pp.41-56, Jul/Dez 2002.
- JODELET, D. Os Processos Psicossociais da Exclusão. In.: SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, pp.53-66, 1999.
- LA MENDOLA, S. O sentido do risco. In.: **Tempo Social – revista de sociologia da USP**, 17. 59-91, nov., 2005. (trad. Guarinello, N. L)
- LEVISKY, D.L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998
- MARCÍLIO, M.L. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MELUCCI, A. **Nomads of the present**. London: Hutchinson, 1998.
- MENDEZ, E. G. & COSTA, A.C. G. **Das necessidades aos direitos: série direitos da criança 4**. São Paulo: Malheiros, 1994.

MUSS, R.E.H. **Theories of adolescence**. EUA: McGraw-Hill Companies, 1996.

NAC-PUC-SP. **Por uma política de abrigos: em defesa das crianças e dos adolescentes na cidade de São Paulo**. Disponível online em www.aasptjisp.org.br/pdf/relatorio_completo.pdf

NIETZSCHE, F. W. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: L&PM, 2003

PALACIOS, J. Introdução à psicologia evolutiva: história, conceitos básicos e metodologia. In.: COLL, C.; PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, vol.1, pp. 105-147, 1995,

PEREIRA, J.M.F. **A adoção Tardia frente aos Desafios na Garantia do Direito à Convivência Familiar**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2003.

PEREIRA, J. F. & COSTA, L. F. **O ciclo recursivo do abandono**, 2004. Disponível online em www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0207

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. Tradução Manoel Campos, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PINTO, H.D.S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In.: AQUINO, J.G. (org.). **Sexualidade na escola – Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, pp. 43-51, 1997.

REY, F. G. Sobre a Rede de Significações, o Sentido e a Pessoa: uma Reflexão para o Debate. In.: ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A.P.S. & CARVALHO, A.M.A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, pp. 59-65, 2004.

- RIBEIRO, R. J. Política e juventude: o que fica da energia. In.: **Juventude e Sociedade – Trabalho, educação, cultura e participação**. pp.19-33, 2004.
- ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A.P.S. & CARVALHO, A.M.A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- SANTOS, J. E. F. **Travessias: a adolescência em Novos Alagados: trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto social de risco psicossocial**. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- SANTOS, V. A. **Família e violência sexual contra a criança: o papel da Justiça na construção e reconstrução de significados**. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, 2002.
- SCHLEGEL, A. & BARRY, H.I. **Adolescence: An anthropological inquiry**. New York: Free Press, 1991.
- SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. In.: **Tempo Social – revista de sociologia da USP**, 17. 335-350, nov., 2005.
- SILVA, R. da. **Os filhos do governo**. São Paulo: Ática, 1997.
- SILVA, D. F. M. & HUTZ, C. Abuso infantil e comportamento delinquente na adolescência: prevenção e intervenção. In.: HUTZ, C. (org.) **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 17-32, 2002.
- SPOSITO, M. P. & CARRANO, P. C. Juventude e políticas públicas no Brasil. In.: **Revista Brasileira de Educação**, 24: pp. 16-39, set./dez., São Paulo, Anped/Autores Associados, 2003.
- VARGAS, M. M. **A prática da adoção segundo a ótica de seus operadores**. Tese de Doutorado não publicada. PUC - Campinas, 2000.

VYGOTSKY, L. S. Manuscrito de 1929. In.: **Educação e Sociedade**, ano XXI, n ° 71, julho, pp. 21-44, 2000.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**. Lisboa: Moraes, 1979.

WALLON, H. **As origens do caráter**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WEBER, L.N.D & GAGNO, A.P. Da institucionalização à adoção: um caminho possível? In.: **Revista Igualdade**, 9, pp. 1-9, 1995.

WEBER, L. N. D. & KOSSOBUDZKI, L. H. M. **Filhos da solidão: institucionalização, abandono e adoção**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1996.

WEREBE, M. J.G. & NADEL-BRULFERT, J. (orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ANEXO 1

CARTA DE APRESENTAÇÃO À INSTITUIÇÃO

À coordenação:

Levando-se em conta a problemática atual dos abrigos, seja pela importância do tema, seja pelas dificuldades reais e concretas que estes enfrentam em seu cotidiano, o presente projeto se apresenta, inicialmente, como desejo de uma aproximação a esta realidade, enfocando particularmente o adolescente que está prestes a sair do contexto do abrigo, tendo permanecido nele por vários anos. Tendo como enfoque de estudo a problemática da construção da identidade dentro e fora do contexto de abrigamento, o projeto tem como proposta inicial investigar como o adolescente em processo de desabrigamento está enfrentando esta situação e negociando sua identidade, num momento crucial de sua vida. A escolha por estudar adolescentes que ficaram muitos anos no abrigo, justifica-se pelo intuito de se apreender como longos anos de vivência em abrigo foram significados por estes jovens, construindo sua identidade e como a longa vivência se articula ao modo deste adolescente enfrentar o momento de desligamento do abrigo.

É importante salientar que a escolha por este jovem que permaneceu muitos anos no abrigo, justifica-se muito mais por um desejo de estudar o processo de construção da identidade, que ocorre nestes longos anos, do que pela premissa de que a permanência neste abrigo tenha sido boa ou má *a priori*. Ao contrário, pretende-se com a realização deste trabalho buscar conhecer a realidade cotidiana do abrigo, desmistificando os discursos que posicionam o abrigo somente enquanto lugar de exclusão para estas crianças e jovens. Enfocando os modos de enfrentamento que este adolescente está fazendo uso, neste momento de saída, será possível uma análise mais processual e pormenorizada de como estes modos de enfrentamento foram sendo construídos neste espaço do abrigo, abrindo lugar para este também enquanto possibilidade de inclusão e desenvolvimento para suas crianças e jovens.

Após o aceite da coordenação do abrigo, pretende-se realizar a pesquisa através de visitas, agendadas anteriormente com a coordenação bem como entrevistas com todos os adolescentes que estão passando pelo processo de saída do abrigo. Estas entrevistas serão realizadas quando o adolescente se encontra no abrigo e, após um, dois e três meses de desabrigamento. Também será apresentado um termo de consentimento ao adolescente, sendo esclarecidas todas as suas possíveis dúvidas.

A pesquisadora coloca-se a disposição também da coordenação para quaisquer dúvidas.

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO (coordenação do abrigo)

Eu, _____, coordenador(a) da instituição _____, autorizo a realização do projeto de pesquisa intitulado “*Desafios enfrentados pelo adolescente no momento de saída do abrigo*”, desenvolvido por Ana Laura Moraes Martinez, pós-graduanda da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Soares da Silva.

Fui informado(a) que o objetivo principal deste projeto é compreender como o adolescente está vivenciando o momento de saída do abrigo, ao ter atingido a maioridade.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa se utilizará de informações coletadas através de visitas ao abrigo e de entrevistas com os adolescentes abrigados que estão em processo de saída, em função da maioridade.

Estou ciente de que a participação do adolescente é voluntária, não podendo, portanto, ser imposta nem negociada, entre a diretoria e o participante visando qualquer outra finalidade que não a pesquisa.

Fui informado(a) de que as observações coletadas, o material produzido em diário de campo, bem como o material da entrevista serão utilizados somente para finalidade de pesquisa, respeitando-se o sigilo e as normas éticas quanto a identificação nominal desta instituição bem como dos adolescentes participantes.

Ressalta-se que a participação desta instituição é feita por um ato voluntário, ficando explícito que a pesquisa não trará qualquer tipo de apoio financeiro, dano ou despesa para a instituição e para o adolescente. Fica explicitada também a possibilidade da interrupção da participação da instituição na pesquisa a qualquer momento, sem que esta decisão traga quaisquer conseqüências.

Todas as minhas dúvidas e questões no que diz respeito à pesquisa foram respondidas e a pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que eu tiver em qualquer momento da realização da pesquisa, ou mesmo após o seu término.

Estou ciente de que esta pesquisa poderá ser interrompida, mesmo após o contato com a diretoria, caso não se encontrem nesta instituição os participantes adequados para este fim ou estes expressem seu não aceite em participar da pesquisa.

Também estou ciente de que este tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados e de análise. Por isso, autorizo a divulgação destes resultados produzidos pela pesquisadora, bem como o conteúdo do projeto para fins de publicação e divulgação científica.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de _____

Coordenador (a) da instituição _____

Pesquisadora Ana Laura Moraes Martinez

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP (CINDEDI)

Telefone: (016) 602-3791

Endereço: Av. Bandeirantes, 3900 – Ribeirão Preto

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO (adolescente – participante)

Eu, _____, aceito participar do projeto de pesquisa intitulado “*Desafios enfrentados pelo adolescente no momento de saída do abrigo*”, desenvolvido por Ana Laura Moraes Martinez, pós-graduanda da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Soares da Silva.

Fui informado(a) que o objetivo principal deste projeto é compreender como estou vivenciando o momento de saída do abrigo.

Estou ciente de que minha participação implica em ser entrevistado, mas que tenho total direito de escolher quanto à gravação ou não em fita-cassete, o que não impedirá minha participação na pesquisa.

Fui informado(a) de que minha participação é voluntária, e que não terei qualquer apoio financeiro, dano ou despesa. Fui informado de que posso interromper minha participação a qualquer momento. Fico ciente de que esta minha decisão não me trará qualquer tipo de consequência pessoal ou em relação à instituição da qual faço parte.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista será utilizada somente para fins de pesquisa, não sendo revelada para a diretoria da instituição ou qualquer um de seus membros, respeitando-se as normas éticas quanto a utilização do material bem como ao sigilo quanto à minha identificação nominal nesta.

Estou ciente de que todas as minhas dúvidas e questões a respeito da pesquisa foram respondidas, ficando a pesquisadora à minha disposição para responder quaisquer dúvidas que eu tiver em qualquer momento desta pesquisa.

Também estou ciente de que este tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados e de análise. Por isso, autorizo a divulgação destes resultados produzidos pela pesquisadora, bem como o conteúdo do projeto somente para fins de publicação e divulgação científica, desde que não haja minha identificação.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de _____

Participante _____

Pesquisadora Ana Laura Moraes Martinez

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP (CINDEDI)

Telefone: (016) 602-3791

Endereço: Av. Bandeirantes, 3900 – Ribeirão Preto

ANEXO 4**Quadro 3 - Pessoas citadas nas entrevistas dos adolescentes**

Nome fictício	Quem é?
Antônio, Jorge e Tavares	Conhecidos de Vitório que prometeram ajudá-lo após a saída
Bruno e Joãozinho	Crianças pequenas do abrigo
Carlos	Adolescente entrevistado
Jair, Sandro e Clóvis	Colegas de república do Vitório
Joana	Assistente social do abrigo
Joaquim	Irmão mais novo de Carlos
João	Um dos diretores do abrigo e padrinho de Carlos
Maciel	Cabeleireiro com o qual Carlos foi morar ao sair do abrigo
Manoel	Adolescente com quem fiz a entrevista piloto
Marilda	Uma das diretoras do abrigo
Maíra	Filha da “tia” de Vitório
Moisés	Jovem de vinte e cinco anos que “morava” no abrigo e tinha deficiência visual
Paulo	Irmão mais velho de Carlos

Rafa	Filho mais novo de Maciel
Ricardão	Tio de Carlos que batia nele quando morava com seus pais
Sandra	Presidente do abrigo
Silvia	“Tia” de Vitório que o deixou no abrigo
Sonia	Coordenadora do abrigo
Teresa	Psicóloga do abrigo
Vitório	Adolescente entrevistado

ANEXO 5**CRONOGRAMA/DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS PELA
PEQUISADORA NO CONTEXTO DO ABRIGO**

DATA	PERÍODO DE PERMANÊNCIA DA PESQUISADORA NO LOCAL	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS
13/09/2004 – Segunda-feira	2 horas e meia (das 8:00 às 10:30 horas)	Contato inicial da pesquisadora com o abrigo e com a coordenação deste; apresentação do projeto de pesquisa à coordenação bem como do termo de consentimento ao diretor;
19/09/2004 – Domingo	1 hora e meia (das 9:00 às 10:30 horas)	Contato inicial da pesquisadora com os adolescentes do abrigo; apresentação do projeto de pesquisa aos adolescentes bem como leitura conjunta do termo de consentimento ao adolescente; observações em relação aos adolescentes e suas interações
16/10/2004 – Sábado	2 horas (das 16:00 às 18:00 horas)	permanência da pesquisadora no local buscando a construção de um vínculo com os adolescentes; observações da pesquisadora em relação a estes
23/10/2004 – Sábado	2 horas (das 16:00 às 18:00 horas)	permanência da pesquisadora no local buscando a construção de um vínculo com os adolescentes; observações da pesquisadora em relação a estes
30/10/2004 – Sábado	2 horas (das 16:30 às 18:30 horas)	permanência da pesquisadora no local buscando a construção de um vínculo com os adolescentes; observações da pesquisadora em relação a estes
13/11/2004 – Sábado	2 horas (das 16:30 às 18:30 horas)	permanência da pesquisadora no local buscando a construção de um vínculo

		com os adolescentes; observações da pesquisadora em relação a estes; agendamento da primeira entrevista com um dos adolescentes para o próximo final de semana.
27/11/2004 – Sábado	2 horas (das 16:00 às 18:00 horas)	Retomada do projeto de pesquisa e releitura do termo de consentimento junto do adolescente que seria entrevistado; realização de entrevista de história de vida (gravada em fita cassete); confirmação da entrevista a ser realizada na semana seguinte com o outro adolescente
11/12/2004 – Sábado	1 hora (das 16:20 às 17:20 horas)	Retomada do projeto de pesquisa e releitura do termo de consentimento junto do adolescente que seria entrevistado; realização de entrevista de história de vida (gravada em fita cassete);
18/12/2004 – Sábado	1 hora (das 16:10 às 17:10 horas)	Fechamento com os adolescentes, neste primeiro momento, finalizando este primeiro contato (foi deixada aberta a possibilidade de outras entrevistas após o momento de saída do abrigo)

ANEXO 6 -PRIMEIRA ENTREVISTA COM CARLOS (ABRIGO) – 27/11/2004

- 1 E: Hoje é dia vinte e sete de novembro de dois mil e quatro, às três horas da tarde, três e
2 meia, é...e eu tô fazendo a primeira entrevista com o Carlos, aqui no (nome do abrigo).
3 O Carlos é um adolescente que tá com dezessete, quase dezoito anos. Faz dezoito anos
4 em janeiro, né. E eu queria agora Carlos, depois de ter apresentado o que que é o meu
5 projeto, e queria que você me contasse um pouco da sua vida assim, mas vamos
6 começar pela época em que você viveu no abrigo, né. Como que foi? Como que você
7 sentiu esse tempo? Que foram doze anos?
- 8 P: Foi. Doze anos. (silêncio). Ah, a primeira vez quando eu vim, cheguei no lar né, foi
9 muito difícil é...eu conviver com as crianças daqui porque ninguém conhecia ninguém.
10 Aí quanto mais o tempo foi passando, foi se reconhecendo e...aí nós virou tudo amigos.
11 Foi...(silêncio)
- 12 E: Você chegou com quantos anos, Carlos?
- 13 P: Cheguei com uns sete anos de idade.
- 14 E: Sete anos!
- 15 P: Isso é contando com o outro orfanato também..
- 16 E: Que era lá...que era na cidade, né?
- 17 P: Que era na cidade.
- 18 E: E aí como foi? Você chegou, se adaptou ou não?
- 19 P: Ah, comecei a pegar amizade com os moleques, aí...aí foi indo, né. Aí mais pra frente
20 nós fomos, nós virou grandes amigos. Ficou jogando bola, vídeo game, tudo
21 (silêncio)...aí tá até hoje. Tem alguns que já foram embora, que bate a saudades, né.
- 22 E: E nessa época, Carlos, cê ia pra escola...com sete anos? Quando cê entrou...como é
23 que era?
- 24 P: É, nós ia na escola, sim! Eu alembro até hoje quando nós ia na escola, nós ia de
25 lancheira, né. Eu, o Vitório, Marcos nós já se conhecia desde pequeno. Aí tinha o
26 Jonatan, o Manoel também, dois irmãos. Aí nós ia tudo de pé pro (nome da escola), que
27 nós estudava lá no (nome da escola), né. Aí teve alguns grande que se separaram de nós,
28 que foi adotado, que foi embora que fizeram dezoito anos. Aí só sobrou nós três, né aí.
29 Só nós três...dos maior. (silêncio longo)
- 30 E: E aí, vocês iam pra escola...e o resto do tempo vocês ficavam no abrigo?
- 31 P: Ficarvamos. (silêncio)
- 32 E: Os seus irmãos moravam no abrigo também nessa época?
- 33 P: Morava. Nós três era...assim, né, nós nunca se separamos. Na onde um ia os dois ia
34 atrás, né. Nós num desgrudava. Aí...nós três é...aí chegou uma época que...que a Sonia,
35 né, que veio visita ele, nós...veio visitar as criança, gostou dele. Aí nessa época tava
36 jogando bola ainda com os moleque, aí eu cheguei...aí eu vi a Sonia conversando com o
37 Joaquim, né. O Joaquim tava também jogando bola com nós, aí o Joaquim parou. Aí a
38 Sonia chegou, começou a conversar com ele. Aí eu fiquei preocupado, né, porque...aí
39 quando eu fiquei sabendo que ele ia se adotado...(silêncio)...aí eu tive que aceitar
40 né...porque bastante...bastantes anos juntos. Aí vai...de repente assim vai separar.
41 Agora, a Sonia tirou ele num sei pra que, tirou a toa porque? Porque agora ele...eles
42 estão no mundo das drogas, né. Se a Sonia num tivesse tirado eles, a Sonia tinha...o
43 Joaquim taria...tava saindo daqui hoje, esse ano. Mais, ela estragou tudo, né. O Paulo
44 tudo bem, fez dezoito anos.
- 45 E: Então, o Paulo num foi adotado. Quem foi adotado foi o outro?
- 46 P: É, o Joaquim foi adotado.
- 47 E: E qual a diferença de idade entre os dois, Carlos?
- 48 P: Ah, o Joaquim tem dezenove e o Paulo tem vinte. (silêncio longo). (Uma voz lá fora
49 diz: O que foi, Mateus?)

50 E: É, porque que cê diz que essa pessoa que adotou acabou estragando tudo? Cê acha
51 que se ele tivesse ficado aqui no abrigo até os dezoito isso num teria acontecido?
52 P: Ah, pode até te acontecido, né, mas eu garanto que num teria não. Porque eu acho
53 que...eu acho que num ia acontece isso não!
54 (alguém bate na porta e interrompe sua fala, mas vai embora)
55 E: E aí depois que seu irmão foi adotado, cê tava com quantos anos?
56 P: Ah, eu tava com uns...quatorze, treze anos, por aí. Depois que meus irmãos foi...é
57 tipo um castelo: quando cê constrói um castelo vai uma pessoa lá e destrói. Aí...que foi
58 o que aconteceu, né. Nós três bastante anos junto, ela vai lá e tirou um irmão da família,
59 separou. Que jeito que o irmão vai ficar? Vai ficar...que nem um irmão gosta de se
60 separado, né, mais tive que aceitar, né (silêncio). Agora o Joaquim me faz um filho com
61 dezenove anos. Tá lá cuidando do moleque. Pelo menos uma coisa boa, né.
62 Porque...assim eles largam da...para de pensar um pouco nas drogas.
63 E: Então, você é tio?
64 P: (sorri). É.
65 E: Você conhece?
66 P: Não. Eu pedi pra tia Sonia deixar um ir lá, né. E ela falou pra mim pegar o endereço
67 do...pegar o endereço da menina e o telefone. Aí eu tenho um colega meu que trabalha
68 na unidade um lá na (nome da empresa). Aí eu peguei, pedi pra ele, né, ele falou que vai
69 consegui...falou que vai pegar e depois ele vai me entregar. Pegando esse endereço aí a
70 tia Sonia pode deixa eu ir lá.
71 E: Então cê ficou sabendo há pouco tempo? (fazia um barulho muito grande lá fora,
72 crianças correndo, gente gritando, etc.)
73 P: Fiquei. Ah, porque num adianta nada esconde nada de mim porque tudo o que...tudo
74 o que eles escondem a Sonia me conta, né (silêncio). Então eu acho assim, mais cedo ou
75 mais tarde eu vou ter que descobrir porque...se ela fica escondendo e eu descobrir que
76 ela estava sabendo e ela num me contou, eu vou ficar com raiva dela.
77 E: Isso já aconteceu alguma vez?
78 P: Não! (silêncio longo)
79 E: E antes de você entrar no abrigo como que era?
80 P: Ah, antes de eu entrar no abrigo eu... morava lá com o meu pai, ca minha mãe, ca
81 minha vó, meus irmão. Vou falar a realidade, né. Era...era uma cama só. Aí a porta era
82 encostada. Era um quartinho de nada, né. Tinha um fogão, uma geladeira, né...mais
83 umas coisa lá. Aí quando nós ia dormir o meu tio chamado Ricardo, ele...num sei o que
84 ele tinha na cabeça, né...acho que ele era loco né. Ele ia cum...Aí nós ia dormir, ele...ele
85 empurrava a porta assim com tudo, chutava a porta. A porta um dia caiu em cima de
86 mim. O Paulo foi lá, tirou a porta de cima de mim, eu era pequeno ainda. Aí o Joaquim
87 tava lá fritano pão...o Ricardão foi lá pegou o pão do Joaquim, comeu, saiu pra rua. Aí
88 nós tomava...nós tomava banho no tanque, né. Aí, chegou...ele tacava nós na parede. Se
89 num fosse pelo...se num aparecesse esse orfanato na minha frente eu...nós três teria
90 morrido, né porque...se num fosse o orfanato eu num...eu num taria aqui hoje, né. Aí,
91 tem vez que nós reclama, né: Ah, tudo dia só dá a mesma coisa, começa a xingar as
92 funcionária, começa...é...bater boca com elas, mais...nós sabe que nós estamos errados,
93 né, mas só que tem que...Depois nós acaba compreendendo. Aí depois que nós sai, vê
94 que nós vai ter que se virar na vida, sente falta delas (silêncio). Ah, nós sofria muito, né,
95 lá na (nome do bairro). Eu espero que meus dois irmão...até...eu acho assim: que eles
96 tão procurando o caminho da morte, entendeu? Porque...que nem foi o meu pai e minha
97 mãe. Meu pai e minha mãe mexia com droga, levava uns cara lá atrás da casa. Ficava o
98 dia intero lá mexendo com drogas. Aí chegou uma época que eles acabou morrendo. Eu
99 acho que...eu espero né...antes de chegar esse caminho pra eles dois...(batem

100 insistentemente na porta...eu peço pra ele esperar um pouco e desligo o gravador pra
101 ver quem bate na porta)...É que nem eu falei, né, eu espero a hora que
102 chegar...é...(silêncio) Que nem aconteceu co meu pai a cá minha mãe. Aí
103 acabou...acabou morrendo, né. Num era isso que eu e meus dois irmão queria. Mais,
104 é...eles acabou caindo no mundo das drogas, né. Eu espero que eles...até lá...antes de
105 chegar o caminho da morte eu espero que eles tenham conseguido saí, saindo das
106 drogas, pra mim poder ajudar eles, né. Porque eles me ajudaram bastante também, né.
107 Eu tenho certeza que...quando eles vão fazer alguma coisa de errado...eles...eu acho que
108 eles pensam em mim, né, antes de...espero que eles pensem, né. Porque eles foi assim,
109 eles nunca queriam, eles nunca aceitou a ajuda de ninguém, foi teimoso, foi....sempre
110 queria ser dono do próprio nariz, mas só que....Eu falo assim: é...é...eles queriam ser
111 dono do próprio nariz mas só que num é desse jeito que eu esperava, né. Cê vê eles hoje
112 tá cheio de...Paulo tá cheio de tatuagem nas costa, tá com brinco, mexendo com droga,
113 cabelo grande (silêncio)...e o Joaquim, né....o Joaquim é mais inteligente do que o
114 Paulo. Mais só que...eles fazem coisas errada mas só que depois eles começar a falar de
115 mim, que gosta de mim. Aí eu num sei né qual que vai ser o destino deles.
116 E: Cê pensa muito nisso?
117 P: (balança a cabeça em sinal afirmativo). Porque qualquer hora e qualquer dia pode
118 chegar uma pessoa...ah, seus irmão faleceram, né, num sei que tem. Aí eu...num é essa
119 notícia que eu tô esperando, né. Espero que num chegue até em mim essa notícia aí.
120 Porque eu já perdi meu pai e minha mãe. Só tem a minha vó...e meus dois irmão. Se eu
121 perder eles dois minha vida tá destruída. (silêncio longo)
122 E: E como que é pensar em saí daqui do abrigo?
123 P: Ah, pra quem já acostumou né, é muito triste. Que nem eu falei, né: ás vezes nós
124 reclama, começa a bate boca ca diretoria. Aí quando...aí quando chega a hora de saí
125 cê...cê quase começa a chorar né, porque faz bastante anos que nós...que eu tô aqui. Aí
126 cê se arrepende do que fez, né, depois... A hora que cê vê, né....não, porque cê já ganhou
127 tudo...aqui nós ganha tudo na mão, de mão beijada. Aí vai...aí quando a senhora vem
128 pedir pra fazer alguma coisa aí nós reclama, né. Aí quando chega a hora de nós saí
129 daqui nós fala: Ah, é bom, quero ir embora mesmo. Num sei que tem. Aí quando chega
130 a hora de verdade, mesmo, cê se arrepende, cê acha que vai...cê acha que vai se dá bem
131 na vida, né. Pode até dá né, mais...vai ter um pouco de sofrimento também (silêncio). Ai
132 quando cê sai cê fica pensando nos moleque, fica pensando nas tia. Isso é o que eu acho
133 que vai acontecer comigo, né. Quando eu saí daqui eu vou sentir falta de todo mundo.
134 Essas tia aí também tem uma coisa: quando elas...elas num consegue chorar na frente
135 nossa quando tá indo embora. Aí quando vai moleque embora elas chora pela
136 costas...pelas costas né. Elas prende até o choro até a hora que o moleque foi embora.
137 Quando foi embora começa chorar (silêncio)
138 E: Cê já viu isso acontece?
139 P: Já.
140 E: Como que cê imagina que vai ser lá fora pra você?
141 P: Bom...bom eu espero que seja do jeito que está, né (silêncio). Porque chego lá fora
142 vou tentar se virá, né. Que eu tô sozinho. Bom, eu num tô sozinho, eu tô....mesmo assim
143 quando eu saí daqui eu vou tá em contato com o orfanato, porque eu vou tá precisando
144 de muita ajuda. Porque num dá pra mim morar com os meus irmão com uma situação
145 dessas. Todos os conselho que eles me dão eu recebo, eu não jogo fora. Aí quando
146 eu...que eu vou tentar morar sozinho, né... aí se eu num conseguir, eu vou dá uma
147 ligada aqui pra Sonia, eu vou falar que tá muito difícil, muito complicado, aí ela vai me
148 dá uma mão (silêncio longo). Eu acho assim...é...(silêncio) de todos os moleque daqui,
149 de toda...de todos os moleque daqui a minha situação, eu acho que é a mais complicada

150 porque no meio tá envolvido drogas, tá envolvido morte. Agora dos moleque é só pai e
151 mãe, num sei. Aí quando eu vejo as mãe, os pais vem visitar os moleque, eu já pego
152 lembro da minha, né (silêncio longo).
153 E: E como que era com a sua mãe, cê lembra dela?
154 P: Ah, eu lembro da minha e do meu pai, né. Quando...os dois nunca me bateram, nunca
155 fez eu sofrê (silêncio). É...eles sempre me trataram bem. Nunca tive que reclama deles,
156 né. Sempre obedeci, sempre fiz o que eles pediam.
157 E: E esse seu tio morava com você, com vocês?
158 P: Bom, eu num sei se ele morava com nós porque...não ele num morava com nós. Ele
159 só ficava se enfiado lá dentro da nossa casa só (silêncio) Que nem hoje né. É...o meu
160 irmão o Paulo pega mexe com uma mulher...fica com uma mulher casada, o cara vai
161 lá...é traficante...o cara vai. Num sei. Foi por sorte, né...aí o cara...o cara só fez uma...um
162 corte aqui atrás da orelha dele. Aí foi costurado. Que nem o meu caso também né...eu
163 num queria falar nisso, mais...já que tá falando de mulher né (sorri sem graça). É...lá no
164 (nome da escola) né, eu fiquei. Não, eu nunca tinha visto a menina. A menina é irmã do
165 Jair, um que fala errado, tem problema de falar. Aí, eu chego lá, fico sentado na hora de
166 ir embora, era numa quinta-feira passada. Ela vai, no meio de trinta moleque, ela chega
167 logo em mim e fala: Oh,...ela fala igual o Jair... oh, cê é irmão...cê tem um irmão
168 chamado Paulo e Joaquim? Falei: Tenho, né. Aí eu sei que aquela menina me...me
169 chamou atenção. Aí num deu tempo pra nós conversar aí no dia seguinte ela veio na
170 sexta-feira. Eu tava lá sentado. Aí ela falou que tinha ficado com uma...tinha ficado
171 com o Paulo e com o Joaquim. Aí o bestão aqui foi e falou: Ué e comigo cê num vai
172 ficar não? Ela falou: Num sei, cê quiser. Eu falei: Eu quero. Aí ela falou: aonde? Eu
173 falei: Agora. Aí ela falou: que dia? Eu falei: Agora. Aí eu...nós foi lá pra trás do (nome
174 da escola)...as aula já tinha terminado, né...eu tava esperando a van. Nós foi pra trás do
175 (nome da escola), aí nós ficamos, né. Aí a tia Sonia, no dia seguinte...tia Sonia fala que
176 ela se prostituía com onze de idades e...tá envolvida com traficante. O traficante obriga
177 ela namora com ele senão ela...ele mata. Aí ela num voltou mais lá no (nome da escola),
178 né. Mais eu acho que ela deve aparecer algum dia, sei lá. Aí a tia...tia Sonia falou nesse
179 negócio de Aids, de doença. Aí eu vi que aquela menina não era a menina que eu
180 esperava, né. Aí eu (silêncio) aí eu deixei quieto, né. Agora num sei se o que ela tava
181 fazendo era alguma armadilha, num sei. Eu num...e se o traficante me pega?
182 E: Por que que você pensa isso?
183 P: Não, porque foi mesmo caso do Paulo, né. Mais eu num sabia nada da
184 menina....(silêncio) Eu num penso isso, é...mais pode acontecer, né. Algum dia ela
185 aparecer com ele, mais eu acho que num vai aparecer não (silêncio longo).
186 E: E quando seus pais morreram, Carlos, porque cês num ficaram com a sua vó?
187 P: Ah, na época que o meu pai e que a minha mãe morreu, né, eu só fui visitar minha
188 mãe, mais, num fiquei sabendo do meu pai. Aí eu saí da escola, fui lá visitar ela. Aí ela
189 só tava doente, né. Tava na cama com o armário cheio de remédio, doente, deitada. Aí
190 no dia seguinte ela falece. Aí depois foi o meu pai, né. Eu num sei porque eu num fiquei
191 com a minha vó...porque eu era pequeno, né. Aí...o conselho tutelar...conselho tutelar
192 que me trouxe (silêncio). Aí eu vim pra cá, né.
193 E: Mais na época que seus pais morreram você morava com eles, você e os seus irmãos?
194 P: Não. Nós morávamos aqui ainda. Nós ficou sabendo pela Marilda. Ela que sabe tudo
195 da nossa família, né, detalhes por detalhes. Aí ela vai e contar pra nós o que aconteceu
196 com a família da pessoa.
197 E: Cês já estavam aqui, então?
198 P: Já.
199 E: Então o conselho tirou vocês antes dos seus pais morrerem?

200 P: Foi. Mais eu acho que nessa época aí meu pai tava preso ainda.
201 E: Ele chegou a ser preso então?
202 P: Foi preso, fazia barco de madeira lá dentro da prisão, fazia aquelas caneta de time. Aí
203 ele...chegou...chegou numa época que nós foi lá visitar eles de pequeno, né. Aí ele foi
204 transferido pra uma outra cadeia. Eu acho que foi nessa outra cadeia que ele faleceu.
205 (silêncio)
206 E: Cê tem contato com a sua vó ainda hoje?
207 P: Não. Só tem se eu pedir pra Sonia, né, deixar eu ir lá, né. Mais... qualquer menino
208 que pede pra ir visita ela deixa. Aí quando eu vou pedir é aquele problema sério, né, que
209 ela: Ah, Carlos, num sei que tem, seus irmão. Aí se eu pedir...aí ela pensa muito, depois
210 ela responde.
211 E: E responde o que?
212 P: Ah, ela acaba deixando, né.
213 E: Então cê já chegou a visitar seus irmãos?
214 P: Não. Desde quando ele foi embora, não.
215 E: Faz quanto tempo, Carlos, que eles saíram?
216 P: Faz um ano já que eu num vejo eles! (silêncio longo) – alguém lá fora grita: “Deixa
217 eu fala. Escuta!”
218 E: E o orfanato, que que significa pra você?
219 P: Ah, eu só acho que o orfanato se chama orfanato porque... tem um monte de crianças,
220 né. Mais eu acho que é uma casa como...como as outras qualquer. Se num tivesse
221 muitas crianças eu acho que num ia chama de orfanato.
222 E: Como assim?
223 P: Ah, eu acho que o orfanato é uma casa qualquer, né. Ele...tem...tem tudo que uma
224 casa tem. Aí... só chama de orfanato porque tem bastante criança...tem...tem
225 funcionárias (silêncio longo)
226 E: Então cê tá querendo dizer que cê sente aqui uma família?
227 P: É, uma família, né. Porque faz bastantes anos que tá tudo mundo junto. Tudo mundo
228 se dá bem, brinca. Talvez saia algumas brigas, mais (sorri), normal. Joga bola, estuda na
229 mesma escola, estuda junto (silêncio).
230 P: E a sua relação com os meninos da mesma idade que você...como que cê vê...?
231 E: (silêncio) Ah, eu vejo eles como se fosse...como se fosse meus irmão também, né.
232 Porque...(silêncio) porque mora junto (silêncio), ouve rádio é... joga vídeo-game. Tudo
233 que faz assim é...é pros pequeno num pode fazer é só os grande que faz.
234 E: Tipo o que?
235 P: Ai tipo jogando bola, né. Porque? Porque vai grande misturado com pequenos. Aí
236 quando...que nem eu, eu peguei, chutei a bola fraquinho no moleque, de repente o
237 moleque aparece cá a mão enfaixada. Aí foi lá falou com a tia Sonia, tia Sonia falou pra
238 mim chutar a bola devagar. Mais, mais fraco do que aquilo eu...eu num consigo, né. Aí
239 falou pra Sonia...eu...(silêncio) Porque quando nós joga vem...vem uns pessoal aí de
240 fora jogar com nós, aí só joga os grande, aí os pequeno reclama. Aí quando eles vê
241 aquelas bomba lá pegando...de vez em quando pega no rosto, pega na cara. Aí...eles vê
242 aquelas bomba, eles fala: Ah, num vou entrar não, num sei que tem. Aí nós fala: Se
243 (inaudível) cês jogam com nós. Porque quando nós brinca aqui com uns pequeno nós,
244 de vez em quando dá bomba de longe, mais. Aí de vez em quando pega, aí eles saem
245 chorando (silêncio longo) – uma voz de criança fala ao fundo –
246 E: Depois que fizesse dezoito anos, você preferia sair ou ficar aqui dentro?
247 P: Igual...eu preferia ficar porque, assim é mais seguro pra mim, eu acho. Mais eu
248 preferia ficar sem as regras pra mim, né. Porque tem muitas regras. Tem regras que nós
249 num gosta. Tipo assim: É, num pode ir em boate, num pode ir ...no show do rodeio,

250 num pode, num pode ir em (nome de casa noturna). Essas coisa aí, a maioria das coisa
251 que nós gosta num podem ir né. Deixar nós sai sozinho, assim (silêncio). (ouve-se uma
252 “tia” chamando o nome Edmauro várias vezes)

253 E: E os pequenos, que que cê pensa deles?

254 P: Os pequenos? Eu espero que eles...eu espero que eles sigam...que eles num sigam o
255 mesmo caminho que aconteceu com alguns moleque, né. Algumas coisa eles podem
256 seguir, mais alguma coisas não.

257 E: Tipo o que Carlos?

258 P: Aí, de vez em quando nós enfrenta funcionária, nós batem nos pequenos. Eu espero
259 que eles num sigam esses caminhos, né. Alguns falam palavrão. Porque...quando,
260 quando eles falam palavrão é...alguns pequenininho já tão repetindo já. (silêncio) Eu
261 espero que eles se dão bem na vida, né! (sorriso sem graça).

262 E: Carlos, e os seus irmãos, como que eles eram? Me conta um pouco deles.

263 P: Ah, meus irmão eram...quando tavam aqui dentro eles...um me batia o outro me
264 defendia. Aí no final da contas os dois começavam brigar. Porque cada um tinha uma
265 parte lá na (inaudível) de fora...pra varre, num varria, aí o outro ficava nervoso,
266 começava a brigar comigo. Mais o Paulo assim nunca me bateu.

267 E: Paulo é o mais velho?

268 P: É. (silêncio longo)

269 E: Como que era essa história...um te batia o outro te protegia?

270 P: Ah porque é...eu acho que os dois gostam de mim, né. Mais só que...pelo que dá pra
271 vê...tem um que gosta mais de mim do que o outro né. Porque eu assim, eu gosto mais
272 do Paulo do que do Joaquim porque qualquer coisinha que falavam do Paulo, assim
273 é...outro dia, numa época aí nós tava brincando, aí uns moleque falo: Ah, o Paulo levou
274 tiro na perna, né. Aí ele apareceu com um pano no...cá brincadeira besta dele, ele
275 apareceu com...ca mão na perna, falou que levou um tiro. Aí eu comecei chorar, né. Aí
276 depois ele...eu vi que era mentira, aí eu...Agora qualquer coisinha assim que fala do
277 Joaquim, num sei, eu posso até fica triste mais é difícil eu chorar né (silêncio) Que nem,
278 o meu pai e a minha mãe. Eu fiquei na frente deles lá, eles falecidos. Eu num consegui
279 chorar, pra mim chorar eu precisei de fazer força, mais só que mesmo assim, num
280 consegui. Sô muito difícil de chorar também.

281 E: E porque que cê acha essa preferência pelo Paulo e não pelo Joaquim?

282 P: Ah, eu gosto dos dois, né. Mais...eu acho que é porque o Paulo nunca me bateu,
283 sempre me defendia (silêncio).

284 E: E essa história do tiro na perna é verdade?

285 P: Não! É mentira (silêncio longo)

286 E: Cê começou a trabalhar com quantos anos, Carlos?

287 P: Com dezesseis, mais aí eu fiquei...quando eu tinha quinze anos eu fiquei enchendo o
288 saco da tia: Ah, tia eu quero trabalha, num sei que tem. Ah, espera...quando cê fazer
289 dezesseis ano cê pode trabalhar. Aí eu fiquei enchendo as paciência dela, aí...aí ela falou
290 se eu queria terminar o ano ou queria trabalhar, né (interrupção do primeiro lado da
291 fita). Aí peguei, larguei, né (se referindo à escola, conforme terminou dizendo). Agora
292 tô fazendo supletivo na sexta série no (nome da escola).

293 E: Ah, na época cê optou então por largar a escola?

294 P: É, aí eu peguei e comecei a trabalhar, né.

295 E: Trabalhar onde?

296 P: Na (nome da empresa), unidade 8.

297 E: Cê tá lá até hoje?

298 P: Até hoje e espero que fique, né.

299 E: E aí Carlos como é que foi quando cê começo a trabalha lá na (nome da empresa)?

300 P: Ah, primeiro dia, né, num tinha ninguém na firma, que só tava eu o Genésio e a tia
301 Joana, né Que eu fui conhecer o Genésio, aí depois eu nunca tinha visto uma firma, né.
302 Aí eu falei: Fiquei impressionado, aí no dia seguinte eu comecei, eu entrei lá dentro, vi
303 um monte de gente. Mais pra frente eu fui conhecendo. Aí hoje eu se dô bem, né, com
304 as pessoas, com os moleque lá. Aí...aí nós conversa na hora do intervalo, os cara lá é
305 super gente fina, muito legal.
306 E: E que que cê faz lá, Carlos?
307 P: Ah, sô office-boy, né (diz meio sem graça). Fico andando na rua o dia inteiro. Metade
308 do dia eu fico pra fora e se tiver um tempo eu fico lá dentro da firma. Num dura cinco
309 minuto lá na firma porque eu tenho que ir fazer as coisa lá fora. Aí eu...(silêncio)...aí eu
310 fico lá, né, trabalhando lá fora da firma (em tom desanimado)
311 E: E cê tá lá pelo projeto (nome do projeto)?
312 P: É, tô lá pela (nome do projeto)
313 E: E aí depois dos dezoito, como é que fica sua situação lá?
314 P: Ai, depois dos dezoito eles vão vê se vão contrata ou não, mais eu acho que...eu acho
315 que vai, né. Porque eu tô trabalhando direito. Algumas vezes no começo eu levei fumo,
316 mais, já entrei na linha já, né. Mais eu espero que seja contratado, né pra num ficar, pra
317 depois num se arrepender.
318 E: Como assim, num se arrepender?
319 P: Aí porque aí ia sê complicado, né. Só estuda e num tem trabalho. Vai ficar difícil
320 (silêncio).
321 E: Quando cê para pra pensar, Carlos, como que é pra você se deparar com o fato de que
322 você cresceu aqui dentro do orfanato?
323 P: (silêncio longo) Ah, a maioria das vezes, né eu fico parando, né, pra pensa. É qual vai
324 se o meu futuro daqui pra frente? (silêncio) Se eu vou se dá bem na vida ou não? Como
325 que vai se?
326 E: Ô Carlos, a gente, a gente sabe também...a psicologia fala muito disso, né...que ser
327 adolescente, ser jovem, é...num é muito fácil...causa um certo...transtorno na cabeça da
328 gente, uma certa confusão, às vezes sofrimento, às vezes alegria. Como que cê sente
329 esse tá crescendo?
330 P: Ah, na realidade eu num queria ficar, é...eu num queria saí da adolescência, né. Mais
331 num é eu que mando, né, é a vida. Aí...queria ficar do jeito que eu tô, né. Jovem... Mais
332 num tem como. Eu num queira ter barba, mais eu vou ter que ter, né. Num tem outro
333 jeito. Aí...porque ser jovem é muito legal, também. Mas eu tô loco pra faze meus
334 dezoito anos porque quando se tem que tirar alguma...quando cê quer tirar alguma coisa
335 assim é só com dezoito, com dezoito.
336 E: Tirar o que, por exemplo?
337 P: Ah, tirar um rádio, bicicleta, assim, essas coisas.
338 E: Comprar coisas, cê fala?
339 P: É. (silêncio) Aí é só com dezoito.
340 E: Então por um lado qué crescer e por outro não?
341 P: É.
342 E: Ô Carlos...é... essa história do seu irmão ter sido adotado, como é que foi? Me conta
343 melhor? Ele tava com quantos anos quando ele foi adotado? Cê lembra?
344 P: (silêncio) Ah, mais ou menos uns quatorze anos.
345 E: Quatorze? E a família que adotou era aqui de (nome da cidade)?
346 P: Era.
347 E: Mais e aí, a adoção num deu certo? Eles devolveram...foi o Paulo ou foi o Joaquim?

348 P: Foi o Joaquim. Não. Num é que eles devolveram, é porque o Joaquim fez coisas
349 erradas. Aí de repente ele aparece...ele sai da casa da mulher e vai lá pro (nome do
350 bairro onde moravam quando pequenos).
351 E: (nome do bairro) é o bairro que vocês moravam quando eram pequenos?
352 P: É.
353 E: E ele ficou sozinho lá?
354 P: Não, ficou com o Paulo, né.
355 E: O Paulo já tinha saído daqui também?
356 P: Não, o Paulo ainda num tinha saído. Aí, o Paulo também saiu pra lá e aí se juntou os
357 dois, né.
358 E: O Paulo saiu com quantos anos, Carlos?
359 P: Com dezoito.
360 E: Ah, ele esperou fazer dezoito então...ele num saiu antes?
361 P: Não.
362 E: E me diz uma coisa: antes deles saírem eles já tinham envolvimento com droga aqui
363 dentro ou não?
364 P: Garanto que não, né. Não...
365 E: Foi depois que eles saíram?
366 P: (silêncio) (a entrevistadora espirra novamente e brinca: P, você vai pegar gripe
367 também!)
368 P: Num vou não.
369 O clima da entrevista parece bastante tenso e percebo que o tema dos seus irmãos é um
370 assunto muito delicado para o entrevistado (faz muitos minutos de silêncio)
371 E: Essa coisa dos seus irmãos parece que é muito complicada pra você, né?
372 P: (faz que sim com a cabeça e continua em silêncio)
373 E: Que que cê espera pra você?
374 P: Ah, eu espero que eu num siga o caminho deles, né. Eu espero que eu se de bem na
375 vida e eles também né, né. Mais desse jeito! Ajudar eu até eu poderia ajudar, mas se eles
376 me ouvisse...
377 E: Cê sente que eles num te ouvem?
378 P: Não, eu acho que eles podem até me ouvi porque eu sô irmão deles, mais do jeito que
379 os dois é complicado...
380 E: Como que é se irmão mais novo?
381 P (risos) Ah, é difícil. Por outro lado é legal também, né.
382 E: Como assim?
383 P: (silêncio) Ah, é difícil porque eu acho que ninguém gosta de ser irmão mais novo, né,
384 porque o irmão mais velho sempre gosta de mandar.
385 E: E o lado bom?
386 P: Ah, o lado bom é que quando cê vai fazer alguma coisa assim, é...cê for brinca de
387 alguma coisa eles fala: Ah, esse daqui é o mais novo então ele vai primeiro, num sei que
388 tem.
389 E: Tem mais mordomia?
390 P: É (sorri) (silêncio longo).
391 E: Quer parar por aqui?
392 P: Ah, cê que sabe.
393 E: Tem mais alguma coisa que cê acha que é importante cê me contar? Pra eu saber de
394 você?
395 P: Ah,...(silêncio longo) – crianças cantam lá fora alguma brincadeira que não consigo
396 identificar. (a entrevistadora espirra novamente).

397 E: Se você fosse dá um título pra sua vida, que título cê daria. Vamos pensar que a sua
398 vida é um filme, que nome de filme cê daria pra ela?
399 P: Ah, eu pensei numa coisa...(meio tímido). Pensei: A vida complicada!
400 E: A vida complicada! Então tá bom, Carlos. Vamos ficar por aqui?
401 P: Vamos.
402 E: Queria te agradecer pela entrevista e me colocar a disposição, se você quiser fazer
403 uma outra entrevista ou tiver alguma dúvida, eu me coloco à disposição pra você. Tá
404 bom?
405 P: Tá.

ANEXO 7 - PRIMEIRA ENTREVISTA COM VITÓRIO (ABRIGO) – 17/12/2004

E: É...são quatro horas da tarde e eu vou fazer a primeira entrevista com o Vitório que... mora aqui no (nome do abrigo). Bom, Vitório, tendo explicado pra você aí é... a respeito da minha pesquisa, eu queria que você contasse um pouco da sua vida pra mim. Pode começar da onde você quiser...pode ficar bem a vontade...

P: Vou começar.

E: Ah, ah....

P: Ah, eu era pequeno, né. Eu morava com os meu pai e minha mãe. Aí sei lá o que houve cos dois, me levaram eu...me levaram pra casa da minha tia. Aí a minha tia ia me adotar , né. Ela ia...Considera como um filho, ia me adotar . Aí ela num conseguiu...é...ter verba assim pra me sustentar junto com ela...Aí ela resolveu me trazer lá na casa....era lá na cidade....cheguei em noventa e três lá. Sete ano eu tinha! Aí eu fiquei...sete ano, pá.

E: E essa sua tia, Vitório, é aquela...é tia de sangue, é tia de conhecida...?

P: Não. Ela fala que é de sangue, né. Eu num sei muito bem porque meus pais deixou....É isso aí.

E: Sei! E você chegou a morar com ela quanto tempo?

P: Máximo, o quê?... Um ano só. Dos seis aos sete.

E: Dos seis aos sete anos e aí depois você veio pro abrigo?

P: Isso. Aí eles me deixou aqui porque eles num tinha verba pra me sustentar junto com eles.

E: Ela tinha filhos, essa tia? Tem?

P: Não, não, não. Ela não teve...ela foi ter quando eu tinha o quê? Uns dez anos.

E: Sei. E como que sua mãe conhecia essa tia aí? Vocês moravam perto? Ou você não sabe?

P: Não, não. Eu nunca cheguei vê ela assim. Só vi ela depois que ela me trouxe pro orfanato, assim. Só quando ela me trouxe...eu...eu conheci ela. Eu conhecia, né, assim...quando eu morava com ela. Depois ela ficou vindo me visitar todo final de semana.

E: Sei...

P: Todo final de semana ela vinha. Aí é...quando eu cresci, nos doze...treze ano ela já num vinha todo sábado, vinha mais ou menos uma vez por mês.

E: E agora ela...como que tá essa frequência de visitas...delas?

P: Ah, faz um tempo que eu num vejo ela! (sorriso)

E: É? Aquele dia que eu vim ela tava aqui, né...acho que a primeira vez...

P: É, tem ela, tem aquela tia e a outra, que mora lá na três...na Cohab três.

E: Ah, tá. Mas a que queria te adotar , qual que é?

P: É a que mora lá na três. A Sílvia. As duas se chama Sílvia também.

E: Então essa eu não conheci.

P: Não. Essa aí eu...eu fiquei com ela só um tempinho, só. Que a outra tia...eu acho que é irmã dela (inaudível)...as duas eu conhecia.

E: E aí depois, então, o que aconteceu? Aí você veio pra cá...com sete anos?

P: Isso, sete anos. Aí eu fiquei aqui! (sorri de um jeito irônico). Fui passando o tempo aqui. Evoluindo aqui, aprendendo aqui. Estudando lá fora. E tô aqui até hoje.

E: E você pegou o abrigo então em dois lugares diferentes, né?

P: Isso. Eu fui o primeiro a chegar, né. Tava inaugurando e eu cheguei, no outro dia. Eu e o André. Vai fazer...vai fazer doze anos. Já fez doze! Fez doze ano já! Nossa!

E: Então você foi a primeira criança?

P: Primeira.

E: E como que era na época, você lembra...quem tomava conta?

P: Eram as mesmas pessoas, tá até hoje. Era mais legal lá na cidade. Saia. Aí nós pegou e veio pra cá (sorriso)

E: Você...Quando veio pra cá você tinha quantos anos, Vitório, você lembra?

P: Acho que eu tinha já uns dez. Dez! Era tudo diferente aqui quando nós chegou. Lá num tinha muita criança. Tinha no máximo, o quê? Umás quinze. E era tudo irmão. Só eu que num tinha irmão!(sorri) Aí foi chegando os cara.

E: Sei...

P: Lá era bem legal na cidade (barulho de pássaros).

E: Mas você era filho único? Você é filho único?

P: Não, não. Eu tenho um monte de irmão. Tenho uma irmã que já é casada. Uma irmã que foi adotada junto comigo. Tem uma irmã...ela mora lá perto da minha tia. A mãe pegou e adotou ela. Meu....meu pai e minha mãe tinha dado ela embora. Aí o casal pegou ficou com ela e adotou. Tudo a mesma história do que a minha, mais ela conseguiu ser adotada, eu não. Eu vejo ela assim, converso...

E: Quantos anos ela tá agora?

P: Ela deve tá com uns treze.

E: Pequeninha....

P: Pequeninha...e tem mais os meus irmãozinho lá em cima...os dois.

E: Lá em cima onde?

P: Lá (dá um sorriso) no(nome do bairro). Mora junto com o ...com a minha mãe.

E: Ah, mais a sua mãe então tá viva?

P: Tá, tá viva. Meu pai e a minha mãe. Mais eu num converso muito com eles!

E: Sei!

P: Eles já tentou me procurar aqui! Tá, eu recebi...mais...não...Falou pra mim perdoar eles. Falei não, vou pensar. Até hoje eu num (inaudível). Queria me levar pra casa deles. Eu nem quis ir. Eu falei: Não, vou viver minha vida sozinho. Até hoje tô so...sozinho aqui. Agora que eles vem aparecer? Quando eu tô forte, firme...trabalhando.

E: Mais o que que aconteceu na época, Vitório, você lembra?

P: Eu num lembro muito bem que eles num me contou até hoje a história. Até hoje eles num me conta. Eu pergunto assim, eu procuro saber, mais... ninguém conta... Falavam que eles bebia demais...essas coisa....mais eu nem...Eu vou atrás, mais nem...nem muito....no assunto. Mais ninguém conta a verdade!

E: Você imagina que é por causa de bebida...era por causa?

P: É. Eles falam que eles largou...nem acredito muito...

E: E...e atualmente têm...têm dois dos seus irmãos morando com eles então?

P: Têm dois pequeno. Caçula.(pausa) Não, eles são separado meus pais.

E: Ah tá! Esse que tá com a sua mãe é uma outra pessoa então?

P: Isso. Meu pai mora na mesma rua que a minha mãe. Mais ele mora embaixo assim...lá na casa lá embaixo na rua que desce. E ela mora na casa lá em cima. Ela tem um marido e ele tem uma mulher lá.

E: Entendi. E com seu pai...ele também já veio te procurar?

P: Já, já. Eu nem ligo, né. Nem dou muita bola pra eles (silêncio)

E: E aí, então...me conta...me conta mais...aí você veio pra cá....mudou...veio de lá do centro pra cá. Que que você sente que mudou...? Que que era de bom lá que você falou...?

P: De bom lá é...você podia sair pra cidade, pro centro, né. Aqui até você chegar no centro já deu.

E: É afastado aqui, né?

P: Aqui é muito longe. Mais antes lá era bom. Ia pra escola de pé. A escola era do lado. Ia de pé. Ia na casa dos amigos....Aqui é muito afastado. Antigamente era bom! Saia...!

E: E aí você veio pra cá...e você estudava, né...tanto lá como aqui?

P: Aonde?

E: Lá no outro abrigo, lá no centro?

P: Estudava...estudava. Estudava na mesma escola até eu vim pra cá. Aí nós começou ir...ir de van pra escola. Aí era cruel, né. Nós acostumado a ir de pé. Todo mundo estranha. Aí nós falou, mais mudou lá pra (localização do abrigo), pá.

E: Que que você sente mais que mudou...teve mais alguma coisa ou não?

P: Teve...Ah, nós...(inaudível) saia pra casa noturna, essas festa. Agora num pode mais porque...é longe, depende de carona. Mais....quando não dependia...quando eu morava no centro era facinho, né, nós ia de pé (silêncio) Mais é bom. Um lado é bom. Aqui é sossegado.

E: Parece uma fazenda, né?

P: Aqui é sossegado.

E: E você começou a trabalhar com...com quantos anos, Vitória?

P: Eu? Com dezesseis.

E: Lá na...

P: (nome da empresa)

E: Você tá lá até hoje?

P: Tô...tô pela (nome do projeto social). Até os...dezoito ano, ano que vem que eu faço em abril. Aí eu saio. Aí a empresa vê se eu tô bem. Se eu tiver bem ela me contrata. Se num tiver, num contrata.

E: E aí, você acha que vai rolar?

P: Num sei. Se...se tiver numa época boa, ela contrata. Eu acho que sim...acho que eu consigo ficar lá. Que eu comecei num departamento....jogado. Depois, agora eu tô em outro. Comecei na xerox. Comecei tirano xerox, xerox pra tudo mundo. As folha, nossa. Cortava as mãos com o papel. Aí o cara me passou pra expedição...comecei trabalhar pra fazer nota fiscal. Aí me passaram pra exportação. Mexer com negócio de...carregamento de navio, essas coisa, exportação. Lá dentro. Mandava peça pros Estados Unidos, essas coisa. Aí me colocaram em compras, agora. Tô lá em compras. Até hoje em compras.

E: Cresceu bastante lá dentro, né?

P: Cresci. Agora só tô comprando (sorri)...só gastando. Mais aí agora eu compro pro serviço de usina, moenda, essas coisa. Comprar lá do pessoal dos Estados Unidos. Mais ou menos, né, que eu num sei fala muito, é mais...arranha.

E: Dá uma arranhadinha...

P: Aí eu consigo.

E: E você pensa em continuar lá na (nome da empresa), então?

P: Ah, eu penso. Bom...se continuar tem um monte de gente que já conheci lá, né. (pausa). Já me deu muita ajuda lá também. Aí é estranho...você saí dum lugar...tipo...

E: Você tá em que série agora, Vitória?

P: Eu fui pro segundo.

E: Ano que vem, terceiro.

P: Terceiro e depois faculdade!

E: Que que você quer fazer?

P: Ciências da Computação.

E: É, você já me falou...

P: Fazer ciência da computação. Bem loco! Quem sabe depois abrir um próprio negócio.

E: Então você faz bastante planos?

P: Faço.

E: E sair daqui como é que vai ser?

P: Ha...sei...aí tem que ver. Eu vou procurar... pensar um mês antes de mim completar dezoito anos.

E: Que vai ser em...Janeiro? Março?

P: Março. Eu vou pensar em março ainda. Aí...eu fico abril, completo. Aí eu falo pra tia me dá mais uns...um mês mais ou menos pra ficar aqui. Até arrumar uma casa pra mim. Aí eu vou pra lá...

E: Você tá pensando em arrumar uma casa, então, pra você?

P: É, melhor, né? Você e uma família. Sozinho...

E: Com a sua tia você não pensa em morar?

P: Ah, até que eu penso sim. Um ano, dois ano no máximo. Até eu conseguir uma grana legal pra...subir. Aí depois que eu conseguir uma grana legal, já...Eu pego e falo: Óh, comprei...Eu compro uma casa e...talvez até do lado dela, perto dela, né!? Que ela me falou isso. Falou: Vitória, vê se você consegue arrumar uma casa aqui perto. Vou ver. Que...que ela falou assim que quer...quando eu saí daqui ela quer ser uma família de apoio. Tipo uma família de apoio.

E: E é importante mesmo, né?

P: Família de apoio!? (sorri com ar de ironia).

E: Que que você riu?

P: Num sei. É estranho, né?

E: Porque que é estranho?

P: Ficar dando apoio. Toda hora. É bom porque ela falou que ajuda bastante.

E: É, e vai ser importante mesmo, apoio, né. Pra você poder se organizar, comprar suas coisas...

P: É. Só até eu ir se organizando, né.

E: E como vai ser morar sozinho? Você pensa nisso? Você tem vontade?

P: Eu num...tô procurando pensa agora, mas mais pra frente. Ah, um mês antes eu vou começar a pensar. Acho que vai se legal morar sozinho! Assim, vai estranho, o que? Um mês, dois mês...até um ano pode ser estranho, que...acostumado morar com um monte de gente, um monte de barulho. Já é acostumado, então...você estranha. Acordar cedo pra ir trabalhar...acostumado a tia acordar. Aí...tem que colocar uns dez mil despertador na casa (sorri)

E: Aqui são as "tias" que te acordam?

P: Tem vez que é. Quando...eu num acordo assim, ela vai lá e chama. Tem vez que eu acordo sozinho, mais...a maioria das vezes é ela que acorda. Vai chamar eu, o Carlos, o André pra escola... (barulho de pássaros).

E: As tias...como que você vê as "tias" aqui dentro?

P: Ah, legais, ué. São legais, né. Educadoras, né. (silêncio).

E: Elas são responsáveis pela...pela parte da limpeza, da rotina da casa, da educação, de tudo?

P: É. É...pela limpeza, educação, tudo.

E: Mas as vezes sai uns arranca rabo, assim ou não?

P: Como assim?

E: Ah, de algumas discussões ou é tudo tranqüilo?

P: Com nós e elas?

E: É.

P: Tem, tem muito! Todo dia. Se num tiver, num...nem tudo pode ser perfeito, né. Mais tem sim. A maioria dos dias. Manhã... tarde... noite.

E: E quais são os motivos, Vitória?

P: Nada. Reclamar: “Oh, você tá fazendo um negócio. Oh, aqui não é pra fazer isso.” Aí os moleque começa a reclamar, começa a xingar. Essas coisa. (pausa longa). Aí depois que sair daqui é fazer faculdade, né, arrumar uma casa, a faculdade, tirar uma carta e aí já era.

E: Você pensa em construir uma família pra você ou ainda é muito cedo?

P: Penso, penso, mais é mais pra frente, né. Fazer faculdade primeiro. Quem sabe fazendo a faculdade...

E: Por que quem sabe? Você acha que é uma coisa longe pra você?

P: Quê, a faculdade? Não...não. Eu sonho com a faculdade, né. Se eu num tivesse repetido dois anos era pra mim tá...ano que vem tá entrando numa. Fazia o ENEM, quem sabe arrumava uma bolsa do...governo?

E: Você repetiu porque? Por causa do trabalho...?

P: Não, não...não. Eu repeti o primeiro ano por causa da...a escola, né. Não...não é bem por causa da escola,, porque é...particular, né...que eu estudei escola pública o ano todo. Faz dez mil ano que eu estudo em escola pública. E vai pá uma particular, do primeiro...da oitava pro primeiro. Que a oitava eu fiz...à tarde ainda...estudei à tarde a oitava, quebrado. Aí eu fui pro (nome da escola), que é escola particular, primeiro ano, pá, ninguém se conhece na sala, tudo mundo legal. Primeiro semestre, né. Trimestre. Segundo: tirei nota também. Num conhecia quase ninguém também. Terceiro e quarto já conhecia a galera (risos). Aí foi pro fundo, já...baguncei. Aí eu fiquei em quatro matéria...Se eu ficasse em três era mim fazer DP esse ano. Se num tivesse...bagunçado muito (risos). Mais tá bom! É bom estudar agora e depois...estudar, trabalhar e aí já tem um dinheiro pra faculdade. Que se fosse facul...fazer faculdade o ano que vem num tinha muito dinheiro pra...pa....dá lá. Que é caro, meu...Ainda mais Ciência da Computação! Quatro ano aí...

E: É muito caro!

P: Ainda mais quatro ano! Iche! Quatro ano vai sai o que? É trabalha e depois entra na conta da faculdade (risos).

E: E quando vocês são efetivados na empresa o salário aumenta também, né?

P: É, aumenta. Passa a ser o salário de um comprador....que nem se eu for...Passa a se o salário de um comprador lá da (nome da empresa).

E: Que eu imagino seja melhor do que o que você ganha agora?

P: É. Bem melhor (sorri). Com certeza.... Aí dava pra fazer um monte de coisa.

E: Tomara que você fique, né, Vitória.

P: Eu tô lutando pra isso, né. Batalhando forte!

E: Ah, ah.

P: Mais se eu num ficar também eu...eu tenho o tio Antônio aí que chamou eu pra ir pra lá...pra (nome de outra empresa), né, que é empresa dele. Também é concorrente da (nome da empresa onde trabalha)

E: Vai trabalhar na concorrente (risos)?

P: (sorri) O Jorge. Tem o Tavares, da(nome de outra empresa), também. Que é concorrente da (empresa onde trabalha). Faz tudo que a (nome da empresa) faz. Então...eu...eu tenho que buscar quem que me ajudar também....quando eu sair daqui! Que como eu não posso trabalhar porque eu sou de menor. Quanto tiver lá com os dezoito ano, se eu num ficar na (nome da empresa onde trabalha). Eu pretendo ir pra lá, né, (inaudível). É aqui na pista também. Mais se eu ficar na (nome da empresa) é...é beleza.

E: Já tá acostumado, conhece as pessoas...

P: Já. Conheço o sistema, tudo.

E: E da onde se conhece esse tio aí...esse...Jorge, né?

P: Daqui. É diretor daqui. É os diretor, né. É um grupo de direção. Tipo um grêmio estudantil, né, tem diretor, tesoureiro, essas coisa. Tia Sandra agora é a presidente. Aí vem o vice-presidente, que é o tio João e então vai indo (risos). Tem a suplente (risos) (silêncio). Estão até hoje aí, desde quando fundaram. Só mudou algumas pessoa, né, aqui. Num pode...que...o cargo num é muito assim...O juiz manda trocar.

E: Sei! De quanto em quanto tempo, você sabe?

P: Quatro em quatro ano. Que o tio João ficou quatro anos. Aí...num tinha ninguém pra substituir ele...naquela época. Aí ele ficou mais quatro. Aí agora terminou o dele, ele entregou pra tia Sandra o cargo. Aí a tia Sandra fica quatro ano e entrega pra...Se ela quiser entrega pro vice. O vice assumir e ela ser vice...ela pode. Mais tem que sempre trocar o presidente.

E: E você sente diferença de...de um mandato pra outro?

P: Ah, sente, né. Lá ele...dava muito no pé. Assim...não botava medo. Assim, tinha um respeito, né. Tia Sandra, não...mais boazinha...tal...os moleque faz mais bagunça, ela só puxa a orelha, mais...é mais fácil! (silêncio)

E: E o seu relacionamento com a direção aqui...a Sonia?

P: A tia Sonia...ela...ela é boa. Tem vez que tá baixa né, o relacionamento, mais tem dia que tá alto. Sossegado. Aí fica legal o relacionamento. Mais tem dia que tá ah....Que eu num vejo muito ela, né. Só vejo o que...? Quando eu venho almoçar em casa...eu venho uma vez por mês só. Ontem eu vim almoçar em casa só pra...descansar....que eu tinha ido numa festa. Cheguei tarde da noite. Aí falei: “Não, vou em casa dormir.”

E: Dar uma dormidinha....

P: Mais é bom o relacionamento com ela. Tem hora que xinga, mais...já faz parte.

E: Então você considera o orfanato uma casa pra você?

P: Considero...considero.

E: Também tanto tempo aqui, né?

P: Nossa! Já sei tudo mundo que passou por aqui. Iche. Todas as tia, sempre troca.

E: Troca muito...o pessoal...os funcionários, Vitório? Ou não?

P: Não. Até que num troca muito aqui...muitas pessoa vai embora, né. Vai pra outra cidade. Aí coloca outra no lugar. Muitas...desiste, né...da...(silêncio).

E: E os pequeninhos...tem um monte aqui, né?

P: Nossa. tem um monte (silêncio). Eu...eu torço pra que eles sejam...vão embora logo, né. Pá num ficar aqui igual eu...depois eles saiam. Eu torço assim. Eu rezo a noite pra eles. Pra eles achar uma família no outro dia, pá. Mais...(tom de desânimo).

E: Você gostaria de ter sido adotado, Vitório?

P: Ah, quando eu era bebê, assim...eu gostaria sim. Agora nem penso mais. Agora...sair, ficar sozinho.

E: Mais como assim, quando você era bebê...? Você queria ter sido adotado pequenininho?

P: É. Quando eu...quando eu era pequeno, né. Lá pro sete...oito....dez anos. Até os dez. Mais agora? Nem sonho mais (silêncio). Que os casal agora tá procurando criança pequena, né, não...Igual assim: Oh, do...dos pequeninho, não do Bruno, Joãozinho, todos esses aqui. Num pega a média. Se for o pequeninho já tem mais..., a cabeça já vai crescer já pensando que eles são pais, né (silêncio)

E: Então você torce pra que eles pudessem arrumar uma família pra eles?

P: É, eu torço sim...que eles arrumar, né.

E: E voltar pra família biológica, ou pra família dos pais mesmo, você acha difícil?

P: Eu?

E:É, não você. Mais eles...esses casos que ficam aqui.

P: Não. Acho se a família...conseguir um bom...rendimento, uma verba que dá pra sustentar, até que dá pra eles ir, né.

E: E você sente que a maior parte dos casos que vem pra cá é por causa de pobreza? Ou não? Tem um monte de problema?

P: Não, não, não. Pode ter mais problemas. Mais a maior parte é isso. Ou então o pai deu embora, a mãe...não conseguiu cuidar. O máximo é isso.

E: Quantos irmãos você tem ao todo, Vitório?

P: Eu tenho cinco!

E: Cinco?

P: (silêncio)

E: Quanto? Três meninas e dois meninos, é isso?

P: Três meninos e duas menina.

E: E...e só um chegou a ficar aqui com você?

P: Nenhum. Nenhum

E: Ah, nenhum. A menina foi adotada, que você falou...

P: É. A menina foi adotada. A outra casou. Tá morando lá com o marido dela. E os dois tão morando lá cá minha mãe.

E: Você pensa em procura seus pais?

P: Não (barulho com a boca negando). Assim...não...não é assim: Não, não. Não é a minha intenção.

E: Ficou uma situação muito difícil?

P: Ficou (silêncio). É foda, né! Você é criado num lugar até tal, tal, tal ano. Aí depois eles vem fala que: Ah. Que é isso! Nem...nem considero mais eles.

E: É uma situação muito difícil. E acaba sendo a situação da maioria aqui, né?

P: É. Os molequinho! Eu vejo eles no dia de...dia assim...dos pais, mães...trazer bonec...presente, dá pras tia. Então isso daí que é cruel. (silêncio) Eu nem...nem ia na escola nesses dias. Nem ia...porque...Às vezes inventava uma desculpa.

E: Dia de Natal também deve ser uma data complicada, né?

P: Natal. Passar com a família, né? Muitos passam aqui dentro. Fim de ano, tal...(silêncio). Mais igual... os colega...eles...eles conversa assim com nós de boa, quando eles sabem que nós somos daqui. Quando eles num sabem eles...conversa, né. Mais nós fala que nós somos daqui, eles muda assim...num dia só muda o comportamento. Mais...conversa assim com nós, sossegado...

E: Como assim, muda, Vitório?

P: Ah, assim: Igual quanto nós joga no(nome da escola), né. Ninguém sabia que nós era daqui.

E: (nome) que que é, uma escola?

P: É uma escola. Aí nós começou falar que nós era daqui. Aí os pessoal mudou assim um pouco. Aí depois nós...nós conseguiu conquistar os colega, pá.

E: Mais mudou assim de tratar meio frio, assim...de dar uma distanciada?

P: É. Dar uma distanciada. Aí depois nós foi conversando, tipo...tô até hoje com os cara. É...é normal, né, os cara. Aí...eu...nós nem parava a van lá perto da escola, pá. Mais agora nós para sossegado.

E: Você não estuda na mesma escola do Carlos e do Pedro?

P: Não. Eu estudo na do Pedro. O Pedro eu estudo faz desde o prézinho.

E: Como que é essa relação com eles...tanto tempo, né, Vitório?

P: Ah, boa. Sossegado.

E: Mais ele é meio distante, não é? O Pedro?

P: Ah, não é. Não fica. Eu estudo com o Pedro desde que nós entrou na primeira série. Eu repetia, aí ele repetia. Passei, ele passou. Nossa! Até hoje! Mesma sala, mesma

classe. Nem que se assim: primeira série A eu, ele na B. Tem que se tudo na mesma (risos).

E: E você conversa com eles assim, de desabafar, de contar coisas, ou não?

P: Não, não. Nem converso. Mais zoa. Nós só zoa os moleque. Fica inventando apelido, essas coisa, assim (silêncio).

E: Entendi. (silêncio) Que mais, Vitória? Você pode me contar de você?

P: De mim? Eu num sei muita coisa de mim. (silêncio). Daqui há dois anos termina minha computação....(sorri)

E: Você tá fazendo curso, né?

P: Talvez vou começa a do web-design, também. Tô investindo, né, em mim mesmo, né. Sozinho. Bem...trabalhando, investindo e depois...Agora você gasta num sei quanto numa faculdade, mais você fez. Aí depois você vai receber o dobro, tal. Eu tô investindo, arrumando uns curso pra fazer. Tô correndo pro meu lado, que é mais específico...que é informática.

E: E dá onde que você...que você arrumou assim essa força de viver? De tomar conta de você, de fazer suas coisas...? Por que você podia ser uma pessoa revoltada...

P: Da onde? Ah, de mim mesmo eu acho. De mim mesmo. É (risos)...se eu quisesse eu seria uma pessoa revoltada. Mais num convêm ser revoltado. Nós fala pras tia deixar nós ir nas casas noturna, ela num deixa. Mais nem ligo. Falo: "Quando eu sair daqui, eu vou. Vou todo dia." (sorri)

E: Mais depois enjoa também.

P: É. Enjoa. Mais é bem melhor que nós num vai agora...

E: E você considera, então que...que você falou que você considera o abrigo uma casa sua. E eu imagino que você vai senti falta daqui, né?

P: Vou. Ah, vou assim...um ano, pá. Até acostumar com a vida lá fora, né. Mais eu vou sentir falta...e muito. Nossa! Muito!

E: Então é melhor nem ficar pensando agora? Pra não sofrer antes....

P: Ah, ah. Lá fora é diferente.

E: Como que você imagina que vai se lá fora, Vitória?

P: Assim, o modo de dizer lá fora é diferente porque...quando você sair daqui num vai ter comida, essas coisa, van pra levar onde quiser. Tem que ir...levar de pé, num é. Se quiser ir de pé, vai. Roupa, você quiser, compra. Apesar que agora, quando nós quer, já começa a trabalhar, a tia fala pra nós mesmo comprar nossa roupa.

E: E você compra sua própria roupa?

P: Compro...assim, eu compro. É...lavar roupa, essas coisas...vai já acostumando como é que é lá fora, tal. Então nós lava de boa, nem reclama. Já que ela quer ajudar nós, né, então? Vamos aproveitar. Lavar, comprar...ensinar nós fazer compra...leva nós fazer compra no mercado. Vai já (inaudível). Eu vou lá as vezes com ela...ver os produto.

E: E a grana que você vai receber se você for contratado mesmo, dá pra viver...sozinho...dá pra se sustentar?

P: Eu creio que sim. Que eu num sei qual é mais ou menos. Mais eu acho que sim. Só eu sozinho. Dá pra sustenta legal!

E: E...e ainda mais que você vai ter ajuda das pessoas, né...dessa tia?

P: É. Tem muita gente querendo me ajudar. Até meu gerente lá da área...pergunta pra mim o que que eu vou fazer quando eu sair daqui. Pergunta um monte de coisa pra mim. Fala que se eu precisar de alguma coisa é pra procurar ele. Então...é...(silêncio longo).

E: Você quer me contar mais alguma coisa?

P: Não. Já contei tudo.

E: Se você fosse dar um título pra sua vida, que título você daria...você fosse escrever um livro sobre a sua vida como que ia chamar?

P: Livro, nunca pensei nisso (sorri). Nada...nada...nada....nem pensei. Livro...nunca pensei nisso. Iche...

E: Seu negócio é computador, né.

P: É. sorri

E: Então, tá certo. Então queria te agradecer pela entrevista que você me deu, né. E que eu gostei muito de vir aqui no abrigo e conhecer vocês. Aprendi muito com tudo isso. Tá bom?

P: Tá bom.

ANEXO 8

NARRATIVA PRODUZIDA POR CARLOS. *

“Vou falar um pouco da minha história. É...coisas pessoais minhas, né, que...que por dentro dói muito, né. Então eu acho assim ó: por onde tudo começou é quando...eu, Joaquim e Paulo morávamos na casa da nossa vó. Aí, mais pra frente nós...nós sofria muito, sofria bastante. Nós apanhava do nosso tio que chamava Ricardão, ele já foi preso, já foi solto. Enfrentava tudo mundo, andava descalço. Aí...aí a nossa vida foi muito complicada. Nós apanhava bastante. Aí o nosso pai e a nossa mãe que dava carinho, que nunca bateu em nós. Eu acho assim...é quem...nós perdeu nosso pai e nossa mãe. Aí por causa de usuário de drogas. Então, é que (suspira fundo...silêncio)...é que eu acho assim...é nós (silêncio longo). Então eu falou assim, aí eu saí de lá vim pro orfanato...aí eu vim com oito ano pra cá...é quando eu vim, né, eu era pequeno. Aí como os pessoais daqui me tratam bem...se eles não me tratassem eu num tava forte, homem, com dezessete anos aqui no orfanato, tranqüilo...em paz também. E aí eu..., infelizmente eu tô saindo daqui, né. Daqui primeiro de janeiro, mais num é assim também, né: Ele faz dezessete anos, faz dezoito anos e sai. Espera mais um pouco. Aí eu queria agradecer...queria agradecer a tia Sonia, tia Teresa e tia Joana...e todos os pessoais daí, tia Sandra, tio João. Todos os pessoais que cuidaram de mim, que quando eu sair...que quando eu sair daqui eu vou voltar, visitar todo mundo...porque o que eles fizeram comigo foi como pai e mãe. Eu tenho certeza que pra mim eles são meu pai e minha mãe. Então, eu acho assim, que quando...eu dou uma dica...quem tem pai e mãe...eu nunca tive chance de chamar meu pai de pai e minha mãe de mãe....minha. Então, eu acho assim pra quem tem mãe e pai, não desperdiça não, fio, porque senão...quando...tudo o que se tem pra falar pro seu pai e pra sua mãe fale agora, porque senão depois vai ser tarde demais. Eu nunca tive a chance de chamar...que nem eu falei, né....eu nunca tive a chance de chamar meu pai e minha mãe de mãe e pai porque eu num sei o que aconteceu comigo. Aí quando eu queria chamar, foi tarde demais porque eu perdi meu pai e minha mãe. Eu tô com uma dor aqui dentro, que eu vejo todo mundo falando: “ô, pai, mãe me dá dinheiro, me leva pra passear. Aí eu começo a lembrar do meu pai e da minha mãe. Terrível. Então, eu acho assim, quem tem pai e mãe, fale tudo que tem pra falar agora, porque senão vai ser tarde demais. Aí quando você for querer falar, eles já tão mortos. Isso foi uma parte que eu aprendi lá no (projeto que participava)... me ensinou muito. Então...eu falo pra...falo pra todo mundo...esses...essas pessoas...os moleques que fica xingando a mãe... “ah, mãe, você num presta....ah, num sei que tem...ah, você é muito chata...você”. Aí quando eles... quando a mãe vai dá valor. Eles quer tudo na mão, mas eles tem que aprender a sofrer também. Eu falo assim: tudo mundo tem que sofre como eu sofri. Eu tenho certeza que todo mundo sofre. Então...minha dica é essa...e...e como eu tava falando da minha família, né. Aí os meus irmãos entraram na droga. Antigamente, é...quando eu desconfiava do Joaquim...apesar, nunca acreditei no Joaquim, né...e nem a tia Sonia nunca acreditou nele. Que eu acho que nós já sabia que não devia acreditar nele. Nem ele acreditava em nós, né. Num sei. Mais eu nunca acreditei nele, também, pelo lado ao contrário. Ele queria ser dono do nariz, mas, no final eles acabaram se dando mal. Tá preso, foi desonesto... roubou... maltratou minha vó, maltratou minha família, doeu no meu coração também, então. Eu falo isso: “vocês são muitos legais comigo, do orfanato. E pode confiar em mim”. Que nem eu falei pra tia Sonia: eu num vou entrar nessa, num vou cair nessa. Eu num sei se...é...eu tenho certeza que tudo mundo confia em mim aqui dentro e se eu...tudo o que eu falo eu cumpro. Eu vou falar então: “eu não vou cair nas drogas, não vou....mas pelo menos eu vou sair daqui, eu vou tentar ajudar meus irmãos...meus irmãos.

* A opção pela transcrição sem parágrafos no sentido de explicitar o movimento “corrido” da narrativa produzida por Carlos.

Mas aí, eu acho assim...eu vou....se eles num quiserem me ouvi, eu vou fazer que nem a tia Sonia fez: deixar eles de lado e seguir minha vida. Aí quando eles verem que eu tive...quando eles vê que eu tô casado, com a minha mulher, com meus filhos...Que nem o Paulo. O Paulo tem filho, mas que que adianta? Tá preso. Ninguém gosta de ter um pai preso, bandido. Eu num tô fa...num tô falando que meus irmão são bandido, mais...mais é o que parece porque...quem tá preso é porque é bandido. Num é...Então eu vou fazer de tudo pra que eles não me convençam para...me colocar na droga porque eu tenho certeza que quando tudo lá fora eles vão tenta. Então, como eu disse: eu sofri bastante, eu...até hoje eu tô com dor no coração. Eu sinto mais mágoas, mais...Quando eu ia no...quando eu ficava nervoso, aí eu ia no (projeto), aí quando eu voltava, eu voltava feliz, tá vendo (silêncio). Eu acho assim, que nem a tia Sonia falou: quando tem que fazer alguma coisa, quando você tá triste, nervoso, dá um grito (risos)...e é isso que eu vou fazer. Então minha dica é essa: todos que tem pai e mãe...não desperdice a chance. Quem tem...se a mãe e o pai tá vivo hoje fala pra eles que ama, que adora, que beija. Fala tudo, porque senão é tarde demais. Quando cê vai falar, você vai ver eles já estão no caixão. E você tá lá avistando. Que nem eu...minha mãe...minha mãe tá...eu vi minha mãe no caixão eu num tive coragem de...Ah, ah, ah, num é que eu num tive coragem, eu não consegui chorar quando eu vi ela no caixão. E nem quando eu vi ela na cama também eu não consegui chorar. Num sei porque algumas pessoas choram só de ver mortos. Mas eu...eu não consigo chorar...porque eu acho que eu sou forte, né. Forte assim, forte no choro. Mas por dentro você está tudo destruído. Você...eu tive uma família, minha família usuário de drogas, eu acho que só sobrou eu e minha vó, fora dessa. Então, queria agradecer a tia Sonia, tia Teresa, tia Sandra, tudo mundo...tia Joana, aqueles que...porque o que eles fizeram pra mim, então. Eu quero que ela ouçam essa fita porque, eu acho que elas iam pensar muito no que eu falei, iam pensa bastante também e vão querer passar as coisas pros moleques (inaudível) (*acredito que neste momento houve algum problema com o gravador ou com a fita porque a gravação ficou alguns minutos chiada*). Então eu falo, eu falo isso: esses moleque aqui, ó. Eu vou falar e vou falar mesmo: esses moleque, eles assaltam, ele começa assim: mexe no armário dos outros. Tudo bem, nós...nós três trabalham e eles num trabalham. Então, eles tem...as coisa que nós compra eles tem vontade de ter também...aí nós...eles tem curiosidade de mexer nos armário pra ver que que nós comprou...pra ver...pra ver que que eu quero...que...aí eles começam mexer. Aí eles mexe, que nem mexeram no meu umas cinco vezes, já mexeram ou mais. Aí quando você vai procurar uma coisa seu armário tá mexido. Aí eles começam assim: mexe no armário, depois vai...vai pro carro, vai pras drogas, vai pro...começa mexer com drogas. Então eu acho assim...eu num quero isso pros moleque e nem pra mim. Tudo o que eu quero é que eles...que eles sai daqui como um homem, sem mexer nas coisas dos outros. Um dia eles vão trabalhar também porque...aí eu fiquei enchendo o saco da tia Joana: Tia Joana, eu quero trabalhar, quero trabalhar. Até que ela me arranjou então. Tô trabalhando. Eu parei de estudar o fim do ano pra mim poder trabalhar porque essa foi minha escolha. Aí...e eu num se arrependi, mas eu se arrependo por tá na sexta série...uma vergonha pra mim (silêncio). Tudo bem, eu vou admitir que eu num gosto de matemática, eu odeio matemática, mais...num é só eu como a maioria de tudo mundo. Então num vou esticar muito a conversa, então era isso que eu tinha pra falar. E, eu tenho certeza que o meu pai e a minha mãe estão me ouvindo aqui do meu lado e Deus também. Eu queria...é isso que eu tinha pra falar. Eu...eu queria também agradecer a Ana Laura por ter vindo entrevistar nós...que eu gostei muito dela ter vindo entrevistar nós. Que ela...que nem a tia Teresa, ela é uma boa psicóloga e uma boa pessoa também. Então, eu acho que todas as ajudas que vocês tão me dando, que vocês vão me dá eu vou aceitar de todo, de toda maneira. Por que? Porque eu sei que eu preciso da ajuda de vocês e vocês da minha. Então, eu...(silêncio)...eu vou ser honesto. Eu vou saí daqui eu vou passar necessidade sim, mas como....se eu tiver força de vontade eu vou ter tudo que numa casa tem. Vou trabalhar, vou estudar, vou ter minhas

coisas, ter minha namorada. Eu vou casar. Bom, e, infelizmente num era isso que eu queria pro meus irmão, né. Num é o que eu queria pro meus irmão...eu queria vê nós três junto, cada um cá sua mulher, cada um feliz, nós três andando junto. Mais infelizmente nós se separamos. (silêncio). Então, eu acho assim, eles escolheram os...eles escolheu a vida deles. Eu acho que tem chance deles saí, mas se eles continuar assim. Eles escolheram a vida deles. E eu vou escolher a minha. Eu já até sei que a minha...quando...eu num vou contar qual que vai ser minha vida, mais, quando vocês virem. Quando vocês virem eu com vinte, trinta anos, aí vocês vão ver o meu futuro. Então é isso que eu tinha pra falar. Muito obrigado e agradeço.”

ANEXO 9

MÚSICAS GRAVADAS POR CARLOS

Música 01 - Não Sei Viver Sem Ter Você

CPM 22

Composição: CPM 22

Não há mais desculpas
Você vai ter que me entender
Quando olhar pra trás
Procurando e não me ver
Chegou a hora de recomeçar
Ter cada coisa em seu lugar
Tentar viver sem recordar jamais
E se a saudade me deixar falhar
Deixar o tempo tentar te apagar

Te ligar de madrugada sem saber o que dizer
Esperando ouvir sua voz e você nem me atender
Nem ao menos pra dizer

Que não vai voltar
Não vai tentar me entender
Que eu não fui nada pra você
Que eu deveria te deixar em paz
Eu já não sei mais
Não sei viver sem ter você
Hoje eu queria te esquecer
Mas quanto mais eu tento mais eu lembro

Não sei viver sem ter você
É difícil de aceitar, recomeçar do zero
Levantar e caminhar
Perceber que quem se ama
já não se importa com você
E acordar sozinho ouvindo o som da sua TV
Chegou a hora de recomeçar
Acreditar que pode ser melhor assim
Tentar vencer, fingir feliz
Te deixar para depois, a cada dia que eu morrer
Espero que você morra dois

Se eu ligar de madrugada sem saber o que dizer
Esperando ouvir sua voz e você nem me atender
Nem ao menos pra dizer

Que não vai voltar
Não vai tentar me entender
Que eu não fui nada pra você
Que eu deveria te deixar em paz
Eu já não sei mais
Não sei viver sem ter você
Hoje eu queria te esquecer
Mas quanto mais eu tento mais eu lembro

Não sei viver sem ter você...
Não sei viver sem ter você...

Preciso re-aprender a viver pra esquecer
Pra te esquecer

Música 02 - Papo Reto

Charlie Brown Jr

Composição: Henry Pereira Rodrigues

Hey!

Otário eu vou te avisar, o teu intelecto é de mosca de bar.

Você deixou ela de lado pra falar com seus amigos, sobre as suas coisas chatas...

Ela deu brecha eu me aproximei porque eu me fortaleço é na sua falha

Ela estava ali sozinha querendo atenção e alguém pra conversar

Você deixou ela de lado vai pagar pela mancada pode acreditar...

Então já era... Eu vou fazer de um jeito que ela não vai esquecer

Se for já era... Eu vou fazer de um jeito que ela não vai esquecer

Otário eu vou te avisar: Intelecto é de mosca de bar

Você falou pra ela que eu sou louco e canto mal, que eu num presto que sou um marginal
Que eu num tenho educação, que eu só falo palavrão, e pra socialite eu não tenho vocação...

Sei que isso tudo é verdade mas... eu quero que se foda esta porra de sociedade

Pago minhas contas, sou limpinho, não sou como você filho da sua viadinho.

Então já era... Eu vou fazer de um jeito que ela não vai esquecer

Se for já era... Eu vou fazer de um jeito que ela não vai esquecer

Mexeu com a família, agora se vira, segura a seqüência, essa é minha quadrilha!

Charlie Brown... Charlie Brown... Charlie Brown...

Você deixou ela de lado pra falar com seus amigos, sobre as suas coisas chatas...

Ela deu brecha eu me aproximei porque eu me fortaleço é na sua falha

Ela estava ali sozinha querendo atenção e alguém pra conversar
Você deixou ela de lado vai pagar pela mancada pode acreditar...

Então já era... Eu vou fazer de um jeito que ela não vai esquecer
Se for já era... Eu vou fazer de um jeito que ela não vai esquecer

Se não quiser ficar só, cuide dela bem melhor, ou vai ficar só o pó, ou vai ficar só o pó
Ferro na boneca, pedrada na vidraça, tudo que eu tenho eu conquistei na raça, eu não sou simpático a
ninguém, hoje eu vou de limusine mas eu já andei de trem

Música 03 - Dia Que Não Terminou Detonautas

Composição: Tico Santa Cruz

Me sinto tão estranho aqui
Que não posso me mexer, irmão
No meio dessa confusão
Não consigo encontrar ninguém

Onde foi que você se meteu, então?
Tô tentando te encontrar
Tô tentando me entender
As coisas são assim

[Refrão]

Meus olhos grandes de medo
Revelam a solução, a solução
Meu coração tem segredos
Que movem a solidão, a solidão

Me sinto tão estranho aqui
Diferente de você, irmão
A sua forma e distorção
Não pareço com ninguém, sei lá

Pois eu sei que nós temos o mesmo destino então
Tô tentando me encontrar
Tô tentando me entender
Por que tá tudo assim?

Refrão

Quem de nós vai insistir e não
Se entregar sem resistir então

Já não há mais pronde ir
Se entregar à solidão e não

Refrão 2x

Música 04 - Reza Vela O Rappa

Composição: O Rappa

a chama da vela de reza
direto com o santo conversa
ele te ajuda
te escuta num canto
coladas no chão
as sombras mexem
pedidos e preces
viram cera quente

a fé no sufoco
da vela abençoada
no dia dormido
o fogo já não existe
eles saíram do abrigo
são quase nada
a molecada corre
ninguém tá triste

se tudo move
se o prédio é santo
se é pobre mais pobre fica
vira bucha de balão
ao som de funk
e apertada a tua vida
a tua avenida

a cera foi tarrada
não se admire
tá no céu
o balão de bucha
cera santa
não espere o tiro apenas mire

depois da bença
o peito amassado
é hora do cerol
é hora do traçado

quem não cobre
fica no samba atravessado
sobe alto balão
no céu rezado

Música 05- Qual é?
Marcelo D2

Composição: Indisponível

Ih, eu tenho algo a dizer
explicar pra você
Mas não garanto porém que engraçado eu serei dessa vez
Para os parceiros daqui
Para os parceiros de lá
Se você se porta como um homem um homem
Será que você mantém a conduta
Será que segue firme e forte na luta
Aonde os caminhos da vida vão te levar
Se você aguenta ou não
O que será será
Mas sem esse caô de que tá ruim, não dá
Isso eu já vi, vivi, venci
Deixa pra lá
Tá ruim pra você, também tá ruim pra mim
Tá ruim pra todo mundo o jogo é assim
Sem sorte no jogo, feliz no amor
Quem nasceu pra malandragem não quer ser doutor
Há 500 anos essa banca manda a vera
Abaixou a cabeça já era

Então diz
Essa onda que tu tira qual é?
Essa marra que tu tem qual é?
Tira onda com ninguém qual é? Qual é neguinho? Qual é?

Então vem, devagar no miudinho
Então vem, chega devagar no sapatinho
Malandro que sou não vou vacilar
Sou o que sou e ninguém vai me mudar
Porque eu tenho um escudo contra o vacilão
Papel e caneta e um beck na minha mão
E é isso é que é preciso
Coragem e humildade
Atitude certa na hora da verdade
E o que você precisa para evoluir

Me diz o que você precisa pra sair daí
O samba é o som e o Brasil é o lugar
O incomodado que se mude, eu to aqui pra incomodar
Ô de que lado você samba? você samba de que lado?
Na hora que o côro come é melhor ta preparado
E lembrando do Chico comecei a pensar, que eu me organizando posso desorganizar

Essa onda que tu tira qual é?
Essa marra que tu tem qual é?
Tira onda com ninguém qual é? Qual é neguinho? Qual é?
Me diz
Essa onda que tu tira qual é?
Essa marra que tu tem qual é?
Tira onda com ninguém qual é? Qual é neguinho? Qual é?

Amar como ama um black, brother
Falar como fala um black, brother
Andar como anda um black, brother
Usar sempre o complemento black, brother

Quantas vezes já cheguei no fim da festa
Quantas vezes o bagaço da laranja é o que resta
Não me dou por vencido, vejo a luz no fim do túnel
A corrente tá cerrada, como meus punhos
Vai dizer que você é um perdedor?
Daqueles que quando sua família precisa c dá no pé?
Vai dizer que você prefere o ódio ou amor?
Então me diz neguinho...Qual é?

Essa onda que tu tira qual é?
Essa marra que tu tem qual é?
Tira onda com ninguém qual é? Qual é neguinho? Qual é?
Essa onda que tu tira qual é?
Essa marra que tu tem qual é?
Tira onda com ninguém qual é? Qual é neguinho? Qual é?
Qual é? Qual é? Qual é? Qual é neguinho? Qual é?

Música 06 - Neurótico **Vinimax**

Composição: Vinimax

Neurótico, Hip-Hop som do gueto
Frenético, quem não dança tá doente
Neurótico, demoro é desse jeito
Frenético, Neurótico

Neurótico, Hip-Hop som do gueto
Frenético, quem não dança tá doente
Neurótico, demoro é desse jeito
Frenético, Neurótico

Levanta a mão e grita ho ho pra afirmar
e grita ho, ho ho demoro
Levanta a mão e grita ho ho pra afirmar
e grita ho, ho ho demoro

Então dance e cante cabeça erguida se liga
A vida também tem os seus momentos de alegria
Ta no salão então, faça seu show
Descarregue o stress, seja feliz demoro
Dexa quem quiser falar, o lance é zuar
Dexa as mina se soltar, dexa os mano azarar
Dexa quem quiser beber beber,
dexa quem quiser fumar fumar
Meu dever como MC é trazer alegria,
mensagem positiva a favor da vida
O Dj soltou o som o rap é do bom
Quem sabe é nós sangue bom levanta a mão

Neurótico, Hip-Hop som do gueto
Frenético, quem não dança tá doente
Neurótico, demoro é desse jeito
Frenético, Neurótico

Neurótico, Hip-Hop som do gueto
Frenético, quem não dança tá doente
Neurótico, demoro é desse jeito
Frenético, Neurótico

Levanta a mão e grita ho ho pra afirmar
e grita ho, ho ho demoro
Levanta a mão e grita ho ho pra afirmar
e grita ho, ho ho demoro

Brake Dj, Rap, Grafitti
Cultura Hip-Hop como vírus invadindo
a mente da juventude que agora solta a voz
Calça larga gueto style e de favela, popstar
Vibrações positivas
o Hip-Hop tem
Em qualquer lugar do país
Hip-Hop tem
Mulher bonita a vontade

no Hip-Hop tem
Ainda bem, ainda bem, ainda bem

Eu vou chegando devagar
e vou tomando de assalto
Quem é louco como eu
chega mais e joga a mão pro alto
O b.boy abre a roda fazendo moinho de vento
É na parede que o grafiteiro mostra seu talento
O Dj solta a base na batalha de freestyle
E essa mina no meio da pista é a dona do baile
Abala as estruturas em qualquer lugar
H-I-P H-O-P demoro pode chega

Neurótico, Hip-Hop som do gueto
Frenético, quem não dança tá doente
Neurótico, demoro é desse jeito
Frenético, Neurótico

Neurótico, Hip-Hop som do gueto
Frenético, quem não dança tá doente
Neurótico, demoro é desse jeito
Frenético, Neurótico

Levanta a mão e grita ho ho pra firmar
e grita ho, ho ho demoro
Levanta a mão e grita ho ho pra firmar
e grita ho, ho ho demoro

Música 07 - f.d.p. **Zero Calibre**

Composição: Octavio Oliveira

Você pensa que a população é toda idiota, faz acordo com o diabo e ainda nos dá as costas. nos enchem de mentiras e muita conversa, aumentam os abusivos que só interessam a pessoas poderosas que nadam em dinheiro, depois levam todo o lucro para o estrangeiro. nos deixando com a miséria e o desemprego, e aumentam a violência e a insatisfação
Só não aumentam o salário do trabalhador, e você ainda pede colaboração! nos engana com promessas em toda eleição, já cansei dessa conversa!

Refrão

Eu não, não vou mais permitir, ver tudo e ter que engolir, quem sofre com essa vida injusta, isso vai ter que acabar filho da...

Todo dia vejo grandes crimes sendo descobertos, colarinhos brancos tomam conta do congresso. estão sorrindo com a certeza da impunidade, eles mandam na justiça isso é que é verdade! de vez em quando um ou outro

vai para a cadeia, mas tem sela especial, varias regalias, telefone celular são muito bem tratados, liberados
quase sempre em poucas semanas,
Enquanto inocentes continuam em cana, eles gozam a liberdade com a nossa grana, e vão para o exterior e
dizem pro brasil, vão pra puta que pariu!

Refrão 4x

Eu não, não vou mais permitir, ver tudo e ter que engolir, quem sofre com essa vida injusta, isso vai ter que
acabar filho da...

Música 08 - Go Back Banda Fórum

Composição: Sérgio Britto

Você me chama, eu quero ir pro cinema. você reclama, meu coração não contenta. Você me ama mas
derrepente, a madrugada mudou.e certamente, aquele trem já passou e se passou, passou, daqui pra melhor,
foi!

Refrão

Só quero saber do que pode dar certo, não tenho tempo a perder, só quero saber do que pode dar certo, não
tenho tempo a perder, só quero saber do que pode dar certo, não tenho tempo a perder, só quero saber do que
pode dar certo, não tenho tempo a perder!

Você me chama, eu quero ir pro cinema. Você reclama, meu coração não contenta. Você me ama mas
derrepente, a madrugada mudou.E certamente, aquele trem já passou e se passou, passou, daqui pra melhor,
foi!

Refrão

Só quero saber do que pode dar certo, não tenho tempo a perder, só quero saber do que pode dar certo, não
tenho tempo a perder, só quero saber do que pode dar certo, não tenho tempo a perder, só quero saber do que
pode dar certo, não tenho tempo a perder!

Não é o meu pais, é uma sombra que tem de concreta, do meu nariz em linha reta, não é a minnha cidade é
É um sistema que invento e me transformo e que
Acrescento a minha idade, não é o nosso amor é a memoria que suja a história e enferruja,o que passou. Não é
você, nem sou mais eu, adeus meu bem adeus, adeus, você mudou, mudei também, adeus amor, adeus, e
vêm.

Só quero saber o que pode dar certo, não tenho tempo a perder, só quero saber o que pode dar certo, não
tenho tempo a perder, só quero saber o que pode dar certo, não tenho tempo a perder, só quero saber do que
pode dar certo, não tenho tempo a perder!

Música 09 - Me Deixa Michele Ornelas

Composição: Fábio Almeida / Ian Duarte

Nem sei dizer

Quanto tempo faz, mas algo mudou

E agora eu sou

Uma bomba pronta pra estourar

Por tudo o que você já me fez passar
Só quero dizer

Me deixa em paz
Me esquece
Tô em outra
Não te quero mais
Me deixa em paz
Me esquece
Sei que não dá
Pra voltar atrás
É! Me deixa em paz...

Sem entender
Eu segui meu rumo
Me reinventei
Mas dentro de mim a tempestade não quer se calar

Por tudo o que você já me fez passar
Só quero dizer

Me deixa em paz
Me esquece
Tô em outra
Não te quero mais
Me deixa em paz
Me esquece
Sei que não dá
Pra voltar atrás
É! Me deixa em paz...

Música 10 - Me Faz Bem Comunidade Nin-Jitsu

Composição: Comunidade Nin Jitsu

Eu tenho namorada e sou um cara sincero
Mas se você mandá bem eu posso até manda-la pro inferno
Vai dependê do seu jeito, do seu handicap
Se for preciso fugir eu tenho um plano de escape
Vô pra qualquer hotel menos pro Vinhokappi
Pode ser um motel na ilha Pepino di Capri
Qualquer coisa tipo ilha da fantasia style
O anão Tatu dando colar de havaiana no baile

Já procurei por tudo até no estrangeiro
Tá mais difícil de te achar que uma agulha num palheiro
Eu sei que a noite é uma criança e eu sou o seu brinquedo
Não sou eu que chego tarde mais é o dia que chega cedo
Você não é meu troféu é a minha melhor bengala
Então eu te dou um anel pra não quebrá minha mandala
Qualquer coisa tipo nosso amor é muito lindo
Você me pede chorando que eu te faço sorrindo

Me faz bem
Vou te procurar

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala
Você era a favorita onde eu era o mestre sala
Hoje a gente nem se fala mais a festa continua
Nossas noites são de gala nosso samba tá na rua
Eu sei que eu errei quando não te procurei
É tanta briga tanto clima que eu já não sei
Quando eu tô do teu lado fico mal acostumado
Da chalaça eu sou um soldado trabalhei no bem amado
Mulher é meu babado, mas na real eu continuo apaixonado

Música 12 - Casa Vai Cair

Muamba

Procure achar uma solução pra sair dessa depressão
E ver no que vai dar
Não me acomodo mais na situação
Quero coisa nobre e tô sabendo que vai rolar
Um som classe A que faz o chão balançar

A casa vai cair
E é só sair da linha e ver o que está por vir

Agora que você sabe o quanto eu lhe quis
Sei que agora posso até ser feliz
Na balada nada é demais
Na balada vou te encontrar

Oh oh oh agora a casa vai cair
Oh oh oh é só partir pro crime
Oh me diga que não
Que uma cidade treme
Se a casa cai me diz o que vai ser
Yeah, yeah, yeah, a nossa noite não vai ter fim

E pode ser de qualquer idade, tribo, cor e religião

Com a cabeça na lua e os pés no chão
Dá a mão pra que quero me divertir
Cair na balada agora tô aqui
Fazendo um som classe A que faz o chão balançar

Agora chegou tá na hora
Todo mundo quer mais
Cê tá de bobeira
Eu também quero mais
Não fique parado, não fique de bobeira
A doidera é assim, vem junto com a alegria
Oh demorô agora a casa cai

Música 13 - Megalomania Autoramas

Composição: Gabriel Thomaz

Ter dinheiro deve ser muito bom
E o bom mesmo é grana alta
Muita grana pra poder gastar
Pra esbanjar sem se preocupar
Também deve ser bom aparecer
Ilha de Caras pode ser ?...
Ostentação é pra quem pode
Então não vejo por que me esconder
Curtindo a vida adoidado
Do lado de dentro do vidro blindado
É o preço é alto nada mais adequado !

Preciso ser alguém
Que outro alguém
Planeje seqüestrar

Megalomania
Megalomania
Megalomania

Tudo que eu quero
É ter o mundo
Aos meus pés
E nada mais

Tudo tão bonito
Tudo tão brilhante
Os mais bem vestidos

Os mais elegantes
Aqui reunido
Com meus semelhantes
Na hora vip a vida
Bem mais excitante

Modéstia à parte !!!

Música 14 - Estou Melhor
J Club

Composição: Indisponível

Eu vi meu mundo se acabar
Quando você sorriu pra mim
E de repente tudo terminou assim
Por quantas vezes eu tentei
Te esquecer mas eu eu não sei
O que aconteceu comigo
Agora vai!

E hoje estou melhor
Estou muito melhor
Muito mais do que pensei
Que um dia fosse estar
E hoje estou melhor
Estou muito melhor
Muito mais do que pensei
Que um dia fosse estar

A cada dia que surgir
Você sempre irá lembrar
De cada noite que perdi aqui
Se acaso hoje eu me encontrei
Foi porque eu te deixei
E é assim que eu vou viver
Agora vai!

E hoje estou melhor
Estou muito melhor
Muito mais do que pensei
Que um dia fosse estar
E hoje estou melhor
Estou muito melhor
Muito mais do que pensei
Que um dia fosse estar

E o que restou de mim pra nós

E o que restou de mim pra nós!

Hoje estou melhor

Estou muito melhor

Muito mais do que pensei que um dia fosse estar

E hoje estou melhor

Estou muito melhor

Muito mais do que pensei que um dia fosse estar

ANEXO 10

CARTA DE AGRADECIMENTO AO ADOLESCENTE

Venho por meio desta expressar meus sinceros agradecimentos pela sua participação na realização do projeto de pesquisa intitulado “*Desafios enfrentados pelo adolescente no momento de saída do abrigo*”. Gostaria de ressaltar que sua participação através da entrevista realizada, bem como através de todos os outros contatos que tivemos neste momento em que estive no abrigo, foram de extrema importância e valia para o desenvolvimento do meu projeto e para o meu aprendizado enquanto pesquisadora. Reafirmo que “nossas conversas” enriqueceram enormemente o meu trabalho, já que me ensinaram muito sobre os modos como os adolescentes enfrentam este momento de saída do abrigo.

Tendo sido finalizada sua participação neste projeto, desejo que você possa concretizar todos os seus sonhos e desejos e que sua vida futura, neste novo momento que se inaugura, seja repleta de realizações e de felicidades.

Ribeirão Preto, março de 2005

Pesquisadora Responsável

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Avenida Bandeirantes, 3900 – Ribeirão Preto –SP
Fone para contato (16) 602 3850

ANEXO 11

CARTA DE AGRADECIMENTO À INSTITUIÇÃO

Venho por meio desta expressar meus sinceros agradecimentos pela sua colaboração no projeto de pesquisa intitulado “*Desafios enfrentados pelo adolescente no momento de saída do abrigo*”, abrindo as portas da instituição para a realização do meu projeto de mestrado. Através de sua importante colaboração, enquanto coordenadora desta instituição, está sendo possível a mim, enquanto pesquisadora, conhecer um pouco mais da realidade dos adolescentes que deixam o abrigo pela questão da maioridade, bem como quais as dificuldades e desafios que enfrentam neste novo momento de suas vidas. Reafirmo que a riqueza que obtive ouvindo os próprios adolescentes contarem sobre si e sobre este novo momento de suas vidas, tem contribuído enormemente para a minha formação enquanto pesquisadora e pessoa.

Tendo sido finalizada a primeira parte deste referido projeto (realização das entrevistas com os adolescentes), ficam expressos meus sinceros agradecimentos à coordenação desta instituição.

Ribeirão Preto, março de 2005.

Pesquisadora Responsável

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP (CINDEDI)
Avenida Bandeirantes, 3900 – Ribeirão Preto
Fone para contato (16) 602 3850

ANEXO 12

RELATÓRIO PARCIAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS ATÉ O MOMENTO (PRIMEIRO SEMESTRE CONCLUÍDO DO PROGRAMA DE MESTRADO)

1. Breve descrição do projeto

Como pesquisadora, iniciando meus contatos com esta instituição em setembro de 2004 (embora as conversas telefônicas tenham se estabelecido anteriormente a esta data), busquei apresentar meus objetivos à instituição logo no primeiro contato. Este objetivo, firmado e expresso no meu projeto de mestrado, aprovado pelo programa de pós-graduação da FRFCLRP-USP em junho de 2004, ficou delimitado pela seguinte questão a ser investigada mais detidamente:

- Buscar investigar como os adolescentes vivenciam o momento de transição provocado pelo desabrigo, dentro e fora do abrigo, após longos períodos de permanência neste.

Com a finalidade de investigar esta questão, ligada amplamente à questão da subjetividade destes adolescentes que estão prestes a vivenciar uma mudança significativa e radical em suas vidas, ficou definido por mim, pesquisadora responsável por este projeto, bem como pela minha orientadora, que seriam realizadas basicamente duas formas de investigação e de aproximação com esta realidade:

- **aproximação com o contexto do abrigo:** Buscando uma visão panorâmica e um primeiro contato com o abrigo e com os adolescentes, este primeiro momento serviu para que eu pudesse Ter uma apreensão mais livre deste cenário, bem como uma familiarização com os adolescentes.
- **Realização de entrevistas com os adolescentes que estão vivenciando o desabrigo:** Este segundo momento foi de extrema importância para que eu, enquanto pesquisadora, pudesse partir em busca de investigar como estes adolescentes estão vivenciando este momento de suas vidas, bem como que significados estão circulando em torno deste momento de ruptura e mudança.

Tendo em vista o planejamento destas ações, que foram executadas e estão devidamente descritas por mim no cronograma em anexo a este relatório, parto agora para alguns tópicos, ainda muito pouco trabalhados e imaturos (já que estou

realizando este trabalho a apenas seis meses, tendo dois anos para concluí-lo), que pude perceber e detectar neste contato com os adolescentes.

2. Algumas considerações a serem feitas acerca do adolescente em processo de desabrigoamento

Sem o intuito de concluir e apontar precocemente qualquer coisa, pontuo aqui alguns primeiros pontos que pude vislumbrar enquanto pesquisadora:

- **a particularidade de cada adolescente e o momento da saída:**

O desabrigoamento, embora significado por cada um dos adolescentes de diferentes formas, bem como sentido de diversas maneiras, parece ser inevitavelmente um momento crítico na vida destes adolescentes, trazendo mudanças significativas no modo destes jovens perceberem a si mesmos, suas vidas e suas perspectivas futuras. Assim, embora se admita que as mudanças ocorram ao longo de toda a vida (noção de desenvolvimento admitida pela pesquisadora neste trabalho) este momento de saída do abrigo pode ser considerado um marco de mudanças e reestruturações mais intensas na vida destes jovens que se vêem em um momento de crise.

- **as formas de enfrentamento deste momento:**

As formas de enfrentamento em relação a este difícil momento são múltiplas assim como são múltiplas as possibilidades de ser do humano. Apesar disso, os recursos utilizados por cada adolescente no enfrentamento desta situação estão ligados aos modos como se vêem e são vistos pelos seus parceiros relacionais (na escola, no trabalho e no próprio abrigo). Estes recursos, muito mais do que internos, estão ligados ao modo como se colocam e são colocados em relação à sua própria vida (capacitado-incapacitado, forte-fraco, etc.).

- **a participação do abrigo na construção de sua subjetividade:**

Embora o abrigo não seja o único contexto presente nesta construção de si mesmo, este acaba sendo muito importante nesta construção da subjetividade do jovem, bem como nas formas de se posicionar, seja pelo longo tempo que o jovem passou no abrigo, seja pela importância e peso afetivo das relações construídas neste cenário. Assim, certamente o jovem, mesmo ao sair do abrigo, estará levando consigo discursos, falas e afetos presentes e negociados neste longo tempo em que residiu no abrigo.

- **as redes de apoio neste momento:**

Exatamente pelo abrigo ser um dos (quando não o único) contexto de referência social e afetiva para este jovem que vai sair, torna-se muito importante neste momento disponibilizar a este adolescente uma ampla rede de apoio que o signifique enquanto capaz de dar conta de si, bem como capaz de desenvolver potencialidades e habilidades que levem a uma maior autonomia e independência.

Sem pretender, de forma alguma, finalizar minhas contribuições e análises neste momento, agradeço desde já a atenção e disponibilidade do abrigo. Espero ainda, sinceramente, poder contribuir através da minha pesquisa, com a prática do cuidado à infância e adolescência bem como com todos os interlocutores que se colocam neste fazer cotidiano, disponibilizando suas vidas em prol destes meninos e meninas.

Pesquisadora responsável

ANEXO 13

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO (ASSISTENTE SOCIAL)

Com o intuito de conhecer mais profundamente as histórias de vida dos adolescentes que estão prestes a sair do abrigo (idade com que foi abrigado, se houve perda do pátrio poder, adoção ao longo do abrigamento, etc), venho por meio desta solicitar seu consentimento em participar deste encontro, que será muito importante para a elaboração do projeto de pesquisa intitulado “*A construção de sentidos de si em adolescentes que estão saindo do abrigo*”. Buscando compreender como estes adolescentes estão construindo sentidos sobre si mesmos, neste momento de mudanças em suas vidas, peço a sua permissão para utilizar estes dados na construção desta pesquisa, como forma de enriquecer e complexificar a análise do material construído com os próprios adolescentes. Para tanto, comprometo-me a preservar o sigilo da instituição bem como o anonimato desta conversa. Comprometo-me ainda a zelar por este material, que será utilizado somente para fins de pesquisa. Colocando-me a disposição para quaisquer dúvidas que possam surgir, agradeço contar com a sua colaboração para a realização deste projeto.

Atenciosamente,

Ana Laura Moraes Martinez

Mestranda da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Fone para contato: 602 3850

ANEXO 14

ROTEIRO PARA CONVERSA COM ASSISTENTE SOCIAL

- pedir para contar detalhadamente a história de cada um dos meninos mais velhos do abrigo (quando foi abrigado, como foi, adaptação, escola, contatos com a comunidade, etc)
- contato com a família biológica (perda do pátrio poder, morte, abandono, quais as causas do abrigamento?)
- houve alguma adoção neste tempo de abrigamento (se sim, porque foi devolvido? Como foi o contato com os pais adotivos? Como foi a conduta do abrigo nesta interlocução?)
- dados sobre o abrigo no geral (quantos meninos existem atualmente, qual o tempo médio de permanência no abrigo, quantas pessoas recebem em média por mês, média de adoções, de que tipo, separação com o abrigo das meninas, mudança de endereço da cidade para sua atual localização, retorno a família biológica, quantos, como é feito este retorno, há algum trabalho com os pais biológicos)
- dificuldades e possibilidades no trabalho com os abrigos. Porque considera que alguns acabam ficando por tanto tempo no abrigo. Há conseqüências por conta disso, na sua opinião?

ANEXO 15 - SEGUNDA ENTREVISTA COM VITÓRIO (SALA DA USP) – 21/08/2005

(Antes de iniciarmos a entrevista Vitório me ajuda a testar o gravador.)

E: Bom, hoje é dia vinte e um de agosto de 2005, domingo, quase três horas da tarde e eu estou aqui com o Vitório, né. Faz...cinco meses que ele saiu do abrigo, né, Vitório?

P: Isso.

E: E eu queria... que você me contasse um pouquinho, assim, pra começar, como que está sendo seu cotidiano lá na república...que vocês montaram? Quantas pessoas vocês estão morando? Como que você conheceu essas pessoas? Me conta um pouquinho agora da ...da sua vida.

P: Agora na república?

E: É. Na república.

P: Ah, está bem! São tudo maneiro, legal. Adaptei legal lá com eles... É pra fala a verdade é uma república de trabalhadores, né. Não é de estudante, não. É que...nós só vamos lá pra trabalhar e aí depois nós vamos dormir! (sorri)

E: Tá... São pessoas então que trabalham com você?

P: Isso. Trabalham tudo na mesma empresa. Já é tudo de lá de dentro. Então eu já conhecia os pessoal, né. Mais eles são de fora. Pra eles não ficar indo e voltando eles resolveu montar uma república.

E: Da onde que eles são, Vitório?

P: Nós...nós somos em cinco, oh! Tem eu que sou daqui. Tem o...um que...tem dois que é de Jaboticabal. Tem um que é de...Minas Gerais. E um que é de Piracicaba.

E: Ah! E qual a faixa de idade deles assim?

P: A faixa de idade...ah, eu sou o mínimo lá que tem dezoito. O mais... o maior tem...deve ter uns... trinta e cinco, por aí.

E: Ah, ah.

P: Por aí

E: E eles são casados, não são?

P: O Jair.... de Jabotic...os dois de Jaboticabal são.

E: Sei.

P: O outro de Minas Gerais...eles...são de...ele tem uma namorada aqui em Ribeirão e o (inaudível).

E: Tá...e quantos quartos tem a casa lá..?

P: Tem cinco.

E: Ah, então é um pra cada.

P: Isso. Um pra cada. Aí tem a cozinha, o banheiro...tem o quarto do...do Sandro, né...que tem um banheiro pra ele, né. Aí ele paga mais. Mais tudo em ordem. Sala também, uma área lá no fundo.

E: Ah, é uma casa grande, né?

P: É!

E: É casa ou é sobrado?

P: Casa...casa...(breve silêncio)...casa muito grande.

E: Ah, ah. (breve silêncio). E como que foi? Você saiu de lá e eles te convidaram pra ir?

P: Não, não, eu num cheguei a sair. Eu...já...eles viram que eu já ia sair, né. Aí eu falei assim: “Ah, vou ver se eu arrumo um lugar pra ir, né...antes de eu completar os dezesseis, que eu já completo e já...antes de completar os dezoito, eu já completo e já vou. Aí eu fui procurar. Aí eu fiquei sabendo que eles estavam montando uma...aquela época pra.... “Tá bom, então, eu vou mora com eles.” Aí eles pegou e me convidou. Eu peguei e fui.

E: Tá. Então ela num existia...montaram na época que você estava saindo?

P: É. Montaram na minha época.

E: Ah, ah.

P: Ai eu peguei e fui morar com eles (breve silêncio). Aí eu esperei completar os dezoito, né, que não podia sair antes...Aí fui lá falar com a tia lá...falar certinho...acertar. Aí eu peguei, completei dezoito, esperei mais uns dois, três dia, as papelada e fui.

E: Ah, ah. (silêncio). E como que é assim pagar contas? Como que vocês dividem?

P: Ah! Pagar conta...o aluguel é seiscentos e cinqüenta reais.

E: Ah, ah.

P: Aí tem um lá que o quarto...é por quarto também né você paga. O quarto de um lá é pequeno, então ele só paga o IPTU pra nós e...os impostos. Aí...aí fica...divide em quatro. Aí o quarto do outro que tem banheiro, ele paga mais, né.

E: Sei...

P: Então ele paga duzentos e pouco. O outro, cento e sessenta. O outro também. E eu pago cem reais. Aí a energia eu tenho que pagar todo mês...e a água. A água eu dou pro Jair que paga os imposto pra nós, ele paga. A energia eu pego e divido por quatro também. E...recolho o dinheiro e vou lá pagar.

E: Tá. Então você é responsável por esta conta.

P: Isso. Pela energia. O...o aluguel é um...

E: E telefone, tem?

P: Não. Só eu...coloquei, né, uma linha lá, mais só pra mim entrar na Internet só. Não tem nem aparelho. Só pra entrar na Internet.

E: Ah, ah.

E: E, e...cozinhar? Comida...

P: Não...não. Não tem nada lá. Só tem geladeira (sorri)

E: Ah. Não tem fogão....

P: Não.

E: Mais aí de final de semana onde que vocês comem? Por exemplo, sábado, domingo...?

P: Tem um mercado do lado de casa. Aí nós vai no mercado ou pede uma pizza...(silêncio) Aí vai levando.

E: Ah, ah.

P: Tem a empregada nossa também que vai sábado lá...uma vez por semana. Pagar ela também.

E: Aí divide também em quatro.

P: É. Não. Aí é em cinco. Porque ela limpa os quarto de todo mundo. (silêncio). É oito reais que dá cada um. (silêncio)

E: E a casa como que é que é...é organizada?

P: (risos). Ah, daquele jeito! Maior bagunça. É...organizada.... pouco. Não é muito não.

E: E...então você quase não fica lá, né? Porque você trabalha, aí depois você estuda...

P: É, né. Na verdade nós só vai lá pra dormir, só.

E: Que horas você chega da sua casa?

P: Da onde?

E: Do...da escola?

P: Da escola? Dez e meia...dez...onze quase. Que apesar que a escola é do lado, né.

E: Ah, é perto.

P: O bom que ali tá tudo perto. Da praça tá perto. O mercado perto. Tudo.

E: O lugar então é bom?

P: É

E: Ah, ah.

E: E aí então de final de semana vocês comem no mercado? Vocês vão fazer compra lá pra comer?

P: É, na verdade, fica...só fica eu lá no final de semana na casa.

E: Ah, os outros vão embora?

P: Eles vão pra cidade deles.

E: Ah, você fica sozinho, então....e o que que você acha? Você sente falta, você gosta?

P: Não. Maneiro ficar sozinho. De boa. Fico lá no computador. O tempo passa. Fico lá...vendo umas coisa de bom. (silêncio) Mais tem vez que fica um, dois de final de semana. Mais geralmente eles vão tudo....pra casa deles.

E: E quando eles ficam, assim, algum deles, que que vocês....? Vocês fazem alguma coisa? Saem...?

P: Ah, nós sai à noite pra comer alguma pizza....alguma coisa... Em alguma festa (silêncio)

E: E qual que é o relacionamento entre vocês. Porque vocês trabalham juntos. Mas morar juntos como é que é?

P: Maneiro. É legal. Sempre um ajudando o outro também. Sempre dando toque...ajudando, assim. Um monte de coisa (silêncio).

E: Ajudando em que sentido?

P: Ajudando, assim...no serviço, né. Dando uns toque. Ou na escola também, né. Tem um lá que ele é professor de geografia. O outro é engenheiro, então ele manja bem de matemática...ele ajuda ali de vez em quando. Tem...um lá que já fez faculdade.... Eles vão...ajudando.

E: Então são...são amigos assim. Podem ser considerados amigos?

P: É.

E: Te dá conselho, troca idéia...ou não...assim...de coisas mais pessoais da sua vida?

P: Não...quando nós está na sala assistindo TV lá. Aí fica batendo papo, trocando idéia...conversando.

E: E você sente que você se adaptou bem....nesses cinco meses aí que você saiu?

P: Ah, adaptei desde o começo...

E: É?

P: Só no começo que você não ouve mais aqueles barulho de criança na orelha, tudo. Aí...aí você não ouve. Aí você estranha. Fala: "Nossa, acordei sossegado hoje." (sorri).

E: Ah, ah.

E: Eu me lembro que naquele dia que a gente conversou você falou de...que você tinha medo de não conseguir acordar, lembra?

P: Ah, ah.

E: Como que é assim....você se adaptou em relação a isso?

P: Adaptei.

E: Não perde a hora? Por que lá as tia às vezes chamava...?

P: Ah, perder a hora eu perco, né. Assim...mais ou menos. Tem dia que eu perco, tem dia que não. Aí quando eu....eles vê....ah, os cara também eles chama. Às vezes eu pego carona com eles, né. Só de sexta-feira que tem que pegar...pegar o ônibus. Porque eles vão embora, né, então...Mais...tem dia que eu atraso. Nossa. Aí tem...tem que sair correndo, pegar o moto táxi (sorri). Mais...estou...se Deus quiser eu vou me adaptar! (sorri). Estou indo bem, né. Ponho o celular pra despertar um pouquinho mais cedo. (silêncio). Mais é estranho!

E: É estranho?

P: Ah, um pouco só, né.

E: Que que você acha mais estranho?

P: Mais estranho?

E: Disso tudo...que você fala que é um pouco estranho?

P: Ah, acordar meio cedo também. Você tem que acordar bastante cedo porque se...Lá não. Lá o tio esperava, né. A van esperava. Ali não. Os cara já vai. Deu a hora, vai. Tá no ponto ou não...o ônibus, né.

E: Ah, eles te largam se você não acordar?

P: É (sorri). Eles chama. Se não acordar, eles...Eles falam: “Você vai comigo?” Aí eu falo: “Vou” Aí eu durmo de novo, aí...(sorri). Que não pode atrasar, né!?(silêncio).

E: Ainda mais agora que você está efetivo, né?

P: É.

E: E em relação ao trabalho? Porque assim...quando você morava lá no abrigo, que você estava com menos de dezoito anos, você era estagiário lá, né, na empresa. Depois você foi efetivado e saiu do abrigo, foi pra uma república....Você sentiu alguma mudança...no trabalho?

P: Não...(silêncio)

E: Assim....de aumentar responsabilidade...de cobrança maior...mesmo sua, num sei?

P: Ah, aumentou um pouquinho, né! Porque....mais responsabilidade, começar a participar das reuniões. Que antes não podia. Agora eu posso.(silêncio). Levar uns fuminho de vez em quando, uns elogio...(sorri). Mais...o tempo vai se adaptando. Mais...

E: Em relação à saída do abrigo, você não sentiu mudança no trabalho?

P: Não, não.

E: De alguma coisa ter afetado?

P: Não. Afetou quase nada também. Os pessoal continua a mesma coisa que eu tava lá no abrigo. Tudo sempre me dando uma ajuda, força...

E: Que que você tá fazendo lá agora, Vitória.

P: Eu tô na área de compras. Suprimentos, né, que fala. Comprando serviço de usinagem, essas coisa. Pra usina mesmo. (silêncio)

E: Então você fica no computador...fazendo as compras...

P: É. Fico o dia intero (sorri)

E: E à noite você tá em que...no terceiro, né?

P: No segundo (diz enfaticamente)

E: Segundo.

P: Segundo ano (sorri). (silêncio). O ano que vem é terceiro. (silêncio) Se eu passar, né...

E: Porque se eu passar?

P: Não é. Eu acho que eu vou passar (risos).

E: Você tá meio mal de nota?

P: Não. Tô bem, tô bem.

E: Você sentiu alguma mudança na escola depois que você saiu do abrigo...e foi lá pra república?

P: Não. Na escola não.

E: Não, não sentiu?

P: Não (silêncio). Ah, você quer aprontar mais...que num vai chamar os pai nada. Faz uma baguncinha, tudo. Mais...Normal. Vai no...reunião da escola. Mais isso aí é normal.

E: Como assim? Não entendi...depois que sai do abrigo quer bagunçar mais?

P: Não. (sorri). Não é bagunçar mais. Assim...é mais...um monte de gente, né. Mais sossegado. Não tem a pressão: “Vai pra escola! Vai pra escola...!”

E: Você fala da pressão das tias lá dentro?

P: Ah é né. Fala pra nós ir pra escola. Mais eu vou! Até hoje num faltei nenhum dia. Que eu já estou acostumado. Mais...sossegado. Tem que...começar a ir na reunião da escola, de pais e mestres....

E: Ah, é você mesmo que vai?

P: É. Mais eu num fui em nenhuma não.

E: Ah, ah.

P: Aí depois eu vou lá, pego meu boletim e já...(silêncio).

E: Tá. Então você acha que uma...uma mudança que teve foi essa...diminuição da pressão que é, que as tias faziam e que agora num tem mais. Que é meio você por você.

P: É...é (silêncio longo).

E: E...o relacionamento lá, que você falou que você considera o pessoal muito legal, que te ajuda...Fora da casa você tem algum amigo assim que...que você confia? Pessoas importantes...

P: Tenho...(silêncio longo).

E: E o pessoal do abrigo? O Carlos, o Pedro...você tem contato ou não?

P: Ah, de vez em quando eu vou lá dá uma passeada lá...com eles. O Pedro saiu, né!? O Carlos tá lá ainda, mais eu vou lá. O Pedro...tava tirando carta junto comigo. Então a gente tá sempre conversando.

E: Ah, ah. E onde que ele tá, Vitória....morando?

P: Tá com a irmã dele.

E: Com a irmã? (silêncio).

E: E qual a frequência desse contato, assim...?

P: Ah. Mais final de semana.

E: Final de semana...

P: Mais final de semana. (silêncio). Nós vai em alguma festa e tal...troca idéia...

E: E com o Carlos?

P: Ah, o Carlos. Só quando eu vou lá mesmo. Ou então ele tá na praça lá de domingo, eu tô lá também.

(silêncio).

E: E como que é voltar no abrigo depois de ter saído de lá? Por exemplo, ir lá visitar o Carlos?

P: Ah, normal...(sorri). Eles falam: "A casa é sua." Eu entro de boa.(silêncio). Assisto filme com os moleque depois...eu vou embora. Jogo bola aí né...Mais... normal.

E: Você continua indo então, de vez em quando?

P: De vez em quando em apareço (diz bocejando)

E: Normalmente é de final de semana?

P: É, normalmente. Semana eu trabalho. Num dá. (silêncio longo).

E: E como que...como que é voltar lá, Vitória.? Porque você morou lá um tempo, né. Bate saudades?

P: Não muito não, né.

E: Vontade de voltar? Ou vontade de não voltar?

P: Ah. Num dá vontade de voltar e num dá vontade de voltar. Tá no meio. Tudo igual.

E: Como assim?

P: Ah. Num sei, meu. Voltar lá...num dá né porque eu fiquei muito tempo lá. Mais também ficar....tanto faz....tudo igual....quase igual, né! (silêncio). Aqui fora pode sair, sossegado né. Lá na república cada um tem sua chave. Chega a hora que quiser. Ninguém pergunta. Só pelo menos avisa, né. Tô indo em tal lugar. (silêncio longo)

E: E em relação às baladas, que que você tem feito? Você falou que vai comer pizza...?

P: Ah, vou na (nome da boate), de vez em quando.

E: Que que é...uma boate isso?

P: É. (nome da boate) em (nome da cidade).

E: E aqui em Ribeirão, você vem?

P: Eu vim só umas três vezes com os meus colega. (inaudível), direto. Tem um colega que mora aqui. (inaudível) mora aqui também. (fica batendo no gravador) (silêncio). Nós vem sim.

E: E cinema?

P: Ah, faz tempo que eu num venho. Faz uns dois, três anos.

E: Bastante.

P: É. Bastante. (silêncio longo)

E: Bom. Agora vamos falar um pouquinho de futuro, então. Quais seus planos pro futuro? Que que você têm planejado em fazer? Cê sente por exemplo que depois que você saiu do abrigo você começou a pensar mais no futuro?

P: Não...eu já tô pensando faz tempo. Pensando....pensei em fazer faculdade. Se formar e só. E depois achar a área né, que eu se formei pra trabalhar.

E: E que área seria essa?

P: Ah, eu tô em dúvida em duas, três (silêncio). Dúvida em Ciências da Computação ou Engenharia Automobilística ou de último caso, advogado, uma coisa assim.

E: Direito?

P: Direito. Mais é último caso. Mais os primeiro é Ciências da Computação e Engenharia Automobilística.

E: E porque essas três área...ser de mais interesse assim?

P: Ah, que eu mais gosto, né. Ciências da Computação é que eu gosto de computador. Engenharia é que eu gosto de fazer conta, conta e conta. E Direito é, num sei, é um (inaudível) que veio na cabeça aí.

E É porque Direito é uma coisa que cê num tinha falado antes, né, pra mim. É uma coisa nova então?

P: É. Veio na cabeça. (silêncio). É difícil... passar na AOB essas coisa aí...tem que estudar. (silêncio)

E: As outras também tem, né?

P: É, mais não muito né. Só um pouquinho.

E: Que mais de plano para o futuro? O ano que vem você tá no terceiro? Aí depois você falou da faculdade. E viagem...pela empresa?

P: Aí eu tenho que tirar carta. Tô tirando carta, tudo. Aí depois começar a sair pela empresa.

E: Ah, ah. Não tinha um plano de você ir viajar o ano que vem?

P: Tinha. É. Talvez a prova é agora em novembro.

E: E como que é essa história?

P: É que o meu chefe, né, agora ex, né...ele saiu da (nome da empresa) agora, né. Num tá mais. Saiu essa semana Aí fiquei meio assim: Será que eu vou agora, será que não, num sei. Aí ele falou pra mim: "Oh, quero que você aprende inglês. Você vai fazer um estágio lá nos Estados Unidos. Aí se você se adaptar bem, você fica. Senão você volta em um mês." Falei: "Tá bom. Agora tô fazendo inglês. Estudando aí pra prova. Aí ele falou que vai ter uma prova pra ver se eu tô bem ou não. Se tiver, eu vou. Se num tiver, vai na próxima. "Vai estudando", ele falou. Falei: "Beleza." Mais agora ele saiu da (nome da empresa).

E: E esse outro chefe aí?

P: Qual?

E: Ué, que entrou no lugar dele.

P: Num entrou ainda. Vai entrar. É, ele saiu essa semana (silêncio). Aí eu fiquei meio...será que eu vou, será que não. (silêncio).

E: Então você está fazendo inglês...você faz computação também ainda?

P: Faço. Ah, sempre fazendo né, computação. De três em três meses renovando algum curso. Ficar atualizado na área (silêncio).

E: Isso você faz de sábado? Esses cursos...

P: Tudo de sábado. Da meio dia...da oito à meio dia, computação. Depois, aí fica em casa um tempinho. Aí eu vou pro inglês, das quatro às cinco e meia.

E: Você tá bastante atarefado, então...

P: Tô. Muito. Coloca tarefa nisso!

E: Às vezes bate canseira?

P: Não. Só de domingo. Dá pra dormi mais um pouquinho. Mais, eu ligo o computador e não saio mais da frente.

E: É? (silêncio)

E: Me conta uma coisa agora, Vitório. Como que foram assim, os primeiros dias. Vamos pensar: o primeiro dia, o segundo dia. Ou então, a véspera...assim...de ter que arrumar a mala pra sair do abrigo, sabe? Porque você passou um...tempo grande lá, né? E aí assim, eu imagino que deva, alguma coisa deve ter acontecido aí dentro de você. Você pegou a mala, teve que fazer a mala, depois despedir do pessoal. Depois você foi pra república, primeiro dia que você chegou lá...como que foi assim, esses momentos?

P: Ah, foi normal. Sossegado. Arrumei tranquilamente a mala...tipo indo viajar. Aí eu peguei fui. Despedi, falei tchau. Fui. Quando eu cheguei lá num tinha ninguém na república. Os cara tava tudo viajando.

E: Você saiu em que dia da semana?

P: Foi num sábado.

E: Sábado?

P: Sábado.

E: Tá.

P: Sábado. Aí eu...sossegado. Cheguei lá, deixei as coisas lá e...e fui dar uma volta (sorri). Mais foi sossegado, o primeiro e segundo dia (silêncio). Aí domingo eu arrumei minhas coisa lá e...Aí na segunda eu fui trabalhar. (silêncio).

E: E a despedida?

P: Sossegado. Eu despedi sossegado. Falei tchau na boa. E fui (sorri sem graça).

E: O pessoal chorou lá?

P: Não. Já sabia também que eu ia. Não chorou não. (silêncio)

E: Teve algum momento nestes cinco meses que você achou mais difícil ou algumas coisas, por exemplo, que você achava que ia ter dificuldade e teve facilidade?

P: Não. Momentos difíceis num teve não.

E: E fáceis? Tipo assim: "Ah, isso aqui eu vou tirar de letra?"

P: Ah, fácil é só fazer a soma do mês das conta, né. Que não tem muito né. Procuo num fazer contas, nada. Se for comprar uma coisa, pagar à vista, que é melhor, né. Faço...que eu posso, gastar no mês eu faço. Que que eu posso poupar. Fico fazendo contas. Administrando...as conta. Pra num gastar mais do que pode. (silêncio)

E: Isso é importante, né?

P: Ah, tem que ser, né. Senão se... passa da meta aí, já estoura no banco. Num dá.

E: Você tá com conta no banco tudo, certinho?

P: Tudo.

E: Você recebe pelo banco, né, eu imagino?

P: É.

E: E tem plano de subir de carreira assim na empresa....de subir de cargo?

P: Ah, tem né. Sempre tem. Num adianta ficar só num negocinho. Tem que subir, né.

E: Faz quanto tempo que você tá nesse cargo de compra?

P: Compras? Ah, num faz muito tempo não. É que eu subi pra compras né. Eu tava embaixão, lá no fundo. Aos poucos eu tô subindo. Vai fazer o que? Vai fazer seus nove meses...

E: Ah, ah. E tem algum cargo que você queria atingir lá dentro, assim...que você pensa em trabalhar?

P: Não...mais na área de informática. Mais compras também é ótimo (silêncio). Conheço bastante gente, essas coisa.

E: Ah, ah. (silêncio) Faz contato, né?

P: É...

E: E me diz uma coisa...você acha que você já se adaptou bem a ter saído do abrigo? Ou não?

P: Já, já. Adaptei bastante.

E: É?

P: Sossegado.(silêncio longo).

E: Depois que você saiu do abrigo você teve contato com a sua família ou alguém da sua família, ou não?

P: Não, não. Só com os meus tios.

E: Que tios? Aqueles que estavam lá às vezes no abrigo, ou não?

P: É. Só com eles, né. Às vezes eu vô na casa deles (silêncio).

E: É aqueles que iam te ajudar a montar uma casa, perto da casa deles...?

P: É.

E: É? (silêncio)

E: E eles estão te ajudando com alguma coisa ou não?

P: Estão, sempre rola. A minha tia lava roupa pra mim. Tudo. Passa. Sempre me ajudando (silêncio).

E: Às vezes você vai passar o final de semana na casa dela ou não?

P: Vou, vou. Às vezes eu vou. Semana passada eu fui...

E: Aí você passa o sábado e domingo lá ou não? Só o domingo?

P: Passo mais o.....tem vez que eu passo o sábado e o domingo quando não tem inglês eu já vou...da computação eu já vou pra lá. Mais aí quando tem inglês eu num vou. (silêncio)

E: Ela tem filhos também né, Vitória, pelo que eu me lembro?

P: Tem.

E: Quantos são?

P: Tem um. Tem a Maíra.

E: Quantos anos ela tem?

P: Ah, deve te uns sete, uns cinco.

E: Ah, ah.. (silêncio)

P: Nessa faixa aí (silêncio)

E: E você tá namorando, num tá....tá de rolinho com alguém?

P: Não. De boa (sorri e fica em silêncio).

P: De boa. Só aproveitando a vida (sorri).

E: Que que é aproveitar a vida?

P: Ah? Estudar, trabalhar....sair à noite...pra algum lugar. Sossegado. (silêncio)

E: Você conhece a família do pessoal que mora com você na república?

P: Conheço...só de alguns. Já fui na casa deles.

E: Você sente que por você ser o mais novos lá deles eles meio que te protegem...assim ou não...te ajudam?

P: Ah, também.

E: Porque você é o mais novo, né? Você tem dezoito...aí depois tem o...quais que são as idades deles?

P: Bom, eu acho que um lá tem vinte e três, o outro também né, acabou de se formar lá. Tem um lá de trinta e cinco e o outro de trinta e nove.

E: Você é o mais novo então?

P: É. (silêncio muito longo)

E: Como que é ser o mais novo lá na casa?

P: Ah, ser o mais novo...sossegado. De boa. Quando eles saem eles falam: “Num apronta”, essas coisa. Num aprontar na casa. Eu: “Tá bom” (risos)

E: Que que eles querem dizer com não aprontar será?

P: Ah, num fazer bagunça, num deixar o som alto, né. Essas coisa. (silêncio)

E: Então eles ficam meio na função de pai assim... “Juízo hein menino. Num sei o que...”

E: E com a coordenadora, você tem contato? Às vezes você fala pelo telefone com ela?

P: Tenho. Eu ligo sempre lá. Uma vez por semana no máximo. (silêncio)

E: Você fala com ela...?

P: Toda semana! (silêncio...fica um ar de incômodo na entrevista)

E: Que mais, Vitória, que a gente pode falar da sua vida. De como que as coisas estão agora...?

P: Ah, agora tá tudo nos conformes.

E: Tudo nos conformes? Como que é isso?

P: Ah, sossegado. Tô levando a vida de boa!

E: Você tá gostando da sua vida agora?

P: Tô. Tá normal. Num mudou quase nada...

E: Ah é? Como assim, num mudou quase nada? Me explica melhor?

P: Ah,...Que lá...num mudou quase nada porque...lá no lar...mudou assim algumas coisa. Não muita coisa.... Mais tudo igual.

E: Que que você acha que mudou e que que você acha que não mudou?

P: Ah, o que num mudou é acordar sempre atrasado (risos). Num tem van pra ir em qualquer lugar, levar...num ter o carro, né, pra ir em qualquer lugar, levar, essas coisa. Tem que ir a pé ou carona, alguma coisa. O que mudou é que você pode sair com...com colega, tudo.

E: A coisa da responsabilidade, né...de pagar as conta, tem que ir no mercado, você tá com fome tem que se virar né?

P:....tem que se virar.

E: Você cozinha às vezes? Você num tem fogão lá, né?

P: Não, num tem (diz bocejando).

E: E os móveis como que vocês arrumaram os móveis da casa?

P: Ah, teve o Sandro que trouxe lá, de Minas Gerais. Teve o Jair lá também que trouxe de Piracicaba. O Clóvis também. Cada um foi trazendo. Aí eu...a minha tia me deu uma cama lá. Aí eu comprei o armário, comprei uma rack. Comprando as coisa.

E: Tem televisão?

P: Tem. O Sandro trouxe. Tem sofá que vira cama, essas coisa. (silêncio)

E: Tem bastante coisa na casa então?

P: Tem (silêncio)

E: E quem que cuidou da parte de contrato? Porque essa parte é chata pra caramba, né, o contrato da casa...

P:É. O contrato é de um ano. Em fevereiro termina. Aí eu num sei se eles vão renovar!.

E: Como assim?

P: Porque lá ia ser uma clínica, né. Aí o cara alugou pra nós. Mais aí eu num sei se ele vai vender o ano que vem pra fazer a clínica. Aí se ele num for vender talvez eles renove.

E: Você gosta de morar lá nessa casa?

P: Gosto...lógico. Tudo perto, sossegado...(silêncio)

E: E aí se for alugar...se for vende a casa vocês vão ter que arrumar outro lugar?

P: É (silêncio). Ou então eu faço outra né, já sei como é o esquema.

E: Faça o que? Outra república?

P: É. Tem uns colega meu querendo fazer uma, mais...Aí eu já sei como é que é mais ou menos como é o esquema, já dou um toque.

E: Da onde eles são esses colegas?

P: Ah, tem uns que é de lá, né. Tem um que é daqui, de Ribeirão...que que mora lá. Que ele morava lá, né. Os pai dele veio pra cá então ele arrumou serviço aqui. Mais ele quer morar lá...aí...(silêncio)

E: Você preferia morar com gente mais da sua idade?

P: Não. Tanto faz a idade...Apesar que se a idade é mais velha você pega mais experiência da vida, os cara te fala um monte de coisa...que você vai viver ainda. Tudo que eles viveu. (silêncio). As bagunça dele...(inaudível) (silêncio longo)

E: E aí morar com gente da mesma idade é diferente, né?

P: É. Quer sair, quer se divertir.

E: Dar festa em casa...

P: É!!! Dar festa em casa...

E: Então tem o lado bom e o lado ruim?

P: Tem os dois lado. (silêncio longo).

E: Que que você mais sente falta do abrigo e o que que você num tem um pingo de saudades?

P: Falta??? Ah, quase nada (sorri). Da van...(sorri novamente). Só do transporte, alguma coisa.

E: E o que que você num tem um pingo de saudade?

P: (suspira). Ah, difícil. Num sei. Num tenho saudade de quase nada também. Sossegado. (silêncio).

E: Você quer me falar mais alguma coisa?

P: Não, não.

E: Que que você acha daqueles pequinininhos que estão lá no abrigo? Você acha que eles tinham que sair rápido...?

P: Tá acabando lá, né? Tem só quinze agora.

E: A última vez que eu falei com a Joana ela falou mesmo, que tava...

P: É. O Moisés saiu também.

E: Ah, o Moisés saiu?

P: Acho que já sai quase todo mundo. O Antônio vai sair agora, o Danilo... Vai sair um monte de gente.

E: Qual será que é a idéia deles, Vitória? Será que é fechar lá?

P: Num sei, ué. Fechar num é, né, porque eles gostam pra caramba daquilo. É. Pode renovar os moleque também, né.

E: Então você acha que é assim... que tem que ser assim mesmo, que num pode ficar muito tempo lá, tem que esvaziar?

P: Num sei. Depende se o moleque num tiver condições, ele fica.

E: Então você acha que depende do caso então?

P: É, ué?

E: Mais o que que você chama de condições?

P: Ah, o moleque num tem pra onde ir, num tem pai, num tem mãe....ele vai sair? Num tem como.

E: Num tem jeito.

P: É, ué. (silêncio longo)

E: Vamos encerra então?

P: Vamos.... (silêncio). Você num foi mais lá no lar?

E: Eu fui. Acho que faz mais ou menos um mês eu fui conversar com a Joana. Eu fui entrevistar ela. Aí ela me contou que tava...que tava acabando mesmo. Que um monte de menino já tinha ido embora. Alguns casos de adoção.

P: Acho que foi tudo pra Itália.

E: Itália? Acho que ela me falou. É mais os pequeninhos, né?

P: (faz que sim com a cabeça)

E: É. Grande é difícil adotar né, Vitório?

P: Difícil, difícil.

E: Normalmente os casais querem pequeninho, né, bebezinho... (silêncio). Você acha que adoção é uma boa?

P: Ah, eu acho. Depende. Se a pessoa gostar da criança, sim.

E: O casal, você fala.

P: É.

E: Mais tem também a questão da criança gostar do casal, né.

P: Também. Aí é questão de conversar.

E: Você já teve vontade de ser adotado... quando você era mais novo?

P: Não, não (silêncio)

E: Vamos encerrar então?

P: Vamos, vamos.

E: Então tá bom. Queria te agradecer pela colaboração, né, por ter colaborado com o projeto. E...te falar que isso ajuda muito a entender como que os adolescentes passam por isso, por este momento de transição aí, que é o abrigo e depois de tanto tempo no abrigo, sair, né.

E: Quanto tempo você ficou lá mesmo, Vitório?

P: Doze anos.

E: Ah, ah. (silêncio). Tá bom então Vitório? Obrigada.

P: Tá.

ANEXO 16 – SEGUNDA ENTREVISTA COM CARLOS (SUA CASA)

- 01/05/2006

- 1 E: Bem, hoje é Segunda-feira. É...faz uma semana, né...que você saiu? Quanto tempo?
- 2 P: É. Faz uma semana.
- 3 E: Você saiu na Quinta?
- 4 P: Sai.
- 5 E: Sexta, Sábado, Domingo, Segunda....Mas você saiu na outra Quinta, né.
- 6 P: É.
- 7 E: Então, Carlos, eu queria saber um pouquinho agora Carlos. Assim...que você
- 8 contasse um pouco como que foi esse...esse processo de saída do abrigo. Como que
- 9 você se sentiu...arrumando as suas coisas. Conta pra mim como é que foi.
- 10 P: Ah, foi assim. É. No começo foi difícil porque eu morava no lar faz onze anos....e
- 11 vários moleques que já passaram por lá e...e também é... Aí chegou...chegou a hora né
- 12 de sair. Fiz dezenove anos aí eles já tavam procurando um lugar pra mim. Aí o....graças
- 13 a Deus apareceu o Maciel né, que deu essa casa pra mim, né. Porque...Aí foi um pouco
- 14 difícil largar os moleque lá. Porque já faz onze anos e...sente saudades né. Agora aqui
- 15 não tem quase ninguém pra conversar, sabe.
- 16 E: E do que que você sente mais saudades? Do que que você tá sentindo mais falta do
- 17 abrigo?
- 18 P: Ah, vontade....vontade de conversar, né, com os moleque (silêncio).
- 19 E: E conta pra mim como que você conheceu o Maciel? Como que surgiu essa idéia de
- 20 você vir pra cá...?
- 21 P: Ichê, eu num lembro (diz baixinho) Ah, a idéia de eu vim pra cá é que...teve um dia
- 22 que eu vim cortar cabelo aí ele perguntou, né, se eu já tinha lugar pra morar. Eu falei
- 23 que a Sonia tava arrumando um lugar ainda. Aí ele se ofereceu, né, esse lugar. Aí eu
- 24 falei pra Joana, assistente social lá do lar e a Joana começou a espalhar a notícia. Falou
- 25 pra Sonia, falou pra Teresa. Aí elas...elas gostaram da idéia, veio visitar aqui,
- 26 comunicaram o juiz também e...aí deu certo, né! Tem que ter um pouco de paciência
- 27 também, né, porque...aí eles deixaram eu...
- 28 E: Como assim paciência? O que que você quer dizer com isso?
- 29 P: Paciência porque eu tava ansioso pra sair de lá e...e elas tavam falando que o juiz tem
- 30 que liberar cinqüenta por cento do meu dinheiro. Aí eu tava ansioso pra saí e cada dia
- 31 que eles ...cada dia que demorava eu ficava mais ansioso. Aí...chegou a hora! Aí tinha
- 32 chegado a hora de mim sair, eu peguei e fui.
- 33 E: E como que foi arrumar a mala...aquele momento da despedida, sabe?
- 34 P: Ah, eu arrumei minhas coisa, né. Aí todo mundo falou tchau, falou vai com Deus.
- 35 Aí eu peguei e fui, né. Aí eu fui lá Sábado.
- 36 E: Ah, e aí como é que foi? Conta...
- 37 P: Ah, fui lá, fiquei...conversei com eles. Fizeram pergunta se eu estou gostando ou não.
- 38 Aí eu falei que estou, né. Aí...aí nós ficou lá assistindo televisão também.
- 39 E: E você passou o dia lá?
- 40 P: É. Fiquei até umas cinco horas (silêncio)
- 41 E: E no trabalho como que tá?
- 42 P: Ah, no trabalho tá...tá bem, né. É, tudo mundo lá gosta de mim. Eu gosto de todo
- 43 mundo. Eles brincam comigo. Eles...ah, que nem uma...que nem lá no orfanato.
- 44 É...como se fosse uma família dentro duma firma porque cada...um ajuda o outro. E vai.
- 45 Aí o que precisar eles tão lá pra ajudar, né.
- 46 E: Faz tempo que você trabalha lá, né, Carlos? Desde os dezesseis, né?
- 47 P: É.
- 48 E: E aí depois que você fez dezoito anos você foi contratado?
- 49 P: Fui.
- 50 E: Aí aumentou o seu salário, você ficou registrado tudo direitinho...?

51 P: É. (barulho de gente falando no salão)
52 E: E igual você tava contando pra mim aquele dia, você chegou a pensar em morar com
53 a sua avó? Ou não? Aquela visita que você fez...conta pra mim sobre aquilo.
54 P: Ah, morar lá eu...eu quero ir lá pra visitar, né. Mais agora morar lá eu num quero não
55 porque a vida que...a vida de pequeno que eu passei lá foi... se num tivesse aparecido o
56 orfanato eu taria morto essa...hoje, né. Que foi terrível. Aí eu só...só quero ir lá pra
57 visitar minha avó, pra...essas coisa...matar a saudade. Mais...
58 E: Morar lá você nem pensa...?
59 P: Não. Morar lá, não!
60 E: E você falava pra mim que você tinha uma relação muito forte com os seus irmãos.
61 Como que é pra você agora, assim...num ter mais eles...um faleceu, o outro foi pro
62 Goiás. Você sente muita saudades...?
63 P: Então, eu sinto muita falta, né, porque eu vejo tudo...tudo mundo com família aí. E
64 eu fico pensando na minha. Aí eu fico pensando no meu irmão que tá lá em Goiás
65 Agora num sei. Fico pensando se eu vou ver o meu irmão de novo ou não.
66 Porque eu num quero voltar pro meu irmão quando eu já tiver uns trinta e poucos anos.
67 Eu quero...quero vê ele...se tiver jeito né. Porque agora vai ser complicado.
68 E: E você sabe onde que ele mora lá...você tem o endereço, alguma coisa ou você num
69 sabe nada?
70 P: Então...é teve umas carta aí que a Sonia mandou...que a primeira carta deu certo.
71 Aí...aí quando foi mandar a segunda carta, a carta...a Sonia colocou no correio aí elas
72 foram e voltaram. Aí colocou o endereço certo. Aí eu num sei de nada.
73 E: Talvez ele tenha mudado de lá então'.
74 P: É.
75 E: Mais ele foi pra lá morando com quem, Carlos? Com algum familiar seu ou sozinho?
76 P: Com meus parente. Minha vó mandou ele pra lá. Minha vó queria mandar eu pra lá
77 também mas só que...Ela falou que quando eu saísse do orfanato era pra mim ir pra lá.
78 Mas só que a Sonia num ia deixar não.
79 E: E esses parentes seus do Goiás, quem que são, Carlos? Tio...o que que é?
80 P: É. É tia, tio.
81 E: Irmão do seu pai ou da sua mãe.
82 P: Do meu pai!
83 E: Do seu pai (silêncio). E a família da sua mãe, você conhece?
84 P: Não (silêncio)
85 E: Então esse pessoal é da família do lado do seu pai, lá do Goiás
86 (Faz sinal afirmativo com a cabeça e fica em silêncio)
87 E: E que que você tá achando de morar aqui? Como que você tá se sentindo?
88 P: Ah, eu tô...tô achando legal, né. Tô me sentindo feliz. Por um lado, né. Pelo outro
89 não.
90 E: Mas me explica como é que é: pelo lado que você tá feliz e pelo outro que não.
91 P: Ah, pelo lado que eu tô feliz é que...é que eu posso ter mais um pouco de liberdade
92 do que eu tinha lá no lar, né. E...tô feliz por mim tá...achei uma família aí que me
93 acolheu. Por isso e...pelo outro lado, é que...que nem você falou. Eu sinto muita falta da
94 minha família também. Aí eu fico nos canto, parado, pensando. Fico desligado.
95 E: Você pensa muito neles?
96 (faz que sim com a cabeça e fica em silêncio por um longo tempo)
97 E: E você acha que estar em contato com a família do Maciel te ajuda ou te deixa mais
98 triste...de você ficar lembrando das coisas? Por que, por exemplo, você vê que ele tem
99 uma família, né, a mulher, os três filhos...aí você almoça lá, janta lá...Como que você se
100 sente?

101 P: Os dois! É que eu sinto que eles estão me ajudando bastante e eu me sinto feliz. E
102 pelo outro lado é que eu fico olhando eles, olhando na família deles, aí...Os dois lados
103 (silêncio)
104 E: Oh, Carlos, e você faz algum plano pro seu futuro? Ou você pensa em ficar aqui?
105 Como que é?
106 P: Ah, por enquanto eu num tenho plano não. Por enquanto eu prefiro ficar aqui né.
107 Até...bastante tempo.
108 E: Você se sente seguro aqui?
109 P: É (silêncio)
110 E: E você sente que você mudou depois que saiu de lá? Assim...você tá mais triste ou
111 mais alegre. Se tá falando mais ou menos. Você sente que você mudou em alguma
112 coisa ou não?
113 P: Ah, eu tô falando menos.
114 E: Tá falando menos.
115 P: É, nos lugares que eu vou aí. Mesmo assim na casa do Maciel eu...eu pareço...pareço
116 Um múmia. Só converso com ele e cá mulher dele. Por que ali...ali é assim: eu só falo
117 se perguntar alguma coisa pra mim. Caso contrário, não.
118 E: Tipo: hoje você foi almoça na casa da...mãe dela, né? E aí, como é que foi?
119 P: Falei nada! Fiquei quieto. Num sei porque, num sai!
120 E: E o pessoal tenta se aproximar de você, conversar? Ou não.
121 P: Não. Todo mundo fica na...só a ...só a mulher do Maciel e o Maciel que fala comigo.
122 Eu vou nos lugares assim, eles apresentam. Mais aí depois num fala nada.
123 E: E você acha que é por timidez? Você fica muito nervoso? Que que você acha que
124 pode ser?
125 P: Ah, eu acho que é timidez, né. Num sei. Porque se ninguém falar comigo eu num
126 falo.
127 E: E na escola, é assim também? Ou você se solta mais?
128 P: Não. Na escola eu falo bastante. No trabalho (silêncio)
129 E: Na escola você tá fazendo o supletivo?
130 P: É.
131 E: Que ano, Carlos?
132 P: Primeiro e segundo.
133 E: Aí o ano que vem é o terceiro (silêncio longo). Que que você tá pensando?
134 P: Nada (e continua o silêncio longo)
135 E: O Maciel me contou que o filho mais novo dele, o Rafa, se dá bem com você, né?
136 Ele joga video-game com você?
137 P: Não. Por enquanto nós não estamos jogando porque eu comprei dois controles mas
138 não quis pegar.
139 E: Por que?
140 P: Num sei. Num tá aper...num tá querendo apertar...na televisão tá falando pra apertar
141 o start, você aperta e num pega. Num funciona.
142 E: Mas você precisa ver o que acontece...
143 P: Já viu. Já testou aí mais só que...
144 E: Então você tá sem televisão aqui?
145 P: É, eu só assisto DVD porque o Maciel tem que puxar o cabo da televisão dele pra
146 essa pra poder pegar os canal.
147 E: Entendi. Tá sem antena então.
148 P: É.
149 E: E com esse Rafa aí como é que é? Você conversa com ele?
150 P: Ah, ele...ele conversa muito, mas...mas não comigo. Ele conversa....eu se dou bem

151 com ele, mas eu...mas ele conversa mais com o pai dele e com a mãe dele. Quando eu
152 tô...eu tô almoçando lá ele fica falando na orelha do pai e da mãe dele...Mas eles
153 também tem vergonha.
154 E: De você?
155 P: É. Conversar....
156 E: É porque eu acho que tá todo mundo se sentindo...é tudo muito novo ainda né. O fato
157 de você estar aqui, de conhecer eles...você acha que com o tempo vocês vão ficar mais
158 amigos, vai mudar...você vai ficar mais a vontade ou você acha que não?
159 P: Ah, se ficar bastante tempo eu acho que vai (silêncio)
160 E: E ontem que que você fez? Sábado você foi lá no orfanato. E ontem?
161 P: Ontem?
162 E: Foi Domingo.
163 P: Ah, ontem eu fui numa área de lazer com o Maciel aí. Aí nós ficou lá até uma onze
164 horas.
165 E: E o que que tinha lá?
166 P: Tinha feijoada (diz sorrindo)...
167 E: Ai que delícia!
168 P: Aí depois partiram um bolo lá que era aniversário de uma mulher lá (silêncio).
169 E: E amanhã você vai trabalhar, né?
170 P: É.
171 E: Começar tudo de novo. (silêncio) E no trabalho você tá fazendo o que agora, Carlos?
172 P: Ah, a mesma coisa.
173 E: Você falou que você quase num fica dentro da fábrica, né. Você fica mais na rua?
174 P: É. (silêncio)
175 E: E a mesma coisa era officce-boy, né, que você trabalha...?
176 P: É...é.
177 E: De levar correspondência...Você faz serviço de banco também ou não?
178 P: Não.
179 E: Então você anda bastante? Ou não?
180 P: Ando (silêncio...suspira...mais silêncio)
181 E: Depois que você fez dezoito anos, Carlos, você começou a achar uma época que
182 você não ia sair nunca mais de lá...de perder a esperança?
183 P: Não...é...antes dos dezoito anos eu tava...eu até comentei lá com a Sonia, com os
184 pessoal lá que eu morria de medo, né, de sair do orfanato. Aí...aí eles falou que não ia
185 me chutar de lá, que não ia me tirar de lá, que ia ficar mais...Aí...eles...fiz dezoito anos,
186 fiquei lá. Hoje eu tô com dezenove. Aí che...aí eu sai! (silêncio)
187 E: Mas você achava que você ia ficar lá mais tempo? Até ficar mais velho?
188 P: Não. Eu achava não. Porque eu sabia que eu podia ficar lá bastante tempo. Era só na
189 idade de dezoito. Aí quando...
190 E: E depois que o Vitório foi embora como que ficou lá pra você? Você ficar sozinho
191 lá?
192 P: Ah, fica chato, né. Porque eu moro onze anos com os moleque maiores. É como
193 irmão, né. Aí depois tem que ir embora. Aí acaba tudo (silêncio). Às vezes saia briga,
194 mas...sempre voltava.
195 E: Como assim saia briga? Entre você e eles?
196 P: É.
197 E: Ah, ah (barulho de gente falando no salão) E você tem contato com ele, Carlos?
198 P: Com quem?
199 E: Com o Vitório e com o Pedro.
200 P: Ah, o Pedro se eu quiser eu posso ir lá na casa dele, mas o Vitório eu num sei não.

201 E: Você nunca mais...você não encontra mais ele então?
202 P: Só foi no Sábado. Aí Sábado retrasado ele foi lá porque era aniversário dele.
203 E: É, você me falou. E o Pedro mora aqui perto?
204 P: É. Ali perto do Magon.
205 E: E ele tá morando com quem, Carlos?
206 P: Cá irmã dele (silêncio longo)
207 E: Então depois que eles saíram e você ficou lá você sentiu muita falta deles?...Foi
208 muito esquisito?
209 P: É....Ficou estranho porque só tinha eu de mai...maior lá e...tinha só mais uns dois lá
210 também, o resto tudo pequeno. Você vai fazer o que lá?
211 E: Ah, ah...(silêncio)
212 E: E aquele Anderson?
213 P: Então ele... foi lá Sábado também, mas foi no vizinho.
214 E: E ele saiu também?
215 P: Saiu. Ele ficou lá até os vinte e cinco anos.
216 E: Ah, ah. Ele foi o que mais...o que mais tempo ficou, né?
217 P: É. (silêncio e barulho no salão)
218 E: E lembra que você falava assim que quando você saísse do orfanato você ia sair
219 mais, você ia ter mais liberdade, porque lá não podia ir nos lugares que você queria...?
220 Você tem saído agora ou não?
221 P: Não porque...porque assim...primeiro eu não tenho amigos pra sair. Aí se eu andar
222 sozinho aí...Aí eu...o lugar que eu queria ir é em boate, essas coisa. Mais não tá tendo,
223 né. Ou eu tô desinformado. (silêncio). Ah, mais...mais é que eu não tenho mais amigo
224 pra sair mesmo.
225 E: E na escola, no trabalho? Não tem um pessoal que sai assim da sua idade?
226 P: Eu conheço quatro lá que...mais eles só gosta de ir na (inaudível).
227 E: Que que é isso aí?
228 P: (risos) É que é de jogos. Stricker....
229 E: E no trabalho, não tem?
230 P: Ah...aí os dos trabalho vão mais é pra rodeio, pra show (silêncio)
231 E: Então você precisa fazer amigos, né, pra você poder sair, aproveitar um pouco. Você
232 falava que você queria tanto sair lá...quando você tava lá...
233 P: Então...mais...(suspira e fica em silêncio)
234 E: Você liga pro orfanato assim durante a semana ou não?...bom, você foi lá no Sábado
235 também né? (continua em silêncio)
236 E: Tá pensativo...
237 P: É.
238 E: Que que você tá pensando?
239 P: A mesma coisa de sempre.
240 E: Mais o que que é? Eu não sei...
241 P: (sorri e fica em silêncio)
242 E: Oh, Carlos...e menina....namorada? Lembra aquela vez que você me contou que você
243 tinha ficado com uma moça...uma vez? Que era...que era um problema porque ela já
244 tinha tido um caso com o seu irmão, eu acho. Você lembra dessa história?
245 P: Então. Ela foi lá no Magon...aí eu fiquei com ela de nov...fiquei, não. Eu cheguei
246 beijar ela. Mais...mais ela não. Ah, ela vai lá. Tem vez que ela vai. Tem vez que ela não
247 vai. Sexta-feira ela...Quinta-feira ela falou que ia e não foi. Mais aí...ah, a tia Sonia
248 anda contando umas história aí. Falou que ela tava envolvida com...ela mesma falou
249 que ficou com meus dois irmão aí falou também que...aí falou assim que...a tia Sonia
250 falou que ela tava...que devia estar...que ela e mais um cara lá apareceu lá no orfanato

251 falando que ia visitar o Jonatan, mas o cara tava nervoso. E queria entrar no portão. Aí a
252 tia Sara pegou e não deixou ele entrar. Sorte minha que eu tava dentro do quarto. Mais
253 aí eu não sei se é verdade ou não.

254 E: Mais eu não entendi direito. Você acha que eles queriam ir lá pra te pegar, é isso?

255 P: Essa era a intenção da tia Teresa, né. Que elas que tavam pensando. O cara tava
256 apavorado querendo entrar. Falou que ia ver o Jonatas. Aí tava eles dois lá.

257 E: E essa menina estuda no Magon ou não?

258 P: Não.

259 E: Ela aparece lá de vez em quando? (faz que sim com a cabeça)

260 E: E fora ela você conheceu mais alguém assim ou não?

261 P: Ah, eu conheço umas menina da minha classe mais...não rola nada (silêncio)

262 E: Oh, Carlos...o Maciel comentou comigo acho que foi Sexta-feira que eu tive aqui, né,
263 que você tá tomando remédio. Que remédio que é esse?

264 P: Ah, foi...é um remédio pra...é um remédio pra...É que quando eu tava no orfanato, foi
265 numa Sexta-feira, é, eu cheguei da escola, eu fui deitar. Aí tavam os três lá no meu
266 quarto também, né. Aí...passou um...passou um tempinho eu comecei a ter uma
267 convulsão.

268 E: Que que você sentia?

269 P: Nada. Na hora eu não lembro de nada. Na hora eu não sabia que que tava
270 acontecendo comigo. Aí os moleque...é como que tivesse desacordado. Aí os moleque
271 foi lá chamou a tia. Aí eu tava lá tremendo. Aí chegou no dia seguinte eles não fez
272 nada. Aí depois...só foram me levar no médico na Terça-feira. Aí chegou no Sábado, eu
273 cheguei, fui pro centro. Aí a tia Joana começou a falar: “Ai...”. Começou a dar fumo lá
274 porque eu...eu tava tendo convulsão e fica no centro no sol quente. Aí eles não fizeram
275 nada. Aí eu não me lembrava de nada. Não sabia o que que tava acontecendo.

276 E: E esse remédio que você tá tomando foi o médico que te deu, então? Que você
277 consultou...

278 P: Foi.

279 E: E depois disso você não teve mais nada?

280 P: Não.

281 E: Faz quanto tempo que aconteceu isso, Carlos?

282 P: Ichê. Faz uns cinco meses atrás (silêncio)

283 E: Oh, Carlos, me conta uma coisa: como que você faz pra ir no banheiro à noite aqui?

284 P: Aí oh.

285 E: Ah, tem banheiro aqui. Ah bom. Já pensou à noite...eu pensei que não
286 tivesse....(silêncio) E a sua rotina como que tá...você acorda cedo...?

287 P: Acordo seis horas...aí eu vou trabalhar.

288 E: Você vai tomar café primeiro.

289 P: É. Eu vou trabalhar...tomar café e trabalhar.

290 E: Aí você vai de bicicleta.

291 P: É.

292 E: Aí você volta pra almoça aqui ou não?

293 P: Volto.

294 E: Aí você almoça...

295 P: Aí eu fico um tempo aqui né. Porque eu só entro uma hora. E depois eu volto. Aí sai
296 cinco e meia.

297 E: Aí você vem, toma banho, janta...

298 P: E vou pra escola.

299 E: Você tem vontade de mudar alguma coisa na sua vida, Carlos?

300 P: Bom. O que eu tenho...não vai se realizar, né.

301 E: Ué, mas fala.
302 P: Não, mais...
303 E: Que que é que você tem vontade de mudar? (sorri)
304 E: Fala. Não paga mesmo.
305 P: Ah, primeiro eu...(barulho de carro)...pra mim ficar sozinho, eu queria casar logo. Aí
306 eles falam que é complicado casamento.
307 E: Quem que fala?
308 P: Ah, quem? Quem é casado. Fala que é muito complicado. Que casar cedo não vira.
309 E: Mais nem todo casamento é complicado, né? Não dá pra gente falar que todo
310 casamento é complicado. Tem casamento que dá certo e tem casamento que não dá, não
311 é? Então, você tem vontade de casar, de ter uma família?
312 P: É, mais não tenho ninguém.
313 E: Mais você acha que logo você acha alguém ou você acha que não?
314 P: Acho nada.
315 E: Por que?
316 P: Ah, sei lá (silêncio)
317 E: Que mais, Carlos? Então aí seria arrumar uma esposa, casar...que mais?
318 P: Ah, e ser feliz, né.
319 E: Ter uma casa...(silêncio longo) Mais porque que você acha que isso é tão impossível
320 assim?
321 P: Ah, porque é. Até hoje eu tô sem namorada e...como o tempo passa, né, e eu vou
322 ficando velho e aí já acabou tudo.
323 E: Mais você é novo ainda!
324 P: É nada (silêncio)
325 E: Quem escuta você falando parece que você tem setenta anos de idade.(rimos juntos,
326 silêncio)
327 E: Quem sabe, por exemplo, começando a freqüentar a igreja, outros lugares você não
328 encontra alguém legal?
329 P: Ah, o Maciel me leva na igreja, mais é igreja crente.
330 E: E crente não namora?
331 P: Não. Acha. Só vai velha. (rimos novamente)
332 E: Só velha?
333 P: Na igreja que ele vai, vai (silêncio, barulho da máquina de raspar o cabelo)
334 E: E você tá conseguindo dormir direito aqui, tudo certinho?
335 P: Tô. (silêncio)
336 E: Quer me falar mais alguma coisa?
337 P: Ah, quero te perguntar uma coisa.
338 E: Ah.
339 P: Você acha que eu vou ver meu irmão?
340 E: Seu irmão lá de Goiás?
341 P: É.
342 E: Ué, num sei. Depende de você. Depende dele. Depende de uma série de coisas, né.
343 Por exemplo, a primeira coisa que você tinha que tentar fazer era ver o endereço dele.
344 Talvez algum telefone que você tenha de lá. Ligar, perguntar por pessoal...
345 P: Ah, num tenho telefone de ninguém de lá.
346 E: Mais a Sonia não tem um telefone que ela ligava?
347 P: Num sei. A Sonia tem o telefone da vizinha da casa da minha vó.
348 E: Daqui de (nome da cidade)?
349 P:É. Lá do (nome do bairro) (fim do primeiro lado da fita)... Ah, eu acho que ele tá
350 bem, né (referindo-se ao irmão)

351 E: Que que você acha que ele tá fazendo lá?
352 P: Ah, não sei né...
353 E: Trabalhando, estudando ou não...?
354 P: Sei lá.
355 E: Ele tá com quantos anos agora Carlos?
356 P: Ele é três anos mais velho que eu...
357 E: Vinte e dois...é isso? Você tem dezenove.
358 P: É. Vinte e dois. Daqui a pouco tá com uns quarenta aí e eu tô aqui oh!
359 E: Ele com quarenta ou você?
360 P: Ah....ele! (silêncio)
361 E: Mas você acha que ele não vai te procurar, Carlos?
362 P: Eu acho que não! Falaram que ele não pode voltar pra cá!
363 E: Ele tá jurado de morte?
364 P: Num sei...
365 E: Por causa dos rolos com droga...será?
366 P: Num sei não...(silêncio) Se tivesse como eu ir pra lá mas eu...
367 E: Você num pode ir pra lá assim, sem saber nada né? Sem saber onde que ele tá
368 morando, sem conversar com ele primeiro ou com alguém da sua família...Mas você
369 tem vontade de ir morar lá ou não? Só visitar...?
370 P: Não! Só visitar! (silêncio)
371 E: Carlos, e aquela filha do...a sua sobrinha?
372 P: Então, eu tenho o telefone da...mulher do Joaquim.
373 E: Quantos anos ela deve ter agora?
374 P: A última vez que eu liguei lá, (inaudível), na última vez que ela foi no orfanato tava
375 com uns três mês.
376 E: Mais agora já deve tá maior né?
377 P: É.
378 E: E você não ligou mais pra ela?
379 P: Eu não.
380 E: E como que chama a menininha, Carlos?
381 P: É Letícia.
382 E: E ela é bonitinha?
383 P: É. (silêncio)
384 E: Se você encontrasse seu irmão hoje que que você acha que ia mudar na sua vida?
385 Você acha que ia mudar alguma coisa ou não?
386 P: Ah, se ele pudesse morar aqui, né, aí nós ia saí junto. Mais...primeiro ia te que vê as
387 coisa que aconteceu com ele. Se ele parou mesmo de usar drogas. Essas coisas aí
388 (barulho do salão, silêncio)
389 E: Mas e se por exemplo ele tivesse usando droga ainda você ia querer morar com ele
390 ou não?
391 P: Morar não!
392 E: Não... (silêncio longo, ele fica com o olhar longe)
393 E: Carlos, onde você tá com a cabeça? Tá viajando...?
394 P: Faz que sim com a cabeça.
395 E: Você quer parar por aqui a entrevista?
396 P: Você que sabe.
397 E: Você quer falar mais alguma coisa...?
398 P: É....a Sonia falou que é muito perigoso ir lá no (nome do bairro de sua avó), né.
399 Agora num sei se...se o Maciel aí...por que eu não sei ir lá. Se eu soubesse...Mas aí...eu
400 não sei seu eu taria correndo risco.

401 E: Aquela vez que você foi lá com a Joana como que foi, Carlos?
402 P: Ah, foi normal. Aí ela ficou com medo e nunca mais quis me levar.
403 E: Mas não aconteceu nada assim...pra ela sentir medo?
404 P: Não. Minha prima começou a contar a realidade que acontece lá, né, aí ela ficou com
405 medo e quis ir embora.
406 E: E a sua vó, como que ela é?
407 P: Ah, minha vó...ela cata papelão na rua.
408 E: Quantos anos ela tem?
409 P: Não sei.
410 E: Mas ela é velhinha ou não?
411 P: Mais ou menos (silêncio). Mais aí se eu pedisse pro Maciel me levar, com certeza ele
412 não ia.
413 E: Mais e se você falar pra ele o quanto é importante pra você?
414 P: Ele não vai...que a Sonia deve ter passado, né. Num sei.
415 E: Você sente que não tem risco ir lá?
416 P: Ah eu sinto.
417 E: Sente que não tem ou que tem?
418 P: Que tem.
419 E: Se você pedisse pra sua vó vir aqui, será que ela não viria? Te visitar ao invés de
420 você ir lá?
421 P: Se alguém for buscar (silêncio longo)
422 E: E esse desejo de ir lá no (bairro) seria pra encontrar alguém da sua família?
423 P: É. Minha vó, ué.
424 E: Aquele dia que você foi lá como que você se sentiu perto dela, porque fazia tempo
425 que vocês não se viam? Como que foi?
426 P: É. Nós conversamos. Aí a Joana perguntou pra ela se ela num tinha vontade de sair
427 de lá e ela falou que não. Que já...que de lá ela não sai.
428 E: Se ela arrumasse uma casinha em outro lugar você tinha vontade de morar com ela?
429 P: Ah, aqui tá melhor. Tá bom.
430 E: Vamos encerrar por aqui?
431 P: Vamos.